Faculdade De Letras

Da Universidade Do Porto

# A Casa Nobre No Concelho de Lousada

Vol. I

José Carlos Ribeiro da Silva

Dissertação de Mestrado Em História De Arte Em Portugal

Orientador: Professor Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves

Co-orientador: Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Porto, 2007

À memória de meus pais.

À minha mulher e a meus filhos.

*"Aqui um solar seiscentista, prepialho à fiada em junta sêca, severo e modesto como eram os de então; além, construções apalaçadas em "baroque" de granito enfunado e grandioso, depois, casas boas de gente abastada, com alas de variadas épocas, ostentando a típica cozinha, tão regional, tão lousadense, toda em pedra, bem ameada com torre para defesa contra incêndios; mais adiante, o casarão vitoriano, rico em varandas ou janelas sob clássico frontão e ao lado a inseparável capela;* (…) *topam-se ainda muitos portões de brazão* (…)*."*

Álvaro Pacheco de Carvalho[1]

*"Oh! minha terra, velho Tarrão*
(…)
*Ruas estreitas, casas velhinhas*
*E o pelourinho*
*Nichos com santos onde as andorinhas*
*Fazem o ninho!*
*Tu tens no timbre do nobre brazão*
*Da tua bandeira*
*Cachos doirados, espigas de pão*
*Da vinha e da eira*
(…)
*Rezas à sombra d'ogivas Romanas*
*Das tuas igrejas!*
*E nos dias de verão*
*Tu mostras, oh meu Tarrão*
*O colorido*
*Que 'stá esculpido*
*No teu Brazão."*

António Castro Gorgel[2]

---

1 - PEREIRA, Camacho - In Prefácio. *Lousada N.º 177- Indicações Gerais Sobre o Concelho.* Cruz Quebrada: Edição ROTEP. 1954, p. 2.

2 - GORGEL, António Castro - *Lousada Na Ribalta*. Lousada: Tipografia "Heraldo". 1948, p. 21-22.

# Agradecimentos

Investigar nunca é um trabalho solitário. Para nós também não o foi. A nossa pesquisa foi o corolário da vivência, do estudo e da reflexão de múltiplas pessoas, que directa ou indirectamente acompanharam o processo. Nós tivemos a rara oportunidade e a subida honra de poder partilhar os conhecimentos e o entusiasmo de alguns investigadores, amigos e familiares.

Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer ao Professor Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves, nosso orientador, assim como ao Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, nosso co-orientador, os inestimáveis conselhos e a preciosa orientação que nos foram transmitindo ao longo de todo este percurso. Sem essa ajuda tão complementar, como necessária, o caminho seria muito mais difícil de percorrer.

Em segundo lugar deixamos uma palavra de reconhecimento a um conjunto muito mais alargado de entidades e pessoas que de uma ou de outra forma contribuiram para que esta tese de mestrado fosse concretizada. Este agradecimento é extensivo aos responsáveis e funcionários das seguintes instituições: Arquivo Distrital do Porto, Arquivo Distrital de Braga, Arquivo Histórico Municipal do Porto, Arquivo Histórico do Paço Episcopal do Porto, Arquivo Histórico Municipal de Lousada, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Biblioteca Municipal de Felgueiras, Biblioteca Municipal de Lousada, Biblioteca Municipal de Paços de Ferreira, Biblioteca Municipal de Penafiel, e Biblioteca Nacional. Muitas foram as pessoas que nos ajudaram nesta caminhada. Um muito obrigado a todos os senhores e senhoras das vinte e duas Casas Nobres que se constituem como objecto deste estudo. Sem a sua ajuda nada seria possível. Do conjunto, permito-me destacar a prestação do Senhor Coronel Soares de Moura, da Casa da Lama, por inexcedível. Não queremos esquecer todos os outros senhores das restantes casas, igualmente decisivos na construção deste trabalho. Temos ainda que agradecer a ajuda desinteressada e amiga do Dr. Luís Ângelo Vieira Fernandes, Dr. Carlos Nunes, Dr. Adriano Rafael, assim como do Arquitecto Rafael Santos Silva, do Padre Joaquim Maia, do Dr. Leonel Vieira, da Dr.ª Rosa Oliveira, e da Dr.ª Cristina Migueis, entre outros que seria exaustivo enumerar.

# Sumário

Apresentação

Abreviaturas, Siglas e Sinais

Introdução

## Capítulo I

## Lousada no Século XVIII.

1-Lousada nas corografias e nos dicionários geográficos.

2-O Concelho de Lousada na segunda metade do século XVIII.

3-A Estrutura Arquitectónica de Lousada, segundo as Memórias Paroquiais de 1758.

## Capítulo II

## A Casa Nobre no Concelho de Lousada

1-Situação e definição.

2-A casa nobre no espaço rural.

3- Casas construídas na área do Rio Sousa.

4 - Casas edificadas na área do Rio Mesio.

## Capítulo III

## Estudo das tipologias da Casa Nobre do Concelho de Lousada.

1 - Tipologias

Conclusão

Glossário

Índice

I-Bibliografia

II- Fontes Primárias

III-Documentos Electrónicos

# APRESENTAÇÃO

## Apresentação

A casa nobre permite um grande número de desafios e oportunidades de investigação. Muitos têm sido os Historiadores da Arte, Genealogistas, Heráldicos, Arquitectos Paisagistas a contribuir para o conhecimento cada vez mais integrado deste tipo de habitação e do seu enquadramento sociocultural. A sua intrínseca natureza obriga a uma total interdisciplinaridade. Não existem, no entanto, inventariação e estudos sistemáticos da casa nobre. Há pois que iniciar esse árduo trabalho e principiar a esgotar esse filão que parece, por ora, inesgotável.

Definimos como área geográfica de estudo o concelho de Lousada, e das suas casas nobres, vinte e duas viriam a constituir-se como objecto principal de análise neste trabalho. E porquê o concelho de Lousada? A primeira grande razão prendeu-se com o facto de sermos naturais deste concelho e de o conhecermos muito bem. A segunda, e mais importante, é ser um concelho que possui casas nobres em qualquer ponto do seu território.

Conhecemos este concelho há muitos anos, mas nunca o tínhamos olhado desta forma. Partímos para o terreno para fazer o levantamento fotográfico das Casas Nobres de Lousada. Nas actuais vinte e cinco freguesias contam-se umas dezenas de casas. Levámos uns dias a fotografá-las. Falámos com a maioria dos seus proprietários. Aprendemos muitas coisas que desconhecíamos e estreitamos relações para trabalhos futuros.

Sobre o concelho de Lousada consultámos algumas monografias. Dignas de registo são as "*Pedras de Armas do Concelho de Lousada*", do Consultor Osório-Vaz da Nóbrega, "*Lousada Antiga*", de Augusto Soares de Moura, o "*Minho Pitoresco*", de José Augusto Vieira, "*Saudade! Saudade!*" de São Boaventura, e, de edição da Câmara Municipal de Lousada: "*Lousada-Terra Prendada*", "*Lousada-A Vila e o Concelho*". Outras referências bibliográficas são remetidas para a bibliografia geral, no final desta dissertação.

Lousada carece de estudos monográficos e inventários arquitectónicos específicos e sistemáticos. De referir que não existem plantas e desenhos do objecto em estudo. Os autores dos projectos para a casa nobre, segundo Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves: "*têm origens e formações diferentes. Vamos encontrar por trás do risco: arquitectos; engenheiros militares; arquitectos amadores, onde encontramos uma panóplia de origens e formações; mestres de pedraria (que na nossa opinião*

*ocuparam um lugar da maior importância na concepção e execução de muitas casas nobres urbanas e principalmente no contexto rural) e o próprio proprietário, que com o auxílio de um mestre pedreiro, foi o responsável pelo risco da sua própria casa."*[3]

Pesquisámos nos arquivos Distritais do Porto, de Braga, no Arquivo Histórico Municipal do Porto, no Arquivo Histórico de Lousada e de Felgueiras, mas não encontrámos qualquer contrato de obra. Admitimos pois, que encomendador e mestre pedreiro fossem os responsáveis pelos riscos - principalmente no espaço rural, como era o concelho de Lousada no século XVIII - tal como afirma Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves.

Se num primeiro momento fotografámos todos as casas nobres de Lousada, o passo seguinte foi restringir o nosso campo de estudo e limitá-lo de forma a permitir um estudo mais profundo do objecto. Poderíamos, porventura, fazer uma pesquisa muito mais ampla e mais aprofundada, quer ao nível de outros arquivos - não só os Notariais de Lousada que foram exaustivamente pesquisados - quer das Actas da Câmara dos concelhos de Unhão [actualmente freguesia do concelho de Felgueiras] e de Lousada. Mas o espaço temporal de uma tese de mestrado não nos permite ir tão longe, ficando esse horizonte em aberto para futuras investigações ou até para outros investigadores.

Num segundo momento, a ausência de documentos obrigou-nos à elaboração de Fichas de Inventário do nosso objecto de estudo. Estas Fichas de Inventário - os nossos "*documentos*" - foram a base essencial para este nosso trabalho.

O contacto com os donos das casas nobres, o terceiro momento, é dos mais importantes, já que fez com que entendêssemos como é que os proprietários destas casas as encaram, as sentem e as têm olhado ao longo do tempo.

A dissertação apresenta-se em três volumes. Achamos por bem incluir um glossário de termos de arte; e mais, uma grelha com os títulos e profissões de alguns dos proprietários do concelho de Lousada que pontificaram ao longo do século XVIII - em alguns casos, proprietários das casas que ora constituem o nosso objecto de estudo - quiçá, uma porta para uma leitura sociológica, sempre desejável e enriquecedora enquanto complemento de qualquer outra.

---

3 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A Casa Nobre No Porto Na Época Moderna*. Lisboa: Edições Inapa. 2001, p. 36.

# ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS

## Arquivos e Bibliotecas

A.C. C. - Arquivo da Casa do Cáscere.

A. C. V. M. - Arquivo da Casa de Valmesio.

A. C. G. V. - Arquivo da Casa Grande de Vilela.

A. C. L. - Arquivo da Casa da Lama.

A. C. P. - Arquivo da Casa de Pias.

A. C. R. M. - Arquivo da Casa de Rio de Moinhos.

A. D. B. - Arquivo Distrital de Braga.

A. D. P. - Arquivo Distrital de Porto.

A. H. P. - Arquivo Histórico Parlamentar.

A. I. L. - Arquivo da Igreja de Lodares.

A. H. M. L. - Arquivo Histórico Municipal de Lousada.

A. H. M. P. - Arquivo Histórico Municipal do Porto.

A. H. P. E. P. - Arquivo Histórico do Paço Episcopal do Porto.

A. P. C. C. - Arquivo Particular da Casa do Cam.

I. A. N. /T. T. - Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo

B. M. F. – Biblioteca Pública de Felgueiras.

B. P. M. P. - Biblioteca Pública Municipal do Porto.

## Outras abreviaturas e sinais

### 1. Abreviaturas

Cf. - Confrontar.

Cit. - Citado.

C. M. L. - Câmara Municipal de Lousada.

(Coord.) - Coordenador.

Cx.- Caixa.

D. - Dona.

Dir. - Director.

Doc. - Documento.

Dr.ª - Doutora.

Dr.º- Doutor.

fl. - fólio.

GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto.

ha - hectare.

$hm^2$- hectómetro quadrado.

I. I. P. - Imóvel de Interesse Público

$Km^2$ - Kilómetro quadrado.

Kms - Kilómetros.

Lv - Livro.

m - metro.

Nº - Número.

o. c. - obra citada.

p. - página/páginas.

P. - Padre.

Pe - Padre.

S.- São.

[s/d] - sem data.

[s/e] - sem edição.

[s/l] - sem local.

Stª - Santa.

Stº- Santo.

Srª - Senhora.

vol.- volume.

v - verso.

## 2. Sinais

[ ] - palavra ou palavras acrescentadas a um texto citado.

(…) - palavra ou palavras omitidas numa transcrição de um manuscrito ou numa citação.

# INTRODUÇÃO

# Introdução

Nem sempre se pode querer que uma casa de interesse histórico ou artístico represente na íntegra uma época ou um estilo. O que é normal, pelo contrário, é que a casa ao longo dos séculos tenha sofrido obras, restauros, ampliações e transformações, quer no exterior, quer no interior.[4]

A casa nobre Lousadense, enquadra-se nas características definidas por Carlos de Azevedo e adoptadas por Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves para a casa nobre em geral, na sua obra: " *A Casa Nobre No Porto Na Época Moderna*". Os aspectos que a definem centram-se " (…) *no esforço arquitectónico e decorativo concentrado na fachada; no desenvolvimento horizontal, criando longas fachadas, articuladas com pilastras lisas pouco salientes, e acentuadas, sobre os telhados, por ornatos (urnas, fogaréus e pináculos); na existência de um piso dominante, o andar nobre, com janelas «quase sempre mais ricas do que no andar térreo», na acentuação da linha superior do edifício (emprego de frontões); na importância da entrada nobre, «enriquecida com colunas e pilastras», sustentando «balcão com o parapeito ou simples grade, continuada por uma janela central de tipo mais rico e rematada pelo brasão de armas da família», criando-se assim um eixo vertical que divide a fachada em duas zonas iguais.* (…)."[5] Como surge nas casas da Bouça, de Ronfe, de Rio de Moinhos, do Porto e de Alentém. Mas também temos casas com fachadas rasgadas por "*janelas de sacada e janelas de peitoril, com ombreiras, peitoris e lintéis lisos. As portadas são também simples.*"[6] De que são exemplo: a Casa de Argonça, do Cam, e de Vilela (Casa Grande).

---

4 - AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses*. Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre. 2ª Edição, [s/l]: Livros Horizonte, 1988, p. 14.

5 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c., p. 16 - 18. Cf. AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 70 - 71.

6 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c., p. 15 - 16.

A escadaria assume um papel e uma importância fundamentais no exterior do edifício, imprimindo uma acentuada noção de movimento e desenvolvendo-se com a casa.

As escadarias da casa do Outeiro, de Argonça, de Alentém, da Bouça, de Vila Verde, do Ribeiro, da Lama, de Rio de Moinhos, de Real, do Valteiro, da Renda e de Juste, pelas suas características estilísticas, permitem-nos conferir-lhes um certo destaque. Além da escadaria, devemos também salientar a capela, a existência de pedra de armas e a torre.

O estudo que nos propomos fazer sobre a casa nobre Lousadense, tem como área geográfica o actual concelho. As casas que seleccionámos dividem-se por quinze freguesias: Aveleda, Caíde, Casais, Covas, Lodares, Meinedo, Nevogilde, Nespereira, Nogueira, Ordem, Pias, Santa Margarida, Sousela, Torno, Vilar do Torno e Alentém.

De forma exaustiva, no Arquivo Distrital do Porto, livro a livro, fólio a fólio, desde 1698 até 1853, pesquisámos o Fundo Notarial de Lousada à procura dos contratos de obra. No Arquivo Distrital de Braga e Municipais de Lousada e Felgueiras, no Arquivo Histórico e Municipal do Porto, fizemos buscas com o mesmo afinco, nos Livros de Actas referentes à época em estudo. Nenhum contrato de obra ou documento significativo em relação à construção da casa foi encontrado; apenas alguns dotes de capela, nas pesquisas feitas nos A.H.P.E.P., A.D.P e A.D.B. Não possuímos qualquer documento que nos confirme, que nos comprove, que tivesse havido no século XVIII, um arquitecto ou mestre pedreiro, autores de risco de uma só casa nobre neste concelho.

À parte o contrato de obra da Casa de Real, transcrito no Jornal de Lousada,[7] mas cujo manuscrito não encontrámos, desconhecemos se algum dos demais proprietários terá celebrado contrato. E assim sendo, o nosso principal documento será o próprio objecto edificado.

---

7 - DINIZ, M. Vieira. - "A Casa De Real", ***Jornal de Lousada***, (24 de Abril de 1948), p. 1, Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - *Carvalhos de Basto*. *A descendência de Martin Pires Carvalho Pires Carvalho, Cavaleiro de Basto*. Porto: Edição Carvalhos de Basto. 1979, volume II, p. 31.

A dissertação está organizada em três partes. No primeiro volume apresentamos o texto resultante da pesquisa e subsequente análise. No segundo volume as fichas de inventário das casas nobres, suas capelas e pedras de armas; e no último encontram-se: memórias paroquiais, dotes de capelas, prazos e tombos e outros documentos.

O primeiro volume está estruturado em três capítulos. No primeiro ponto do primeiro capítulo falaremos da Lousada dos séculos XVIII e XIX, através dos corografistas e monografistas. Será feito o seu enquadramento e a sua contextualização histórica. No segundo ponto, deste primeiro capítulo, faremos a descrição da Paisagem Física de Lousada no século XVIII, segundo as Memórias Paroquiais. E no terceiro ponto, ainda através das Memórias Paroquiais (de referir que os interrogatórios das freguesias de Nespereira, Nogueira e de Macieira se perderam e o que existe como substituição destas Memórias Paroquiais é muito pouco), estudaremos a paisagem edificada ou arquitectónica deste concelho. Incluiremos as vinte e oito Memórias Paroquiais no segundo volume (independentemente de, à época, não serem mais do que doze as freguesias constituintes do concelho - mas, dado o novo contorno concelhio, algumas das Casas Nobres em estudo estão fora do perímetro setecentista lousadense).

Em relação ao segundo capítulo faremos o estudo das casas nobres segundo a conclusão a que chegamos no primeiro ponto do primeiro capítulo. Sendo Lousada um concelho "*entre rios*" - Sousa e Mesio - agrupamos as vinte e duas casas nobres em dois grandes grupos: casas edificadas na área do Rio Sousa e casas construídas em território do Rio Mesio. Faremos a sua descrição arquitectónica, recordaremos momentos da sua história e memórias dos seus proprietários.

O terceiro capítulo contará com as tipologias, pois o estudo das casas nobres sugeriu várias definições. A capela e a sua diferente posição em relação à fachada, a escadaria, a pedra de armas e a torre, eis alguns dos elementos arquitectónicos que nos vão permitir criar uma tipologia de fachadas.

# Capítulo I

## Lousada No Século XVIII

## 1- Lousada nas corografias e nos dicionários geográficos.

No último decénio do séc. XVIII, o lugar do Torrão era "*huma pobre aldeya*."[8] Pelo menos era assim que o Bacharel Caetano José Lourenço Valle, Corregedor e Provedor da Comarca de Penafiel, via o lugar que mais tarde seria o futuro concelho[9] de Lousada: "*Pertendem juis de Fora, dizendo que tem boa Caza de Foral, he esta bem ordinária, citta no lugar do Torrão, couza bem insignificante, que não pasa de huma pobre aldeya, sem forma de rua*"[10] Esta opinião ficou a dever-se a uma hipotética anexação do concelho de Lousada por Penafiel, o que nunca chegou a acontecer.

---

8 - SOEIRO, Teresa - *História Local. Cadernos do Museu.* Penafiel: Edição da Câmara Municipal de Penafiel. 2005, p. 151.Cf. AHP - Secção I-II, Cx. 101.

9 - "*É uma reunião maior ou menor de freguezias, governadas por um administrador de concelho e representadas por uma municipalidade. Se o concelho é também julgado, tem um tribunal do cível, crime e orphanologico, com juiz ordinário, um sub - delegado do procurador régio, escrivães, officiaes de diligencias, carcereiro, etc. Até 1820, os concelhos tinham muitos privilégios, e inclusivamente o de nomearem os seus juízes, que eram confirmados pelo rei. Hoje esses juízes, assim como a câmara, são de eleição popular, e não precisam de confirmação regia.*" LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno-Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias.* Lisboa*:* Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. 1874,volume quarto, p. 492. Cf. BAPTISTA, João Maria - *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. Typographia da Academia Real Das Sciências, 1875, Vol. II. p. XXIII; COSTA, P. Antonio Carvalho da-*Corografia Portugueza e Descripçam Topográfica do Famoso Reyno De Portugal, com as Noticias das Fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contem, varões illustres, Genealogias das Famílias Nobres, fundações de Conventos, Catálogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edifícios, & outras curiosas observaçoens*. Segunda Edição, Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868, Tomo I, p. 337-338; é "*uma expressão latina concillium e exprime a comunidade vicinal constituída em território de extensão muito variável, cujos moradores-os vizinhos do concelho-são dotados de maior ou menor autonomia administrativa.*" In **Dicionário de História de Portugal**. (Dir.) Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas, [s/d], p. 137. Cf. Concelhos. In Dicionário Enciclopédico da História de Portugal. (Coord.) José Costa Pereira. [s/l]: Publicações Alfa, Lda, 1990, p. 146.

10 - AHP - Secção I-II, Cx. 101.

Volvidos quase cem anos José Augusto Vieira, na sua obra: "*O Minho Pittoresco*" refere-se a Lousada com outras cores, apesar de pouco mais nos informar: *"A Louzada antiga, com o seu pelourinho em columna torcida, incompleto já, os antigos paços servindo de cadeia, a rua Direita, torta como a de todas as villas,* (…)*."*[11] E nada havia de notável na Vila de Lousada, a não ser a sua *"pittoresca situação em um planalto da montanha, de ares puros e lavados, e solo feracissimo nos seus formosos arrabaldes. Para que bem se avalie do largo horisonte e fertilidade d'este solo uberrimo basta subir ao templo dos Afflictos, ou melhor ao adro da capella da Senhora do Loreto, que domina toda a povoação e arrabaldes, e demorar ahi alguns instantes, á sombra dos sobreiros ou oliveiras que a rodeiam.* (…) *Divide-se, por assim dizer, a villa em duas partes: a moderna e a antiga Louzada; aquella, ainda incaracterística, por estar actualmente em plena germinação,* (…)*, com feição accentuada, das antigas villas portuguezas, de ruas estreitas e praças acanhadas, a lugubre cadeia sob os antigos paços do concelho, uma ou outra viella intransitável, as casas de pequenas janellas com poaes, onde floresce o craveiro encarnado."*[12]

Em 1874, era vila, concelho e cabeça de comarca e contava com 2 700 fogos, sendo a comarca composta pelo julgado de Lousada e de Paços de Ferreira. Este último concelho possuía 3 100 fogos, o que perfazia, na comarca, 5 800 fogos. Uma parte do território de Lousada estava afecto ao Arcebispado de Braga, e o restante à Diocese do Porto. Pertencia ao distrito do Porto,[13] e era constituído por vinte e sete freguesias.[14]

---

11 - VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pitoresco.* 2ª Edição, Valença: Edição Rotary de Valença, Tomo II. 1987, p. 353-354.

12 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 353-354. Cf. MOURA, Augusto Soares-*Lousada Antiga*, Lousada: Edição de Autor, [s/d], vol. I, p. 386, História *das Freguesias e Concelhos de Portugal*. Matosinhos: Quidnovi, 2004, p.98. *Lousada Terra Prendada*, Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada. 1996, p. 132.

13 - LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 469.

14 - " *Alentém, Alvarenga, Aveleda, Barrosas (Santo Estêvão), Barrosas (Santa Eulália), Caíde de Rei, Cernadelo, Casais, Covas, Cristelos, Boim, Figueiras, Lodares, Lustosa, Macieira, Meinedo, Nespereira, Nevogilde, Nogueira, Ordem, Pias, Silvares, Sousela, Torno, Vilar do Torno, Lousada (Santa Margarida) e Lousada (S. Miguel).*" Cf. LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 469.

E em 1875, a freguesia de Silvares,[15] era a cabeça deste concelho, concelho cuja superfície atingia 766,5 hectares, espaço onde se distribuíam 14 304 habitantes.[16]

| **Quadro N.º 1 - Número de Fogos na Comarca de Lousada em 1874.** | |
|---|---|
| Concelho de Lousada | 2 700 |
| Concelho de Paços de Ferreira | 3100 |
| Comarca de Lousada | 5 800 |

No términos da centúria de oitocentos, Lousada mantinha imutável o número de freguesias, possuíndo Santa Margarida e S. Miguel de Silvares 117 homens e 162 mulheres e 161 homens e 227 mulheres, respectivamente. O concelho, no seu todo, contava com 6523 homens e 8418 mulheres, e pertencia ao distrito e bispado do Porto.[17]

| **Quadro N.º 2 - Homens e Mulheres das freguesias de Santa Margarida e S. Miguel; e do concelho de Lousada em 1885.** | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| População | Homens | Mulheres | Freguesias | Habitantes | Superfície |
| Concelho de Lousada | 6523 | 8418 | 27 | 14941 | 766,5 ha |
| Santa Margarida (Lousada) | 117 | 162 | | 279 | |
| S. Miguel (Lousada) | 161 | 227 | | 388 | |

15 - LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 469.

16- BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 692 - 693.

17 - BETTENCOURT, E. A. - *Diccionario Chorographico de Portugal e Ilhas Ajacentes contendo as Divisões Admnistrativa; Judicial, Ecclesiástica e Militar Ultimamente Decretadas e indicando todas as cidades, villas, freguezias* …., 3ª Edição, Lisboa: Typographia Universal. 1885, p. 104.

No dealbar do século seguinte, era um concelho da província do Douro, sendo as suas freguesias sede: - Silvares e Cristelos.[18] Silvares que, desde o século XVI tinha contado com a honra de receber pelourinho,[19] e, pelo menos desde 1875 se apresentava como cabeça de concelho.[20]

## 1. 1. Lousada pitoresca, política e social.

Nas corografias, nos dicionários geográficos, nos jornais, assim como nas monografias, o concelho de Lousada é analisado sobre aspectos pitorescos, políticos e sociais.

---

18 - Exactamente as mesmas freguesias que Pinho Leal indica na sua obra: "*Portugal Antigo e Moderno*". Os corografistas repetem-se e, muitas vezes, enganam-se. Eles mesmo o reconhecem: "*Depois os proprios chorographistas vêem-se em papos de aranha para explicar onde é a sede do concelho, ora confundindo Silvares e Louzada, ora tomando as parochias de Santa Margarida e S. Miguel de Louzada, como núcleo central da povoação, quando, averiguado o caso, a villa não é realmente senão uma parte de SILVARES, parte chamada antigamente o Torrão, que se desenvolveu e ampliou, deixando na humilde posição primitiva a velha matriz parochial.*" VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 353 - 354.

19 - O pelourinho de Lousada é Monumento Nacional por Decreto de dezasseis de Junho de mil e novecentos e dez. "*Tem três degraus quadrados em esquadria, todos eles com o bordo superior saliente e boleado. A coluna salomónica assenta numa base quadrada de pouca altura seguida de largo anel boleado. O fuste é expressivo no seu bem delineado enrolamento com os torcidos largos que se desenvolvem da esquerda para a direita. Vem a terminar num anel bem saliente e boleado. Por peça de coreamento possui um tabuleiro quadrangular tronco-piramidal invertido que a meio da sua altura tem molduramento a toda a volta em forma de pequenos cubos. Nos cantos da parte superior ainda se notam as calhas onde pousavam os braços de ferro com argola. A parte terminal do pelourinho já não existe* (…). *O pelourinho é do século XVI.*" SOUSA, Júlio Rocha e - *Pelourinhos do Distrito do Porto*. Viseu: Edição do Autor. 2000, p. 26 e 48.

20 - PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme - *Portugal, Diccionario Histórico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heráldico, Numismático e Artístico.* Lisboa: João Romano Torres & C.[A] Editores. vol. IV - L. M, 1909, p. 559. Cf. COSTA, Américo - *Diccionario Chorografico de Portugal Continental e Insular, Hydrographico, Historico, Orográfico, Archeologico, Biographico, Heráldico e Etymologico.* Villa do Conde: Typograhia Privativa do Diccionario Chorographico. vol. VII, 1940, p. 809 - 810. *Guia de Portugal. Entre Douro e Minho - Douro Litoral IV*. Fundação Calouste Gulbenkian: 1994, p. 624.

Prestes a terminar o penúltimo decénio do século XIX, a parte moderna da Vila de Lousada tinha a sua praça ajardinada, com os seus terrenos irregulares, onde se edificava o majestoso templo do Senhor dos Aflitos e o moderno edifício do tribunal. Num recanto da Praça e Largo do Senhor dos Aflitos, ficava a Hospedaria Lousadense.[21] Em 1907, a vila assentava numa ampla colina, situada a trezentos metros de altitude, na parte superior do vale do rio Sousa, e era uma das mais *"bellas localidades d' entre Douro e Minho, pois possuía elegantíssimas praças, ruas largas e bem traçadas."*[22] Parecia quase não ter história, pois apenas se guardava no arquivo da Câmara Municipal *"a carta de foral com que a munificencia d'el Rei D. Manoel a dotou."*[23] Em 1920, era uma terra de 1385 habitantes, pacata e com o seu casario branco e disperso, e do alto do seu templo podiam abarcar e admirar-se os seus belos e rústicos arredores.[24]

Lousada era terra do *"vinho verde e de latadas, do feijão e do milho, dos jugos trabalhados em madeira entalhada, semelhante às velhas arquibancadas conventuais com seus lindos boizinhos piscos de alta cornadura, de belo desenho em lira, e do carro de eixo móvel girando em admirável cântico vespeiral de louvor a Deus."*[25] E como em todo o Entre Douro e Minho, também Lousada *"era um alfobre de solares, desde a torre medieval, ao pequeno solar de granito pardo com o portão ameado e brasonado, e a escada exterior, a capela setecentista, aos múltiplos exemplares de arquitectura fidalga e barroca do séc. XVIII."*[26]

Fotografia n.º 1
Casa da Lama - Fachada principal.

---

21 - BOAVENTURA, São - *Saudades! Saudades! Lousada e os seus homens de há 40 anos 1899-1939*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada. 1997, p. 8.

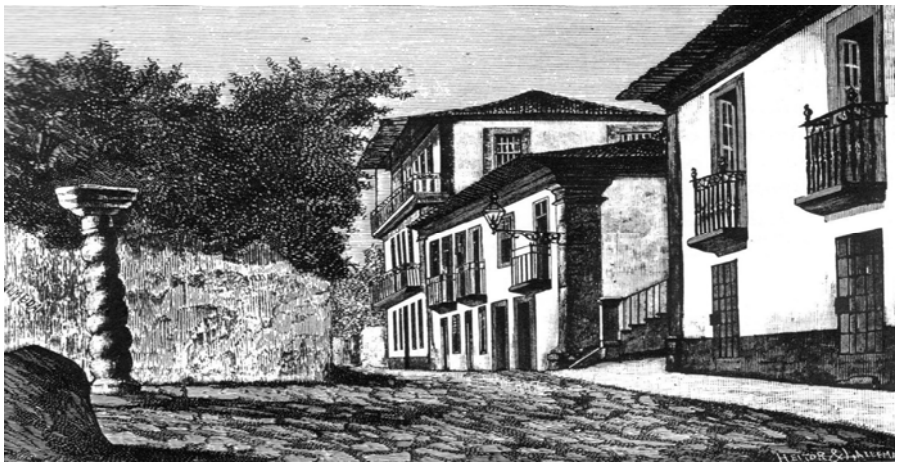
22 - SILVA, Augusto Ribeiro da - *Villa de Louzada*. **Jornal de Louzada**. Lousada (22 de Setembro de 1907), p. 4.

23 - *Guia de Portugal. Entre Douro E Minho - Douro Litoral* IV. - o. c., p. 622.

24 - D' AURORA, Conde - *Antologia da Terra Portuguesa.* (Direcção Literária de Luís Forjaz Trigueiros e Prefácio do Conde D' Aurora). Lisboa: Livraria Bertrand, [s/d], p. 17- 18.

25 - D' AURORA, Conde - o. c., p. 18.

26 - D' AURORA, Conde - o. c., p. 18.



Gravura n.º 1

Pelourinho e Câmara de Lousada em 1887.

Fonte: *O Minho Pitoresco*. 2ª Edição, Valença: Edição Rotary de Valença, Tomo II. 1987, p. 353.

Quando o século XIX está prestes a terminar, surge, neste concelho, um grupo de homens talentosos para a política. Lousada se fez comarca, e recortou o solo com estradas, edificou o templo do Senhor dos Aflitos e fundou escolas; pela política e para a política viveu, como se regeneradores e progressistas, ciosos uns dos outros, tivessem um só objectivo: o seu progresso.[27]

Em 1899, chegava a Lousada um novo administrador, de seu nome, São Boaventura[28] - um Progressista entre Regeneradores. O concelho, à época, era dominado pelos ideais do partido Regenerador, de que tinha sido chefe o conde de Alentém;[29] era presidente da Câmara, José Freire da Silva Neto,[30] sendo vereadores, Cristóvão de Almeida Soares de Lencastre, da casa de Alentém, Adolfo Peixoto de Sousa Vilas-Boas, da Casa de Rio de Moinhos, Miguel António Moreira de Sá e Melo, da Casa de Sá, Bernardino Ferreira Coelho, Carlos Augusto da Silva Teles e José Luís da Silva,[31] e como secretário José Teixeira da Mota,[32] da Casa do Tojeiro.

---

27- VIEIRA, José Augusto - o. c., p.355.

28 - Augusto Eliseu de São Boaventura, natural de Lisboa, que em 1899 desempenhou o cargo de Administrador em Lousada, e em 1939 publicou as suas memórias: "*Saudades! Saudades!* ". Cf. *Lousada - Colectânea de Autores Locais*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousaa, 2002, p. 51.

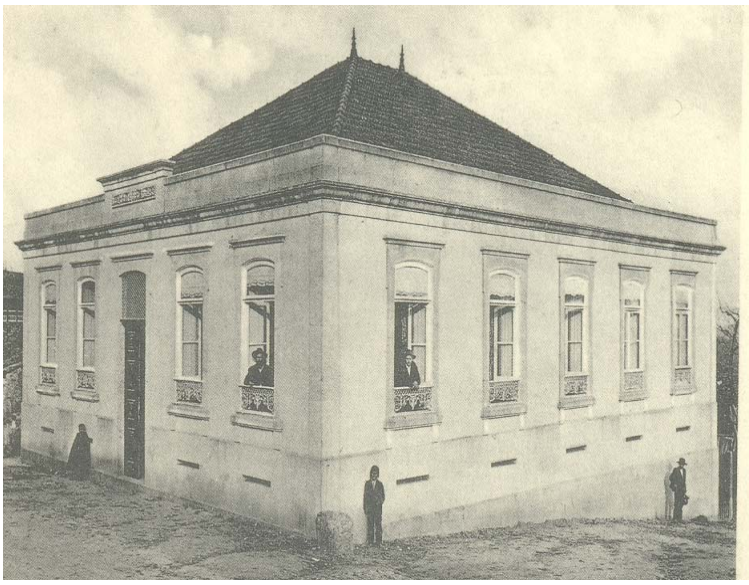
29 - António Barreto de Almeida, senhor da Casa de Alentém. BOAVENTURA, São - o. c., p. 8

30 - Da casa do Carvalho e líder local do Partido Regenerador. BOAVENTURA, São - o. c., p. 8

31 - Todos "*gente distinta e pertencente às melhores famílias do concelho* (…)." BOAVENTURA, São - o. c., p. 8

32 - Director do Jornal de Lousada, que fundou em 1907. BOAVENTURA, São - o. c., p. 8.

Numa visita de cortesia, quando ainda não tinha assumido o cargo de administrador, de um *"dos recantos mais maravilhosos de todo o Minho tão lindo e tão pitoresco!"*[33] foi cumprimentar as mais distintas e ilustres figuras nobres e políticas do concelho. O primeiro foi o Visconde de Lousada[34], seguindo-se-lhe o Visconde de Sousela, e ainda teve tempo de se deslocar à Casa da Tapada para conversar com Manuel Peixoto de Souza Freire: *" Não porque fosse politico, mas porque era o maior benemérito dessa nobre terra de Lousada e um homem de rara ilustração e incontestável aprumo moral."*[35]



Gravura n.º 2

Assembleia Lousadense.

Fonte: *Memórias De Lousada Colecção de 36 Postais Ilustrados Antigos*. Lousada: Edição da C. M.L., 1995, n.º 31.[36]

---

33 - BOAVENTURA, São - o. c, p. 8.

34 - O prestigiado líder, local, do Partido Progressista. BOAVENTURA, São - o. c, p. 8.

35 - Os Viscondes de Lousada e de Sousela eram os proprietários das casas do Cáscere e do Ribeiro, respectivamente e Manuel Peixoto de Souza Freire era proprietário da Casa da Tapada. BOAVENTURA, São - o. c, p. 8.

36 -"*Local de culto das letras e de debate de ideias e ideologias, ali se actualizavam as novidades e se congeminavam estratégias políticas e acções cívicas. Mas foram sobretudo as actividades recreativas* [*os bailes e as quermesses*] *que se tornaram memoráveis.*" *O Século XX em Lousada 100 Factos & Personalidades.* Lousada: Edição da Câmara de Lousada. 1999, p. 56.

Mas Lousada não se quedava só em mostrar as suas belezas pitorescas e o seu fino trato e talento para a política. Era também uma terra que gostava de folgar e de se divertir em bailes - de que já há notícia nos anos setenta, da centúria de oitocentos.[37]

Nos bailes, dessa época, dançava-se a contra-dança[38] e a valsa[39] e jogava-se o whist.[40] As toilettes nem sempre eram novas, havendo quem distinguisse " (…) *os vestidos novos dos transformados,* (…),"[41] conhecesse *"o nome e o preço das fazendas, das rendas e das fitas, o número de metros que em tudo isso se tinha gasto,* (…),"[42] chegando ao ponto de saber quem tinha "*fantasiado e executado tanta elegancia, em que dia chegaram do Porto todos os enfeites, e até a gratificação que se tinha dado às recoveiras.* (…)."[43] E apesar das famílias viverem a grandes distâncias e do baile se realizar no inverno, nada obstava a que se apresentassem com " (…) *tão boas toilettes!"*[44]

No final do século XIX um baile tinha importância, imponência, distinção, graça e delicadeza, caracterizado que era por um ambiente de bem-estar, de alegria e de sedução. Dançavam-se polcas,[45] mazurcas[46] e quadrilhas, e as senhoras eram rainhas, os homens seus vassalos, e tinham um lugar do maior destaque; mal assomavam, eram respeitosamente saudadas, levadas pelo braço até ao vestiário, e depois ao salão, onde se lhes fazia a corte.[47]

---

37 - X - Um *Baille Em Louzada.* ***Gazeta de Penafiel.*** *Penafiel*. (2 de Fevereiro de 1870), p. 1.

38 - Dança de quatro ou mais pares uns defronte dos outros. Também significa quadrilha. Quadrilha - Dança alegre e movimentada, que originalmete se dançava só com quatro pessoas. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa - o. c.,* p. 225.

39 -Dança a três tempos. COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio - *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5ª edição, Porto: Porto Editora, LDA, [s/d], p. 1556.

40 - Nome de um jogo de cartas inglês. COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio - *o.c.*, p. 1556.

41 - X - Um *Baille Em Louzada.* ***Gazeta de Penafiel.*** *Penafiel*. (2 de Fevereiro de 1870), p. 1.

42 - X - Um *Baille Em Louzada.* ***Gazeta de Penafiel.*** *Penafiel*. (2 de Fevereiro de 1870), p. 1.

43 - X - Um *Baille Em Louzada.* ***Gazeta de Penafiel.*** *Penafiel*. (2 de Fevereiro de 1870), p. 1.

44 - X - Um *Baille Em Louzada.* ***Gazeta de Penafiel.*** *Penafiel*. (2 de Fevereiro de 1870), p. 1.

45 - *"Espécie de dança boémia, e respectiva música a dois tempos."*. COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio - o. c., p. 1119.

46 - "*Dança a três tempos, originária da Polónia*." COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio - o. c., p. 925.

47 - BOAVENTURA, São - o. c. p. 20.

Os bailes eram um acontecimento eminentemente social e político, que acontecia nas casas nobres, na Assembleia Lousadense[48] e, porventura, no edifício da câmara. Oportunidade excelente para os senhores da casa apresentarem os seus convidados, estabelecerem convivência, e, nas assembleias, os directores exercerem a correspondente missão.[49]

E enquanto um baile não se iniciava, os cavalheiros permaneciam junto das damas, prestando-lhe as suas homenagens; se dançavam, primeiro pediam licença à mãe ou pessoa respeitável que as acompanhava, e só depois de concedida a autorização, podiam tirar o seu par.

Quando o século vinte estava a um decénio de alvorecer sobre o esplendoroso templo do Senhor dos Aflitos, a nobre Lousada dançava, recitava, cantava, ao som do piano, e *"As lindas, lindas? Lindíssimas! Senhoras da aristocracia lousadense formavam um precioso ramalhete das mais belas e das mais perfumadas flores e os rapazes eram finos, respeitosos, educados."* [50] Eram os cavalheiros que serviam o chá, a ceia e o chocolate, e quando o sol já irrompia, e o baile terminava, acompanhavam as damas aos carros, que as levavam às suas casas.[51]

Naquela época, os bailes da Assembleia Lousadense *"deram brado,* (…)"[52] perdurando no fio indelével da memória colectiva da fina e deslumbrante Lousada.

Gravura n.º 3
Câmara de Lousada e casario da Vila de Lousada.
Fonte: *Memórias de Lousada - Colecção de 36 Postais Ilustrados Antigos*. Lousada: Edição da C. M.L., 1995, n.º 20.

---

48 - A Assembleia Lousadense era o ponto de encontro, por excelência, para onde convergia toda a aristocracia lousadense, principalmente a partir dos finais do século XIX. Foi fundada em 1864. *O Século XX em Lousada*, p. 56.

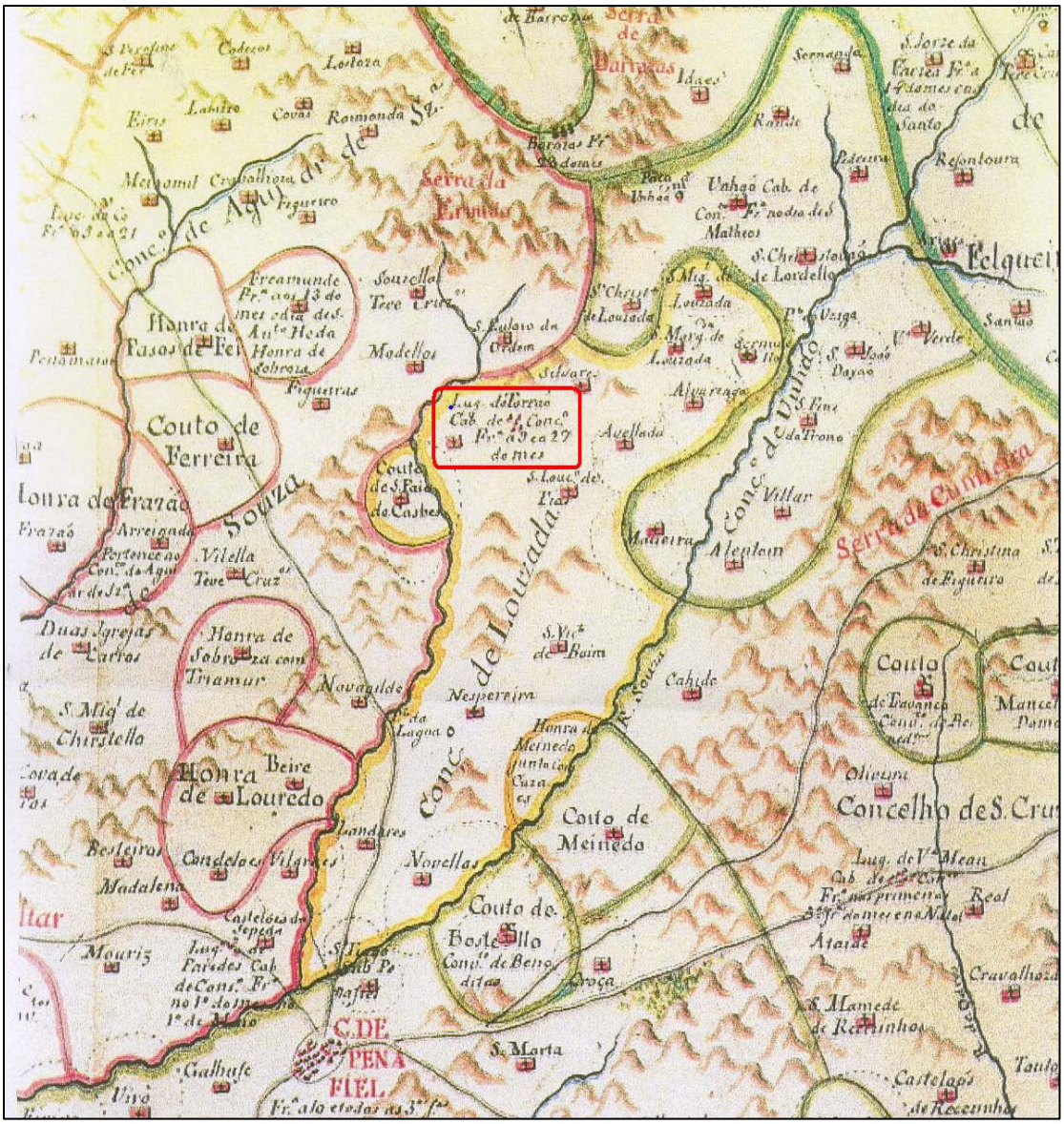
49 - BOAVENTURA, São - o. c., p. 20.

50 - *"Havia animação, palpitavam corações, surgia o amor.* (…). *Os bailes da Assembleia Lousadense eram assim.* (…). *Assisti ao baile oferecido no Quai de Orsay, em honra de D. Carlos I, que maravilha!* (…) *Mas os bailes de Lousada!"*BOAVENTURA, São - o. c.,p. 20.

## 1.2. - Enquadramento e contextualização histórica do concelho de Lousada no séc. XVIII.

### 1.2.1. Um território em constante mudança.

Em 1706, um concelho não era mais do que um conjunto de várias aldeias e freguesias que juntas se governavam *"por humas Justiças, & Acórdãos."*[53]




Gravura n.º 4 - Mapa da Província de Entre Douro e Minho, Custódio José Vilas - Boas, 1798.

---

51 - BOAVENTURA, São - o. c., p. 20.

52 - BOAVENTURA, São - o. c., p. 20.

53 - COSTA, P. Antonio Carvalho da - o. c. , p. 338.

O território de Lousada compunha-se de algumas freguesias do *"Bispado do Porto na Comarca de Penafiel, & outras do Arcebispado de Braga. Tem Juiz ordinario, que serve dos Órfãos, hum Meirinho, dous Vereadores, & Procurador, Concelho, tudo por pelouro, eleição triennal do povo, a que preside o Ouvidor de Barcellos, aqui entra em correição, dous Almotaceis, & Escrivão da Câmara, Almotaçaria, Distribuidor, Emqueredor, & Contador, & quatro Tabeliaens, que tambem servem nos Órfãos por distribuição, tudo data dos Duques de Bragança. O Escrivão das Sizas vem de Aguiar de Sousa."*[54]

Eram 12 as freguesias que o constituíam, sendo seis afectas ao Bispado de Braga: S. Salvador de Aveleda, Santa Margarida de Lousada, S. Miguel de Lousada, Santa Maria de Alvarenga, Santiago de Cernadelo e S. Miguel de Silvares; e outras seis pertencentes ao Bispado do Porto: Santo André de Cristelos, S. João Evangelista de Nespereira, Santa Marinha de Lodares, S. Salvador de Novelas, S. Lourenço de Pias e S. Vicente de Boim.[55]

A freguesia de Novelas pertencia ao concelho de Lousada, mas não na sua totalidade, só uma parte, a que estava para cá da margem direita do rio Sousa, pois a parte que se situava para lá da margem esquerda do mesmo rio era do concelho de Arrifana de Sousa.[56]

**Quadro N.º 3 - O concelho de Lousada em 1706**

| Freguesias | Fogos |
|---|---|
| Alvarenga | 16 |
| Aveleda | 50 |
| Boim | 58 |
| Cernadelo | 32 |
| Cristelos | 46 |
| Lodares | 102 |
| S. Miguel (Lousada) | 60 |
| Stª. Margarida (Lousada) | 36 |
| Nespereira | 43 |
| Novelas | 86 |
| Pias | 70 |
| Silvares | 62 |
| Total | 661 |

O coeficiente 4[57] começou a ser utilizado a partir do século XVIII para estudos de demografia. Aplicando-o como conversor de fogos em moradores podemos dizer que em 1706 o concelho de Lousada contava 661 vizinhos ou fogos e 2 644 moradores.

Em 1758, segundo a Memória Paroquial de Silvares, o concelho de Lousada continuava a ter as mesmas doze freguesias que em 1706, mas agora com *ramos* das freguesias circunvizinhas: Casais, Nevogilde, Beire, Bitarães, S. Tiago de Arrifana, Meinedo, Novelas, Nogueira e Macieira, que eram do concelho de Lousada. Existiam, ainda, algumas freguesias que tinham *ramos* de outros concelhos, como a de Silvares que possuía o *ramo* de Lagares, e era territórrio de Unhão; e o *ramo* de Além do Rio, que pertencia ao concelho de Aguiar de Sousa. O que dava ao território de Lousada, nessa época, uma configuração de uma légua[58] e meia de comprimento, e de três quartos de légua, de largura.[59]

Contudo, o abade de Santa Margarida, na Memória Paroquial, informava: - "*O concelho comprehende dezoyto freguezias a saber esta de Santa Margarida, São Miguel em parte Cernedello, Macieyra em parte Santa Chrystina em parte Avelleda em parte, Alvarenga na mayor parte, Sylvares toda so duas cazas Chrystellos toda, Novegilde em parte São Payo em parte Beyre em parte Bitarains em parte Monte Roso, Santa Marinha de Lodares toda Nespereyra São Vicente de Boim, São Lourenço das Pias, Meynedo em parte que todas digo compreende parte dezanove freguezias sobreditas.*"[60] As partes, os *ramos* ou *fracções*[61] contaram, portanto, para a contabilidade das freguesias. Existe aqui uma contradição, já que inicia o item a informar que o concelho é formado por dezoito freguesias e termina-o a afirmar que são dezanove.

---

54 - MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 36. Cf. Também Lousada - *Terra Prendada*, p.132; *História das Freguesias e Concelhos de Portugal.* Quidnovi. Edição e Conteúdos, 2004, vol. 9, p. 98.

55 - Nas várias corografias existentes, e que se referem ao assunto, tal como nas poucas monografias conhecidas sobre o concelho de Lousada, sempre se repetem os mesmos dados, e muitas vezes sem qualquer referência às fontes.

| Quadro N.º 4 - O Concelho de Lousada em 1758, segundo as Memórias Paroquiais. | | |
|---|---|---|
| Freguesias | Fogos | Habitantes |
| Alvarenga | 42 | 142[62] |
| Aveleda | 124 | 475[63] |
| Boim | 73 | 238[64] |
| Cernadelo | 88 | 237[65] |
| Cristelos | 89 | 318[66] |
| Lodares | 110 | 397[67] |
| S. Miguel (Lousada) | 84 | 258[68] |
| Stª.Margarida (Lousada) | 59 | 190[69] |
| Nespereira | 114 | 456[70] |
| Novelas | 9 | 259[71] |
| Pias | 82 | 328[72] |
| Silvares | 150 | 480[73] |

56 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 25, fl. 258. Cf. "*Faz o Rio Souza o limite do Concelho de Penafiel pela parte do Poente desde o Lugar de Souza até á ponte de Casconha,* (…) *e abrangendo terreno pertencente a* (…), *Novellas,* (…) *na sua margem esquerda, e separando-o dos Concelhos de Louzada, que lhe demorão na margem direita.*" D' ALMEIDA, António - *Descripção Histórica e Topografica da Cidade de Penafiel.* (Edição fac-similada da separata publicada nas Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa, tomo X, 2ª parte, 1830). Penafiel: Edição da Biblioteca Municipal de Penafiel, 2006, p. 103.

57 - É uma conversão de fogos em habitantes. Cada fogo equivalia a quatro habitantes. MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 362.

58 - Uma légua corresponde a cinco Kms. Logo, légua e meia = 7, 5 Kms. Três quartos de légua = 3, 75 Kms. Ora, efectuando a operação, 7, 5 x 3,75 = 28,125 $Km^2$. A área foi aumentando ou diminuindo dependendo das diferentes reformas administrativas do território. Actualmente tem a área de 96 $Km^2$.

59 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1313.

60 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1313.

61 - Ramos, partes ou fracções, eram pequenas parcelas de território com um ou dois fogos, mas que não constituíam uma freguesia. I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1313. MOURA. Cf. Augusto Soares - o. c., p. 364.

62 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 3, fl. 297.

63 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5. fl. 847

64 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 7, fl. 955.

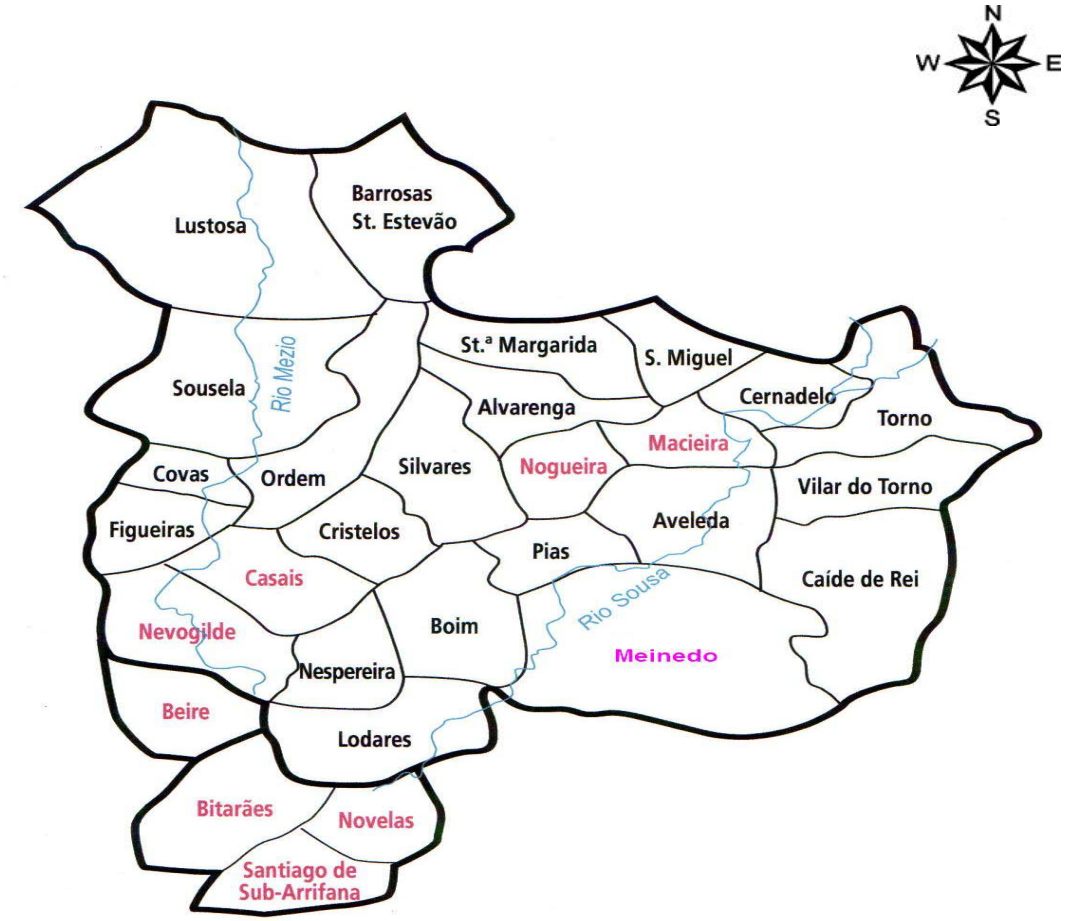
65 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 10, fl. 1875

66 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 11, fl. 2169.

67 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 20, fl. 1009.

68 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.21, fl. 1319.

69 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.21, fl. 1313.




Freguesias-*parte* que constituíam o concelho de Lousada em 1758.
[Na actualidade, Novelas e Santiago de Sub-Arrifana, estão afectas ao concelho de Penafiel. E Bitarães pertence ao concelho de Paredes.].

Freguesias actualmente pertencentes ao concelho de Lousada.

Nesta data, o concelho tinha a superfície de 28,125 $Km^2$ [74] e contava com 1024 fogos e 3778 habitantes; era um território que ficava "*entre rios*", isto é, as suas fronteiras, por razões de ordem natural, eram as margens direitas do rio Mesio e do rio Sousa, como poderemos constatar no mapa de Custódio Vilas-Boas.[75] A comprová-lo, metade da freguesia de Novelas estava " *sujeita ao juiz ordinario do concelho de Louzada, e a outra ametade e sujeita ao concelho de Pena Fiel e seu Ouvidor*."[76] Daí afirmarmos que esta freguesia era uma freguesia-*parte*, apesar de ser considerada freguesia do concelho de Lousada, no seu todo.

Da mesma forma, Nevogilde, que era uma pequena *parte*, para cá da margem direita do rio Mesio, e pertencia ao concelho de Lousada, sendo todo o resto, *parte* do concelho de Aguiar de Sousa, para lá da margem direita do mesmo rio.

A freguesia de Aveleda dividia-se em três *partes*, e por três concelhos: Lousada, Unhão e Santa Cruz.[77] O que de igual modo é possível ver-se no Mapa da Província de Entre Douro e Minho, de Custódio Villas-Boas, de 1798.[78] Aliás, o concelho de Lousada tinha vários *ramos*, mas só contava com doze freguesias.[79]

Em 1798, Lousada contava com vinte freguesias: Alvarenga, Aveleda, Beire, Bitarães, [as duas últimas, na actualidade, são freguesias do concelho de Paredes], Boim, Casais, Cernadelo, Cristelos, Lodares, Macieira, Meinedo, Nespereira, Nevogilde, Nogueira, Novelas [a última pertence, presentemente, ao concelho de Penafiel], Pias, Silvares, Stª Margarida, S. Miguel, Santiago de Sub-Arrifana [aparece pela primeira vez, nesta data, no concelho de Lousada, e pertence hoje ao concelho de Penafiel],[80] sendo que as cinco últimas tinham um número diminuto de fogos. Bitarães comportava catorze fogos e cinquenta e seis moradores, Casais atingia quarenta e cinco fogos e cento e oitenta moradores, Beire somava apenas dez fogos e quarenta moradores, S. Tiago apresentava quarenta e sete fogos e cento e oitenta e oito moradores, e Novelas tinha cinquenta e cinco fogos e duzentos e vinte moradores.[81]

Se olharmos para o mapa, podemos ver as *fracções* de Novelas e Santiago na margem direita do rio Sousa da parte de Lousada atribuídas ao dito concelho. Enquanto as *fracções* das freguesias de Casais, Nevogilde, Beire e Bitarães situadas na margem direita do rio Mesio; Novelas e S. Tiago pertenciam ao concelho de Arrifana de Sousa e Nevogilde, Beire, Casais e Bitarães, além Mesio, no concelho de Aguiar de Sousa.

---

70 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.42, fl. 110.

71 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.25, fl. 257.

72 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 29, fl. 1229.

73 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

74 - I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.21, fl. 1313.

75 - Ver *Mapa da Província de Entre Douro e Minho*, Villas-Boas, Custódio José, 1798, p. 26.

76 - A metade que pertencia ao concelho de Lousada situava-se na margem direita do Rio Sousa e a outra metade que era território de Arrifana de Sousa ficava na margem esquerda do mesmo rio. I. A. N. / T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 25. fl. 257. Cf. D' ALMEIDA, António - o. c., p. 103.

77 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 5 fl. 847.

78 - Cf. *Mapa da Província de Entre Douro e Minho*, Villas - Boas, Custódio José, 1798, pág. 26.

| Quadro N.º 5 - O Concelho de Lousada em 1798 | |
|---|---|
| Freguesias | Fogos |
| Alvarenga | 32 |
| Aveleda | 98 |
| Beire | 10 |
| Bitarães | 14 |
| Boim | 71 |
| Casais | 45 |
| Cernadelo | 84 |
| Cristelos | 87 |
| Macieira | 3 |
| Meinedo | 129 |
| Nespereira | 78 |
| Nevogilde | 333 |
| Nogueira | 11 |
| Novelas | 55 |
| Pias | 75 |
| Silvares | 197 |
| Stª Margarida | 56 |
| S. Miguel | 53 |
| S. Tiago de Sub - Arrifana | 47 |
| Lodares | 110 |

Pela análise das Memórias Paroquiais, sabe-se que o concelho de Lousada era um território limitado pelas margens dos rios Mesio e Sousa, território *entre rios*, e que por essa mesma razão tinha pequenas *partes* que estavam aquém dos dois rios.

É caso de Novelas, com uma *parte* da freguesia de Lousada - a que estava situada para cá da margem direita e outra - a que se situava para lá da margem esquerda - a Arrifana de Sousa;[82] e de Nevogilde, em que o *ramo* para cá da margem direita, pertencia a este território, e o ramo além rio Mesio, para lá da sua margem esquerda, era do concelho de Aguiar de Sousa.[83] Macieira e Cernadelo pertenciam ao território de Unhão e de Lousada,[84] e a fracção do Couto de Meinedo era deste concelho.[85] Não devemos descurar, portanto, apesar de contar vinte freguesias, algumas delas eram *partes* e não freguesias por inteiro. Macieira, Beire e Novelas apresentavam 3, 10 e 9 fogos respectivamente.[86]

Em 1836, o concelho de Lousada foi extinto por Passos Manuel[87] e sete das suas freguesias: Alvarenga, Santa Margarida, São Miguel, Aveleda, Cernadelo, Cristelos e Silvares, passaram para o concelho de Barrosas. Do concelho de Unhão, que também foi extinto, transitaram 11 freguesias, 5 das quais já tinham pertencido a Lousada: Alentém, Macieira, Nogueira, Torno e Vilar.

---

79 - MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 362.

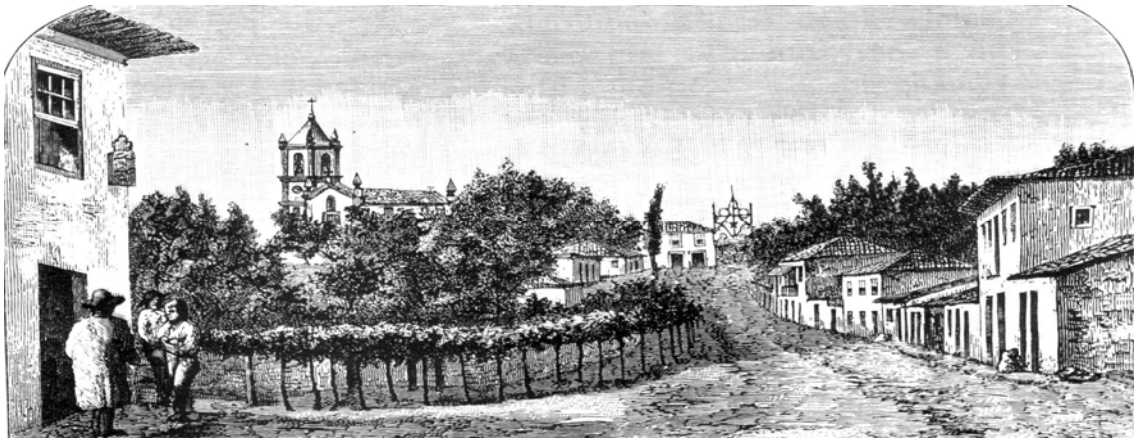
80- D' ALMEIDA, António - o. c., p. 103. Cf. MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 364.

| Quadro N.º 6 - Freguesias do Concelho de Lousada que foram anexadas a outors concelhos, em 1836, aquando da extinção do concelho. | | | |
|---|---|---|---|
| Freguesias do Concelho de Lousada anexadas ao concelho de Barrosas, em 1836 | Freguesias do Concelho de Lousada anexadas ao concelho de Penafiel, em 1836 | Freguesias do Concelho de Lousada anexadas ao concelho de Aguiar de Sousa, em 1836 | Freguesias do Concelho do Unhão, que já tinham pertencido ao concelho de Lousada, anexadas ao concelho de Barrosas, em 1836 |
| Alvarenga<br>Santa Margarida<br>S. Miguel<br>Aveleda<br>Cernadelo<br>Cristelos<br>Silvares | Lodares<br>Nespereira<br>Boim<br>Pias<br>Meinedo<br>Novelas | Beire<br>Bitarães<br>Casais<br>Nevogilde<br>Santiago | Alentém<br>Macieira<br>Nogueira<br>Torno<br>Vilar |

Penafiel recebeu 6 freguesias: Lodares, Nespereira, Boim, Pias, Meinedo e Novelas; e Aguiar de Sousa incorporou: Beire, Bitarães, Casais, Nevogilde e Santiago.[88]

Num ápice, o concelho de Lousada volta a ser restaurado em 1838.[89] E, assim sendo, as freguesias de Figueiras, Covas, Ordem e Sousela passaram a integrá-lo; pela primeira vez Lousada alcança as 23 freguesias.[90]

| Quadro N.º 7 - Freguesias do concelho de Lousada em 1838 - Restauração do Concelho. |
|---|
| São Miguel de Silvares (cabeça do concelho), Boim, Lodares, Nespereira, Pias, Meinedo, Ordem, Sousela, Nogueira, Macieira, Alentém, Vilar, Alvarenga, Aveleda, Cernadelo, Cristelos, Lousada (Santa Margarida), Lousada (São Miguel), Covas, Figueiras, São Fins do Torno, Casais e Nevogilde. |



Gravura n.º 5
Casario e Capela de Nossa Senhora Aparecida
Fonte.: VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pitoresco.* 2ª Edição, Valença: Edição Rotary de Valença, Tomo II. 1987, p. 360.

---

81- I. A. N./T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.25, fl. 257.

Em 1842, com a reforma de Costa Cabral, o concelho mantém as mesmas freguesias, e, a 13 de Maio, o lugar do Torrão é elevado à condição de Vila com o nome de Lousada.[91]

---

82 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 42, fl. 80.

83 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.10, fl. 1330.

84 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 847.

85 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 23, fl. 725.

86 - D' ALMEIDA, António - o. c. , p . 127 - 130.

87 - *Código Administrativo de Passos Manuel*, de 31/12/1836, Decreto - Lei de 6/11/1836.

88 - MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 378

89 - MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 378. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 9.

90 - "*O extinto concelho de Lousada, actualmente incorporado nos concelhos de Penafiel e Barrosas, voltará à categoria de concelho e será composto das freguesias de São Miguel de Silvares (cabeça do concelho), Boim, Lodares, Nespereira, Pias, Meinedo, Ordem, Sousela, Nogueira, Macieira, Alentém, Vilar, Alvarenga, Aveleda, Cernadelo, Cristelos, Lousada (Santa Margarida), Lousada (São Miguel), Covas, Figueiras, São Fins do Torno, Casais e Nevogilde, ficando pertencendo este novo concelho à comarca de Penafiel*." Carta de Lei de 17 de Abril de 1838 - *Diário do Governo de 20 de Abril de 1838.* Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 10; MOURA, Augusto Soares - o. c., p. 233.

91 - "*Anno de Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e quarenta e dois aos vinte e oito de Maio nos Paços da Villa, salla das sessões da Câmara Municipal onde se achava o prezidente da Camara Municipal Joze Manoel da Silva Telles, Joze Joaquim Meirelles, Joaõ de Beça Nunes e Manoel Joaquim Ribeiro, vereador da Câmara sessante convocado no empedimento do fiscal Bernardo Antonio Brandaõ; faltando por motivo de molestia o vereador Antonio Joze de Meirelles. E assim todos reunidos em sessão a declarou aberta; o prezidente, neste acto aprezentou o prezidente hum officio do Governador Civil do Districto pela segunda repartição, dactado de dezassete de Maio findo, digo de Maio corrente, acompanhando a cópia da Portaria do Ministério do Reino de treze de Maio corrente em que sua Magestade a Rainha houve pur bem declarar a Rua do Turrão do Concelho de Louzada elevada á cathegoria de Villa; com a denominação de Vila de Louzada, na forma que pela mesma camara tenha cido requerido a mesma Augusta Senhora* (…)." AHML - Lv-77, *Actas das Sessões.* 1842, fl. 4.

# 2 - O Concelho de Lousada na segunda metade do século XVIII.

## 2. 1. Caracterização geral do concelho.

A 1 de Novembro de 1755 eram doze as freguesias que constituíam o concelho de Lousada, sendo que à Diocese de Braga pertenciam as freguesias de Santa Maria de Alvarenga, S. Salvador de Aveleda, S. Tiago de Cernadelo, Santa Margarida, S. Miguel de Silvares e S. Miguel de Lousada. As freguesias de S. Vicente de Boim, S. João Evangelista de Nespereira, St.º André de Cristelos, Stª Marinha de Lodares, S. Lourenço de Pias e S. Salvador de Novelas, faziam parte do Bispado do Porto.

Administrativamente, à comarca de Penafiel estavam afectas as freguesias de S. Vicente de Boim, Cristelos, Lodares, Novelas e Pias, e à comarca de Braga, as freguesias de Alvarenga e Aveleda. Da comarca de Barcelos eram as freguesias de Cernadelo e Nespereira. S. Miguel fazia parte dos concelhos de Lousada e de Unhão, e à correição de Barcelos estavam sujeitas as freguesias de Boim e Santa Margarida. A freguesia de Silvares fazia parte da comarca de Guimarães.

A produção agrícola, tal como a criação de gado eram transversais ao conjunto das freguesias, a saber: milho grosso ou milhão, milho branco miúdo, centeio, trigo, painço, feijões brancos, pretos, pardos e fradinhos ou galegos, vinho verde, de enforcado, azeite, frutas; e ovelhas, porcos e aves respectivamente.[92]

O concelho de Lousada não tinha correio próprio, pelo que a maior parte das freguesias utilizava o que passava pela Vila de Arrifana de Sousa,[93] enquanto, por exemplo, Alvarenga[94] se servia do que vinha de Celorico de Basto. No conjunto, o trajecto final era idêntico - de Arrifana de Sousa para a cidade do Porto.

---

92 - I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1230. Cf. MAIA, Fernanda Paula Sousa - *O Mosteiro De Bustelo: Propriedade E Produção Agrícola No Antigo Regime* (*1638 - 1670 e 1710 - 1821*). Porto: Movilibro, 1991, p. 34, Revista de Lousada 2 - In *Suplemento Ao Jornal Nº 321 TVS-TERRAS DO VALE DO SOUSA* -5 de Março de 1991, fl. 21.

93 - *"Foi no dia 7 de Outubro de 1741 que o Lugar d' Arrifana de Sousa entrou na posse da perrogativa de Villa*." D' ALMEIDA, António - o. c., p. 47.

94 - *"Tem ou servece do correio que vai nas quintas feiras de Basto para o Porto, e vem do Porto nos domingos e passa pela estrada entre os limites desta freguesia e santa Crystina de Nogueira."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.3, fl. 300.

As Memórias Paroquiais referem que este concelho gozava de certos privilégios, aliás plasmados em duas delas: Cernadelo e Silvares. Em relação à primeira - Cernadelo: *"Tem este concelho de Louzada os previlegios de não vir a elle soldados dar verde aos caballos."*[95] Quanto à segunda - Silvares: "*Tem esta freguezia, e todo o concelho de Louzada, os previllegios da serenissima Caza do Estado de Bragança que concedem que os moradores desta freguezia como vassallos da Serenissima Real Caza de Estado de Bragança nam sejam compelidos para diante de outro algum juizo, e so podem ser compelidos para diante do juis ordinario deste concelho, nem pode sahir daqui cauza alguma ou seja de materia civel, ou seja de materia crime e sentenciadas as cauzas pelos juis deste concelho podem ser avocadas por appelaçam para o auvio supperior da Ouvidoria da villa de Barcellos, e do juízo da Ouvidoria da villa de Barcellos, vam appellados para a Relação da Cidade do Porto. So sim gozam o privillegio de poderem ser compelidos para o juízo das alçadas novas da Relaçam da cidade do Porto sendo autores os muito pobres, e tambem mossas donzellas e viuvas."*[96]

Dois eram os rios que cruzavam este concelho: o rio Sousa, que nascia no lugar de Lamas - Margaride, no concelho de Felgueiras, desaguando no rio Douro;[97] e muito perto da capela de Santa Águeda, brotava o rio Mesio, com foz no rio Sousa, no lugar de Souselinha.[98] Nenhum deles era navegável. Nas suas margens podiam encontrar-se vários tipos de árvores como salgueiros, amieiros, castanheiros, carvalhos e vides de enforcado. O uso da água era livre tal como a pesca;[99] esta com uma variedade relativamente restrita, mas que se alargava a trutas, bogas e escalos. A pesca ao barbo só se fazia no rio Sousa, enquanto que a da lampreia era exclusiva do rio Mesio. Estes dois rios tinham os seus afluentes.

---

95 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.10, fl. 1875.

96 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.35, fl. 1231.

97 - "*Passa pellas margens desta freguezia pela parte do Nascente o rio chamado Souza,* (…). *Cria trutas, vogas, escallos, e alguns barbos. Em todo o anno se pesca, excepto nos meses proibidos. Este rio passa por entre prados cultivados com seus arvoredos ao redor, como são salgueyros, amieyros, castanheyros, e carvalhos, com suas vides que dão vinho verde* (…). *Morre no rio Douro no sitio a que chamão Entre ambos os Rios,* (…). *Uzão livremente os moradores desta freguezia da agua deste Rio..."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.5, fl. 854.

98 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.5, fl. 854.

99 - I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol.5, fl. 854.

O regato do Fontão deslizava por entre as freguesias de Cristelos e de Silvares, de Nascente para o Poente. Era um curso de água pouco caudaloso, que nascia na serra do Calvelo, na vizinha freguesia de S. Miguel de Silvares e desaguava no Rio Mesio.[100] Teria de comprido meia légua.[101]

As freguesias de Alvarenga e de Santa Margarida tinham diversas fontes de águas,[102] por sinal muito apreciadas, ainda que nelas não fossem conhecidas quaisquer virtudes medicinais.[103]

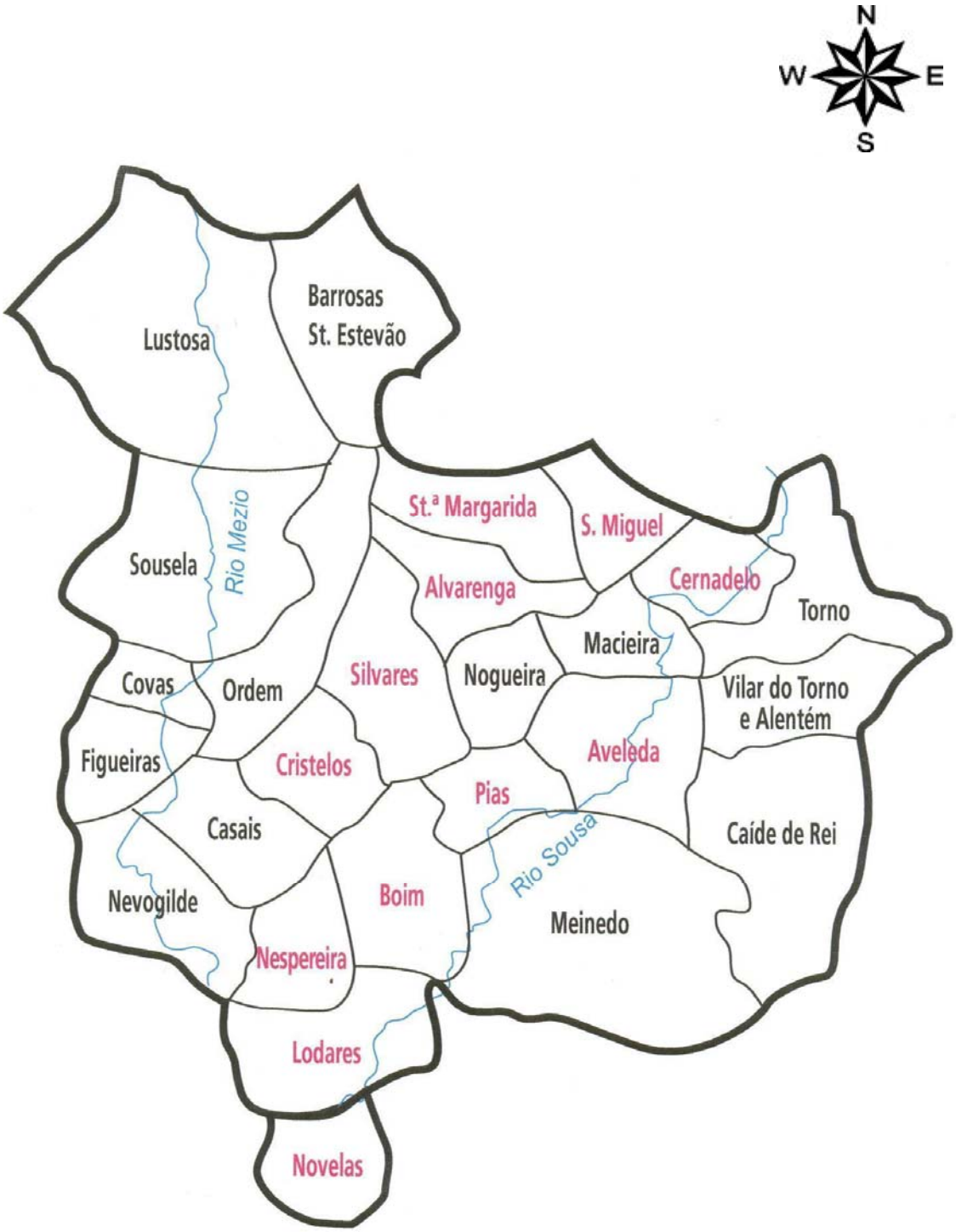
---

100 - "*Com movimento vagarozo corre pelo meyo desta freguezia [Casais]* (…) *o rio chamado Mezio, que tem seu nascimento no fundo da Serra de Barrozas, no distrito da freguesia de Souzella* (…). *Nasce do centro e fundo da dita serra* (…). *Reforçasse sua corrente a hum coarto de legoa na freguesia de S. João de Covas, com outro regato igual* (…) *chamado aly Rio de Muinhos, e junto daly athé onde entra no Rio Souza, se vay augmentando por onde passa com mananciais lemitados, que o constituhen rio piqueno, mas muyto aprazivel em seu curso, que em qualquer parte se atravessa de cavallo, mas náo de pé, sem molhar ambos os giolhos, em largura de 40 athé 50 palmos.* (…) *Entra no rio chamado Souza, entre as freguezias de Bittarais, e da Villa de Arrifana de Souza, e donde nasce athé que finaliza, corre em distancia de duas legoas. Em toda a sua extençáo tem asudes em que se repreza agoa para muinhos, e para regar. Tem somente muinhos de milho. Uzáo os cultores livremente de suas agoas.* (…) *Corre por 9 freguezias: Souzella, Sáo João de Covas, Santa Eulalia, Christellos, Sáo Payo, Novogilde, Beyre, Lodares, Bittarais.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 10, fl. 1588.

101 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol.35, fl. 1229.

102 - "*Tem varias fontes de cristalinas agoas, com virtude natural mas nellas não se conhece especialidade digna de relação.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 21, fl. 1316.

103 - "*Não nasce rio della mas varias fontes para todas as partes e de bonnas agoas, como são as da fonte de São Christovão da Freguezia de Santa Maria de Souzella e estas com virtude pella devocção do ditto Santo, aonde na véspera deste dia concorre muita gente a tomarem banhos em a dita agoa.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 21, fl. 1316.




As doze freguesias do concelho de Lousada em 1758. [Na actualidade, Novelas está afecta ao concelho de Penafiel.].

Freguesias actualmente pertencentes ao concelho de Lousada.

2. 2. Freguesia de Santa Maria de Alvarenga.

Situada num vale[104], a duas léguas de distância do lugar do Torrão, contava com doze lugares: Igreja, Cabo Vila, Além, Bairro, Bouça, Cunha, Costa, Rabada, Feira, Herdade, Carris e Casatermo. Alguns deles só tinham um casal. Confrontava de Norte a Nascente com as freguesias de Santa Margarida, S. Miguel e S. João de Macieira; a Sul com Santa Cristina de Nogueira; a Poente com S. Miguel de Silvares; e de Poente para Norte a Serra do Calvelo.[105]

Era da comenda do Marquês de Angeja, tinha quarenta e dois fogos e cento e quarenta e dois habitantes e tinha fracos recursos,[106] sendo os rendimentos da igreja insuficientes. E por essa mesma razão o abade de Santa Maria de Alvarenga, José Álvares da Silva, lamentava-se das dificuldades com que vivia.[107]

Na igreja existiam duas confrarias: a da Senhora do Rosário e a do Menino Deus, que promoviam festejos em honra desses titulares. A festa do Menino Deus realizava-se a 25 de Dezembro, e a romaria da Senhora do Rosário a oito de Setembro, no mesmo dia da Padroeira. Havia ainda a romaria de S. Lourenço, no lugar de Baixo.[108]

---

104 - *"Está cituada na cabeceyra de hum vale, depois de hum monte, donde se descobrem várias freguesias para a parte do Nascente,* (…)*."* I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico,* 1758, vol.3, fl. 297.

105 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol.3, fl. 297.

106 - " *Santa Maria de Alvarenga, freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Barcellos, Concelho de Louzada. He reytoria da mytra; o parocho tem quarenta mil reis. He patrimonio da Ordem de Christo, em cujo livro anda com o titulo de comenda. Rende ao comendador, com a annexa de Villa-Garcia, cento e oitenta mil reis. Tem dezasseis vizinhos. He anexa a esta freguezia a de Santiago de Cernadello, cujo vigário he apresentado pelo reytor desta*." CARDOSO, P. Luiz - *Diccionario Geografico ou Noticia Histórica de Todas as Cidades, Villas, Lugares e Aldeas Rios, Ribeiras, e Serras, dos Reynos de Portuga*l … Tomo I, Lisboa: 1747, p, 388. Cf. I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol.3, fl. 297.

107 - " (…) *de lemitados rendimentos porque a congrua he lemitada e o pe do altar muyto tenue porque os moradores são poucos.*" I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico,* 1758, vol.3, fl. 297.

108 - "*Tem esta igreja duas confrarias, huma da Senhora do Rosario fundada no altar colateral da mesma Senhora, fica esta para a parte de entre poente e Norte; outra do Menino Deos, funda no outro altar colateral dedicado ao mesmo Menino Deos, e fica para aparte do Sul; fazendo as festas destas confrarias, a do Menino Deos dia do Seu santo nascimento, ou das oitavas; a da Senhora a oyto de Setembro, uniforme; e junto com a da padroeira;* (…)." I. A. N. /T. T. *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 3, fl.298.

Na serra do Calvelo qualquer um podia "*montear e cortar mato,*" e nesta havia raposas, lebres e perdizes. [109]

2. 3. Freguesia de S. Salvador de Aveleda.

Localizada num vale rodeado de povoações, confinava com as freguesias de Caíde e de Alentém, que estavam "*alem do Rio Souza para a parte do Nascente;*"[110] a Norte fazia fronteira com as freguesias de S. João de Macieira e de Santa Cristina de Nogueira; a Poente com a freguesia de S. Miguel de Silvares; a Sul limitava com a freguesia de S. Lourenço de Pias. Aveleda ficava a menos de meio quarto de légua da sede do concelho e pertencia a três termos: Lousada, Unhão, e Santa Cruz.[111] Era constituída pelos seguintes lugares: Paiva, Barroca, Pontesinhas, Vila Nuste, Encosta, Vila, Barrimau, Agrela, Lamas de Baixo, Lamas de Cima, Palhais, Covo, Casal, Casais Novos, Lama, Barrelas, Cartão, Mourinho, Gens, Aveleda, Almenta, mas muitos destes lugares só tinham um ou dois habitantes.[112] Tinha cento e vinte e quatro fogos e quatrocentos e setenta e cinco moradores, e a igreja era abadia de apresentação da Casa de Bragança.[113]

---

109 - Na serra do Calvelo podiam "*montear e cortar mato; esta he de natureza fragosa e os matos são piquenos a que o vulgo chama queyro, alguns carqueja, mas pouco, se criao algumas raposas, lebres e perdizes mas tudo em pouca quantidade.*" I. A. N. /T. T. *Dicionário Geográfico*, 1758, vol 3, fl.231.

110 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 5, fl. 847.

111 -"*Esta freguezia dividesse para trez concelhos a saber para o concelho de Louzada que domina a maior parte della; para o concelho de Unhao e para o concelho de santa Crus, e nestes trez concelhos ha em cada hum delles juiz ordinario, e camaras sogeitas ao Governo das Justiças da Relação do Porto.*"I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 5. fl. 847.

112- I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 849.

113 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico,* 1758, vol. 5. fl. 847. Cf. COSTA, Américo - o. c., p. 1126.

Rendia este benefício,[114] ao abade da igreja de Aveleda, que possuía a igreja de S. Miguel anexa, setecentos mil réis por ano.[115] No altar colateral da igreja, do lado da epístola, estava colocada a imagem de Santo Amador. Deste santo havia uma relíquia milagrosa que se venerava com grande culto e devoção. Esta relíquia exibia-se numa custódia de prata com o resplendor e tinha sido paga com as esmolas de todos os habitantes da freguesia. Referia o abade Francisco Alvares de Azevedo: "*Nao tendo achado assento donde viera a dita relíquia so sim me informarao a dera o abbade antigamente chamado Pedro Domingues Leytão e que lhe viera ou a tinha trazido de Roma e que sempre a tivera com muito culto e veneração.*"[116]

Na igreja de Aveleda, existia a confraria do Santíssimo Sacramento que estava sujeita ao senhor ordinário. Tinha juiz e oficiais que a serviam, a administravam, e se elegiam; os oficiais mais velhos realizavam a sua festa de despedida no terceiro domingo de Julho, enquanto os oficiais mais novos faziam a sua festa de entrada no terceiro domingo de Agosto.

---

114 - Cargo eclesiástico. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. - o. c., p. 126.

115 - "*Tem esta Igreja sua annexa que hé a vigayraria de São Miguel de Louzada. Rende este benefício sette centos mil reis, cada anno vinte mil reis mais ou menos e com os incertos podera algum anno render mais; o qual rendimento hé de todos os frutos desta igreja e da annexa, de passal, foros que tem e do pé de altar; e de toda esta renda, parte do pé de altar e passal / se pagao para a Santa Igreja Patriarchal as coartas nonas partes que vem a ser a metade, menos huma parte, sem obrigaçao alguma real ou pessoal, antes livre de todos os gastos, despezas, encargos e pensoes perpetuas que tem esta Igreja. E da parte da renda que fica para o Abbade se paga cada anno de pensao perpetua vinte e sinco mil reys à Capella dos Reais Passos de Villa Viçosa pagasse mais 2285 réis de pensao perpetua ao Collegio do Seminario de Sam Pedro da Cidade de Braga, paga mais a vigaria da annexa de Sam Miguel de Louzada trinta e sinco mil reis, entre dinheyro, pao, vinho, trigo, cera para a administração dos sacramentos e outras meudezas; paga mais toda a fabrica, e a administraçao da capella mor e samchristia da dita annexa, e todos os paramentos necessarios para ella. Pagasse mais da parte da Renda que fica ao Abbade toda a fabrica e administração de duas capellas; paga ao Cura desta Igreja trinta mil reis; paga mais a fabrica da caza da Residencia e das cazas dos cazeyros e a do celleyro e da renda de ospedagem dos vizitados, e de Ministros e Oficiais que vem da diligência, e abatidas todas estas despezas, só poderá ficar ao Abbade com duzentos mil reis para sua congrua e sustentaçao, e algum anno sucedera ficar menos, se houver obra de maior gasto.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 849.

116 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 847.

Durante a Quaresma, aos domingos havia "*sermão de manhã, e de tarde. Ha também missa dos Santos Passos, com seus Sermoes; há officio de Ramos, Endoenças, e festa da Ressurreyçaõ.*"[117] Tudo isto era feito com grande devoção e romaria de pessoas das freguesias limítrofes. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário ficava na capela do mesmo nome, no lugar de Mourinho, perto da igreja. Esta irmandade também tinha juiz e oficiais que a administravam e fabricavam.

E a vinte e quatro de Agosto celebrava-se a festa de S. Bartolomeu,[118] na capela com a sua invocação. Era uma grande romaria, e nesse dia vinham muitas pessoas a Vilela por causa das virtudes e dos milagres deste santo.

Nos dias oito e nove de Agosto festejava-se Santo Ovídio,[119] e no dia dez do mesmo mês, S. Lourenço.[120] A imagem deste santo encontrava-se no altar da capela de Santo Ovídio. O proprietário da Quinta e Casa de Santo Ovídio, do lugar de Barrimau, Luís da Costa Guimarães, mandava dizer missa, na capela de Santo Ovídio, todos os domingos e dias santos.[121]

Nesta freguesia existiam uns montes de pouca relevância por entre os lugares da freguesia e em seu redor, e neles havia tojo, carvalhos, castanheiros e sobreiros. Os montes estavam divididos por sortes para que cada um dos moradores pudesse cortar o que lhe pertencia e usar o pasto para os "*gados meudos*."[122]

---

117 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 849.

118 - "*Acode gente em romagem á dita capella de Sam Bartolomeu no dia vinte e coatro de agosto em que se festeja e taobem hé frequentada por alguns devotos em alguns dias pello anno.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 850.

119 - "*Na capella de Santo Ouvido há dias de romagem continuos, em que se ajunta grande concurso de gente e vem a ser no dia oito, vespora, no dia oito de Agosto vespora de Santo Ouvido, no dia nove em que se festeja*". I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 850.

120 - É " (…) *no dia dez em que se festeja o Martir Sam Lourenço.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 851.

121 - " (…) *na dita capella se dis missa todos os Domingos e dias Santos que manda dizer por Sua conta e devoção Luiz da Costa Guimaraes para elle ouvir e sua familia o qual hé Senhor de huma grande Quinta que há no mesmo lugar de Barrimao.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 851.

122 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 5, fl. 852.

## 2. 4. Freguesia de S. Vicente de Boim.[123]

A terceira freguesia do concelho de Lousada situava-se num vale [124] que mais parecia uma "*campina raza, fria, mas saudável*"[125] encaixada que estava entre alguns montes, principalmente, o monte de S. Jorge, a Nascente, e o monte de Bade a Norte.[126] S. Vicente de Boim compreendia dezanove lugares: Boim, Marecos, Sedoura, Penedo, Outeirinho, Barroca, Sá, Eiras, Campos, Ermeiro, Gerovila, Assento da Igreja, Real, Arcas, Corgo, Costa, Carcavelos, Tunim, Vila Chã. E tinha setenta e três fogos e duzentos e trinta e oito habitantes.[127]

---

123 - "*Boim chamou-se antigamente Gui e depois Goi, e esta palavra celta significando - agarico - planta sagrada para esse povo primitivo, deixamos entrever em Boim ou Gui - a terra do agarico - solemnemente visitada pelos sacerdotes e povo celta, no sexto dia da lua no nevado mez de Dezembro. Era esse o dia marcado para a colheita da planta symbolica, a planta sagrada da nação guerreira, que os livros santos druidas só permitiam colher no sexto dia da lua de Dezembro. Assim explicada a etymologia de Boim, a imaginação vê surgir além, por entre as carvalheiras que fecham estes vales, a procissão solemne que vem á colheita do gui. Marcham na frente dois adivinhos cantando hymnos sagrados e balladas patrióticas, de uma profunda suavidade lyrica. Segue-os o arauto empunhando o cadaceo symbolico, e logo depôs os tres sacerdotes druidas com os instrumentoss necessários para o sacrifício. O pontifice magno, vestido de alva túnica de linho, fecha o religioso préstito, após o qual vem o povo, o grande visionário de todos os tempos, receber o talisman da ventura das mãos da religião. Chegam ao pé da arvore sagrada. O pontífice sobe ao carvalho e corta com a foice de oiro o gui, que os sacerdotes recebem em baixo, solemnente, no sagum branco, estendido em toalha. A cerimonia repete-se tantas vezes, quantas o sacerdote julga indispensável para poder distribuir pelo povo o agarico santo. A colheita findou, mas não concluiu a solemnidade. Ouvem-se mugir dois toiros brancos; são as victimas offerecidas ao bom Deus, que confiou o gui ao carvalho, para que este desse ao seu povo. Á immolação segue-se um esplêndido festim.*" VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 362 - 363. Cf. COSTA, Américo - o. c., p. 758 - 759.

124 - "*Está situada em hum válle e circuitada pela parte do Nascente com alguns montes de pouca entidade e com permediação de outros pela parte do Norte, donde se descobre a povoação da villa de Arrifana de Souza que fica distante huma légoa.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 7, fl. 955.

125 - LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 407. Cf. I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 7, fl. 955.

126 - I. A. N. T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 7, fl. 955.

127 - I. A. N. T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 7, fl. 956. Cf. COSTA, Américo - o. c., p. 759; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 680-881.

Era curato[128] e a sua apresentação cabia ao Abade do mosteiro de Santo Tirso de Riba D'Ave, mosteiro que recebia de renda, anualmente, duzentos e cinquenta e seis mil réis.

O cura desta igreja tinha o rendimento do pé-de-altar[129] e do passal,[130] de quarenta e cinco mil réis, por ano. A igreja abrigava a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, no altar do lado esquerdo, e aquela era privilegiada, por ter uma bula que se reformava de sete em sete anos.[131] Ao Senhor dos Desamparados, que ficava no altar do lado direito, faziam os fregueses de Boim romaria quase todos os domingos e dias santos. E a vinte e três de Abril decorria a festa em honra de S. Jorge.[132] No dia da sua romaria havia sermão e missa cantada na igreja paroquial, e procissão até à capela da mesma invocação, que ficava no alto do monte de S. Jorge. A imagem do santo estava colocada no altar do Santo Nome, da igreja paroquial. No fim da festa era levada da igreja até à capela onde estava a outra imagem do mesmo santo, e aí ficava até ao fim do dia.

No monte de S. Jorge, ao redor da capela, havia também feira de bois, uma vez que S. Jorge era o protector dos bovinos.[133]

---

128 - Povoação pastoreada por um cura. COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio-*Dicionário da Língua Portuguesa*. 5ª edição, Porto: Porto Editora, LDA, [s/d], p. 403. Cf. *Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções*. Lisboa-Rio de Janeiro-Nova Iorque: Selecções do Reader's Digest, 1992, vol. I, p. 263.

129 - Rendimento que os párocos usufruem pelos serviços religiosos prestados aos paroquianos. COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio - o. c. , p. 1073.

130 - Terreno anexo à igreja ou à residência paroquial para rendimento do pároco. COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio - o. c. , p. 1064.

131 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 7, fl. 956.

132 - "*Santo fabuloso, originário da Capadócia. Guerreiro valente, salva a vida da filha do Rei matando o terrível dragão, que a queria devorar. Foi eventualmente martirizado de maneiras bizarras. A sua lenda foi rejeitada no século V por um concílio, mas persistiu e ganhou enorme popularidade no tempo das Cruzadas. Iconograficamente, é representado como um jovem imberbe, de armadura, tanto a pé como num cavalo branco, com cabelos compridos, um dragão aos pés e a lança quebrada. Tem por vezes uma espada nua e um estandarte branco com uma cruz vermelha.*" TAVARES, Jorge Campos - *Dicionário de Santos.* 3ª Edição (revista), Porto: Lello Editores, 2001, p. 88. Cf. HALLAM, Elizabeth - *Os Santos*. 1ª edição. Lisboa: 1998, p. 88.

## 2.5. Freguesia de S. Tiago de Cernadelo.

A freguesia de S. Tiago de Cernadelo ficava situada a Este do concelho de Lousada e encaixava-se no vale do monte de Santo Eusébio,[134] comportando vinte lugares: Palhães, Ribeiro, Casa de Cima, Carreira, Casa de Sub-Ribas, Agras, Boca Negra, Moinho Novo, Seara, Carvalheiras, Tresvale, Cima de Vila Barroco, Regadas, Paço, Figueiredo, Barreiro, Tojal, Casal, Outeiro, Monte de S. Pedro. Contava oitenta e oito fogos e duzentos e trinta e sete moradores.[135]

O Reitor de Alvarenga apresentava o vigário, que era *ad nutun,*[136] tinha de renda quarenta mil réis;[137] o rendeiro pagava 10$000 réis de renda ao vigário, três libras de cera, dois alqueires de trigo, trinta alqueires de pão meado e vinte e dois almudes de vinho; os habitantes desta freguesia pagavam 50 medidas, em obradas.[138]

No campo, que pertencia à residência paroquial, produzia-se e colhia-se, pelo S. Miguel, em média, quinze alqueires de pão e quinze almudes de vinho. Estes eram os rendimentos anuais do padre de Cernadelo, que os considerava irrisórios para pastorear condignamente a paróquia.[139]

---

133 - A capela de S. Jorge vai ser erecta, muito mais tarde, precisamente nesse local, assim como a festa e a feira de bois aí vão surgir. I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 7, fl. 957. Cf. COSTA, Américo - o. c., p. 758 -759; LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 407; BAPTISTA, João Maria - o. c., p.680.

134 -"*Esta esta* (sic) *freyguezia situada em hum Valle de hum monte chamado monte de Santo Jebres, corrupto vocabulo, porque antigamente dizerem estivera huma cappella de Santo Euzebio no alto do dito monte; e assim os discretos, lhe chamao o monte de Santo Euzebio."* I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 10, fl. 1875.

135 I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 10, fl. 1875.

136 - À ordem, à vontade. *Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Selecções*, p., 921.

137 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1875, vol. 10, fl. 1875. Cf. COSTA, Américo - o. c., p. 297; LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 249-250; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 682- 883; *Lousada Terra Prendada*, p. 85; *À Descoberta de Lousada*, p. 6; SILVA, José Carlos Ribeiro da - *As Capelas Públicas de Lousada*. Seminário de Licenciatura em História - Variante Património. 1997, p. 100.

2. 6. Freguesia de Santo André de Cristelos.

Estendia-se por um vale "*de singelos campos de cultura*"[140] e desta freguesia avistava-se a Vila de Arrifana de Sousa, que ficava a uma légua de distância; era constituída por oito lugares: Lagoa, Agro do Favo, Crasto, Baixo, Costa, Barreiro, Burgo, Marecos, alcançando oitenta e nove fogos e trezentos e dezoito habitantes. Em 1706 a freguesia de Santo André de Cristelos era abadia do Mosteiro de Vilela, com reserva, e tinha a obrigação de dar um jantar e ceia, anualmente, ao Prior do Mosteiro e a dois homens a cavalo, assim como a todos os que fossem a pé como acompanhantes; rendia, anualmente, duzentos e vinte mil réis,[141] rendimento aumentado, em 1751 para duzentos e oitenta mil réis.[142]

Segundo a Memória Paroquial de Cristelos, o abade era "*alternativa a aprezentaçam a saber Sua Santidade, o Senhor Ordinario do mesmo Bispado, e os Religiosos de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora do Pillar da Serra da cidade do Porto, e rendera annualmente quatro centos e sincoenta para quinhentos mil reis.*"[143] Em 1801, os frades Crúzios do Mosteiro de Vilela apresentavam o pároco. Rendia, então, por ano, seiscentos mil réis.[144]

---

138 - "*O Parocho nesta freguezia he vigario ad nutum aprezentacão do Reytor de Santa Maria de Albarenga. Tem de renda que paga o rendeiro ao vigario dez mil reis tres libras de cera, dous alqueires de trigo, e trinta alqueires de pão meado, e vinte e dous almudes de vinho. As obradas que pagão os freiguezes fazem sincoenta medidas, e hum campinho que he da residencia colheu o São Miguel passado quinze alqueires de pão, e de vinho quinze almudes. O qual pão todo vendido ao preço de doze vinteis fás a soma de vinte e coatro mil reis, ajuntando o dinheiro que paga o rendeiro cera, e trigo são quarenta mil reis o certo, os incertos são muito lemitados porque a freiguezia he pequena, e muita pubreza, e finalmente della não pode viver hum parocho comforme pede a sua decência.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 10, fl. 1876.

139 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 10, fl. 1876.

140 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 355. Cf. "*Está esta freguezia cituada em hum valle entre sinco montes de pouca entidade a saber o monte de Laboreyros, o monte de Pensucos, o monte do Urjal, o monte de Sam Domingos, o monte da Costa.*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 11, fl. 2169.

141 - CARDOSO, P. Luis - o. c., p. 641; COSTA, Américo - o. c., p. 496.

142 - COSTA, P. António Carvalho - o. c., p. 338. Cf. *Lousada Terra Prendada*, p. 89; SILVA, José Carlos Ribeiro da - o. c., p. 121; OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 53; COSTA, Américo. - o. c., p. 496.

A imagem de Santo André, padroeiro desta freguesia, estava colocada no altar da capela-mor da igreja paroquial, do lado do evangelho; o altar que se situava à esquerda era da irmandade das Almas, ali representadas pictoricamente; a sua festa era no mesmo dia da romaria de St.º André, promovida pelos seus titulares.[145]

Envolviam esta freguesia cinco montes, de pouca importância: Laboreiros, Pensucos, Urjal, S. Domingos e da Costa.[146]

## 2. 7. Freguesia de Santa Marinha de Lodares.

Estava encaixada nos limites da Ribeira do Sousa, a sul do lugar do Torrão, banhada à direita pelo rio Sousa e à esquerda pelo rio Mesio; desta freguesia avistava-se a Vila de Arrifana de Sousa, à distância de meia légua. Santa Marinha de Lodares, tinha dezoito lugares: Lodares, Soalheira, Perpe, Juía, Sousa, Souto, Ribeiro, Melote, Pousada, Bacelo, Prazeres, Quintans, Vilar, Roupar, Sequeiros, Pontinhas, Boussó e Lama, e somava cento e dez fogos e trezentos e noventa e sete habitantes.[147]

Em 1706 a freguesia de Santa Marinha de Lodares era abadia dos Mosteiros de Paço de Sousa e de Cete, rendia duzentos e cinquenta mil réis,[148] e tinham direito a apresentar o pároco, de forma alternada, o Papa, o Bispo do Porto e os Religiosos do Convento de Cete.[149] Este beneficio[150] totalizava em 1758 um rendimento de quinhentos mil réis.[151] Seiscentos mil réis, era quanto rendia em 1788,[152] e em 1801, 700$000.[153] Mas em 1874, Lodares baixava o seu rendimento para quinhentos mil réis.[154]

---

143 - CARDOSO, P. Luís - o. c., p. 642. Cf. I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 11, fl. 2169; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 683; Dicionário *Enciclopédico das Freguesias.* - o. c., p. 251.

144 - D' ALMEIDA, António - o. c., p. 108. Cf. LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 534; COSTA, Agostinho Rebelo da - *Descrição e Topográfica e Histórica da Cidade do Porto,* o. c., p. 128.

145 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 11, fl. 2169.

146 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 11, fl. 2170.

147 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 20, fl. 1009.

O pároco desta freguesia, em 1758, estava suspenso, sendo o padre encomendado,[155] o cura Manuel Nunes da Rocha. E tinha três beneficiados simples: um era o Prior de Cedofeita, com um rendimento de sessenta mil réis; o segundo era o padre Cristóvão da Silva Leão, assistente em Lodares, que usufruía de um rendimento de quarenta mil réis; e o terceiro, o Padre Anselmo com vinte mil réis.[156]

Na igreja paroquial de Lodares, o ex-libris era o altar das Almas com a sua irmandade; e à capela de Santa Isabel iam alguns " *clamores de preciçoez*" no seu dia e em dia de Santo António.[157]

2. 8. Freguesia de S. Miguel de Lousada.

A sétima freguesia do concelho de Lousada, em 1758, espraiava-se da margem direita do rio Sousa[158] à estrada que vinha de Celorico de Basto em direcção a Arrifana de Sousa e daí para a cidade do Porto,[159] e compreendia trinta lugares: Igreja, Monte, Sub-Devezas, Magantinha, Outeiro, Quinta da Porta, Quintans, Estrada, Fonte, Lage, Piagem, Feira, Soutinho, Costa, Bouça, Ferreiro, Moinhos, Cachada, Souto, Vila, Sub-Ribas, Cubo, Nogueira, Carvoal, Bouça, Cobrada, Portela, Coelho, Lameira, Falcão. Comportava oitenta e quatro fogos duzentos e cinquenta e oito habitantes.[160]

---

148 - CARDOSO, P. Luís - o. c., p. 642. Cf. SILVA, José Carlos Ribeiro da-o. c., p. 140; D' ALMEIDA, António - o. c., p. 112.

149 - D' ALMEIDA, António - o. c., p. 112. Cf. SILVA, José Carlos Ribeiro da - o. c., p. 140.

150 - Ver nota 114.

151 - *"O parocho desta freguezia he abade e de prezente esta suspenso e tem emcomendado e aprezentação da igreja he dos padroeiros nomeados no segundo dos enterrogatórios poderá render pouco mais ou menos este benefício quinhentos mil reis."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 20, fl. 1009.

152 - COSTA, Agostinho Rebelo da - o. c., p. 128.

153 - D' ALMEIDA, António - o. c., p. 112.

154 - Ver nota 152.

155 - "*Diz-se do padre que rege interinamente uma paróquia (em oposição a colado*)." COSTA, J. Almeida, MELO, A. Sampaio - o. c., p. 527.

156 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 20, fl. 1009.

157 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 20, fl. 1010.

S. Miguel de Lousada era vigararia anexa à abadia de Aveleda e da apresentação *ad nutun* do abade; tinha de rendimento oitenta e quatro mil réis.[161] Nela coexistiam as confrarias do Subsino, do Menino Jesus e de Nossa Senhora do Rosário.

A festa em honra do padroeiro desta freguesia, S. Miguel, celebrava-se a oito de Maio, e à capela de Santa Luzia acorriam algumas pessoas, em romaria, no seu dia, a treze de Dezembro.[162]

Estava rodeada pelos montes de Santo Eusébio, Santa Catarina ou Calvelo e monte Crasto.[163]

2. 9. Freguesia de Santa Margarida.

Estava situada num vale, no sopé do monte de Santa Catarina e desta freguesia avista-se a Vila de Arrifana de Sousa que distava légua e meia, a Sul.[164] Possuía vinte e um lugares: Assento, Porto, Moinho do Porto, Ribas, Rabada, Cortes da Covilhão, Lavandeira de Baixo, Lavandeira de Cima, Vilares de Baixo, Vilares de Cima, S. João de Baixo, S. João de Cima, Cancela, Curros, Calvelo, Vila, Outeiro, Taipas, Devesa, Costa, Lousada; e contava com cinquenta e nove fogos e cento e noventa habitantes.[165]

---

158 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1319. Cf. VIEIRA, Leonel - *Os Cruzeiros de Lousada*. Seminário de Licenciatura. Universidade Portucalense. (Policopiado). Porto: 2004, p. 66; SILVA, José Carlos Ribeiro da - o. c., p. 208.

159 - I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1319. Cf. COSTA, Américo - o. c., p. 812; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 686; COSTA, P. António Carvalho - o. c., p. 338.

160 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1321.

161 - "*O parocho desta igreja he vigario, e hoje collado, e he aprezentada, pellos abbades do Salvador da Avelleda por ser Matris; e comem os ditos abbades os dízimos e só o vigario tem de congrua des mil réis em dinheyro vinte e sinco alqueyres de milho, e senteyo, e vinte, e outo almudes de vinho, isto alem do pé de altar, que ao tudo terâ de rendimento o vigario, pouco mais, ou menos outenta, e coatro mil reys.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1322.

162 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1322.

163 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1322.

Em 1706, a freguesia de Santa Margarida era abadia do Visconde de Vila Nova de Cerveira, pela Casa de Mafra e rendia duzentos mil réis.[166] A Memória Paroquial de 21 de Maio de 1758 informa que o padre era apresentado pelo Conde de Vila Nova de Cerveira *in totum.*[167] Nesta data rendia, anualmente, trezentos e cinquenta mil réis.[168] E a quinze de Janeiro o povo da freguesia ia em romaria à capela de Santo Amaro, que ficava no monte do mesmo nome.

O monte de Santa Catarina rodeava parte desta freguesia.[169]

2. 10. Freguesia de S. João Evangelista de Nespereira.

A sudoeste do concelho de Lousada, entre Nevogilde, Casais, Boim e Lodares, ficava S. João de Nespereira, e compreendia os lugares de: Igreja, Chamusca, Cruzeiro, Senra, Cimo de Vila, Boavista, Carvalho, Vila Verde, Outeiro, Cabo Vila, Cárcere, Marlães, Ribeira, Corredoura de Cima, Aldeia, Além, Bola, Bairro, Passadiço, Bica, Pinheiro, Devesa, Vale e Lama.[170] Tinha uma área de 2, 62 $Km^2$ e totalizava cento e quatorze fogos e quatrocentos e cinquenta e seis habitantes.

---

164 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1313. Cf. *Lousada Terra Prendada*, p. 109; VIEIRA, Leonel - o. c., p. 63; SILVA, José Carlos Ribeiro da - o. c., p. 202; COSTA, Américo - o. c., p. 811.

165 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1313; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 685; LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 468; AVELINO, José-*Diccionario Abreviado de Chorografia, Topografia, e Archeologia das Cidades Villas e Aldêas de Portugal.* Typographia de V. de Moraes. Valença: 1886, vol. II, p. 255.

166 - COSTA, P. António Carvalho da - o. c., p. 338.

167 - "*No todo; totalmente*" in COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio - o. c., p. 1540.

168 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1314; Cf. COSTA, P. António Carvalho da - o. c. p., 338; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 685; COSTA, Américo - o. c., p. 811; LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 468.

169 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1315.

170 - *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, p. 253. Cf. *À Descoberta do Vale de Sousa*, p. 104.

Era abadia de apresentação alternativa dos Mosteiros de Vilela e de Bustelo, com reserva do ordinário;[171] o papa, o bispo do Porto, os monges beneditinos do Mosteiro de Bustelo (de Penafiel), os cónegos regrantes de Santo Agostinho e os Crúzios (da Serra do Pilar) apresentavam o abade alternadamente.

Num documento publicado no Jornal de Lousada sobre esta freguesia, precisamente sobre a polémica questão da apresentação do abade e dos seus rendimentos, escreveu-se o seguinte: - "*Item. é de apresentação de Bostelo, e de Vilela, mosteiro dos Cónegos Regrantes unido hoje ao da Serra do Porto. Item-a igreja de S. Joaõ de Nespereira taxada em 50 libras, é de apresentação do Mosteiro de Bostelo e Vilela*."[172] Neste documento está confirmado que o bispo do Porto " *em 25 de junho de 1466 usurpou ao mosteiro de Bostelo o direito de apresentar e o mosteiro de Vilela tentou avocar a si todo o padroado, dizendo na sua apresentação de 28 de maio, ocasionado pela vacatura actual, que lhe pertencia in soluidun,* (…). *A 20 de março de 1632 foi proferida a sentença pela qual reconheceu o Bispo D. Frei João Valadares o padroado da Igreja de Nespereira como pertencente aos dous mosteiros. Vagou a igreja e apresentou o Mosteiro de Bostelo no Padre Gaspar Teixeira em 1727*."[173]

O abade de Nespereira, em 1706, tinha a obrigação de dar um jantar e uma ceia, anualmente, ao Prior de Moreira, a um cónego, criados e alimentar as bestas; e rendia duzentos e trinta mil réis.[174]

A Memória Paroquial de Nespereira é muito sucinta, apenas informa que "O seu orago é S. Eulália. O pároco era vigário da apresentação do tesoureiro da Real Colegiada de Pomarasis. Tinha de côngrua 50 mil réis." [175]

---

171 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 42, fl. 110.

172 - MIRANDA, Abílio - *Nespereira*. **Jornal de Louzada.** Lousada. (22 de Outubro de 1938). p. 1.

173 - MIRANDA, Abílio - *Nespereira*. **Jornal de Louzada.** Lousada. (22 de Outubro de 1938). p. 1.

174 - COSTA, P. António Carvalho da - o c., p 338.

175 - Existem várias contradições, já que todos os corografistas, monografistas e estudiosos deste período afirmam que o orago desta freguesia era S. João Evangelista e que o pároco era apresentado alternativamente pelos Mosteiros de Bustelo, de Vilela, pelo Papa e pelo Bispo do Porto. BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 685. O mesmo autor, na sua obra: "*Chorografia Moderna do Reino de Portugal*" afirma que se tinha "*extraviado o relatorio*." da dita Memória Paroquial.

Em meados do século XVIII rendia quatrocentos réis,[176] mas no ano de 1778 tinha um rendimento de quatrocentos e quarenta mil réis,[177] e em 1801 rendia quinhentos mil réis por ano.[178]

Existia, na igreja desta freguesia, a Confraria do Santo Nome de Jesus, e os proprietários da Casa da Poupa " (…) *heraõ fureiros e herdade á Confraria do Santo Nome de Jesus da freguezia de Nespereira que lhe pagavaõ trezentos réis de foro* (…)"[179]

2. 11. Freguesia de S. Salvador de Novelas.

No extremo Sul do concelho de Lousada, na margem direita do rio Sousa, com a Vila de Arrifana de Sousa apenas a um quarto de légua, eis S. Salvador de Novelas.[180] Contava com nove fogos e duzentos e cinquenta e nove habitantes.[181]

Compreendia os seguintes lugares: Novelas, Ranha, Covas, Melote, Outeiro de Ovelhas, Carrazedo, Arcuzelo D'Aquem, Arcuzelo D'Além.

Em 1623 era curato e estava anexa ao mosteiro de Bustelo, isto é, era o Abade deste Mosteiro que apresentava o padre desta freguesia; contava com um rendimento anual de cento e cinquenta mil reis[182] e o pároco desta freguesia, João Dias Ribeiro, tinha de "*congroa oito mil réis que recebe da mam do rendeiro e o pé do altar poderá render oito mil réiz.*"[183] Em 1778 rendia esta freguesia 80$000 mil réis[184] e no ano de 1795 arrecadava quatrocentos mil réis de renda,[185] sendo que, em 1801, via o seu rendimento baixar para quarenta mil réis.[186]

---

176 - MIRANDA, Abílio - o. c., p. 1. Cf. *Jornadas Europeias do Património* - Edição da Câmara Municipal de Lousada. Lousada: 2003, p. 15; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 685; *Lousada Terra Prendada*, p. 104; LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 37; OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p.83; VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 361.

177 - COSTA, Agostinho Rebelo da - o. c., p 125.

178 - ALMEIDA, António d' - o. c., p. 98.

179 - A. I. L. - *Processo sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha de Lodares*, fl. 342v.

180 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 25, fl. 257.

181 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 25, fl. 257. Este número de habitantes deverá englobar a *parte* que correspondia ao Concelho de Lousada e a *parte* do concelho de Arrifana de Sousa, pois são habitantes a mais para tão poucos fogos.

182 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 25, fl. 257.

## 2. 12. Freguesia S. Lourenço de Pias

Situava-se a nascente do lugar do Torrão, na zona central deste concelho, junto à margem direita do rio Sousa[187] e anichava-se no vale de Sousa, que ia desde a Serra de Barrosas, a Norte, até à Vila de Arrifana de Sousa, que lhe ficava a Sul. Desta freguesia conseguia vislumbrar-se a Vila de Arrifana de Sousa, distante légua e meia.[188]

Em 1706, era abadia do Convento de S. Tirso, pelo que era do Abade deste Mosteiro que se esperava a apresentação do pároco. Rendia, anualmente, duzentos mil réis.[189] A Memória Paroquial de 1758 informava exactamente o mesmo.[190]

Já em 1788 o seu rendimento era de trezentos e sessenta mil réis.[191] E quinhentos mil réis, era quanto rendia a freguesia em 1801.[192]

No ano de 1758 contava com oitenta e dois fogos e trezentos e vinte e oito habitantes,[193] e tinha doze lugares: Cedovezas, Figueira, Pias, Sousa, Oitava, Casal, Vila Nova, Torre, Redolho, Varzea, Pereiró e Barrimau.

A Confraria do Santíssimo Sacramento foi instituída em 1732, na igreja de S. Lourenço de Pias. Esta é a data da constituição dos seus estatutos. Na sua introdução diz o seguinte: "*Porque na veneraçaõ do Santíssimo Sacramento se emprega especial affecto da nossa Santa Fé Catholica; e o culto de taõ mysterio, recomendado tanto pela Igreja, he o emprego dos mayores espíritos, fervorozo com a devoçaõ, o dos moradores desta freguezia de S. Lourenço, para que seja mais bem ordenado o seu zelo, e a devoçaõ se continue na posteridade sempre obsequioza; em sinal de gratificaçaõ aos favores de taõ alto Senhor, determinaraõ mostrar o seu ardente desejo nos capítulos destes prezentes estatutos: com os quais intentaõ erigir na dita igreja huma confraria ao mesmo Senhor Sacramentado, que se acha com authoridade ordinaria collocado no altar mayor della.*"[194]

---

183 - COSTA, Agostinho Rebelo da - o. c., p 125.

184 - SOEIRO, Teresa - o. c., p. 171. Este rendimento deveria corresponder à totalidade da freguesia de Novelas: parte do concelho de Arrifana de Sousa: parte do concelho de Lousada.

185 - D' ALMEIDA, António - o. c.,p. 116.

186 - D' ALMEIDA, António - o. c.,p. 116.

187 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 29, fl. 1229.

188 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 29, fl. 1229.

189 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 29, fl. 1229.

## 2. 13. Freguesia de S. Miguel de Silvares

No centro geográfico do concelho de Lousada, mais propriamente no vale denominado "*Ribeyra de Passos de Souza,*"[195] desta freguesia enxergava-se Arrifana de Sousa "*que aparece ao longe, no ultimo plano, destacando a sua casaria clara do fundo roxo-anil das montanhas que a emnolduram.*"[196]

A Norte, a serra do Calvelo cercava esta freguesia. Tinha esta serra, de comprido, de Nascente ao Poente, três quartos de légua; e de largo, de Norte a Sul, meia légua; principiava na freguesia de Santa Margarida de Lousada, terminando na freguesia de S. Pedro da Raimonda.[197] Na serra do Calvelos criavam-se lebres, perdizes, raposas e coelhos e nela se desenhavam sortes onde pastavam os gados.[198] Existia nesta freguesia: "*hum bosque solitario chamado Ponterrinhos* (…)."[199]

Era cabeça de concelho por nela estar situada a "*Caza do Auditorio no lugar do Turram aonde se faz audiencia duas vezes por semana, as quartas feiras e sabbados nam sendo dias feriados, e tambem se faz audiencia dos Vereadores e Almotaces aos sabbados somente nam sendo dias feriados.*"[200]

Em 1758 tinha cento e cinquenta fogos e quatrocentos e oitenta habitantes[201] e compreendia os seguintes lugares: Pereira, Carvalho, Pinheiro, Torrão, Picoto, Vila Meã, Covas, Segunheira, Passo, Esplendem, Igreja, Outeiro, Lagares, Covo de Mós, Reguengo de Baixo, Reguengo de Cima, Sabugueiro, Santo Adrião, Fonte, Além do Rio.

---

190 - *"O Paroquo desta igreja he Abbade: a aprezentação desta vigaria nos seus meses pertence ao Abbade Beneditino do Mosteiro de Santo Tyrso de Riba d'Ave: a renda é duzentos mil reis."* I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 29, fl. 1229.

191 - COSTA, Agostinho Rebelo da - o. c., p 125.

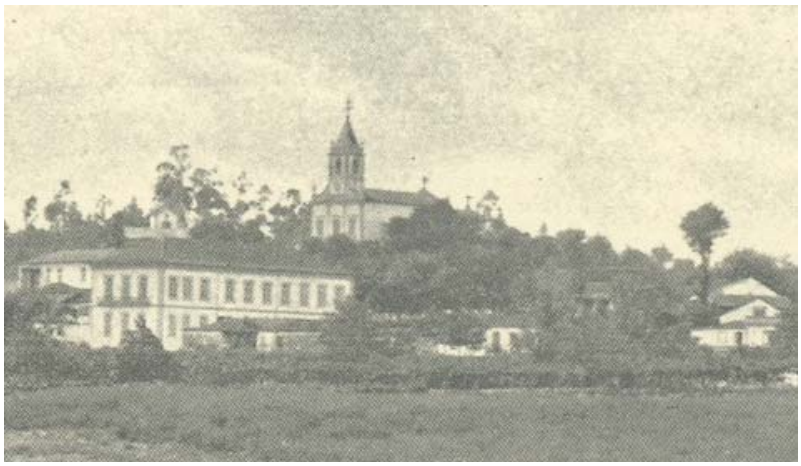
192 - D' ALMEIDA, Antonio - o. c., p. 110.

193 - COSTA, Agostinho Rebelo da - o. c., p. 128.

194 - A. C. P. - *Estatutos Da Confraria do Santissimo Sacramento na Igreja de S. Lourenço de Pias Comarca de Penafiel deste Bispado*-MDCCXXXII, fl. 1.

195 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229. Cf. *À Descoberta do Vale de Sousa*, p. 111; Dicionário *Enciclopédico das Freguesias*, p. 255; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 692.

196 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 358.



Gravura n.º 6.

Vila de Lousada - Lousada Antiga.

Fonte: *Colecção de 36 Postais Ilustrados Antigos*.

Lousada: Edição da C. M.L., 1995, n.º 2.

Vigararia de apresentação da Sé de Braga. Passou depois a Reitoria. Em 1706 rendia para o cónego duzentos e cinquentos mil réis e para o pároco cinquenta mil réis.[202] Este era, em 1758, vigário *ad nutum*, e quem o indicava era o Reverendo José Pedro de Matos, cónego Prebendado na Santa Sé Primaz de Braga, por ser esta igreja anexa ao seu canonicato *in perpetuum*. Rendia então quatrocentos e cinquenta mil réis, sendo um terço para a Sé Patriarcal de Lisboa.[203]

---

197 - "*Circumvezinha esta freguezia pella parte do Norte com a serra chamada do Calvelo. Tem a dita serra de comprido do Nascente ao Poente tres quartos de légoa, e de largo do Norte ao Sul meya legoa, e principia na freguezia de Santa Margarida de Louzada e vay finalizar na freguezia de Sam Pedro da Raymonda. Tem mais esta freguezia para a parte do Nascente hum tenue monte que esta dividido, e demarcado por sortes, que Tem mais para a parte do Poente huma tenue serra chamada das Panellas que tem menos de hum quarto de legoa, que principia posto ao monte chamado Vergal da freguezia de Santo Andre de Cristellos, e vay finalizar aos prados chamados a agra de Mós.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1335.

198 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1335.

199 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1335.

200 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

No terceiro domingo de Julho realizavam-se as festas ao Santíssimo Sacramento organizadas pelos fregueses desta freguesia. A festa de S. Miguel Arcanjo, o padroeiro, da reponsabilidade da irmandade, tinha lugar a vinte e nove de Setembro.[204] A dez de Outubro fazia-se a romaria em honra de S. Francisco Bórgia, cuja imagem foi mandada executar a expensas da "*Camera deste concelho e lhe manda a dita Camera celebrar a sua festa annualmente por ser esta freguezia cabeça de concelho e se lhe faz a sua festa de missa cantada e sermam em dez de Outubro dia em que a Santa Madre Igreja manda rezar do mesmo santo, e se faz procissam com o mêsmo santo a qual assiste toda a justiça deste concelho, e tambem huma pessoa de cada caza deste concelho na mesma festa e procissam, que vay da mesma Camera deste concelho.*"[205]

A dois de Novembro era a vez da festa do Patrocínio de Nossa Senhora na Igreja de Silvares, mandada celebrar pela Câmara com "*procissam solemne, a qual assiste toda a justiça deste concelho, e moradores delle.*"[206] A confraria de Nossa Senhora do Rosário[207] e as irmandades das Almas e de S. Miguel[208] enriqueciam também o ambiente espiritual desta freguesia.

---

201 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

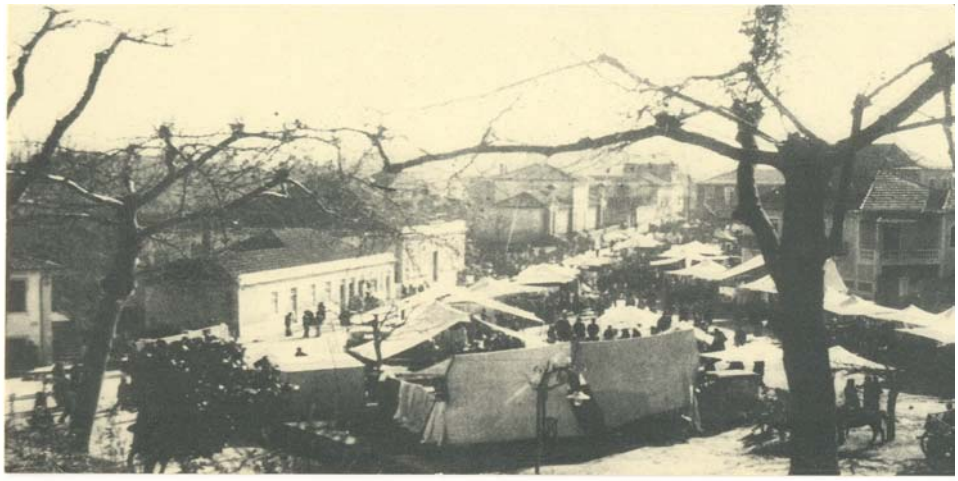
202 - COSTA, P. António Carvalho da - o. c., p. 338. Cf. *Lousada Terra Prendada*, p. 119; BAPTISTA, João Maria - o. c., p. 692; LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - o. c., p. 547; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, p. 891.

203 - "*O Parocho desta igreja he vigario ad nutum, e he aprezentacam do Reverendo Joze Pedro de Mattos Conego Prebendado na Santa Sé Primas de Braga, por ser esta Igreja anexa ao seu Canonicato in perpetuum. Tem o Reverendo Parocho de congrua des mil reis em dinheyro, quinhentos reis em dinheyro para lavage de roupa, tres livras de sera franca, dous alqueyres de trigo, dous almudes de vinho para as missas, quarenta alqueyres de gram meado de milho alvo e centeyo. Tem hum tenue paçal em que nelle tem suas hortas, e predio que tem suas arvores de vinho, que lhe podera render annualmente quinze mil reis e lhe poderam render as beneces da freguezia annualmente sesenta mil reis mas incertos, em que a congra do paçal, e incertos podera render para o Reverendo Parocho annualmente cem mil reis. Rende o paçal do Reverendo Cónego e dezimaria da freguezia annualmente quatro centos, e sincoenta mil reis, mas da dita renda, e dezimaria he a terça parte para a Santa Bazilica Patriarchal da Cidade de Lisboa.*" I. A. N. /T.T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

204 - " (…) *se celebra a sua festa annualmente em vinte e nove de Setembro com serman, e missa cantada.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

205 - I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

No lugar do " (…) *Turram duas vezes cada mês* (…)," a 9 e a 25, havia feira que durava apenas um dia.[209]



Gravura n.º 7

A Feira no Torrão (Lugar do Torrão) - Lousada Antiga

Fonte: *Colecção de 36 Postais Ilustrados Antigos*. Lousada: Edição da C. M.L., 1995, n.º 10.

---

206 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

207 - "*Esta collocada no altar collateral da parte dyreita a imagem de Nossa Senhora do Rozario que he confraria que sustentam os moradores desta freguezia e celebram a sua festa annualmente na segunda Oitava do Espirito Santo.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

208 - " (…) he *da confraria das bemditas almas que he huma irmandade leygal, que há nesta freguezia. Com estatutos eclesiasticos, que he padroeyro desta Irmandade Sam Miguel Arcanjo e se celebra a sua festa annualmente em vinte e nove de Setembro com serman, e missa cantada e há confessores na vespera, e no dia para se confessarem os irmaons da dita irmandade.*" I. A. N. /T. T.- *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1232.

209 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1334.

# 3. A Estrutura Arquitectónica de Lousada, segundo as Memórias Paroquiais de 1758.

## 3. 1. Os efeitos do terramoto de 1755 em Lousada.

Na sequência do terramoto de Lisboa de 1755, entendeu a então administração do Reino apurar do estado da Nação. Para o efeito foi preparado um inquérito, composto por vários e distintos itens, que viria a ser distribuído de Norte a Sul do País, e ao qual deveriam responder todos os Párocos. Assim se alcançaria um retrato actualizado do Património Humano, Natural e Construído - pós a citada e trágica efeméride.

No que a Lousada diz respeito, este é o registo deixado pelos doze abades ao item 26: "*se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755, e em que, e se está reparando?*" [210]

- Freguesias que sofreram ruína - Santo André de Cristelos.[211]

- Freguesias que sentiram o terramoto, mas não sofreram qualquer ruína "*fruto da graça divina*" - S. Salvador de Aveleda, [212] St.ª Maria de Alvarenga,[213] St.º Tiago de Cernadelo, [214] S. Salvador de Novelas.

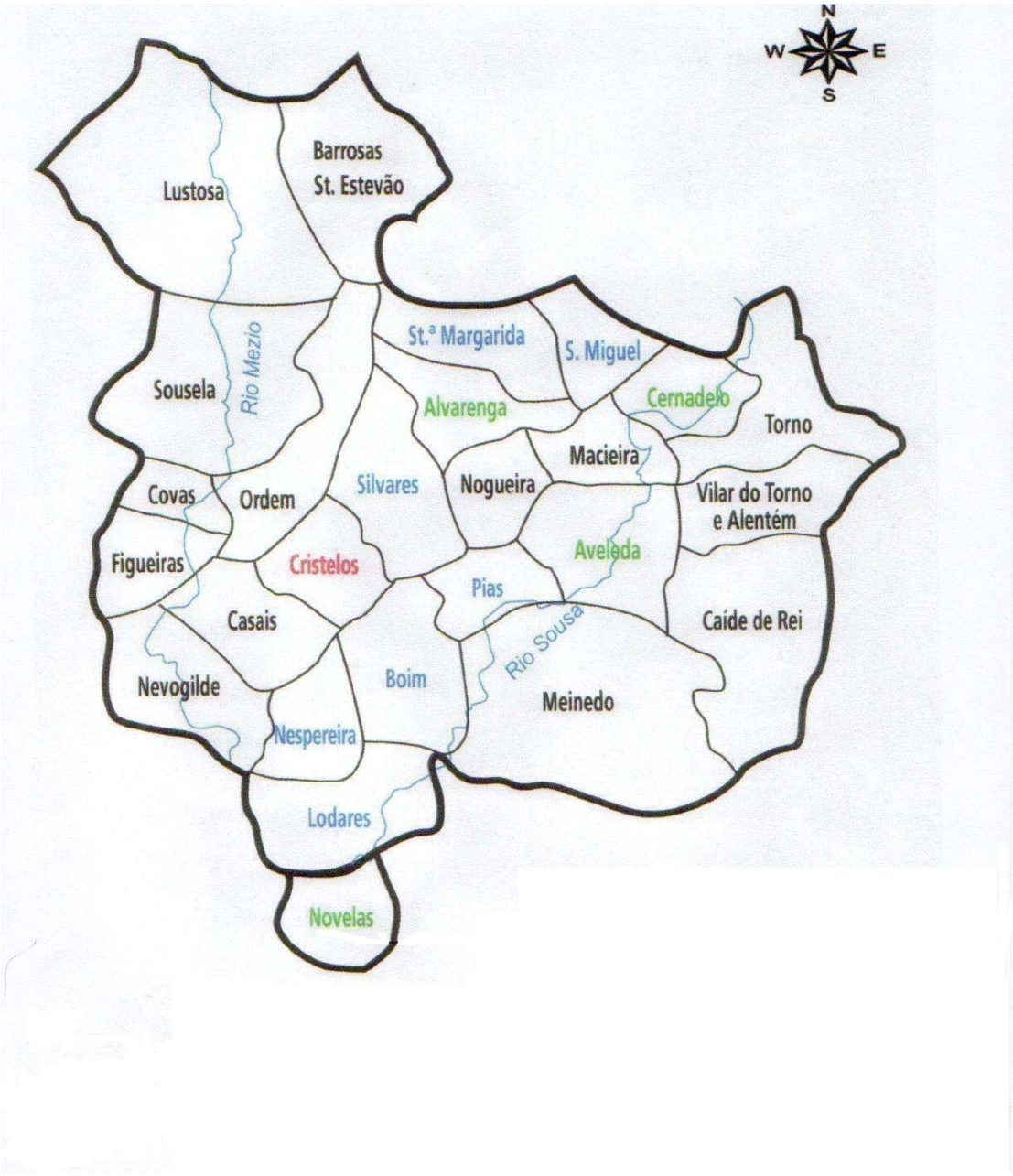
- Freguesias das quais não existem indicações algumas sobre a existência ou não de ruína - S. Vicente de Boim, Stª Marinha de Lodares, Stª Margarida de Lousada, S. Miguel de Lousada, S. João Evangelista de Nespereira, S. Lourenço de Pias, S. Miguel de Silvares.

---

210 - Transcrito por ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da; LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha- *Memórias Paroquiais de Castelo de Paiva e outros documentos.* Castelo de Paiva: Edição da Câmara de Castelo de Paiva, 1988, p. 27; Cf. LOPES. Eduardo Teixeira - *Meinedo. Subsídios para uma possível história desta freguesia. Lousada:* Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2001, p. 87.

211 - "*Nam ouve nesta freguezia ruina de consideracam com o terramoto da terra, tam somente cahiram as bollas de pedra das piramidas do campanayro dos sinos, que pezavam tres arrobas cada huma, e ainda se lhe nam puzeram.*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 11, fl. 2169.

212 - " (…) *não padeceo com o favor de Deos ruina algua esta freguezia no terramoto que houve em dia de Todos os Santos de 1755.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 847.




Freguesias que sofreram ruína no terramoto de 1755.

Freguesias que sentiram o terramoto de 1755, mas não sofreram qualquer ruína.

Não há qualquer tipo de menção em relação ao terramoto de 1755.

3. 2. Freguesia de Santa Maria de Alvarenga.

A freguesia de Alvarenga, em 1758, continha quarenta e dois fogos;[215] em termos de paisagem edificada, de interesse colectivo, reduzia-se à igreja paroquial e a duas capelas.

A igreja ficava no sopé de um monte, entre o lugar de Cabo Vila e o lugar de Além, e tinha *"o sino encasado em um humilde campanario…."*[216] Era uma igreja do "*século XVII ou princípios do século XVIII.*"[217] Nela existiam três altares.[218] O altar-mor onde estavam colocadas as imagens da padroeira Santa Maria e do Mártir S. Sebastião, o altar colateral direito com Nossa Senhora do Rosário e o da esquerda a receber o Menino Deus.[219]

Quanto às capelas - S. Lourenço e S. Roque; a primeira era pública e ficava no lugar de Baixo "*fora do lugar, entre huma deveza de carvalhos e castanheiros,* (…)*;*"[220] a segunda, de S. Roque, situava-se no lugar do Bairro, era particular, e chegou a estar edificada ao "*pe do cruzeiro desta igreja, em bom lugar, e proporcionando o seu culto e veneração e hera comum para veneração do povo.*"[221] Em meados do séc. XVIII era pertença de Manuel Henrique Peixoto, que residia na freguesia de Santa Margarida, sendo a capela da casa do Bairro, nela não havendo qualquer tipo de culto porque estava sempre "*fichada, e muito dyslaxada.*"[222]

| **Quadro N.º 8 - Freguesia de Alvarenga: Património Edificado** | | | | |
|---|---|---|---|---|
| População/ Habitantes | Fogos | Igrejas/Residência | Capelas | |
| | | | Públicas | Privadas |
| 142 | 42 | Igreja de Santa Maria de Alvarenga | S. Lourenço | S. Roque |

213 - "*Não padeceo ruína alguma nos terramotos mais do que o formidavel tremor que avanava Igrejas, casas e toda a terra; que parecia que se aruinava tudo, mas a divina providencia e Maria Santíssima a quem recorremos he depreca suspendeo toda aruina.*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 297.

214 -" *Nam me consta que padecesse ruina no terramoto de 1755 nem em outro algum.* " I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 10, fl. 1875.

215 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 297.

216 - VIEIRA, José Augusto - o. c. p., 358.

3. 3. Freguesia de S. Salvador de Aveleda.

Com cento e vinte e quatro fogos,[223] Aveleda dispunha de um património edificado variado.

A sua igreja paroquial, em meados do século XVIII, sofreu larga reforma, sendo dessa data a capela-mor e a torre.[224] Era de "*huma nave que he o corpo da mesma*."[225] E perto dela ficavam as casas da residência, do caseiro e o celeiro aonde se guardava a lenha.[226] Nesta igreja havia três altares.[227] O altar da capela-mor, com o Santíssimo Sacramento, no sacrário; na tribuna deste altar, ao centro, colocado o padroeiro, S. Salvador; à direita a imagem de S. Brás e à esquerda a imagem de Santo António.[228] A alumiar o Santíssimo, em dias de exposição pública, marcavam presença quatro serafins com castiçais nas mãos.[229]

De referir ainda no altar colateral direito, as imagens do Santíssimo Nome de Jesus, de Santo Amador e de S. Sebastião.[230]

---

217 - Revista *de Lousada*. Suplemento do **Jornal TVS**. Lousada. (24 de Janeiro de 1991), p. 21.

218 - "*Tem esta igreja tres altares, o mayor em que esta colocada a imagem purissima padroeyra Santa Maria e nesta o martir Sam Sebastiao.*"I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 298.

219 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 298.

220 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 298.

221 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 298.

222 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 3, fl. 298.

223 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 847.

224 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 847.

225 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 847.

226 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 847.

227 -" (…) *tem a igreja tres altares, a saber: o da capella mor, e dous colaterais pegados cada hum de sua parte. Tem o Altar Mor O Santíssimo Sacramento em sacrario, e sua tribuna lavrada para a exposição dele. Está colocada na mesma tribuna o Snr. Salvador orago, e da parte direyta do mesmo altar está colocada a Imagem de Sam Bras, e da parte esquerda a Imagem de Santo Antonio, e na dita tribuna estao coatro serafins com castiçais nas maos para alumiar ao Santíssimo quando está exposto. Está colocada no altar colateral da parte direyta a imagem do Santíssimo Nome de Jesus, a imagem de Sam Sebastiao e a imagem de Santo Amador."* I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 848.

Aveleda tinha quatro capelas.[231] Três eram públicas e uma particular. A capela de Nossa Senhora do Rosário localizava-se mesmo junto à igreja, no lugar do Mourinho, a Norte. A segunda capela, de S. Bartolomeu, estava situada no lugar de Vilela, a menos de meio quarto de légua de distância, e foi arquitectada à custa dos frutos da igreja.[232]A capela de S. Ovídio, no lugar de Barrimau, a Nascente, distava da igreja pouco mais de metade de meio quarto de légua, nela presidindo S. Ovídio, ao lado da imagem de S. Lourenço.[233] A sua fábrica e administração pertenciam ao abade da freguesia.[234]

A única capela particular ficava no lugar de Vilela, tinha como invocação Nossa Senhora de Oliveira, e pertencia a Manuel Pinto de Magalhães, proprietário da Casa Grande de Vilela, "*possuidor da maior parte dos bens daquelle lugar*."[235]

---

228 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 848.

229 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 848.

230 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 848.

231 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 848.

232 -*"Tem esta freguesia coatro ermidas chamadas capellas a saber a capella de Nossa Senhora do Rozario onde há hua irmandade da mesma Senhora e tem juiz e oficiais que administrão e fabricão á custa da dita irmandade e esta capella he da freguesia e esta sojeyta aos religiozos de Sam Domingos de Mancellos, tem esta capella a imagem de Nossa Senhora do Rozario, a imagem de Nossa Senhora da Conceyção, a imagem de Santo Antonio e a imagem de Sam Roque e esta a dita capella situada no lugar Mourinho para a parte do Norte, distante da igreja dois tiros de espingarda. A segunda capella he a de Sam Bartolomeu que esta situada no lugar de Vilella, alem do Rio Souza para a parte do Sul em distancia (da Igreja) de meio coarto de legoa, pouco menos; foy a dita capella feyta a custa dos frutos desta igreja e pertence a fabrica e administração della ao Abbade. A terceyra capella está situada no mesmo lugar de Vilella e hé chamada de Nossa Senhora de Oliveyra e hé particular porque a mandou fazer à sua custa e com licença ordinaria Manoel Pinto de Magalhaes ó pé de sua caza e a esta se chama Caza Grande por ser o dito Manoel Pinto de Magalhaes possuidor da maior parte dos bens daquelle lugar de Vilella. A coarta capella hé achamada de Santo Ouvido que está situada no lugar de Barrimao para a parte do Nascente, e dista desta igreja pouco mais de a metade de meio coarto de legoa. Esta collocada na dita capella a imagem de Sam Lourenço; foy feyta a dita capella a custa dos frutos desta igreja, e pertence a fabrica e a administração della ao Abbade."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 848

233 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 5, fl. 851.

234 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 851.

Nas margens do rio Sousa encontrava-se um moinho que pertencia também ao dono da Casa Grande de Vilela.[236] Além deste existiam outros dois moinhos - um deles propriedade de Luís da Costa Guimarães, e o outro de António Rodrigues, ambos vizinhos de Aveleda. Perto destes moinhos, haveria outros e perto deles uma azenha ou lagar de azeite, pertença de Luís Pinto, da freguesia de Alentém.[237] No leito do rio Sousa a paisagem oferecia ainda: "*tres açudes que fazem reprezar as aguas para moverem os moinhos que há no mesmo rio,*"[238] e no lugar de Vilela uma ponte de cantaria, "*feyta com perfeyção e segurança,*"[239] composta por "*tres ilhais e tem de largura dez ou doze palmos.*"[240] Os moradores do lugar de Vilela usavam esta ponte para irem à igreja, mas também como passagem para Vila de Conde, para Amarante e para Vila Real.[241]

Em Barrimau, um local denominado de Poldras, fruía de um pequeno pontão de pedra, e o lugar de Darconha possuía um outro, mas de pau.[242]

---

235 - " (…) *he particular porque a mandou fazer à sua custa e com licença ordinaria Manoel Pinto de Magalhaes ó pé de sua caza e a esta se chama Caza grande por ser o dito Manoel Pinto de Magalhaes possuidor da maior parte dos bens daquelle lugar de Vilella."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 851.

236 - "*Tem huma caza de moinhos* (…) *de seis rodas e huma destas he alveyra que moe trigo e estes moinhos são de Manoel Pinto de Magalhaes da Caza grande de Vilella e para estes moinhos vay huma grande levada de agua reprezada em huma dos açudes que há no mesmo rio."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 851.

237 - "*Tem mais duas cazas de moinhos cada hum tem duas rodas que estão no sitio de Barrimao, hum destes moinhos hé de Luiz da Costa Guimaraes e outro de António Rodrigues, ambos desta freguezia e para estes moinhos vay amesma levada de agua reprezada em açude, digo em segunda açude que tem este rio no circuito desta freguezia. A terceyra açude repreza a agua para outros moinhos que ficão perto daquelles, onde tãobem há hua azenha ou lagar de azeyte, e São de Luis Pinto da freguezia de Alentem."* I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 852.

238 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 852.

239 - " (…) *e foy feyta por ordem de Sua Majestade que Deos guarde,* (…) *e está situada entre Vilella, e esta freguezia, ao qual lugar de Vilella pertence a esta mesma freguezia e os moradores do dito lugar passao pela dita ponte para a igreja ouvir missa e assistir aos Oficios Divinos serve de passagem aos passageyros que vem de Villa de Conde, e daquellas partes para a Amarante, e para villa Real"*.I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 853.

240 - A largura da ponte de Vilela é de: 2,64 m, atendendo a que 12 palmos x 0,22 = 2, 64 m. E se considerarmos 10 palmos x 0, 22m = 2, 2 m. 1 palmo = 0, 22 m. COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio - *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5ª edição, Porto: Porto Editora, LDA, [s/d]. p. 1047. I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 853.

| Quadro N.º 9 - Freguesia de Aveleda: Património Edificado | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| População/Habitantes | Fogos | Igrejas/ Residência | Capelas | | Pontes e Pontões | Moinhos | Azenhas/Lagares de Azeite | Celeiro (Para recolhimento de lenha) |
| 475 | 124 | Igreja de S. Salvador de Aveleda<br><br>Residência Paroquial | Públicas | Particulares | Ponte de cantaria no lugar de Vilela. Pontões nos lugares de Poldras e Darconha | Vários. No lugar de Barrimau | No terceiro açude existia uma azenha ou lagar de azeite. | Um celeiro junto da Casa da Residência |
| | | | N. Sr.ª do Rosário<br>S. Bartolomeu<br>St.º Ovídio | N. Sr.ª da Oliveira | | | | |

3. 4. Freguesia de S.Vicente de Boim.

Por entre os setenta e três fogos de Boim,[243] a igreja, a casa da residência, a capela de S. Jorge e dois moinhos, enriqueciam a sua paisagem arquitectónica.

A igreja era de uma só nave e contava com quatro altares.[244] No altar-mor estava colocada a imagem do padroeiro da freguesia, o mártir S. Vicente;[245] no altar colateral direito achava-se posta a imagem do Santo Nome e a ladeá-la, as imagens de Stº António e do mártir S. Jorge.[246] No altar colateral esquerdo exibia-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário.[247] O quarto altar situava-se num acrescento na parte Norte desta igreja, numa capela "*novamente erecta e encorporada na mesma igreja com arco que se fez na parede da mesma pela devoção e zello dos freguezes em cuja capella e altar está collocado o Santissimo Sacramento, e por cima huma veneravel imagem do Senhor Crucificado com a invocação do Senhor dos Dezamparados,* (…)."[248]

---

241 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 854.

242 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 854.

243 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 7, fl. 955.

244 - O Padre Luís Cardoso, na sua obra: "*Diccionario Geográfico ou Noticia Histórica*", refere-se só aos três primeiros altares. O quarto altar ainda não existia. I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 7, fl. 955.

245 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 7, fl. 955.

246 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 7, fl. 955.

Alcandorada no alto de um monte, perto da igreja, apresentava-se a capela do mártir S. Jorge, que era da "*freguezia ou dos moradores della, que estão obrigados à fabrica, reparo e ornato della, a qual he vigiada pelo ordinario, e seus visitadores*."[249]

A freguesia tinha ainda um cruzeiro "*pequeno e simples* (…) *que se encontra mesmo à entrada do adro da igreja matriz. Construído em granito no ano de 1770.*"[250] A Norte, nas margens de um regato "*dous moinhos*" [251] moíam "*pao de segunda no tempo de inverno.*"[252]

| **Quadro N.º 10 - Freguesia de Boim: Património Edificado** | | | | |
|---|---|---|---|---|
| População/ Habitantes | Fogos | Igrejas/ Residência | Capelas | Moinhos |
| 238 | 73 | Igreja de S. Vicente de Boim Residência Paroquial | Públicas<br>S. Jorge | 2 |

3. 5. Freguesia de S. Tiago Cernadelo.

A quarta freguesia do concelho de Lousada, S. Tiago de Cernadelo, compreendia oitenta e oito fogos, no ano de 1758,[253] e a sua igreja matriz era uma construção de gosto românico, pequena e singela, como seriam todos os pequenos templos rurais da época. Foi sofrendo alterações ao longo do tempo, mas não perdeu de todo a sua matriz arquitectónica inicial.[254] Contava com o altar-mor onde estava a imagem de S. Tiago,[255] e tinha ainda mais dois altares: um à direita, de Nossa Senhora, outro à esquerda, do Menino Deus.[256] A casa da residência ficava-lhe ao lado.

---

247 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 7, fl. 956.

248 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 7, fl. 956.

249 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 7, fl. 956.

250 - VIEIRA, Leonel - o. c., p. 38.

251 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 7, fl. 958.

252 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 7, fl. 958.

253 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 10, fl. 1875.

254 - *À Descoberta do Vale de Sousa. Rotas do Património Edificado e Cultural…*, p. 96. Cf. *Jornadas Europeias do Património*, p. 7.

255 - "*O Mor he de S. Thiago.*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 10, fl. 1876.

Em meados do século XVIII, a capela de S. Sebastião era a única de Cernadelo. Situada no lugar da Carreira, na estrada que vai do Porto para Chaves, pertencia "*ornalla a camera do concelho, do que necessita muyto, por dizerem a mandara fazer El Rei Dom Sebastião.*"[257] Outrora, existiu, a capela de Santo Eusébio no monte do mesmo nome.[258]

S. Tiago de Cernadelo era uma freguesia com alguns moinhos nas margens do rio Sousa. E tinha "*huma ponte que passao carros por ella, porem nao he de cantaria mas sim sao humas pedras compridas postas toscamente.*" [259]

| **Quadro N.º 11 - Freguesia de Cernadelo: Património Edificado** | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| População /Habitantes | Fogos | Igrejas/Residência | Capelas | Pontes/ Pontões | Moinhos |
| 237 | 88 | S. Tiago de Cernadelo<br>Residência Paroquial | Públicas:<br>S. Sebastião (em ruínas)<br>. | Ponte de pedras toscas | Diz que tem moinhos, mas não especifica o número |

3. 6. Freguesia de Santo André de Cristelos.

A freguesia de Cristelos tinha oitenta e nove fogos e "*moradias vezinhas com separacao, que dividem os predios de cada morador.*"[260] A igreja, com residência anexa, estavam a Norte, distantes do centro da freguesia.

No que à Igreja diz respeito, era em boa silharia, com volumetria harmoniosa e um elegante portal a condizer com um curioso pináculo, equilibrado com uma pequena sineira de cada lado e uma cruz no ponto mais central e elevado da cimalha da fachada;[261] a torre, essa, porém, tinha, aos olhos de alguns a forma de "*cupula chinesa, atarracada e baixa.*"[262]

256 - " (…) *os dous de bayxo são hum de Nossa Senhora, e outro do Menino Deus, não tem naves, nem irmandades, he pequena.*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 10, fl. 1876.

257 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 10, fl. 1876.

258 - " (…) *porque antigamente dizerem estivera huma cappella de Santo Euzebio no alto do dito monte*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 10, fl. 1877.

259 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 10, fl. 1880.

260 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 11, fl. 2169.

261 - *Jornadas Europeias de Património*, p. 9.

Em 1751 dispunha de cinco altares, *"o mayor com o Sacrário, o do Menino Deos, o de Santo Antonio, o das Almas, e o de Christo Crucificado,"*[263] e em 1758 contava com o mesmo número de altares.

No altar da capela-mor estavam várias imagens: Santo André, o Padroeiro desta freguesia, a imagem do Santo Cristo, Ecce Homo, preso a uma coluna, a imagem do Senhor Ressuscitado, a imagem do Senhor dos Passos com a Cruz às costas, a imagem de Nossa Senhora do Pilar, a imagem de Nossa Senhora da Lapa, a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus e Santa Ana; e ainda o Santíssimo Sacramento no sacrário do Viático. A igreja possuía ainda quatro altares colaterais:

- O altar colateral da direita tinha quatro imagens: Santo António, S. Sebastião, S. Roque e o Menino Jesus; no altar colateral, à esquerda, achava-se a imagem do Menino Jesus; a imagem do Senhor Crucificado encontrava-se no altar lateral - que se situava à direita, junto à porta travessa; o altar lateral da esquerda era da irmandade das Almas e tinha as Almas pintadas.[264]

No ano de 1751, Cristelos exibia *"duas Ermidas, huma de N. S. do Loreto no monte do Laboreiro, outra de N. S. da Conceição no meyo da freguezia."*[265] Em 1758, já contava com três capelas, duas públicas e uma privada:

- a de Nossa Senhora do Loreto: *"com a imagem da mesma Senhora cita no monte chamado Laboreyros de que he administrador o Reverendo Abbade desta freguezia;"*[266]

- a de Nossa Senhora da Conceição: *"cita na Aldea de Bayxo e he de toda a freguezia, em que se acha huma confraria da mesma Senhora, que a sustenta e repara;"*[267]

- a de S. José: *"cita na quinta da Ribeyra* (…) *de Sam Joze de quem he administrador a caza da mesma quinta da Ribeyra. Tem as imagens seguintes a saber Sam Joze padroeyro, de Senhora do Bom Sussesso, Sam Bento, Sam Bernardo, Santa Umbelina, ou Humelina."*[268]

---

262 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 355.

263 - CARDOSO, P. Luís - o. c., p. 641.

264 - CARDOSO, P. Luís - o. c., p. 642.

265 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 11, fl. 2170.

266 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 11, fl. 2171.

267 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 11, fl. 2171.

268 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 11, fl. 2171.

No adro da igreja, logo à entrada, erguia-se um *"cruzeiro, em granito, data de 1660."*[269] E existia um moinho que só moía *"no tempo do inverno quando ha muitas agoas."*[270]

| **Quadro N.º 12 - Freguesia de Cristelos: Património Edificado** | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| População/ Habitantes | Fogos | Igrejas/Residência | Capelas | | Moinhos | Cruzeiro |
| 318 | 89 | Igreja de St.º André de Cristelos<br>Residência paroquial | Públicas | Particulares | Um moinho no regato do Fontão | Um, no adro da Igreja |
| | | | Nossa Senhora do Loreto<br>Nossa Senhora da Conceição | S. José | | |

3. 7. Freguesia de Santa Marinha de Lodares.

A freguesia de Santa Marinha de Lodares perfazia cento e dez fogos,[271] quando o padre Manuel Nunes da Rocha, cura encomendado, respondeu aos interrogatórios de 1758. No centro desta freguesia situava-se a igreja,[272] que tinha quatro altares. No altar-mor estava o sacrário com o Santíssimo Sacramento e as imagens de Santa Marinha, S. Lázaro e S. Caetano; no altar de Nossa Senhora das Neves encontravam-se as imagens de Santa Ana e Santa Luísa; no altar do Menino Jesus podiam ver-se as imagens de Santo António e de S. Sebastião; no altar das Almas, com a sua irmandade, a imagem de Cristo Crucificado.[273]

A capela de Santa Isabel estava *"asituada logo ao mesmo lugar de Lodares e pertence a mesma freguezia. A esta irmida acodem algumns clamores de preciçoez em o dia da mesma Santa e em dia de Santo Antonio."*[274]

---

269 - VIEIRA, Leonel - o. c. p., 53.

270 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 11, fl. 2171.

271 - I. A. N. / T. T. - Dicionário *Geográfico*, 1758. vol. 20, fl. 1009.

Nos rios Sousa e Mesio encontravam-se açudes e levadas em vários locais; e no lugar de Sousa havia um pontão em pedra, assim como em Sequeiros, sobre o rio Mesio, um passadiço em pedra. E existiam dois moinhos, um em Sequeiros e outro no lugar de Sousa: *"o muinho do Sacubo. O qual muinho fica na freguezia de Santa Marinha;"* enquanto no lugar da Lama laborava um lagar de azeite, que funcionava com a ajuda da força animal.[275]

| **Quadro N.º 13 - Freguesia de Lodares: Património Edificado** | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| População/Habitantes | Fogos | Igrejas// Residência | Capelas | Pontes e Pontões | Moinhos | Lagar de Azeite |
| 397 | 110 | Igreja de Santa Marinha de Lodares | Pública<br>Santa Isabel | Um no lugar de Sousa. (Sobre o rio Sousa). Outro no lugar de Sequeiros (sobre o rio Mesio) | Um moinho, no lugar de Sousa. E outro no lugar de Sequeiros | Um, no lugar da Lama |

3. 8. Freguesia de S. Miguel de Lousada.

A sétima freguesia do concelho, S. Miguel de Lousada, somava oitenta e quatro fogos em meados do século XVIII[276] e a sua igreja " *era pequena, não tem naves, e só tem a arca junto á cappella mor,"*[277] mas é um exemplar notável do românico de transição na região.

---

272 - No " *meyo da freguezia ainda que ceparada dos lugares em pouca distáncia*." I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 20, fl.1009.

273 - I. A. N. / T. T. -*Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 20, fl.1009.

274 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 20, fl.1009.

275 - A. I. L. - *Processo Sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha.* [s/d], fl. 335. Cf. " [No rio Sousa] *no sítio desta freguezia tem hum passalisso de pedra no lugar que chamam Souza. E o rio Mezio em o lugar que chamam Siqueiros tem outro passalisso de pedra em modo de ponte. E no sobredito citio de Sousa tem o mesmo o rio Souza duas rodas de moinho e não tem pizoines nem noras, tem hum lagar de lzeite em hum sitio que chamam a lama que moy com gado. Este rio Souza pouco mais ou menos podera ter seis legoas do nacimento athe dezaguar no Douro e não me consta que passe por povoaçoes grandes só por campos, montes e aldeias parvuas.*" I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 20, fl.1011.

Cosnstruída durante o século XII, apresenta vários acrescentos posteriores, nomeadamente a fachada principal do século XVI e a capela-mór do século XVIII.[278] Altares, na igreja, eram três. No altar-mor estava S. Miguel; do lado do evangelho achava-se o altar de Nossa Senhora do Rosário, com a imagem do Menino Jesus; e do lado da epístola o altar do Menino Jesus.[279] Coexistiam, nesta igreja, três confrarias: Sub Sino, Menino Jesus e Nossa Senhora do Rosário.[280]

As capelas que se podiam achar em S. Miguel de Lousada, eram três, mas só a de S. José era pública. A primeira capela, com a invocação de Santa Luzia, ficava no lugar das Quintãs, e tinha como administrador o licenciado Manuel Inácio de Azurdo.[281] A segunda capela, cujo orago era S. José, situava-se no lugar da Portela, e tinha por administrador o padre José de Magalhães Machado.[282] A última capela, de Nossa Senhora do Rosário, ficava no lugar da Piagem, dela era administrador João de Afonso Ribeiro, e faziam-lhe a romaria a treze de Dezembro.[283]

Nas margens de um regato, nado na serra de Barrosas, existiam vários moinhos.[284]

**Quadro N.º 14 - Freguesia de S. Miguel (Lousada): Património Edificado**

| População/Hahitantes | Fogos | Igrejas/Residência | Capelas | | Moinhos |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | Públicas | Particulares | |
| 258 | 84 | Igreja de S. Miguel de Lousada | S. José | Santa Luzia, Nossa Senhora do Rosário | Os moinhos de Mariana da Silva, de S. Miguel e de João Sousa, de Sub - Ribas. |

276 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol, 21. fl. 1319.

277 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol, 21. fl. 1320.

278 - *Jornadas Europeias de Património*, p. 22.

279 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol, 21. fl. 1321 a 1322.

280 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol, 21. fl. 1320.

281 - "*Tem esta freguezia no lugar das Quintans a cappella de Santa Luzia, da coal he administrador o licenceado Manoel Ignacio de Azurdo,*" I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol, 21, fl. 1321.

282 - " (…) *e tem outra cappella no lugar da Portélla da coal hé administrador o Padre Jozé de Magalhaens Machado, com evocacam de Sam Jozé,"* I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol, 21, fl. 1321.

283 - " (…) *e tem a cappella de Nossa Senhora do Rozario, no lugar de Piagem, de que he Administrador Joam de Affonso Ribeyro."* - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol, 21, fl. 1321.

## 3. 9. Freguesia de Santa Margarida

A freguesia de Santa Margarida com os seus cinquenta e nove fogos[285] era uma das menos populosas do concelho e a sua igreja apresentava-se com uma construção cuidada, globalmente datável do século XVIII. Um templo simples, com uma torre a que parece terem faltado os meios para a tornar menos atarracada e mais proporcionada.[286] Em 1709 viam-se "*dois sinos cavalgados no campanario, della ha huma guarida de chamar os fregueses para dentro da igreja.*"[287]

A igreja de Santa Margarida, em 1758, tinha quatro altares: o altar-mor e três colaterais. Na capela-mor, a padroeira, Santa Margarida; no segundo altar achava-se a imagem do Senhor de Além; no terceiro, Nossa Senhora dos Remédios, e no último encontrava-se Nossa Senhora do Rosário.[288]

No dealbar do século XVIII havia duas capelas públicas e que não tinham fábrica. A capela de S. João, que ficava no lugar do mesmo nome, reedificada pelo padre João Nogueira da Silva.[289] E a capela de Santo Amaro que se situava ao pé do monte do Calvelo. Em 1720 foi-lhe colocado o retábulo e em 1774 desmoronou-se.[290] Foi reedificada pelo padre desta freguesia no ano de 1776.[291]

---

284 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 21, fl. 1322.

285- I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 21, fl. 1313.

286 - *Jornadas Europeias de Património*, p. 21. Cf. *Descobrir o Vale de Sousa. Rotas do Património Cultural Edificado…*, p. 109.

287 - A. D. P. - *Títulos das Sepulturas, Erecção de Capelas, Ermidas e Altares.* Livro n.º 12, 1709, fl. 3.

288 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1315.

289 - " (…) *tem huma cappella de Sam Joaõ* (…). *He munto antigua redeficou-a de novo toda o abbade Joaõ Nogueira da Silva com seo retabollo e frontal pintado de festa, no ano de* 1792, (…)." A. D. P. - *Títulos das Sepulturas, Erecção de Capelas, Ermidas e Altares* Livro n.º 12, 1709, fl. 3.

290 - "*Arruinou-se a capella de Stº Amaro de Calvello de paredes e madeira nam houve quem concorresse para o seo concerto e como he capella de devoçaõ e naõ tem fabrica só sim por devoçaõ mandei concertalla das paredes e* (…) *calear toda por dentro de cal e athe hoje 15 de Agosto de 1774 e tenho despendido 26800 réis, mays um cacho de telhas de setenta, e 25 telhas -2600 réis; de cal e mays para o telhado - 2400 réis, de a pintar por dentro - 3200 réis, dei de esmola para a de S. Joaõ para a ajuda de redificar a capela - 3350 réis, mais que faltou - 400 réis*." A. D. P. - *Títulos das Sepulturas, Erecção de Capelas, Ermidas e Altares.* Livro n.º 12, 1709, fl. 8.

No ano de 1758, Santa Margarida possuía, para além das duas capelas já referidas, a capela de Nossa Senhora da Penha de França,[292] que era particular; e no lugar de Ermida teria existido uma capela com o orago de Santa Catarina.[293] A de S. João Baptista achava-se "*totalmente arruinada, e sem uzo*."[294] Em 1709, a via-crucis contabilizava quatro cruzes de pedra sendo as restantes de pau. O abade João Nogueira da Silva mandou colocar doze cruzes de pedra e com isso dispendeu 10$000 réis.[295]

| **Quadro N.º 15 - Freguesia de Santa Margarida: Património Edificado.** | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| População/Habitantes | Fogos | Igrejas/ Residência | Capelas | | Via - Sacra | Outras Capelas |
| 190 | 59 | Igreja de Santa Margarida | Públicas | Particulares | Tinha uma via - sacra de 4 cruzes de pedra e as restantes de "pao". O padre João Nogueira da Silva mandou colocar até 12 cruzes de pedra. | Vestígios da capela de Santa Catarina (Lugar de Ermida) |
| | | | S. João, Santo Amaro | Nossa Senhora da Penha de França | | |

291 - " *Tem outra cappella* (…) *de Santo Amaro,* (…) *que tambem he do povo, onde concorrem em romarias e clamores* (…)*, ao pe do monte do Calvello, foi reedificada pelo abbade Joam Nogueira da Silva no anno de 1776 e no de 1720, lhe poz hum retabollo e os devottos hum cavido* (…)." I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 21, fl. 1315. A. D. P. - *Títulos das Sepulturas, Erecção de Capelas, Ermidas e Altares.* Livro n.º. 12, 1709, fl. 3.

292 - " (…) *huma de Nossa Senhora da Penha da França esta pertence ao administrador Herfemenino Nunes da freguezia de São Miguel de Louzada.*"I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 21, fl. 1315.

293 - "(…) *huma capela de Santa Catherina já aruinad[a]*." I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 21, fl. 1315.

294 - " (…) *outra de Saõ Joaõ Baptista cituada no Cazal* (…) *totalmente arruinada*."A. D. P. - *Títulos das Sepulturas, Erecção de Capelas, Ermidas e Altares.* Livro n.º 12, 1709, fl. 10; Cf. I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 21, fl. 1315.

295 - "*Havia huma via sacra de cruces de pao e só tinha 4 cruces de pedra puz a minha custa doze de pedra pello amor de Deos por estar imperfeita e ser a freguesia pobre que importaraõ de todos os gastos: - 10000 réis*." A. D. P. - *Títulos das Sepulturas, Erecção de Capelas, Ermidas e Altares.* Livro n.º 12, 1709, fl. 9.

3. 10. Freguesia de S. João Evangelista de Nespereira.

A nona freguesia do concelho, Nespereira, com cento e quatorze fogos era uma das mais populosas do concelho de Lousada e a igreja, segundo a Memória Paroquial de 1758, estava *"dedicada a S. Eulalia,"* [296] apesar do padroeiro da freguesia ser S. João Evangelista.[297]

O altar do Santo Nome de Deus tinha a confraria com o mesmo nome: "*As cazas que foraõ de Manoel Lourenço que sempre dellas pagaraõ de foro trezentos réis à Confraria do Santo Nome de Deos da dita freguezia de Nespereira*."[298]

No lugar da Poupa, de referir uma capela particular, construída no ano de 1720, com a invocação de S. Simão, e guardando duas imagens: S. Simão e Nossa Senhora.[299] Em 1738, António Pinto Barbosa Vasconcelos, o escrivão e tabelião público do crime e dos orfãos do concelho de Lousada, e do couto de Casais, em cumprimento do despacho do Capitão-Mor, António Pinto de Sousa e juiz de todo o cível, crime, dos orfãos, sisas e direitos reais do concelho de Lousada, certificou: "*vi as cazas e cappella junto a ella e na sobre padieira da porta da cappella esta hum letreiro de algarismo que diz mil sette e vinte*."[300]

---

296 - No I. A. N./T.T., quanto à Memória Paroquial de Nespereira, só existe uma pequena referência: "*Nespereira he aldea, e Parochia do termo do Concelho Louzada na Commarca de Barcellos e seo povo consta de 114 fogos na matris dedicada a S. Eulalia. O parocho he vigario apprezentado pelo thesoureiro da Real Collegiada de Pomarasis e tem de congrua 50 m réis.*" I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 42, fl. 110. O Interrogatório de 1758 perdeu-se. João Maria Baptista, o autor da obra: "*Chorografia Moderna do reino de Portugal*", já disso tinha dado conta em 1875: "(…), *tendo-se além disso extraviado o relatorio do D. G. M.*" devendo entender-se por D. G. M.: "*Memórias Paroquiais.*" BAPTISTA, João Maria - *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. o. c.,p. 23.

297 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 42, fl. 110

298 -.A. I. L. - *Processo Sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha*. [s/d], fl. 1v.

299 - A. I. L. - *Processo Sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha*. [s/d], fl. 163v.

300 - A. I. L. - *Processo Sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha*. [s/d], fl. 163v.

No ano de 1741, Nespereira já contava com uma via-sacra: "*a primeira crus*"[301] achava-se erguida "*defronte da porta da cappella*"[302] de S. Simão.

| **Quadro N.º 16 - Freguesia de Nespereira: Património Edificado** | | | | |
|---|---|---|---|---|
| População/ Habitantes | Fogos | Igrejas/Residência | Capelas | Via - Sacra |
| 456 | 114 | Igreja de S. João Evangelista ou Igreja de S. Eulália (segundo a memória paroquial) | Particular<br>S. Simão | Existia uma via-sacra. A primeira cruz ficava defronte à capela de S. Simão |

3. 11. Freguesia de S. Salvador de Novelas.

Na Memória Paroquial de 1758, o abade de S. Salvador de Novelas, apenas apontou nove fogos.[303] A igreja contava com três altares.[304] O altar-mor tinha a imagem de S. Salvador, no altar de Nossa Senhora do Rosário estava a imagem de Santo António, enquanto no altar do Menino Deus se achava a imagem de S. Gonçalo.

Havia duas capelas em Novelas. A capela de Nossa Senhora do Loreto, no lugar de Arcuzelo D' Além, e a capela de Nossa Senhora da Conceição, no lugar de Arcuzelo D' Aquém. A primeira era de Manuel Francisco Leal da Veiga, que a administrava; a segunda pertencia ao licenciado Francisco Barbosa Carneiro e nela se encontrava a imagem de Nossa Senhora da Conceição. [305]

---

301 - A. I. L. - *Processo Sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha*. [s/d], fl. 344.

302 - A. I. L. - *Processo Sobre os Limites da Freguesia de Santa Marinha*. [s/d], fl. 344.

303 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 25, fl. 257.

304 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 25, fl. 257.

305 - "*Tem esta freguezia duaz capellaz a saber huma da senhora do Loreto que se acha no lugar do Arcuzello dallem que he de Manuel Francisco Leal da Veiga e em sua he o administrador della; e outra no lugar de Arcuzello daquem he o senhor della o licenciado Francizco Barbosa Carneyro aonde se acha colocada a imagem de nossa Senhora da Conceição.*" I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 25, fl. 258.

Sobre o rio Sousa foi construída uma ponte de "*cantaria de pedra com tres ilhaiz pasage por onde passa huma estrada publica para a Villa de Arrifana e para muntaz maiz partes do Reyno e esta está asituada no meyo desta freguezia.*" [306] Junto a esta ponte trabalhavam dois moinhos com quatro rodas cada um. [307]

| **Quadro N.º 17 - Freguesia de Novelas: Património Edificado** | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| População/Habitantes | Fogos | Igrejas/ Residência | Capelas | Pontes e Pontões | Moinhos |
| 259 | 9 | Igreja de S. Salvador de Novelas | Particulares<br>Senhora do Loreto, Nossa Senhora da Conceição | Uma ponte de cantaria de pedra com três ilhais | Dois moinhos, ao pé da ponte em cantaria, com quatro rodas cada um.. |

3. 12. Freguesia de S. Lourenço de Pias.

Oitenta e dois, era o número de residências que a freguesia de S. Lourenço de Pias somava na primeira metade do século XVIII.[308] A sua Igreja tinha "*huma so nave,*"[309] e era uma construção datada de 1736 com uma arquitectura austera e até banal. A sua torre sineira, separada do corpo principal da igreja, era o elemento que quebrava a monotonia do conjunto.[310] Contava com três altares:[311] no altar-mor, encontrava-se a imagem de S. Lourenço; no altar colateral, da parte do Evangelho, viam-se as seguintes imagens: S. José, S. Sebastião e o Menino Deus; o altar colateral, da parte da Epístola, continha as imagens de Nossa Senhora, de Santo António e de S. Roque.[312]

---

306 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 25, fl. 257.

307 - "*Tem duaz cazaz de muinhoz ao pe da dita ponte com coatro rodas, cada caza, dos ditos muinhos, e servem de muer pam, a saber milaõ, milho e senteyo.*" I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 25, fl. 261.

308 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 29, fl. 1229.

309 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 29, fl. 1229.

310 - *Jornadas Europeias do Património*, p. 20; Cf. *Descobrir Lousada. Passeios Históricos (Barroco).* Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada. 2005, p. 7.

311 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 29, fl. 1229.

312 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

No lugar de Vila Nova existia uma capela pública, do povo, que a sustentava com as suas esmolas.[313] O rio Sousa "*nas tres levadas, em que se levanta nesta freguezia, faz rodar dez rodas de moinhos.*"[314]

| **Quadro N.º 18 - Freguesia de Pias: Património Edificado** | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| População/Habitantes | Fogos | Igrejas/ Residência | Capelas | Moinhos | Levadas |
| 328 | 82 | Igreja de S. Lourenço de Pias | Públicas<br>Capela no lugar de Vila Nova | *"Dez rodas de moinhos"* | Três levadas |

3. 13. Freguesia de S. Miguel de Silvares.

Cabeça do concelho de Lousada, em meados do século XVIII, S. Miguel de Silvares, comprendia 150 fogos[315] e a igreja e a casa da residência ficavam no " *meyo da freguezia para a parte do nascente, aonde habita somente o reverendo Sancho, e os cazeyros.*"[316] O templo desta freguesia ficava distante do núcleo populacional, em local ermo "*por sima das cazas, e eirado dos cazeiros do paçal*"[317] e era arquitectonicamente singelo. Sabe-se da sua existência desde o séc. XIII.[318]

---

313 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

314 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

315 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

316 - *Jornadas Europeias de Património*, p. 23; Cf. *À Descoberta do Vale de Sousa. Rotas do Património Edificado e Cultural…* - p. 111., LOPES, Eduardo Teixeira - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2004, p. 345.

317 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

318 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., 2004, p. 345. Cf. *Jornadas Europeias de Património*, p. 23.

Eram cinco os altares que esta igreja possuía. No altar da capela-mor estava o Santíssimo Sacramento do Viático, no sacrário, a imagem de S. Miguel Arcanjo, o padroeiro, e a imagem de S. Gonçalo.[319] O arco cruzeiro tinha dois altares colaterais. No altar colateral, da parte direita, estavam colocadas as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Glória e Santa Luzia. E no altar colateral esquerdo encontrava-se a imagem do Santo Nome de Jesus.[320] Os dois outros altares tinham sido adossados ao corpo da igreja (metidos no arco cruzeiro). No altar da parte direita viam-se a imagem de Santo António e de S. Sebastião. O altar da parte esquerda pertencia à Confraria das Almas. Neste altar achava-se a imagem de S. Francisco de Borgia.[321]

Em Silvares tinham sido erguidas duas capelas privadas: Stº António e Stº Adrião; e uma pública: Capela do Calvário.[322] A capela de Santo António, cujo orago era o santo do mesmo nome, contava com as imagens de Nossa Senhora, do Menino Jesus, de Santa Ana e de Santa Luzia; foi edificada no lugar do Torrão, e pertencia ao Capitão Manuel Nunes Bandeira "*morador na sua quinta chamada do Pinheyro* (…) *a qual a mandou reedificar a sua custa no anno de mil, sete centos, e vinte e sinco.*"[323] Na quinta de Santo Adrião havia uma capela, cujo padroeiro era também o santo do mesmo nome, sendo administrada pelos seus proprietários.[324] A capela do Senhor do Calvário, ficava alcandorada sobre o vértice do monte do Calvário, local aonde finalizava a via-sacra, perto da igreja de Silvares, tendo sido reedificada por um devoto desta freguesia em 1754 ou 1755.[325] Nela, as imagens do Senhor Crucificado "*que he dos engenhos e serve para todos os Passos,*"[326] de S. João Evangelista, de Santa Maria Madalena e a de Nossa Senhora - imagens oferecidas pelo mesmo devoto.[327]

---

319 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1229.

320 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 35, fl. 1230.

321 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1231.

322 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1231.

323 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1232.

324 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1234.

325 - " (…) *local onde finaliza a via-sacra,* (…)."I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1235.

326 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1234.

327 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1234.

No lugar de Ponterrinhas foi construída uma ponte em cantaria, de um só arco, que teria oitenta palmos de comprido e adossado às suas guardas estava um cruzeiro.[328] A ponte foi erigida em 1726 para evitar "*os grandes perigos em razam das muitas aguas que naquelle bosque se ajuntavam no tempo de inverno que descem do lugar de Lagares, e do lugar das Covas desta freguezia,*"[329] e permitir a passagem da Estrada Real que vinha do Porto para Celorico de Bastos e daí para Chaves com destino a Bragança e Miranda do Douro. E por esta mesma estrada passava o Correio que ia para Mondim de Basto.[330]

S. Miguel de Silvares contava com sete moinhos. Dois na serra do Calvelo e cinco no regato do Santam - todos eles negreiros.[331]

**Quadro N.º 19 - Freguesia de Silvares: Património Edificado**

| População/ Habitantes | Fogos | Igrejas/ Residência | Capelas | | Pontes e Pontões | Moinhos | Cruzeiro | Casas do Caseiro |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | Públicas | Particulares | | | | |
| 480 | 150 | Igreja de S. Miguel de Silvares Residência paroquial | Calvário | Santo Adrião Santo António | Uma ponte em cantaria, de um só arco, com oitenta palmos de comprimento, no lugar de Ponterrinhas. | Sete moinhos negreiros, dois na serra do Calvelo e cinco no regato do Santam. | Um cruzeiro metido nas guardas da ponte de Ponterrinhas. | Sim. Com eirado. |

328 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1236.

329 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1237.

330 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1236.

331 - I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 21, fl. 1237.

# Capítulo II

## A Casa Nobre No Concelho De Lousada

# 1. Situação e definição.

## 1. 1. Situação.

A Casa Nobre[332] no período tratado encontra-se dispersa por quinze freguesias, e para além do perímetro da Vila de Lousada, situando-se no "*interior de uma quinta*"[333] murada, apresentando portão em ferro forjado adossado a colunas de granito encimadas por pináculos ou urnas fechadas; com alameda ladeada por árvores frondosas, de que são exemplo as casas da Bouça, Pereiró, Ronfe, Quintã, Juste e Cáscere. Existem casas que apresentam jardins com chafariz e estatuária, como a da Bouça, em buxo e de contorno geométrico, encontramos em Ronfe e Vila Verde; e de menor aparato: Alentém, Renda, Outeiro, Porto, Lama e Quintã.

No século XVIII, como já referimos, Lousada era um concelho "*entre rios*": Sousa e Mesio. Este factor foi determinante para a implantação e expansão da casa nobre, que foi construída muito próxima destes rios.[334] Partindo desta constatação, agrupamos as vinte e duas casas em dois grandes grupos: casas edificadas na área do Rio Sousa e Mesio.

| **Quadro N.º 20 - Casas Nobres do concelho de Lousada Edificadas na área dos Rios Sousa e Mesio** | |
|---|---|
| Casas edificadas na área do Rio Sousa | Casas edificadas na área do Rio Mesio |
| Casa Grande de Vilela (Aveleda), Casa da Seara (Caíde), Casa de Vila Verde (Caíde), Casa da Quintã (Caíde), Casa da Renda (Meinedo), Casa de Ronfe (Meinedo), Casa de Pereiró (Pias), Casa do Outeiro, (Nogueira), Casa da Bouça (Nogueira), Casa do Porto (Santa Margarida), Casa de Juste (Torno), Casa de Alentém (Vilar do Torno e Alentém). | Casa de Argonça (Ordem), Casa da Tapada (Casais), Casa de Rio de Moinhos (Covas), Casa do Valteiro (Sousela), Casa do Ribeiro (Sousela), Casa de Real (Ordem), Casa do Cáscere (Nespereira), Casa da Lama (Lodares), Casa do Cam (Nevogilde) e Casa de Valmesio (Nevogilde). |

332 - "*Casas nobres chamamos às que tem logea, ou pateo, com aposentos capazes para huma família.*" BLUTEAU, Rafael - *Vocabulario Portuguez & Latino*. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Silva, 1716, tomo 5, p. 731.

333 - *Guia de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, vol. 1, p.67.

334 - Ver mapa na p. 90.

Como definimos anteriormente, vamos seguir dois itinerários: o primeiro, obriga-nos a percorrer a área ocupada pelas casas nobres situadas nas proximidades do Rio Sousa; e o segundo implica palmilhar o espaço das que se situam nas vizinhanças do Rio Mesio. Vamos procurá-las através destes dois percursos, percorrendo o concelho de Lousada, mas sem com isto pretendermos fazer um inventário, o que não é exequível devido à ausência de estudos neste campo.

Inicia-se na freguesia de Aveleda o percurso que nos levará a visitar o nosso objecto de estudo, que ao longo do tempo foi surgindo no espaço geográfico de Lousada. No lugar de Vilela, pós a ponte românica, surge a Casa Grande de Vilela, edificada a Este da Vila de Lousada, no lugar do mesmo nome. À esquerda da fachada Norte, está a capela de Nossa Senhora de Oliveira, destacada do edifício. Pertence esta quinta e casa a Maria Júlia Montenegro Geraldes Malheiro.

Deixando-a para trás dirigimo-nos para a freguesia de Caíde. No lugar da Seara, entre campos, vislumbra-se a Casa da Seara, com capela, de que é titular S. Miguel. Esta ostenta no lintel a seguinte inscrição: 1723. Em 1758 era de Luis Manuel Coelho de Calvos,[335] e na actualidade, integra o domínio da Quinta de Vila Verde, de que é proprietária D. Maria Isabel Pinto Mesquita. Percorremos escassas centenas de metros, entrevendo a casa de Vila Verde, alcançando-a num ápice. Era uma das "*principaes casas de Chaide*"[336] em 1887. Exibe uma capela destacada, da invocação de S. Sebastião. Uma escadaria de dois lanços opostos, com balaústres, pemite o acesso ao primeiro andar da fachada principal. A esta casa pertenceu o general Luís Pinto de Mesquita Carvalho, falecido em 1913.[337]

---

335 - I. A. N. /T. T. *Diccionario Geográfico.*1758, vol. 8, fl. 208.

336 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364. A Casa de Vila Verde é Imóvel de Interesse Público desde 1978. (I. I. P., Decreto Nº 95/78 de 12/9). Cf. *Património Classificado e Arquitectónico.* Lisboa. Edição da Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 22.

337 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 275. Cf. Deixou várias obras de referências: "*A verdadeira situação militar de Portugal*", 1876; "*O dolmem de Barroza*", 1898; "*Estudos e Tácticas*", 1870, em dois volumes, entre outra vasta bibliografia. Cf. *Lousada. Colectânea de Autores Locais*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, vol. I, 2002, p. 89.

Ao sairmos pelo portão de ferro forjado[338] lobrigamos o obelisco, situado no cimo da alameda. De Vila Verde à Casa da Quintã são pouco mais de mil metros. Esta casa está localizada no lugar da Quintã, apresentando capela integrada, de cujo titular é Nossa Senhora da Conceição. É propriedade de D. Maria José Norton Pacheco Geraldes Malheiro.

Não muito distante deste lugar, mas já na freguesia de Meinedo, situa-se a casa de Ronfe. Entra-se, a Norte, por um portal de ferro forjado, ali colocado em 1930,[339] constituído por duas folhas e uma sobreporta, desenhado pelo então proprietário desta casa, José Rosas. Sendo arquitectonicamente formado por duas colunas de granito, em silharia, de aparelho regular, e encimadas por dois pináculos, o dito portal está inserido num muro, também ele comportando duas colunas de idênticas características, mas sobrelevadas por esferas de granito e triângulos.[340] Percorremos uma alameda ladeada de frondoso arvoredo até depararmos com a casa de Ronfe. É uma casa com torre,[341] adquirida por José Rosas a D. Maria Augusta Barreto Archer.[342] Continuamos o primeiro percurso, ainda nesta freguesia. Podemos contemplar o verde dos seus campos, suspirar pela recuperação dos moinhos, edificados ao longo das margens do Rio Sousa, e deliciar-nos com a beleza que a paisagem nos oferece. Deixamos a casa de Ronfe para trás e podemos apreciar uma ou outra edificação, de traços mais nobres que ainda permanece: Vilar, Torrinha, Idanha, Estorãos, Caibral e a igreja românica, de 1262.[343] À sua direita, fica a Casa da Renda. Podemos entrar para o seu terreiro, fronteiro à fachada principal, por dois portões diferentes, um a Sul, em chapa e ferro de recente data, que serve de entrada secundária, e outro, a Oeste, de ferro forjado, adossado a duas colunas quadrangulares em cantaria e muro rusticado, e que sempre serviu de entrada principal. Exibe uma escadaria perpendicular lançada contra a fachada principal, e pertence a António Eduardo Guerra Pereira.

Daqui saímos em direcção à Vila de Lousada, passando pelo antigo couto de Casais, hoje despojado da sua importância, restando o cruzeiro ainda erecto, a casa de Casais e umas alminhas. Nas proximidades do Rio Sousa vislumbramos a casa de Vila Pouca, e no lugar de Romariz, as casas de Além e da Ramada destacam-se na paisagem. Caminhamos para o lugar de Pereiró, situado na freguesia de S. Lourenço de Pias, a Sueste da Vila de Lousada, a pouco mais de três quilómetros da casa da Renda. Junto à estrada nacional, que liga a sede deste concelho à antiga Arrifana de Sousa, entrando por uma alameda de tílias, e percorrendo um caminho de terra batida, deparámos com a fachada principal da casa de Pereiró. Esta apresenta a capela de S.

José integrada no topo direito. É sua proprietária D. Margarida Maria Pereira Teixeira Lopes de Azevedo e Menezes. A pouca distância encontra-se a casa da Torre, um cruzeiro e a capela de Nossa Senhora do Avelar, que é pública.

De Pereiró rumamos ao lugar do Outeiro, em Santa Cristina de Nogueira. Este trajecto leva-nos a calcorrear a estrada nacional em direcção à Vila de Lousada, com o seu núcleo central anichado aos pés da capela do Senhor dos Aflitos, esta sobre uma pequena colina que lhe alarga a área de protecção, e em que, disseminadas pelo velho casario, se vão misturando novas construções. Já dentro do seu perímetro surgem, em zona ainda rural, as casas do Pinheiro, Adega e do Carvalho. Na rectaguarda do edifício da Câmara Municipal podemos visualizar o pelourinho e a mais antiga rua de Lousada: St.º António. Do centro de Lousada ao lugar do Outeiro não são mais de dois quilómetros. A Casa do Outeiro está situada na freguesia de St.ª Cristina de Nogueira, no lugar do seu nome. Apresenta capela, da invocação de S. Francisco. É por um portal[344] em madeira que acedemos a um largo terreiro fronteiro à sua fachada principal. Carlos Costa Lima de Sousa Guedes é o proprietário da Quinta e Casa do Outeiro.

Nesta mesma freguesia, no lugar da Bouça, encontramos a Casa da Bouça. Entramos por um portal alpendrado,[345] caminhamos por uma alameda, em terra batida, e após algumas dezenas de metros percorridos, deparamos com um amplo terreiro, fronteiro à fachada principal, virada a Sul, e um chafariz.[346] Exibe uma capela, cujo titular é St.º António. O actual proprietário é o Dr. João Cabral. Próximo da casa da Bouça, mas já na freguesia de Santa Margarida, fica "*o palacete do Porto.*"[347] É por um portal de ferro forjado, datado de 1862,[348] formado por quatro folhas, duas delas muito estreitas e fixas, além da sobreporta, com duas colunas fasciculadas e meias colunas adossadas, em silharia, de fiadas regulares, que nos conduz à Casa do Porto. A capela é da invocação do Sagrado Coração de Maria, e o seu proprietário é João Maria Cabral Peixoto Magalhães.

Largamos a Casa do Porto e rumamos à freguesia do Torno. Na margem direita do rio Sousa, acha-se a Casa de Juste, que não tem portal de entrada, mas tão só duas colunas a que deveria estar adossado; as colunas são em granito e encimadas por merlões chanfrados. Percorre-se um curto caminho, em terra batida, que nos leva ao terreiro fronteiro da fachada principal. Pertence a D. Ana Amélia de Abreu e Couto Osório Guedes. A poucas centenas de metros da Casa de Juste, situa-se o "*palacio d' Alentem,*"[349] que " *é absolutamente a primeira casa d' esta freguezia,*"[350] e que fica na

margem direita do Rio Sousa. Entra-se nesta casa por um portal de ferro forjado, do séc. XIX,[351] constituído por duas folhas e uma sobreporta de grade de ferro ornamentada; do ponto de vista arquitectónico, é formado por dois grossos pilares de granito, decorados no topo com franjas esculpidas na própria pedra. Lateralmente, junto à estrada, há um outro portal, da mesma época, em ferro fundido com duas folhas de chapa, decoradas com vários ornatos geométricos, e nos painéis inferiores um friso com pequenas réguas na vertical, estando adossado a duas colunas embebidas em granito.[352] Foi a primitiva e principal entrada desta casa, e é-o na actualidade. A quinta e casa de Alentém são pertença de Armando Augusto Freire de Queirós.

---

338 - O portal da Casa de Vila Verde é do séc. XIX, sem datação, de ferro forjado, com duas folhas e sobreporta. Do ponto de vista arquitectónico a sua estrutura é de pedra e as duas colunas encontram-se adossadas à parede de um muro, o qual tem uma moldura de granito trabalhado, e os capitéis das colunas são encimados por floreiras. OLIVEIRA, Rosa Maria - *Portões e Fontes do Concelho de Lousada*. Lousada: Edição da Câmara de Lousada, 2003, p. 40.

339 - OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 75.

340 - OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 75.

341 - Os herdeiros afirmam que a capela se encontram no interior da torre.

342 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 11.

343 - *Guia* - Lousaada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2007, p. 10.

344 - O portal desta casa é do " (…) *séc. XVI, (1570). É um portal quinhentista de granito em que a técnica utilizada foi a de silharia, de fiadas regulares. O portão é de madeira, com moldura de granito em cantaria, a qual termina com um frontão encimado por dois pináculos pontiagudos*." OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 117.

345 - OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 99.

346 -"*De cantaria fina com um pé direito que termina num pináculo com ponta em esfera, e ao longo do seu tronco encontram-se bicas, com feitio de rosetas, por onde sai água, a qual cai para uma taça e desta para um tanque de formas redondas.*" OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 102.

347 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 358.

348 - OLIVEIRA, Rosa - o. c., p. 63.

349 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364.

350 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364.

351 - OLIVEIRA, Rosa - o. c., p. 144.

352 - OLIVEIRA, Rosa - o. c., p. 144.

Concluído o primeiro trajecto, o segundo tem o seu prelúdio na Casa de Argonça, situada no Vale que recebeu o nome do rio que o serpenteia, o Mesio, e à esquerda deste, na freguesia da Ordem. É um portal em ferro forjado, adossado a duas colunas de granito, em cantaria, que permite o acesso a esta casa. Percorre-se um caminho em alcatrão até depararmos com quatro estatuetas representativas das estações do ano,[353] e só depois vislumbramos o terreiro e a fachada principal. É seu proprietário Vítor Manuel Saldanha Lobo. Depois de Argonça, no lugar de Real, e logo que termina a Avenida da Igreja, tropeçamos num portão de ferro forjado adossado a duas colunas de cantaria, coroadas por duas bolas de pedra, que permite o acesso à Casa de Real. Casa com capela, de que é titular Nossa Senhora das Mercês. É propriedade de D. Maria Fernanda Malheiro Guedes Quinhones de Portugal da Silveira.

Da Casa de Real descortina-se a Casa do Ribeiro, situada na freguesia de Sousela. Um portal de duas folhas, adossado a duas colunas com capitéis decorados com duas meias volutas,[354] permite o acesso ao terreiro fronteiro à fachada principal. Ostenta capela com invocação de Santa Isabel. D. Isabel Maria Coelho Leal de Sousa Meireles foi a última proprietária da quinta e casa do Ribeiro, pertencendo no momento à Santa Casa da Misericórdia de Lousada. A Norte, nesta mesma freguesia de Sousela, fica a Casa do Valteiro. Ultrapassado um portal de 1858,[355] constituído por duas colunas quadrangulares, sobrelevadas por pequenos frontões encimados por vasos abertos, deparamos com um terreiro fronteiro à fachada principal desta casa; com capela, cujo titular é S. Torcato. A quinta e casa do Valteiro são pertença de D. Maria Gonçalves Costa de Saraiva de Castilho e Maria Helena Costa de Castilho Coimbra de Matos. Da Casa do Valteiro ao sopé do monte do Amparo, local onde foi edificada a Casa de Rio de Moinhos, curta é a distância, mas a freguesia é já outra, Covas. Acede-se por um portão de idêntica tipologia ao da casa de Vila Verde, que é de ferro forjado e permite a passagem para um amplo terreiro quadrangular, fechado, com outros dois pequenos portões, também de ferro forjado, um a Norte e outro a Sul.

Casa com capela, da invocação de Nossa Senhora da Vida. Actualmente D. Maria Antónia Bacelar de Ataíde Pavão é proprietária da Quinta e Casa de Rio de Moinhos. Desta casa vislumbra-se a capela de Nossa Senhora do Amparo, no alto do monte, da titular que lhe deu o nome; e mais abaixo a igreja paroquial. Merecem referência as casas do Penedo, Covas, Sub-Ribas, Monte Belo, Monte-Sines e Rio Falcão.

Continuamos este itinerário, para encontrar, na margem direita do rio Mesio, a casa do Cam, no lugar do Campo,[356] freguesia de Nevogilde. Entra-se nesta casa por dois locais diferentes e opostos: um a Este, por um portal de ferro fundido, com duas folhas de chapa decoradas com elementos florais rematados com varas na vertical (em termos arquitectónicos, faz parte de uma parede de silharia, de fiadas regulares, assim como o entablamento);[357] outro, a Sudoeste, em ferro forjado e chapa, adossado a duas colunas em granito abrindo caminho para uma alameda até outro portão em chapa, que nos permite finalmente o acesso a um pátio fechado. É uma casa com capela, da invocação de Nossa Senhora de Bom Sucesso. Pertence a José Maria de Freitas de Sousa Lopes. Podemos percorrer a pé as poucas centenas de metros que nos separam da casa de Valmesio, que se situa mais a sul, mas ainda em Nevogilde. Nela podemos aceder por dois portais que se encontram à face da estrada nacional. O primeiro, à esquerda, dos princípios do século XX,[358] de ferro fundido, de duas folhas, é formado por réguas na vertical e na horizontal, tendo a parte inferior das folhas um desenho em forma de quadrados, e está adossado a duas colunas de granito. À direita, outro portão, semelhante ao anterior, por onde nos dias de hoje se faz a entrada, apesar de durante decénios, o acesso ter sido feito pelo portal situado a Este.[359] É uma casa com capela, cujo titular é Santa Ana. É domínio de D. Cecília Soares de Moura.

A Norte da casa de Valmesio, na freguesia de Casais, situada na margem direita do Rio Mesio, junto à estrada nacional, surge a casa da Tapada. Nossa Senhora da Piedade é a titular da capela, que a casa exibe. É propriedade da Lacticínios Halos. S.A., pertença de Luís Paulo Henriques da Silva e dos Engenheiros Pedro Gabriel Belles Leiria Nunes, Vasco de Sousa Barbeiro e Mário de Oliveira Morais. Desta casa podemos presenciar o Vale do Mesio, o rio do mesmo nome, os moinhos esquecidos à espera que lhe dêem uma nova vida, as casas do Recanto e de Lagoas, o aqueduto, a ponte de Nevogilde, sem cronologia certa, as torres sineiras das igrejas de Covas, Casais, Nevogilde e a capela de Nossa Senhora da Ajuda, que é pública.

Rumamos em direcção à freguesia de Nespereira. Pelo caminho tropeçamos em cruzeiros, nichos e alminhas. Nesta freguesia, rodeada por um frondoso bosque, fica a casa do Cáscere, à qual se acede por um caminho de terra batida que nos conduz a um terreiro fronteiro à fachada principal. Ostenta uma capela, que tem como titular Nossa Senhora do Amparo. A quinta e casa do Cáscere pertencem a António Basílio Pimentel Carneiro Leão.

A Sul, relativamente próximo do Cáscere, situa-se a casa da Lama, na freguesia de Lodares, face à estrada nacional. Pode entrar-se por dois portões, a Este, sendo que o primeiro[360] dá acesso ao terreiro fronteiro à fachada Norte da capela e à fachada Oeste da casa; o segundo,[361] permite a passagem para o jardim e é actualmente a entrada nobre desta residência. Adossada ao topo esquerdo da fachada principal encontra-se a capela de Santa Ana. O Coronel Augusto Cândido Pinto Coelho Soares de Moura é o proprietário da quinta e casa da Lama.

1. 2. Definição

O Concelho de Lousada no séc. XVIII, conheceu, dentro do dinamismo da arquictetura civil, a afirmação da casa nobre. Na Rua do Torrão, actual Rua de Santo António, e a mais antiga da Vila de Lousada, não se edificou um grande número de casas nobres. Hoje, a maioria, desempenha funções diversas (Câmara Municipal, infantário, drogarias, centros comerciais, cafés, bares, Jardins de Infância e restaurantes) e, indiferentes às razões para que foram projectadas, não passam de reminiscências. É para além do perímetro, primeiro da Rua do Torrão - depois Vila de Lousada - que se vai edificar a casa nobre do século XVIII.

---

353 - Segundo os Senhores de Argonça, em meados do século vinte, as estatuetas que representam as quatro estações do ano, foram trasladadas do portal da entrada para o portal do terreiro da casa, para evitar o seu furto. Cf. vol. II, p. 22.

354 - OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 127.

355 - OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 129.

356 - O antigo topónimo era Cam, e deu o nome a esta casa. A. D.P., *Secção Notarial*, Po-1, 1ª Série, Livro n.º 49, 1807, fl. 18v.

357 - OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 94.

358 – Informação de D. Cecília Soares de Moura. Cf. OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 96.

359 - Segundo a proprietária desta casa, D. Cecília Soares de Moura. Cf. OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 96.

360 - "*Este portal localiza-se no lado esquerdo da Capela da Lama, e foi durante algumas gerações, a entrada principal da casa. Do ponto de vista arquitectónico é formado por quatro colunas adossadas e encimadas por pináculos pontiagudos, que datam de 1988, foram mandados colocar pelo actual proprietário, e têm os laterais mais baixos que os centrais. A técnica utilizada foi a de silharia, de aparelho regular. A parede entre colunas é de cimento pintado de branco.*" OLIVEIRA, Rosa Oliveira - o. c. , p. 58 - 59.

Não há no concelho de Lousada qualquer casa-torre. Existem casas com torres, não datadas. De que são exemplo as casas da Bouça, Ribeiro, Ronfe, Outeiro e Valteiro. Alguns proprietários destas casas, afirmaram que as torres foram edificadas ao longo do séc. XIX.[362]

A casa nobre[363] lousadense do século XVIII insere-se nas características definidas por Carlos de Azevedo e adoptadas por Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves para a casa nobre em geral, na sua obra: " *A Casa Nobre No Porto Na Época Moderna.*" Os aspectos que a definem centram-se: "*no esforço arquitectónico e decorativo concentrado na fachada; no desenvolvimento horizontal, criando longas fachadas, articuladas com pilastras lisas pouco salientes, e acentuadas, sobre os telhados, por ornatos (urnas, fogaréus e pináculos); na existência de um piso dominante, o andar nobre, com janelas «quase sempre mais ricas do que no andar térreo»; na acentuação da linha superior do edifício (emprego de frontões); na importância da entrada nobre, «enriquecida com colunas e pilastras», sustentando «balcão com parapeito ou simples grade, continuada por uma janela central de tipo mais rico e rematada pelo brasão de armas da família», criando-se assim um eixo vertical que divide a fachada em duas zonas iguais* (…)."[364]A casa nobre no concelho de Lousada é, igualmente, definida por "*fachadas rasgadas por janelas de sacada e janelas de peitoril, com ombreiras, peitoris e lintéis lisos. As portadas são também simples.*"[365] É esta a forma que iremos ver na casa de Argonça, Cam. Na escadaria interior e exterior há "*um «maior desenvolvimento» e variedade, aparecendo no interior das casas caixas de escada, de arquitectura cuidada, onde surgem escadarias de lanços convergentes e divergentes a partir de patamares.* (…)."[366] As escadarias setecentistas lousadenses exibem modelos muito interessantes, como a da casa da Bouça, Juste, Lama, Outeiro, Real, Renda, Ribeiro, Rio Moinhos, Valteiro e Vila Verde.

A casa com capela integrada na fachada desenvolve-se durante o século de setecentos e ganha uma expressão muito própria. As Casas do Valteiro, de Real, e do Ribeiro, são alguns exemplos. Na casa nobre lousadense há um grande número de casas com capelas adossadas à direita ou à esquerda da fachada. Em contrapartida, poucas são as casas isentas de capelas ou com capelas isoladas.

De salientar também que nem todas as casas possuem pedra de armas na fachada principal ou em qualquer outra.

As diferentes características permitem criar tipologias, que terão o seu devido tratamento no terceiro capítulo.

Enquadrada na ideia apresentada por Anne Stoop, na sua obra: "*Palácios e Casas Senhoriais do Minho*", as casas nobres de Lousada eram "*aristocráticas*" e muitas vezes tiveram que ser construídas por "*fases a fim de abrigarem as sucessivas gerações*"[367] e por isso foram-se "*modificando segundo as necessidades e disponibilidades financeiras de momento.*"[368]

Em síntese, na casa nobre lousadense, no séc. XVIII, assistimos ao desenvolvimento das fachadas principais e vemos enriquecerem-se as janelas e as portadas com decoração envolvente, assim como o aparecimento de frontões para exibição da pedra de armas, como acontece nas casas da Bouça, do Porto, de Ronfe. E é necessário realçar outro aspecto fulcral da história destas casas: foram ao longo dos séculos o berço onde nasceram, se criaram e educaram grandes figuras da igreja e do governo do concelho de Lousada, da diocese do Porto, tendo alguns logrado atingir altos cargos ou dignidades nos destinos do Reino: em Lisboa, como deputado, o Conde de Alentém foi disso exemplo. Destas casas nobres brotaram, tanto nas armas como nas letras, padres, dignitários da igreja, membros de ordens religiosas, militares, administradores concelhios e governadores civis, deputados, Cavaleiros da Ordem de Cristo, Bispos, professores e reitores de universidades, sargentos e capitães-mores de ordenanças, notários, escrivães, juízes do crime, cível e órfãos. Representaram ainda a assistência social e educacional da população vizinha, quando habitadas em permanência pelas antigas famílias.[369]

---

361 - "*Um muro de granito -, rodeia o jardim -, com aparelho de fiadas regulares, que tem sete colunas, coroadas por urnas fechadas. Sendo quatro delas pertencentes a dois portais. Estes são em ferro fundido com duas folhas, e a parte inferior de cada portal é em chapa e em ferro, com rosetas. Foi D. Maria Alice Castro Neves Pinto Garcês que desenhou os portais, os gradeamentos e o muro, e mandou executar o projecto.*" OLIVEIRA, Rosa Oliveira - o. c., p. 59.

362 - Informação do Dr. João Cabral, da Casa da Bouça e Carlos Costa Lima de Sousa Guedes, da Casa do Outeiro.

363 - BLUTEAU, Rafael - *Vocabulario Portuguez & Latino*. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Silva, 1716, tomo 5, p. 731.

364 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c., p. 15-16. CF. AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 19. Cf; STOOP, Anne - o. c., p. 12.

365 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c., p. 15-16. CF. AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 19.

## 2. A Casa Nobre no espaço rural.

Como anteriormente referimos, a casa nobre lousadense fixou-se nas proximidades dos Rios Sousa e Mesio, devendo-lhe em parte a sua expansão. Partindo deste princípio, agrupamos as vinte e duas casas nobres em dois grupos: Casas construídas na área do Rio Sousa e Mesio.

Mapa de Lousada: As vinte e duas casas nobres de Lousada.

# 3. Casas construídas na área do Rio Sousa.

## 3. 1. Casa Grande de Vilela.

Manuel Pinto de Magalhães, foi o primeiro proprietário desta casa em 1758,[370] sucedeu-lhe D. Maria Josefa Pinto de Magalhães Coelho, sua filha, que nasceu a 26 de Outubro de 1727, em Aveleda e faleceu a 22 de Setembro de 1782, com escritura dotal, e contando com um funeral de 156 padres.[371] O seu filho António de Magalhães Coelho Seixas, foi também senhor desta casa. Nascido em Vilela, foi bacharel em direito pela universidade de Coimbra, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo e Juiz de Fora de Penafiel.[372]

É uma residência que pertence à mesma família há várias gerações e que detinha o "*Privilégio das Tábuas Vermelhas*,"[373] isto é, foi uma das trezentas casas do reino nomeadas por D. Afonso V para fazer a colecta de impostos, e possuía, por essa razão, determinadas regalias, a saber: não pagar impostos; os homens que viviam no seu domínio não eram obrigados a ir para a guerra; se alguém andasse fugido à justiça e entrasse na capela de Nossa Senhora de Oliveira não podia ser preso ou castigado enquanto lá permanecesse, cabendo em exclusivo ao senhor da casa a autorização decisiva.[374] Manuel Pinto de Magalhães era o principal possuidor de bens e terras do lugar de Vilela, e a casa chamava-se Grande "*por ser o dito Manoel Pinto de Magalhaens possuidor da maior parte dos bens daquelle Lugar de Vilella.*"[375]

A sua história arquitectónica, como de todas as casas nobres deste concelho, é desconhecida, já que não há um contrato de obra que nos permita datar com precisão a sua construção, tal como acontece com praticamente todas as outras edificações concelhias. Não poderemos fazer, portanto, a sua cronologia. No decurso da nossa investigação deparámos com determinadas referências, que, apesar de julgarmos pouco consistentes, não queremos deixar de citar: nomeadamente a alusão a que esta casa teria sido edificada no século XVIII. No sítio da Associação de Municípios do Vale de Sousa afirma-se: "*A casa mostra padrões arquitectónicos ao gosto do século XVIII, apesar das transformações do século XIX*."[376]

366 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c., p. 18.

367 - STOOP, Anne - o. c., p. 12.

Começou por ser uma grande casa de lavoura, como quase todas as actuais casas nobres de Lousada. O edifício primitivo tinha apenas a dimensão dos primeiros dois panos da fachada Este, e segundo os actuais proprietários, em meados do séc. XIX, foi objecto de restauro e de acrescentos. Nos anos cinquenta da centúria de novecentos, volta a sofrer um profundo restauro, época em que é corrigido o alinhamento da cornija e do telhado. Em 1989 beneficiou de um significativo programa de obras, tal era o seu estado de degradação, uniformizando-se a fachada principal, transformando-se a portada do terceiro pano em janela e acrescentadando-se mais duas janelas. Isto é, não possuía, em 1988, no rés-do-chão, à esquerda do terceiro pano, as três janelas molduradas e gradeadas, mas sim uma portada, e só em 1989 é que foram executados tais acrescentos.

O corpo da fachada principal, virada a Este, foi dividido, verticalmente, por pilastras, que criaram três zonas e três panos. No rés-do-chão, no primeiro pano, apresenta-se uma portada moldurada. O mesmo ritmo acontece no segundo pano. No terceiro pano, à esquerda, vêem-se três janelas de peitoril gradeadas. Enquanto no andar nobre, no primeiro e segundo panos, se abre uma janela de sacada dupla, em cada pano, e no pano à direita, quatro janelas de sacada. A fachada Oeste, no rés-do-chão, exibe duas portadas, e, no primeiro piso, duas janelas de peitoril. Na fachada Sul, vislumbra-se uma janela de peitoril. A fachada Norte, foi dividida, verticalmente, por uma pilastra; criando duas zonas e dois panos; no rés-do-chão, à direita, há uma portada e uma janela de sacada, enquanto à esquerda se vêem duas portadas, uma janela de peitoril gradeada e uma escadaria em dois sentidos que nos conduz a uma portada moldurada com duas janelas de sacada, à direita, no primeiro andar.

---

368 - STOOP, Anne - o. c., p. 12.

369 - *Casas de Sousa Associação de Turismo Rural do Vale de Sousa*. - o. c., p. 20.

370 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 847.

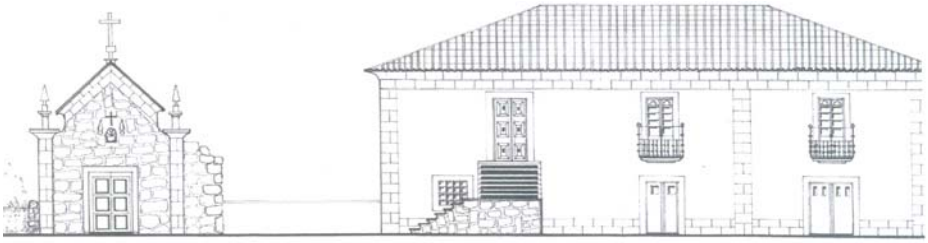
371 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - *Carvalhos de Basto.* Porto: [s/e], 1981, vol. III, p. 90.

372 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - *o. c.*, p. 90.

373 - *Casas de Sousa Associação de Turismo Rural do Vale de Sousa*. [s/l]: [s/e], [s/d], p. 20. Cf. *À Descoberta de Lousada.* - *Aveleda.* Lousada: Edição do Agrupamento de Escolas Lousada - Norte - Nónio Séc. XXI, 2001, p. 11.

374 - *Casas de Sousa Associação de Turismo Rural do Vale de Sousa*.- o. c., p. 20. Cf. *À Descoberta de Lousada.* - *Aveleda.* o. c., p. 11.

375 - I. A. N./ T. T. - *Dicionário Geográfico*. 1758, vol. 5, fl. 851.

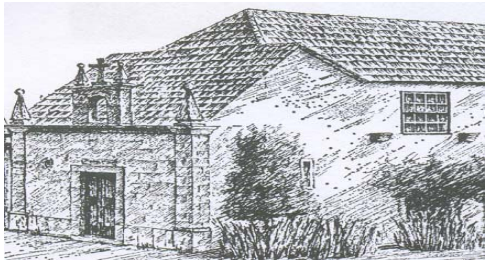


Planta da Casa Grande de Vilela. Levantamento de Alçados. Escala - 1: 100, 1988.
Fachada Norte - Capela de Nossa Senhora de Oliveira e Fachada Norte da Casa Grande de Vilela.
Fonte: A. C. G. V.

No interior da capela existe uma pedra com a seguinte inscrição: "*Manoel Pinto de Magalhaens Coelho e sua mulher Maria Jozefa/ Pinto de Azevedo, senhores da caza/ e pesohidores que foraõ desta quinta, da Caza Grande, chamada de Villela, nel/la mandaraõ fazer esta capella com o/ titullo de Nossa Senhora da Oliveira, com a concideraõ/ de serem seus cazeiros previlegiados como/ prvilegio das Taboas Vermelhas, das mesmas da uma de Guimarens; e nella deixaraõ/ hum legado de missas todos os domingos e dias santos/ do ano e as tres dias de Natal, enquanto o Mundo durar/. E aplicadas por modo de sufragio pellas suas almas de hum e de outro/ e pellas de seus pais. E mais de hum e de outro/, e para pagamento das ditas missas/ deixaraõ humas terras de herdade que se compraraõ/ a Maria Vieira, uma do lugar de Pinheiro, freguesia de Santa Maria de Airaens, / concelho de Filgueiras. Como taõ bem as duas besadas, chamadas de Sub-Cartaõ/ (…) tudo obrigado ao dito legado e o mais que sobejar será/ para o herdeiro dos ditos legatários e seus sucessores/. A ajuda da fabrica da dita capella e veneraçaõ della foi fe/ita esta pedra e acabada a 26 de Março de 1756. A./*"[377]

A fachada Norte da capela de Nossa Senhora de Oliveira é rasgada por um portal moldurado que tem a coroá-lo, no tímpano, uma pequena edícula; uma cruz trilobada encima o frontão. As pilastras são sobrepujadas por pináculos. Na fachada Norte, por cima do frontão, uma cruz apontada, e na fachada Oeste um portal moldurado. O campanário coroa a cornija no enfiamento do portal sendo constituído por um arco de volta perfeita, encimado por uma cruz latina e dois pináculos.

Fotografia n.º 2
Capela de Nossa Srª de Oliveira.



Gravura N.º 8
Capela e casa de Ribaboa.
Fonte: FREITAS, Eugeneo de Andrea e Cunha e - o. c., p. 465.

Tanto o campanário como o portal das capelas da Casa Grande de Vilela (Lousada), à esquerda, e da Casa e Morgado de Ribaboa (Penafiel), à direita, são muito semelhantes na sua forma. Aliás, estas duas fachadas só divergem na abertura que a capela da Casa Grande de Vilela apresenta à direita da portada.

3. 2. Casa da Seara.

A segunda casa, é da Seara, fica na freguesia de Caíde. Em 1705 pertencia a "*Manoel Machado da Seara* (…) *da dita Quinta da Seara…*"[378] Sendo seu proprietário, em 1824, Zeferino Manuel de Calvos França.[379] Sucedeu-lhe João Manuel Calvos França, em 1859, que no ano de 1867 foi vereador da Câmara de Lousada.[380] E no ano de 1887 era seu proprietário, Manuel da França Brandão.[381]

Arquitectonicamente, é uma casa de planta quadrangular com capela destacada e alinhada com a fachada principal, virada a Este, e em ruínas, desde as primeiras décadas do século XX, tal como todo o conjunto construtivo.

---

376 - http://www. valsousa. pt. O único documento que encontrámos refere-se à Casa de Real, dado à estampa no Jornal de Lousada que fez a publicação do contrato de obra, em forma de artigo, contrato de obra que não detectámos nos Arquivos a que acedemos. Os proprietários da casa de Real não nos facultaram qualquer documento.

377- A. D. P. *Secção Notarial*. Po-1, 4ª série, Livro nº 120, 1756, fl.16. Cf. Ficha de Inventário - Casa Grande de Vilela. vol. II, p. 227

378 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c. p. 245, In A. D. P. *Tombo dos bens e propriedades, foros e mais direitos que se pagam à Igreja de Santa Maria de Meynedo* (…), Po - 1, Livro n. º 1706, 1696, fl. 363v.

379 - *Presidentes da Câmara Municipal Desde 1838 até 1900*, p. 42.

Fotografia n.º 3

Casa e capela da Seara - Fachada principal.

Na fachada principal, no rés-do-chão, há uma janela; duas escadarias de lanços opostos permitem o acesso ao primeiro andar, que apresenta duas portadas, duas janelas de sacada, molduradas, duas janelas que sobrepujam cachorrada,[382] Há ainda, à esquerda, uma pequena abertura e uma janela de peitoril, ambas molduradas.

A fachada Sul mostra uma janela de peitoril moldurada e na fachada Oeste, no rés-do-chão, vêem-se três portadas e duas aberturas quadrangulares molduradas. O primeiro andar ostenta quatro janelas de peitoril e duas janelas de sacada, vendo-se também uma gárgula e também três cahorros. No primeiro andar da fachada Norte, existe uma janela de sacada moldurada que sobrepuja cachorrada.[383]

As Memórias Paroquiais, em 1758, informavam que havia uma capela no lugar da Seara com a invocação de "*Sam Miguel* (…) *na Quinta da Ceara*"[384] e quem a fabricava era Luis Manuel Coelho de Calvos.[385]

A sua fachada principal da capela é rasgada por um portal moldurado, que é coroado por um frontão interrompido por uma flor-de-lis, com a empena encimada por uma cruz latina que sobrepuja uma base com duas volutas insculpidas. Na fachada Sul, exibe uma janela moldurada e gradeada, e a Norte, vislumbra-se uma porta moldurada. Na fachada Oeste, as pilastras são encimadas por pirâmides.

---

380 - *Presidentes da Câmara Municipal Desde 1838 até 1900,* p. 42.

381 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364.

382 - "*Enriquecido com canelados ou até com motivos mais ricos, este cachorro é muitas vezes duplo, e a sua combinação com a cantaria lavrada e os apainelados, que fazem o fundo do entablamento da varanda ou do beiral que ele suporta, é muito expressiva*." OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa.* 5ª Edição. Lisboa: Publicações S. Paulo, 2003, p. 338.

383 - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - o. c., p. 338

384 - I. A. N. /T. T. *Diccionario Geográfico*.1758, vol. 8, fl. 208.

3. 3. Casa de Vila Verde.

Nos finais do século XVI, a Quinta de Vila Verde pertencia a Martim Gonçalves de Sousa, e em 1636 sucedeu-lhe o seu filho António da Cruz e Sousa. D. Maria Barbosa e Sousa, casou com Simeão Pinto de Mesquita, que foi Capitão-Mor, Fidalgo da Casa Real e Capitão de Cavalos na Guerra da Independência, comandante de uma unidade de cavalaria de Trás-os-Montes na batalha de Montes Claros; seu filho, António Pinto Mesquita foi Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Capitão de Auxiliares, que por sua vez casou a 20/4/1662, com D. Ângela de Seixas Pinheiro, senhora do Paço de Carvalhosa.[386]

Em 1697 o Dr. Bernardo Pinto de Mesquita Barbosa foi baptizado em Caíde de Rei; mais tarde Bacharel pela Universidade de Coimbra e Capitão de Auxiliares do Terço do Porto, foi proprietário das casas do Paço da Carvalhosa. O seu filho Bernardo de Mesquita Pinto de Sousa de Magalhães Coelho, sucedeu-lhe na titularidade do Paço da Carvalhosa; nasceu a 16/11/1742, em Caíde e foi Capitão de Auxiliares. Fez grandes obras nesta casa, mandou construir a capela, e todo o corpo principal da casa.[387] Em 1776 nasceu nesta casa Frei António de Mesquita, que viria a ser monge de S. Bernardo, Abade de Cister e Procurador-Geral da sua Ordem, primeiro em Lisboa e depois no Porto até 1834.[388] O Capitão de Granadeiros no regimento de Milícias de Basto e Cadete de cavalaria em Chaves, Francisco de Sousa Pinto Mesquita e Magalhães, nasceu em 1770 e faleceu corria o ano de 1842; foi senhor desta e da casa de Diagares (Baião).[389] Sucedeu-lhe o Dr. Simeão Pinto de Mesquita Carvalho de Magalhães, que nasceu em 1816 e faleceu em 1882; bacharel, formado em direito, foi Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Presidente da Câmara Municipal de Baião e senhor das casas Diagares, Paço de Carvalhosa e da Chieira que vendeu a seu primo e co-irmão António Pinto de Mesquita para comprar a quinta de Vale de Cunha, em Ancede (Baião).[390]

---

385 - I. A. N. /T. T. *Diccionario Geográfico.*1758, vol. 8, fl. 208.

386 - AZEREDO, Francisco de - o. c., p. 85. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 53. SILVA, António Lambert Pereira da - *Nobres Casas de Portuga*l. Porto: Livraria Tavares Martins, [s/d], vol. II, 1986, p. 377; NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - *A Heráldica De Família No Concelho De Lousada Aditamento* a "Pedras de Armas do Concelho de Lousada" (1959). Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada. 1999, p. 137.

O Dr. António Pinto de Mesquita Carvalho de Magalhães, que nasceu em 1860, foi senhor da casa de Vila Verde por compra que fez a seu irmão Alexandre Pinto de Mesquita Carvalho de Magalhães, bacharel pela Universidade de Coimbra, advogado, Procurador à Junta Geral do Distrito do Porto, Vereador da Câmara do Porto e Governador Civil do Porto, e senhor da casa de Diagares.[391] Seguiu-se-lhe o Dr. Simeão Pinto de Mesquita Carvalho de Magalhães, nascido em 1889, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, do Partido Regenerador, advogado e deputado da Nação; foi vereador da Câmara Municipal do Porto e presidente do Conselho Distrital da Ordem dos Advogados deste distrito.[392] Uma das figuras mais importantes do concelho de Lousada, e que pertenceu a esta casa, foi o general Luís Pinto de Mesquita Carvalho, falecido em 1913. Formou-se em matemática pela universidade de Coimbra, e foi um estratego militar, tendo em Abril de 1851 acompanhado o marechal Saldanha na revolta militar desse ano. Era um liberal. [393]

Tipologicamente é uma casa quadrangular com capela destacada, que, da primitiva edificação quinhentista, aumentada em épocas posteriores, mantém a ala esquerda da residência, todo o lado Sul do alçado posterior e umas gárgulas.[394]A fachada principal, virada a Oeste, está dividida em três corpos. No corpo à esquerda, no rés-do-chão, há duas aberturas molduradas e gradeadas; no corpo central, setecentista,[395] duas portadas com lintel curvilíneo, duas janelas de verga, e uma escadaria de dois lanços opostos, com balaústres.

---

387 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 273. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha - o. c., p.55.

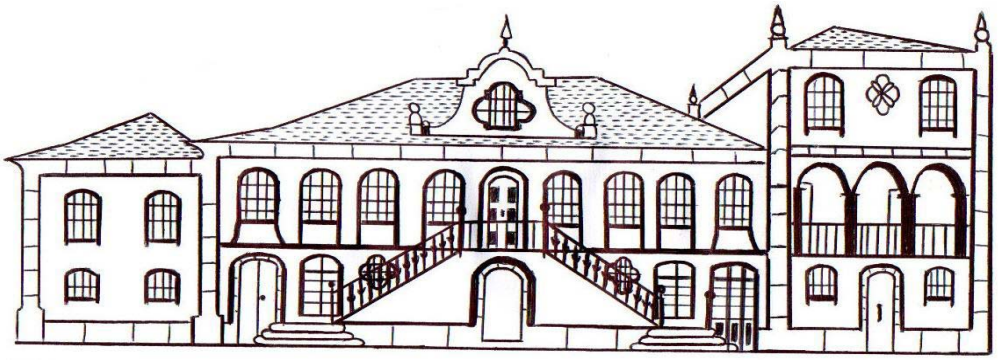
388 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 273. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha - o. c., p.55.

389 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c. 274. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p.56; NÓBREGA, Artur Vaz- Osório - o. c., p. 106.

390 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c. 274. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 106.

391 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c. 274. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 56; NÓBREGA, Artur Vaz- Osório - o. c., p. 106.

392 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 275 - 276. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 58; NÓBREGA, Artur Vaz - Osório - o. c., p. 118.



Desnho n.º 1 Desenho de Carolina

Casa de Vila Verde – Fachada Principal.

Desenho n.º 2 Desenho de Carolina

Capela (S. Sebastião) - Fachada principal e pormenor da sacristia.

O terceiro corpo, à direita, no torreão[396] de três pisos,[397] duas janelas de verga ladeiam uma portada. O corpo à esquerda, do andar nobre, mostra duas janelas de peitoril, e no corpo principal, ao centro, existe uma portada com lintel curvilíneo, ladeada por quatro janelas de verga; à face do beiral, há uma pequena mansarda com uma janela de peitoril em forma de trifólio. No corpo da direita, vê-se uma arcada tripla que abre para uma varanda recuada e larga, e o segundo andar, do torreão, apresenta duas janelas de verga.

No rés-do-chão, da fachada Sul, duas janelas de peitoril flanqueiam uma portada; no primeiro andar, no torreão, abre-se um arco de volta perfeita, e à direita, três janelas de verga. E o segundo andar é rasgado por duas janelas de verga.

A fachada Norte, possui, no rés-do-chão, uma portada, e no primeiro andar duas janelas de peitoril. O rés-do-chão, da fachada Este, evidencia uma janela de peitoril curvilíneo e uma portada moldurada, e no pano principal, no primeiro andar, duas janelas de peitoril, e duas portadas molduradas, enquanto o primeiro andar, à direita, conta com cinco janelas de sacada, encontrando-se três delas numa só sacada, e duas

janelas de peitoril, à esquerda. No torreão, no rés-do-chão, há duas janelas de verga, vendo-se no primeiro andar, duas janelas de sacada sobrepujando cachorrada, e no segundo andar, duas janelas de verga.

A capela foi edificada na parte nascente do terreiro, defronte da casa, e uma escadaria leva-nos ao seu arco sineiro. Ao centro da fachada principal, ressalta um portal arquitravado com cornija e painel, ladeado por dois óculos moldurados, em forma de losango, encimado pela pedra de armas dos "*Fonseca, Carvalho, Pinto e Monteiro,*"[398] que por sua vez é ladeada por dois óculos moldurados. O frontão é triangular e sobrepuja-o uma cruz trilobada, que coroa uma base octogonal; as pilastras são coroadas por urnas fechadas. A fachada Oeste apresenta uma única abertura com lintel curvilíneo, enquanto que a única fachada rusticada se situa a Norte. Na fachada Este, interior do terreiro fronteiro à casa, deparamos com uma pequena sacristia, que apresenta umas escadas de um só lanço, com uma pia baptismal, do seu lado esquerdo, com portal moldurado e lintel curvilíneo, flanqueado por dois óculos moldurados. As pilastras são sobrelevadas por urnas fechadas. E a fachada Sul tem duas aberturas molduradas e gradeadas. No pano da fachada Este, vê-se uma portada e uma abertura com lintel curvilíneo.

3. 4. Casa da Quintã.

Em 1735 era proprietário da casa da Quintã, o padre António Correia Barbosa, a quem sucedeu Agostinho Villas-Boas de Abreu, seu herdeiro universal, que contraiu matrimónio com D. Maria Josefa, a 20 de Outubro de 1745.[399] Bernardo de Mello, nascido em 1750, vai casar tardiamente com Maria Joaquina, e dessa união nasceu José Maria Mello Paes Villas-Boas, a 21 de Novembro de 1811, que herda todos os bens da família. Juiz de profissão, faleceu sem filhos.[400] Foi seu herdeiro, José Maria de Mello Geraldes Malheiro, seu sobrinho, nascido em 1875 na casa Grande de Vilela.[401] Foi seu sucessor, João Pinto de Queirós Geraldes Malheiro, que faleceu a 6 de Janeiro de 1975, tendo sido engenheiro civil e de minas.[402]

---

393 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 275. Cf. Deixou várias obras de referências: "*A verdadeira situação militar de Portugal*", 1876; "*O dolmem de Barroza*", 1898; "*Estudos e Tácticas*", 1870, em dois volumes, entre outra vasta bibliografia. Cf. *Lousada. Colectânea de Autores Locais*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, vol. I, 2002, p. 89.

394 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 271.

A fachada principal da Casa da Quintã, virada a Este, é de um só pano, apresentando a capela adossada no seu topo direito; no rés-do-chão tem duas janelas de peitoril com lintel curvilíneo, gradeadas. No andar nobre, exibe quatro janelas de peitoril com lintel curvilíneo, e à direita da fachada, entre esta e a capela, uma escadaria de um só lanço com patim, com volutas na parte terminal, e uma portada moldurada coroada por um campanário de arco de volta perfeita, encimado com uma cruz latina. Na fachada Norte há duas janelas de peitoril. Na fachada Oeste, no rés-do-chão, existem duas portadas e uma janela de peitoril, gradeada, e no primeiro andar, vislumbram-se cinco janelas de peitoril e uma escadaria de um só lanço. A fachada Sul, no rés-do-chão, ostenta três portadas, e no primeiro andar, exibe seis janelas de peitoril e uma mansarda com duas janelas, todas com lintel curvilíneo.

Em 1726 existia uma ermida, no lugar do Mouro, distante uns mil metros da casa da Quintã, que era do povo da freguesia, e tinha como invocação S. Brás.[403] A capela desta casa foi edificada em 1735, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.[404] mas em 1750 tinha como padroeiro Santo António.[405]

Fotografia n.º 4

Pormenor da capela e escadaria da casa da Quintã.

---

395 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 271.

396- SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 271.

397 - Este torreão, um acrescento dos primeiros anos do século XX, é da autoria do arquitecto Manuel Castelo Branco, segundo os senhores desta casa. Cf. SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 271

398 - SILVA, António Lambert Pereira da - o. c., p. 271.Cf. NÓBREGA, Artur Vaz- Osório - o. c., p. 106.

399 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 8.

400 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 8.

401 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 9.

402 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 8.

Fotografia n.º 5

Casa da Quintã - Fachada principal.

Em 21 de Abril de 1735 o Padre António Correia Barbosa solicitou a devida autorização à Diocese de Braga para construir uma capela na " (…) *casa da Quintã, porque estava velho e doente para se deslocar à igreja da freguesia. Ele pretendia fazer uma capela junto da sua porta pegada na estrada publica* (…)."[406] Mas já existia uma capela nesta casa: " (…) *lhe damos licença para que em a dita quinta possa fazer, edificar de novo a capela que pretende com a perfeição devida e com boa arquitectura* (…)." [407]

A fachada principal da capela, de Nossa Senhora da Conceição, apresenta um portal arquitravado, com frontão interrompido, e a rematá-lo a pedra de armas dos "*Pinto, Malheiro, Magalhães e Cabral.*"[408]A empena é encimada por uma cruz latina, e as pilastras são coroadas por pináculos. Na fachada Norte, pode ver-se um óculo em forma de quadrifólio, e a empena da fachada Oeste é coroada por uma cruz latina.[409]

---

403- RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 8.

404 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 9.

405 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 9.

406 - RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 9.

407 - A freguesia de Caíde tinha "*tres ermidas a saber, Sam Bras cituada no lugar do Mouro que fabrica a freguezia, Santo Antonio, no lugar da Quintam que pertence a Antonio Agostinho Villas Boas de Abreu e Sam Miguel das donas na Quinta da Ceara que fabrica Luis Manoel Coelho de Calvos. Nenhuma destas tem imagem.*" I. A. N. /T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 8, fl. 203v. Cf. RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**. (30 de Junho de 2003), p. 9.

408 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 106.

409 - Segundo a actual senhora da casa da Quintã, não há uma certeza quanto à data em que a casa foi ligada à capela. Na sua opinião foi ainda no tempo da monarquia que tal facto aconteceu. Na mesma altura a casa foi, igualmente, murada e gradeada.

3. 5. Casa de Ronfe.

O Capitão André Borges do Couto foi proprietário da casa de Ronfe, Familiar do Santo Oficio e portador Carta de Brasão de Armas para Borges e Coutos em 1696. Casou com Ângela Bernardes da Fonseca. Seu filho, André Borges do Couto, Familiar do Santo Oficio, Capitão e Escrivão da Honra de Meinedo e senhor desta casa, contraiu matrimónio com D. Josefa Teresa da Cunha de Macedo, do lugar de Ortozelo, freguesia de Caíde, em 1721. Era neto paterno do Capitão André Borges, também Escrivão da mesma Honra de Meinedo, filho de André Borges Barreto, Capitão de Ordenanças e Escrivão da mesma Honra, e neto materno do Capitão Gonçalo Fonseca Coutinho. Em 1756 o Dr. António da Cunha de Macedo Borges Barreto casou com D. Inácia Flávia de Mesquita Pinto de Magalhães. Em 1757 nasce José Barreto da Cunha Macedo, que lhe vai suceder.[410] Sua filha, D. Emília Eduarda Barreto, viria a casar com Joaquim Artur Archer, em 1819,[411] futuro presidente de Câmara do concelho de Lousada (entre 1838 e Junho de 1841). Em 1846, era presidente de Eleição dos Juízes de Paz para o Círculo de Meinedo, e em 1840 Conselheiro Municipal. Formado em Estudos Latinos, foi considerado em 1864 o homem mais abastado da freguesia de Meinedo.Vivia do arrendamento de "*vários prédios rústicos e urbanos, possuindo outros não arrendados.*"[412] A Casa de Ronfe pertencia a D. Emília Ana, em 1834, por herança do seu irmão José Archer, e Eduardo Barreto Archer vai herdá-la, por sua vez, em 1840.[413] Sucedeu-lhe D. Maria Augusta Barreto Archer, nascida nesta casa em 1889, e que a viria a vender a José Rosas.[414]

---

410 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 10.

411 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 10.

412 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 11.

413 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 11.

414 - Conceituado joalheiro do Porto, que foi "*Lavrante de algumas peças adquiridas pelo Vaticano.*" *Guia de Portugal* - o. c., p. 561. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 12; FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 425- 428.

Fotografia n.º 6
Casa de Ronfe - Fachada principal, Sul, e pormenor da fachada Este.
Fonte: MARCO (Fotografia), LUIS, Agustina - Bessa (Texto) Os *Dezassete Brasões*, Editora Campo Das Letras. 1998.

É uma típica moradia *"do século XVIII, de feição italiana (datada de 1775 e na qual se nota a influência de Nasoni) com um belo roseiral-casa de campo dos herdeiros de José Rosas, que a restaurou."*[415] Apesar de não possuirmos documento algum que prove a afirmação anterior, não resistimos a lembrar nesta dissertação de mestrado o pouco que se foi escrevendo sobre esta casa de Ronfe. E assim, há quem publicite que foi o " *arquitecto Nicolau Nazoni*"[416] que a projectou ou "*arquitectos da sua escola"*.[417] Como também existem aqueles que cogitam para tentar saber quem foram os arquitectos das casas nobres de Lousada, muito embora esse seja *"trabalho em vão, pois não se encontram menções ao nome dos seus projectistas, o que aliás explica a pequena variedade de esquemas construtivos."*[418]

---

415 - O conteúdo da anterior citação tem vindo a ser glosado por quase todos aqueles que têm escrito sobre a casa de Ronfe, e como já afirmámos não encontrámos documento algum que nos prove que este ou aquele arquitecto ou mestre-de-obras edificou a casa de Ronfe. Guia *de Portugal*- o. c., p. 563. Cf. Revista de Lousada. 2. In *Suplemento do* ***Jornal Terras do Vale de Sousa*** (24 de Janeiro de 1981), p. 25; *À Descoberta de Lousada.* - o. c., p. 105; *Jornadas Europeias de Património*, p. 23; *À Descoberta do Vale de Sousa. Rotas do Património Edificado e Cultural…* - p. 103.

416 - Revista de Lousada. 2. In *Suplemento do* ***Jornal Terras do Vale de Sousa*** (24 de Janeiro de 1981), p. 25.

417 - Revista de Lousada. 2. In *Suplemento do* ***Jornal Terras do Vale de Sousa*** (24 de Janeiro de 1981), p. 25.

418 - Revista de Lousada. 2. In *Suplemento do* ***Jornal Terras do Vale de Sousa*** (24 de Janeiro de 1981), p. 25.

Em termos arquitectónicos é uma casa de planta quadrangular com torre adossada no topo esquerdo da fachada Oeste, e com pátio interior. A fachada principal, virada a Sul, foi dividida, verticalmente, por pilastras, em três zonas, criando dois panos de parede simétricos; estes flanqueiam um pano central, o frontispício, rasgado por um portal arquitravado, com colunas embebidas e chave ao centro, tendo a sobrepujá-lo um janelão de sacada e lintel curvilíneo, com colunas embebidas, e chave ao centro, ladeado por duas janelas de sacada e lintel curvilíneo. No frontão, está cravada a pedra de armas dos "*Borges; Barreto; Cunha; Macedo*,"[419] rematada por uma pirâmide quadrangular; as pilastras são coroadas por pináculos; uma barra, em pedra, divide o rés-do-chão do andar nobre. No rés-do-chão, ao lado do portal arquitravado, abrem-se quatro janelas de peitoril, molduradas, com lintel curvilíneo e painel, duas em cada pano. A ladear o pano central, também quatro janelas de sacada, de lintel curvilíneo e painel, molduradas, duas em cada pano.

A fachada Oeste apresenta, no rés-do-chão, três janelas com portadas, molduradas, de batente, com lintel curvilíneo. Exibe um óculo, do lado direito, oval e de lintel curvilíneo e outro mais pequeno com as mesmas características, só que do lado esquerdo, são os dois moldurados. Ostenta, ainda, uma janela dupla, envidraçada, fixa, e moldurada com cornija de ressalto e painel. Do lado esquerdo desta janela há outro óculo moldurado de lintel curvilíneo envidraçado e janela de peitoril moldurada de lintel curvilíneo, quase junto à torre. Existe ainda uma janela moldurada e envidraçada, em ferro, aos quadrados, com lintel curvilíneo.

No primeiro andar, vislumbram-se três janelas de sacada, a sobrepujarem cachorrada,[420] sendo uma dupla e em granito, com lintel curvilíneo; e junto à cornija existem quatro óculos ovais molduradas. A torre é quadrangular, em cantaria, de fiadas sem igual proporção e suficientemente polidas; as juntas das pedras, comidas do tempo, mostram maior abertura do que nos seus princípios deveria ter, indício da sua muita antiguidade. Na fachada Este, uma escadaria em meia volta dá acesso à torre. A portada da capela é arquitravada e de cornija de ressalto. A fachada Norte, no rés-do-chão, patenteia três janelas de peitoril, enquanto o primeiro andar conta três janelas e uma portada, sendo duas de peitoril e uma de sacada, todas com lintel curvilíneo. Junto à cornija, mostra duas janelas de peitoril. Na fachada Este, no rés-do-chão, do lado esquerdo, podem ver-se quatro portadas com lintel curvilíneo, e à direita do pano, uma janela de peitoril com lintel curvilíneo; no primeiro andar, apresenta quatro janelas de peitoril com lintel curvilíneo, com portadas.

3. 6. Casa da Renda.

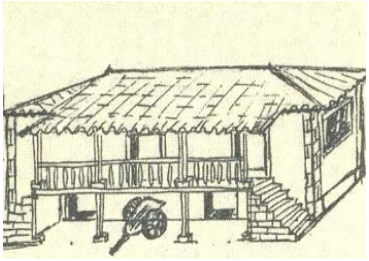
Em 1700 era a casa do Arcediagado de Meinedo.[421] O seu senhorio[422] foi o arcediagado do Porto, desde 18 de Julho de 1537 até 30 de Março de 1840.[423] Pertencia, em meados do séc. XX a Eduardo Pereira, e actualmente é seu proprietário António Eduardo Guerra Pereira, que a adquiriu em 1993, por partilhas de família, e a recuperou.

O nome desta casa deriva do facto de ali terem estado "as *casas da renda do arcediagado.*"[424] No primeiro decénio de setecentos, as rendas da igreja de Meinedo eram recolhidas nos baixos da casa do arcediagado, [425] e durante séculos a função desta casa foi de habitação no primeiro andar e de armazenamento das ditas "*rendas,*" no andar térreo.

Um dos seus elementos arquitectónicos, a escadaria, já esteve adossada à fachada Norte, tendo sido colocada, em data não definida, na fachada principal.[426] Esta casa fez parte do conjunto construtivo e edificado da igreja.[427]

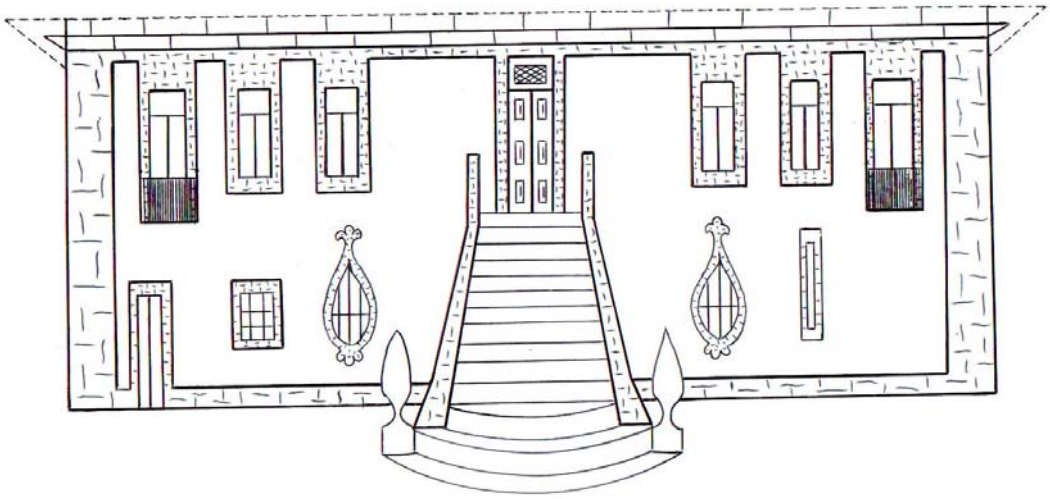
Era uma casa grande e "*sobradada,*" dividida em dois compartimentos com duas janelas, uma para Nascente e outra para Sul, e duas portas para um alpendre de madeira telhado, com escadas de pedra. Por baixo uma loja com cinco tulhas para recolha da renda do arcediagado;[428] esta casa comunicava com outra casa "*sobradada"*[429] com uma janela para Nascente e pela parte de fora tinha um pátio com escadas em pedra. No rés-do-chão, a loja funcionava como estrebaria, e no interior do pátio, à direita da entrada, uma casa térrea que servia de entrada. No mesmo pátio, para a parte do adro, outra casa térrea dividida em três, cada uma com uma porta, em que duas serviam de cortes e a outra de cozinha com forno.[430]

Gavura N.º 9
Casa da Renda
Fonte: LOPES, Eduardo Teixeira - Meinedo, subsídios para uma possível história desta freguesia, 2001, p.135.



Gravura N.º 10
A Casa da Renda (hipoteticamente) em 1700.
Fonte: Lopes, Eduardo, Teixeira - Meinedo, subsídios para uma possível história desta freguesia, 2001, p.135.

Em termos arquitectónicos é uma casa de planta muito regular, quadrangular, com escadaria perpendicular lançada contra a fachada principal, o que lhe quebra uma certa monotonia. A escadaria é de um só lanço, com patamar, sendo os três primeiros degraus semicirculares, com pináculos no início do corrimão; no rés-do-chão podem ver-se três portadas, uma janela, uma abertura moldurada, ambas gradeadas e dois óculos em forma de coração invertido, também moldurados e gradeados. No andar nobre, ao centro da fachada, uma portada moldurada, é simetricamente ladeada por duas janelas de peitoril e uma de sacada.



Desenho de Carolina

Desenho n.º 2

Casa da Renda - Fachada Principal. Pormenor da escadaria na perpendicular lançada contra a fachada.

---

419 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório- o. c., p. 19.

420 - "*Estreitos e altos, em espiral igualmente virada para baixo, mas voltada para dentro.*" GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira - o. c., p. 45.

421 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 134 e 228.

422 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 134 e 228.

423 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 134 e 228.

424 - Dignidade ou jurisdição do arcediago. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. - o. c., p. 78.

425 - " (…) *e por baixo huma logea que toma o vão dellas que tem sinco tulhas de pedra para recolhimento da* <u>*renda*</u> *do Reverendo Arcediago.*" Eis a origem do nome da Casa da Renda. LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 134 e 228.

426 - Segundo António Eduardo Guerra Pereira, senhor da Casa da Renda.

427 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 75. Cf. B. P. M. P. - *Censual do Cabido do Porto. Porto*: [s/l]: [s/e], 1924, p. 588.

A fachada Norte apresenta uma portada, e no primeiro andar, ao centro, uma janela de sacada, ladeada por quatro janelas de peitoril. A Este, no rés-do-chão, três portas molduradas, uma janela, e um alpendre que sobrepuja cinco colunas de granito; no primeiro andar, sete são as janelas de peitoril. A fachada Sul, mostra, no rés-do-chão, uma escadaria de um só lanço e duas portas molduradas, e no andar nobre, quatro janelas de peitoril.[431]

---

428 - "*O Pateo do asento das cazas do Reuerendo Arcediago medido à redonda por fora das paredes das cazas do Reuerendo Arcediago com as quais se cerca, e forma o mesmo pateo comessando da quina das cazas da adega que faz a modo de portada, e entrada principal para o mesmo pateo e acabando na mesma quina à volta por fora das paredes das mesmas cazas tem setenta e coatro varas e meya e de dentro no dito pateo estão as cazas seguintes:a saber huma grande sala de sobrado com hum repartimento pello meyo que a diuide em duas com ianelas de peitoril, huma para o Nascente e outra para o sul com suas escadas pella parte de fora e seu alpendre de pedra cuberto de madeira, e telhado e duas portas por donde se entra para cada huma das ditas salas, e por baixo huma logea que toma o vão dellas que tem sinco tulhas de pedras para recolhimento da renda do Arcediago.*" A. D. P. -*Tombo dos Bens e propriedades, foros e censos… - Secção Notarial*, Po-1, 1ª Série, Livro n.º 1706, 1696, fl. 42v. Cf. LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 228. Ver vol. III, p. 174.

429 - "*Outra caza terrea dentro do mesmo pateo na entrada delle para a maõ direita que serve de adega para recolhimento dos vinhos do Arcediagado, que tem de comprimento do nascente ao poente medida de quina a quina por fora da parede onze varas e palmo e meyo, e de largura de Norte ao Sul medido de quina pella parte de fora sinco varas e hum palmo.*" A. D. P.-*Tombo dos Bens e propriedades, foros e censos… - Secção Notarial*, Po-1, Livro n.º 1706, 1696, fl. 42v. Cf. LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 228. Cf. vol. II, p. 174.

430 - "*Outra caza terrea dentro do mesmo pateo para a parte do adro que se divide em tres cazas com parede sua pello meyo cada huma com sua porta para o pateo que duas dellas servem de cortes de gado, e huma cozinha e forno, que tem de comprido do nascente ao poente medindose de quina a quina por fora da parede quatro varas e tem todas estas cazas por dentro do mesmo pateo serventia particular para o adro e igreja.*" A. D. P. - *Tombo dos Bens e propriedades, foros e censos… - Secção Notarial*, Po-1, 1ª Série, Livro n.º 1706, 1696, fl. 42v. Cf. LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 228. Cf. vol. II, p. 174.

431 - As janelas à direita da escadaria, da fachada Sul, são de meados do séc. XX - Segundo o proprietário desta casa.

3. 7. Casa de Pereiró.

Fotografia n.º 7
Casa de Pereiró - Fachada Principal.

De 1746 até ao final do século XIX, foram proprietários desta residência, Manuel Pinto Ribeiro, Constantino Ribeiro de Sousa, António Elisiário Ribeiro de Sousa Pinto e Manuel Elisiário Ribeiro Peixoto.[432] Ainda que em momentos diferentes, mas no mesmo decénio, usufruiu esta casa o privilégio de ter homens que detiveram nas suas mãos os destinos deste concelho. Foram eles: o Dr. José Camilo Alves Teixeira de Carvalho e o Dr. Manuel Elisiário Ribeiro Peixoto, que exerceram o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lousada - o primeiro de 1893 a 1895[433] e o segundo em 1898,[434] sucedendo-lhe José Elisiário Teixeira Pereira Lopes.[435]

É uma antiga casa de lavoura, objecto de vários acrescentos ao longo dos anos, como comprovam as várias datas inscritas nas suas fachadas. A Norte, numa pedra, a seguinte inscrição: 1756; e a Este, no lintel do alpendre: 1817. A última grande alteração terá sido em 1999. Neste último restauro só não foram remexidas as salas da casa principal e do andar nobre, mas as antigas lojas e tulhas, celeiros e cortes, que correspondem às fachadas Oeste, Norte e Este foram totalmente restauradas e transformadas em áreas de lazer ou reaproveitadas para outro tipo de funções de ordem doméstica; a fachada Oeste, que já era uma zona residencial, com quartos e cozinha, foi melhorada, tornando-se mais funcional.

O corpo principal da zona residencial não foi alterado no que diz respeito ao seu interior, mas o seu exterior foi restaurado.[436] Na fachada Este, um elemento arquitectónico foi inserido: a capela de S. José, datada de 2002.[437]

Tipologicamente é uma casa de pátio interior,[438] com capela adossada no topo direito da fachada Este. Na fachada principal, virada a Este, no torreão, à esquerda,

existe uma portada moldurada, e no primeiro andar, uma janela de sacada, ambas com lintel curvilíneo, e fecho ao centro. O corpo central, patenteia duas portadas e à esquerda de cada uma, duas janelas de peitoril molduradas, todas com lintel curvilíneo; no topo desta fachada, à direita, mantendo simetria e equilíbrio, a capela de S. José.[439] Aqui, uma portada com lintel curvilíneo e fecho ao centro, rasga a fachada principal, e à direita, existe uma pequena abertura rectangular, moldurada e gradeada. Sobrelevando a porta, no tímpano, uma edícula moldurada, com a imagem de S. José; coroando o frontão, um campanário, encimado por uma cruz latina. As pilastras são sobrepujadas por pináculos piramidais.

Fotografia n.º 8
Casa de Pereiró - 2005

Fotografia n.º 9
Casa de Pereiró
Fonte: A. C. P. - Meados do séc. XX.

A fachada Norte é rusticada, e apresenta duas portas, sendo uma delas de cocheira, com acesso ao interior do pátio interior.[440] Na fachada Oeste, no andar térreo, vêem-se seis janelas de peitoril, gradeadas, e três chaminés[441] coroam o telhado. O rés-do-chão, mostra ainda uma escadaria de um só lanço e uma portada, no primeiro andar, ostenta uma janela de sacada com lintel curvilíneo, com chave. O rés-do-chão da fachada Sul é rusticado e exibe uma portada e uma janela gradeada, enquanto o primeiro andar, patenteia sete janelas de peitoril com lintel curvilíneo efecho. No segundo andar ostenta seis janelas de peitoril igualmente molduradas, com lintel curvilíneo e fecho.

---

432 - LOPES, Eduardo Teixeira Lopes - *A Minha Avó Margarida*, [s/l]: [s/e], 2003, p. 10-13.

433 - Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 94.

434 - Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 107.

435 - Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 107.

436 - Datas confirmadas pela Senhora da casa de Pereiró.

3. 8. Casa do Outeiro.

Fotografia n.º 10

Casa do Outeiro - Fachadas Este e Sul, com escadaria de quatro lanços e dois braços, torre com gárgulas e pormenor da capela com a edícula e cruz latina.

Na genealogia desta casa, recordamos Casimiro de Castro Neves, bacharel e doutor em direito pela Universidade de Coimbra, onde leccionou a cadeira de Direito Público Universal nos anos de 1848 e 1849, redactor dos jornais: "*A Pátria*", "*O Portugal*" e "A Nação," foi ainda fundador do Club Portuense,[442] tendo ocupado em Lousada a presidência da Câmara, nos anos de 1846 a 1847,[443] 1859 a 1861[444] e 1862 a 1863.[445] Era filho do Capitão António João de Castro e Araújo, e neto de Bernardo José de Castro Freire de Meireles, senhor desta casa, em 1768,[446] e Depositário do Cofre dos Órfãos do Concelho de Unhão, no ano de 1779,[447] e sobrinho de Frei José de Sam Joaquim de Castro Freire de Meireles, o último Abade do Mosteiro de Bustelo.[448]

Trata-se de uma casa que sofreu acrescentos, e se olharmos para a sua planta[449] ou para as fotografias da ficha de inventário[450] verificamos que a primitiva construção se situava na zona do pátio interior, a Norte. A capela foi mandada edificar, separada da casa, em 1768, por Bernardo José de Castro Freire de Meireles;[451] a fachada Sul foi erguida por Frei José de Sam Joaquim de Castro Freire de Meireles nas primeiras décadas do século XIX.[452] No segundo decénio da centúria de novecentos[453] foi construída a fachada Este e a torre adossada à fachada Sul, no seu topo esquerdo, constituíndo, assim, a actual fachada principal, ligando a fachada Este à capela de S. Francisco.[454] Data desta época, portanto, a configuração em L.

Arquitectonicamente é uma casa de planta em L com capela adossada à esquerda da fachada Oeste, torre ao centro da fachada Sul, e pátio interior a Norte.

A fachada principal, virada a Sul, apresenta no rés-do-chão, duas janelas de peitoril, quatro portas molduradas e uma porta de cocheira, três aberturas rectangulares gradeadas, uma abertura na vertical e uma portada; ao centro, uma escadaria de quatro lanços e dois braços, sendo os primeiros degraus semicirculares. No andar nobre, um portal moldurado com lintel curvilíneo e chave ao centro, é coroado por um frontão e duas janelas de sacada, uma à esquerda e outra à direita, que por sua vez são ladeadas, cada uma, por duas janelas de peitoril. Na torre, existem duas janelas de peitoril e a pedra de armas de S. Francisco.

---

437 - Em 2002, uma tulha - local onde se guardavam os cereais - foi transformada em local de culto.

438 - Ver vol. II, p. 126, 166 e 189.

439 - A imagem de S. José foi esculpida em granito

440 - Ver nota 438. Cf. vol. II, p. 126, 166 e 189.

441 - Em 1950 só existia uma chaminé, a maior, como se pode verificar nas fotografias.

442 - SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e FERREIRA, Damião Vellozo - *Os Fundadores do Club Portuense e a sua Descendência*, vol. II, Porto: Lello & Irmãos-Artes Gráficas, 1995, p. 125.

443 - *Presidente*s *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 44.

444 - Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 44.

445 - Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 45 - SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e FERREIRA, Damião Vellozo - *Os Fundadores do Club Portuense e a sua Descendência*, vol. II, Porto: Lello & Irmãos - Artes Gráficas, 1995, p. 125.

446 - SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e, FERREIRA, Damião Vellozo - o. c.,p. 125.

447 - *"Não há duvida que o suplicante Bernardo Joze de Castro he depositario do Cofre dos orfaons deste concelho a mais de tres annos por elleição da camera, he o que consta dos libros. O Escrivão Joaõ Esteves da Silva, Escrivaõ da Camera."* A. M. F. - *Livro de registo dos actos da correição da câmara do concelho de Unhão*, 1779, fl. 52.

448 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 24.

449 - Ver vol. II, Ficha de Inventário, p. 83.

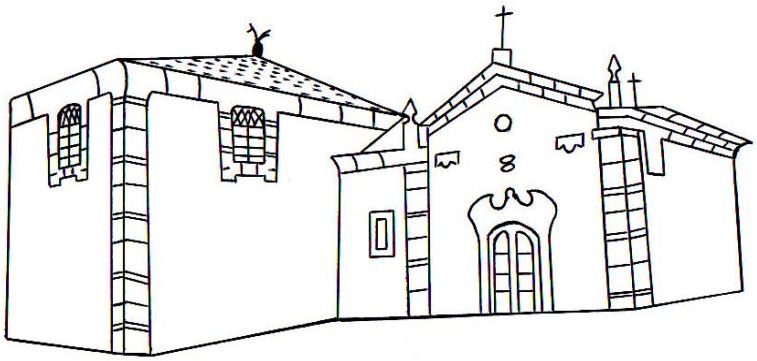
450 - Cf. vol. II, Ficha de Inventário, p. 83 e 93.

451 - A. D. P., *Secção Notarial*, Po-1, 1ª série, Livro n.º 32, 1768, fl. 25. Cf. A. D. B. - *Registo Geral*, Livro n.º 188, 1768, fl.295.

452 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 25.

453 - Segundo o Senhor desta Casa, Carlos da Costa Lima de Sousa Guedes.

454 - A.D.P., *Secção Notarial*, Po -1,1ª série, Livro nº 32, 1768, fl. 25, Cf. A.D.B., *Registo Geral*, Livro nº188, 1768, fl. 295.



Desenho por Carolina

Desenho n.º 3

Casa e Capela do Outeiro - Fachada Oeste.

A fachada principal, virada a Este (interior), no rés-do-chão, ostenta três portas e duas janelas de peitoril, com grade à espanhola;[455] no primeiro andar, vêem-se três janelas de peitoril e duas janelas de sacada molduradas.

Na fachada Este (exterior), da casa, na ala construída nas primeiras décadas do século XIX, no rés-do-chão, há duas janelas molduradas com lintel curvilíneo, enquanto as fachadas Oeste e Sul, exibem janelas de peitoris, também molduradas e com lintéis curvilíneos.

A fachada Este, da primitiva construção, é rasgada, no rés-do-chão, por uma portada moldurada com chave ao centro; e esta é ladeada por seis janelas molduradas, com grade à espanhola, apresentando no primeiro andar duas janelas de sacada molduradas, flanqueadas por quatro janelas de peitoril (1 janela de sacada/2 janelas de peitoril; 1 janela de sacada/2 janelas de peitoril), também molduradas.

A capela de S. Francisco está adossada à fachada Este, no topo esquerdo; na fachada principal, virada a Oeste, apresenta uma portada moldurada com frontão interrompido; ao centro da empena, patenteia um óculo em forma de quadrifólio, e a empena é coroada por uma cruz octogonal, sendo as pilastras coroadas por pirâmides quadrangulares. Nas fachadas Norte e Sul, há pequenas janelas molduradas e gradeadas, e existem vários painéis de azulejos com as imagens de S. Francisco, nas fachadas Sul, Norte e Este. Na fachada Este, ao centro, vê-se uma edícula também com a imagem de S. Francisco, que sobrepuja um ornato rectangular, moldurado, com a seguinte inscrição: "PAY ET BONUM". A empena é encimada por uma cruz latina.

---

455 - "*Grade de ferro artisticamente trabalhado, em forma de cesto, anteposta às janelas no Renascimento*." KOCH, Wilfried - *Dicionário dos Estilos Arquitectónicos*, Edição Martins Fontes, São Paulo: 2001, p. 155. Também denominada por "*papo de rola*". Cf. TEIXEIRA, Luís Manuel - *Dicionário Ilustrado de Belas* - Artes, Lisboa: Editorial Presença, 1985; p. 174.

3. 9. Casa da Bouça.

António Cabral de Noronha Menezes, foi juiz ordinário do concelho de Lousada e seu adminstrador em 1852,[456] tendo Felisberto Cabral de Noronha Menezes,[457] em Janeiro de 1858, presidido à Câmara de Lousada. Em 1861, Joaquim Cabral de Noronha e Menezes, é Deputado da Nação e Bacharel em Direito.[458] Todos foram proprietários da casa da Bouça, de que foi também seu senhor Agostinho Pinto de Azevedo, que, em 1719, mandou edificar a capela de Santo António.[459]

Inicialmente era uma casa de lavoura que foi evoluindo, tornando-se num "*solar apalaçado.*"[460] Contudo, não é fácil precisar a época dos diferentes corpos que constituem esta casa, pois a sua estrutura foi submetida a múltiplas reformas e acrescentos. Existe uma ala mais antiga edificada em granito e rusticada, e uma outra de construção mais recente e mais sumptuosa.[461]

---

456 - A. M. F. - *Livro de registo das actas, acórdãos e vereações do concelho de Lousada.*, 1828, fl. 1.

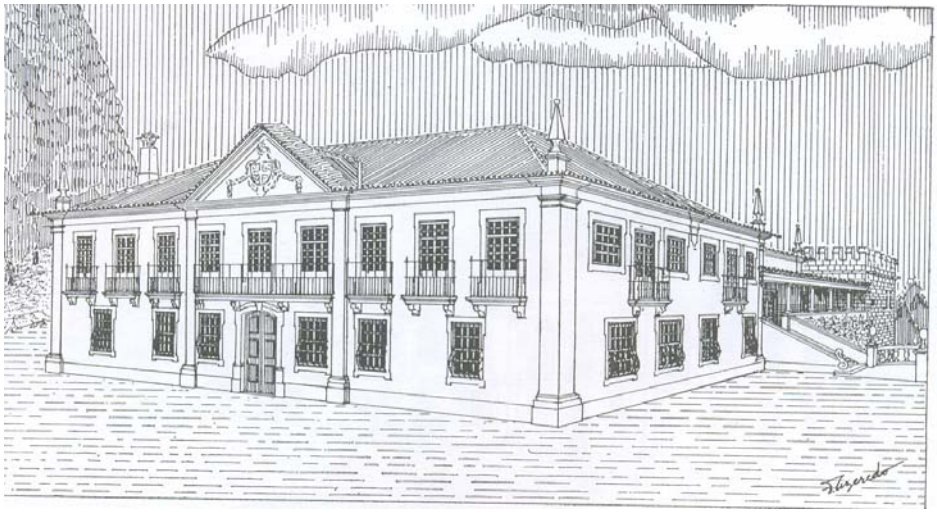
457 - A.D.P., *Secção Notarial*, Po - 4, 2ª série, Livro n.º 172, 1852, fl. 82. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 40.

458 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 40.

459 - " (…) *e logo por elle foi dito de ser de propria e livre bontade que elle e sua mulher Jacinta Francisca da Costa, tinham feito a sua capela de Santo António sita no dito lugar da freguesia, quinta da Bousa, por hiransa que recebeu de sua mulher (…) de instituir este vincollo como seue da bontade della de juntar em seu testamento com que faz este seo pedido no anno de mil setecentos e dezanove, aos nove dias de Mayo a pedido della testadora pello dito padre Manoel de Sousa Pinto do lugar da heira freguezia de Santa Christina deste dito concelho (…).*" A.D.P., *Secção Notarial*, Po -1, 1ª série Livro n.º 7, 1728, fl. 82 a 83.

460 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 358. Cf. *Jornadas Europeias do Património*, p.18; *À Descoberta do Vale do Sousa - Rota do Património Edificado e Cultural* … , p. 106.

461 - Segundo o proprietário da Casa da Bouça, Dr. João Diogo Cabral de Noronha e Meneses. Cf. *Lousada Terra Prendada* - o. c., p.108-109; *À Descoberta de Lousada* - o.c., p. 12; *O Nosso Concelho* - o. c., p.16. Não encontrános nos arquivos, o contrato de obra desta casa, nem das outras. Segundo o dono desta casa, porém, os diferentes riscadores dos diversos acrescentos desta residência foram os seus antepassados e os seus construtores foram os pedreiros da região. Assim, no início do século XIX, primeiro quartel, o trisavô do actual senhor da Casa da Bouça constrói um novo edifício, e em meados do século XIX, o bisavô faz-lhe um novo acrescento; entretanto, no primeiro quartel do século XX, o avô executa o acrescento do alpendre, da torre e da escadaria.



Gravura N.º 11

Casa da Bouça - Fachada Principal, virada a Sul, /Este, com torre.

Fonte: AZEREDO, Francisco de - *Casas Senhoriais Portuguesas. Viagens de Estudo Do IBI*. Braga: Oficinas Gráficas da Livraria Cruz, vol. I, 1978, p. 83.

Arquitectonicamente é uma casa quadrangular com capela adossada no topo esquerdo da fachada Oeste, e torre a Norte. O corpo da fachada principal, virado a Sul, foi dividido verticalmente por pilastras, em três zonas, criando dois panos de parede simétricos que flanqueiam um pano central, o frontispício; este apresenta no rés-do-chão uma portada com lintel curvilíneo e fecho ao centro, e a ladeá-la duas janelas de peitoril, gradeadas e molduradas.[462] No andar nobre, três janelas de sacada molduradas sobrepujam cachorros,[463] e a rematar o frontispício, um frontão triangular com a pedra de armas dos "*Castelo-Branco, Cabral, Araújo e Menezes*."[464] Em cada pano da parede, no rés-do-chão, há quatro janelas (duas no pano direito/duas no pano esquerdo), de peitoril e gradeadas, e no andar nobre seis janelas de sacada molduradas (três no pano direito/ três no pano esquerdo), sobrelevam cachorrada, todas ladeando o frontispício.

A fachada Norte, parte da casa, no rés-do-chão, patenteia uma porta moldurada e gradeada, dois óculos molduradas, duas janelas de peitoril gradeadas; no primeiro andar, mostra duas janelas de sacada. Na fachada Este, no rés-do-chão, vêem-se duas portas molduradas, e uma escadaria[465] de dois lanços, com volutas na parte terminal, que permitem o acesso a uma varanda alpendrada. No primeiro piso, apresenta um alpendre com quatro colunas e três portas molduradas, sendo o lambril de azulejo monocromático e em azul-cobalto, com representação figurativa, executado em painéis de grandes dimensões. À esquerda da varanda alpendrada, no rés-do-chão, existem quatro janelas de peitoril, gradeadas, vendo-se no primeiro andar quatro janelas de

peitoril e duas janelas de sacada, que sobrepujam cachorrada; as pilastras são sobrelevadas por pináculos.

A fachada Oeste, do corpo primitivo, tem uma escada de um só lanço e uma portada. Na fachada Sul, no primeiro piso, podem ver-se, quatro janelas de peitoril, e o portal é sobrepujado por três merlões. O rés-do-chão da fachada Norte apresenta três pequenas janelas gradeadas, uma portada grande e umas escadas de um só lanço que permitem o acesso à torre;[466] no primeiro andar são cinco as janelas. Na fachada Norte, no rés-do-chão, existe uma portada e duas janelas de peitoril, gradeadas, e no primeiro andar, vêem-se duas janelas de pinázio. Na fachada Este, há, igualmente, uma janela de pinázio e uma portada.

Nesta casa o jardim estrutura-se num largo terraço com passagem directa para as salas do primeiro andar.[467]

A capela foi adossada à fachada Este[468] e no rés-do-chão exibe duas janelas de peitoril molduradas, sendo uma gradeada, enquanto no primeiro piso mostra duas janelas de peitoril também gradeadas e uma moldurada.

A fachada principal da capela, apresenta um portal moldurado com lintel curvilíneo, ladeado por dois óculos; tem ao centro um óculo, encimado por um frontão triangular, que é coroado por uma cruz octogonal, enquanto as pilastras são sobrelevadas por duas urnas fechadas; na fachada Sul vislumbra-se um campanário de lintel curvilíneo. Na fachada Norte, no rés-do-chão, há uma portada moldurada, e no primeiro andar, existe uma janela de peitoril. A pilastra do extremo Oeste, é rematada por um pináculo.

---

462 - Não se ajustam em termos de rigor arquitectónico e de espaço na fachada, com os restantes elementos que a estruturam, mas basta olhar para os cachorros que sustentam as sacadas do andar nobre e reparar que as janelas do rés-do-chão não têm um alinhamento correcto.

463 - " (…) *do tipo largo e baixo, terminando em espiral virada para baixo e voltada para fora.*" GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira - *Casas do Porto* - o. c.,p. 45.

464 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 26.

465 - Do início do séc. XX, segundo o Dr. João Cabral.

466 - A torre, o alpendre e a escadaria foram construídos no primeiro quartel do século XX, pelo avô do actual proprietário da Casa da Bouça. (Informação do Dr. João Cabral.).

467 - OLIVEIRA, Rosa - o. c., p. 13.

468 - Segundo o proprietário desta casa, este acrescento foi executado no século XIX. A capela foi edificada em 1719. A.D.P., *Secção Notarial*, Po -1,1ª Série, Livro n.º 7, 1728, fl. 82 a 83.

3. 10. Casa do Porto.

Fotografia n.º 11
Casa do Porto - Fachada Principal.

Pantaleão Pinto Ribeiro, nascido a 17 de Julho de 1607, foi Capitão-Mor do concelho de Lousada,[469] e senhor desta casa, sucedendo-lhe Manuel Pinto do Valle Peixoto de Souza Villas-Boas, que, em 1730, era também senhor da Casa da Seara e do Bairro, bacharel, formado em leis, juiz de fora e dos Órfãos em Braga e Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo.[470] Manuel Henrique do Valle Peixoto de Souza e Villas-Bôas, seu sucessor, proprietário das casas de Baceiras e da Ribeira.[471] Sucedeu-lhe Manuel do Valle Peixoto de Souza e Villas-Boas, nascido a 13 de Março de 1770, senhor que foi da casa do Bairro, de Baceiras e da Ribeira, e Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro e Comendador da Ordem Militar de Cristo, Capitão-Mor de Lousada, Escrivão da Câmara, Almotaçaria e Direitos Reais de Lousada, Provedor do mesmo concelho, Comandante de uma das Sub-Divisões da 7ª Brigada e do Batalhão Nacional de Lousada e de Aguiar de Sousa.[472]

---

469 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 57. Cf. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 296.

470 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 60. Cf. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 295.

471 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 60. Cf. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 295.

472 - LOPES, Eduardo Teixeira - o. c., p. 61. Cf. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 296. A sete de Abril de 1831 era Capitão-mor do concelho de Lousada, João José Ribeiro, da Casa da Rabada, da freguesia de Alvarenga: "*Escriptura de 600.000 réis que fez o Cappitam mor deste concelho José João Ribeiro á Confraria de Santíssimo Sacramento de S. Marinha de Lodares deste Concelho em sette de Abril de 1831*." A.D.P., *Secção Notarial*, Po- 4, 2ª Série, Livro n.º 151, 1831, fl. 16.

Tipologicamente é uma casa com uma planta do tipo L e capela adossada ao topo esquerdo da fachada principal, virada a Sul, dividida, verticalmente, em três zonas por pilastras que criaram dois panos de parede simétricos; estes flanqueiam um pano central, onde se abre uma portada moldurada com chave ao centro, ladeada por duas janelas de peitoril, gradeadas. No andar nobre, ainda do frontispício, uma janela de sacada, com fecho e painel, entre duas janelas de peitoril, é coroada por um frontão triangular, com a pedra de armas dos "*Peixoto, Pinto, Sousa, Vilas-Boas*"[473] À direita do frontispício, no rés-do-chão, duas janelas de peitoril, gradeadas, e no andar nobre, duas janelas de sacada. No rés-do-chão, à esquerda, vêem-se duas janelas de peitoril gradeadas, e no andar nobre, duas janelas de sacada.

A fachada Oeste, da casa, está dividida em três corpos, por duas pilastras, sendo o corpo central um torreão de três andares. O primeiro corpo, à esquerda, rebocado, é rasgado por quatro aberturas rectangulares, molduradas e gradeadas, e uma portada. No primeiro andar, aparecem cinco janelas de peitoril molduradas.

O corpo central exibe, no rés-do-chão, duas aberturas molduradas e gradeadas, e no primeiro e segundo andar, há em cada um, duas janelas de peitoril, enquanto no terceiro andar sobressai uma sacada com duas janelas. O terceiro corpo, à direita, exibe, no rés-do-chão, cinco aberturas gradeadas, e no primeiro andar, mostra cinco janelas de peitoril, todas molduradas.

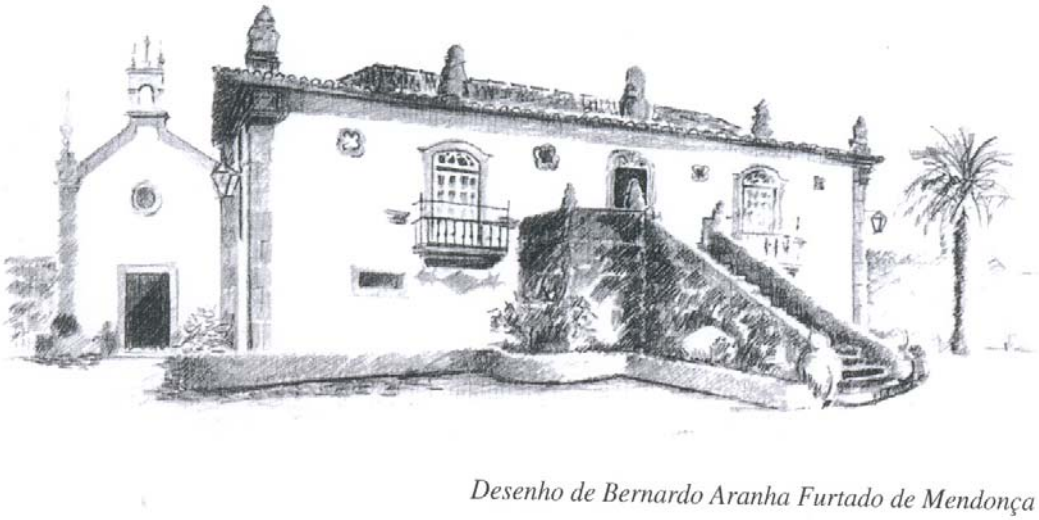
Na fachada Norte, há uma portada ladeada por quatro aberturas quadrangulares e gradeadas, no rés-do-chão, e no primeiro andar, evidencia três janelas de peitoril.

A fachada Este, ostententa, no pátio interior, do rés-do-chão, à esquerda, uma escadaria de três lanços e dois braços, duas portadas e uma janela de peitoril gradeada. Pode ver-se, ao cimo desta, duas portadas e uma janela de peitoril, sendo de referir, ainda, à direita, no rés-do-chão, três portadas e uma janela de peitoril, gradeada. No primeiro andar existem seis janelas de peitoril, gradeadas e duas pequenas aberturas rectangulares envidraçadas, havendo mais uma grande janela de peitoril gradeada, todas molduradas. No segundo andar lobrigam-se três janelas de peitoril. O "torreão"[474] exibe uma janela de peitoril gradeada e moldurada.

A fachada principal da capela, segue o mesmo ritmo construtivo da fachada Sul da casa, a que está adossada. Apresenta no pano principal, um portal arquitravado, com fecho e lintel curvilíneo, sobrepujado por uma janela de peitoril, e um frontão triangular, que é rematado por uma cruz granada, sendo as pilastras sobrelevadas por fogaréus estriados. No pano da direita, no rés-do-chão, há uma porta de cocheira

moldurada, e no primeiro andar, uma janela de peitoril, enquanto no pano à esquerda, no rés-do-chão, existe uma abertura moldurada, e no primeiro andar uma janela de peitoril. A fachada Norte, exibe uma janela fixa e uma portada, umas escadas de um só lanço e uma porta que conduz ao interior da capela.

3. 11. Casa de Juste.




Desenho n.º 4
Casa de Juste - Pormenor da escadaria lançada na perpendicular contra a fachada e volutas nas partes terminais, com capela a fazer um ângulo de noventa graus com a fachada Norte.

O primeiro proprietário desta casa foi Paulo da Cunha Coutinho Osório, que casou em Macieira em 1636, tendo sido Capitão-mor do concelho de Unhão; sucedeu-lhe seu filho Manuel da Silva Osório Pinto da Fonseca, que também deteve o cargo de Capitão - mor do mesmo concelho de Unhão.[475] Em 1865, Carlos Vieira de Mello da Cunha Osório, integrou a Comissão Municipal que secundou a "*Direcção do Palácio de Cristal Portuense na sua Exposição Internacional,*"[476] acontecimento que teve lugar a 21 de Agosto do dito ano, foi proprietário desta casa. Seu filho, Eduardo Vieira de Melo da Cunha Osório, foi um dos principais impulsionadores do Republicanismo em Lousada.[477]

É uma residência que foi submetida a alterações no decorrer dos anos, tendo o último restauro sido total,[478] quer no interior, quer no exterior. Vários elementos arquitectónicos: capiteis, colunas medievais, volutas, ornatos, portas tardo - medievais

-sobrevivem, espalhados um pouco por toda a casa, e "*foram trazidos de algum edifício religioso da vizinhança.*"[479]

Apresenta uma planta simples, quadrangular, "*e é um bom exemplo da casa nobre rural do século XVIII, provavelmente ainda do segundo quartel do século XVIII, como parece depreender-se da escadaria lançada perpendicularmente contra a fachada; conserva as volutas terminais, num tipo relativamente frequente para essa época.*"[480] É de um só lanço e com patim.

No rés-do-chão, da fachada principal, que está virada para Oeste, expõe duas aberturas molduradas, gradeadas, uma de cada lado da escadaria, enquanto no primeiro andar, ao centro, apresenta uma portada, que "*parece tratar-se de tipo medieval*,"[481]com um lintel bilobado composto de arcos crescentes, sendo o exterior arredondado estendendo-se ao longo dos umbrais, terminando da parte inferior, em espiral; o lintel foi mutilado com o objectivo de dar maior altura à porta.[482] À direita, duas janelas de sacada molduradas com lintel curvilíneo, quatro óculos em forma de quadrifólios molduradas, e vários ornatos sobre o telhado, um deles com o brasão[483] a sobrelevar a cornija. A pedra de armas é dos "*Cunha.*"[484]

---

473 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 26. Cf. Revista de Lousada. In Suplemento do ***Jornal Terras do Vale de Sousa*** (19 de Setembro 1991), p.23. "*E a fachada principal foi edificada propositadamente para os seus salões receberem o Rei D. Miguel, que por fortuna das armas nunca aí se chegou a deslocar. E a mistura das alças brancas com outras de granito à vista e pedra aparelhada ou assente em argamassa unida nas juntas, constitui uma característica vulgar na edificação da casa nobre.*"

474 - Segundo o proprietário João Maria Cabral Peixoto de Magalhães, esta residência foi alvo de vários acrescentos em épocas bem distintas.

475 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 344.

476 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 50. Cf. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 344.

477- Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 50

478 - Segundo Fernando Guedes, proprietário desta casa.

479 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 149. A mesma informação nos foi dada pela proprietária da casa de Juste.

480 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 149.

481 - MIRANDA, Abílio. - o. c., p. 12.

482 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 61.

483 - NÓBREGA, ArturVaz-Osório da - o. c., p. 61.

484 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 61.

Na fachada Norte, há uma janela de pendor manuelino. Bonfim Barreiros, afirma que no Minho não são muitas *"as janelas medievais e quinhentistas que se mantêm de pé,"*[485] para de imediato referir que existe *"a da casa de Juste, em Lousada, de maior riqueza de decoração."*[486] Esta é uma janela com remate superior bilobado, constituído por duas molduras, sendo a externa composta por frontão de diamante e a interna por um cordão que termina a meio de uma carranca, e sob os arcos duas cruzes formadas por losangos, sendo coroada por uma ornamentação serpenteante e simétrica.[487] A fachada Sul, no rés-do-chão, tem duas portadas e três janelas de peitoril molduradas; no primeiro andar, quatro janelas de sacada, e a *"chaminé é grande, subindo com a mesma largura da base."*[488]

A fachada Este, rés-do-chão, apresenta uma janela de peitoril gradeada, e no primeiro andar, uma janela de sacada com lintel curvilíneo; o alpendre é composto por cinco colunas, e as escadas são de um só lanço e divergentes, quatro óculos em forma de quadrifólios e duas portadas compõem o ritmo da construção. Na base das escadas descobre-se uma pedra com duas volutas insculpidas coroadas por uma concha. Na fachada Sul, na parte do pátio interior, há, no rés-do-chão, três janelas de peitoril -uma gradeada - e duas portadas. No primeiro andar vêem-se três janelas igualmente de peitoril.

A capela da Casa de Juste, no topo esquerdo da fachada Norte, forma um ângulo recto, e tem como invocação Santo António: " (…) *com um sò altar, que está na Quinta de Juste, e pertence a Dona Josefa Brochado, e seus filhos da mesma Quinta, a qual cappella tem mais a imagem de São Gonçalo de Amarante, e a da Senhora do Rozario; e nem èsta, nem a de Sam Sebastião tem romagem."*[489]

A fachada principal, virada a Oeste, é rasgada por um portal moldurado, tendo ao centro um óculo moldurado, e a empena é rematada por um campanário de arco de volta perfeita, coroado por uma cruz latina e dois pináculos, sendo as pilastras encimadas por pináculos. Na fachada Norte, uma abertura moldurada. A fachada Este, ostenta uma cruz de trevo que coroa a empena; patenteando a fachada sul, uma portada e duas aberturas molduradas.

---

485 - BARREIROS, G. Bonfim - *Janelas Portuguesas.* Porto: Livraria Galaica, Depositaria, [s/e], p. 10.

486 - MIRANDA, Abílio. - o. c., p. 12.

487 - MIRANDA, Abílio. - o. c., p. 12.

488 - OLIVEIRA, Ernesto de Oliveira; GALHANO, Fernando - o. c., p. 121.

489 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758. vol. 36, fl. 569.

3. 12. Casa de Alentém.

Em 1698 era proprietário desta casa Gonçalo Pinto da Fonseca de Almeida e Brito, que foi Capitão-mor do concelho de Unhão,[490] sucedendo-lhe Cristóvão de Almeida Soares de Andrade Gavião, Fidalgo e Cavaleiro da Casa Real, e último Capitão-mor do concelho de Unhão,[491] que também foi proprietário da casa do Casal. D. Cristóvão de Almeida Soares de Brito, formou-se Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra, e foi Lente de Prima; bispo de Pinhel, faleceu em 1770, tendo sido sepultado na Sé.[492] António Barreto de Almeida Soares Lencastre, bacharel pela Universidade de Coimbra,[493] presidente da Câmara,[494] deputado às Cortes e Fidalgo da Casa Real, foi primeiro Visconde[495] e primeiro Conde de Alentém.[496] Tendo sido, segundo e terceiro conde de Alentém, respectivamente, Cristóvão de Almeida Soares de Lencastre e o Dr. António Barreto de Almeida Soares de Lencastre.[497]

A primitiva Casa de Alentém foi mandada construir por D. Cristóvão de Almeida Soares de Brito,[498] bispo de Pinhel e concluída pelo Visconde de Alentém. Em 1887 era considerada uma *"formosa e magestosa vivenda,"*[499] de que era proprietário o Visconde de Alentém, António Barreto d' Almeida Soares de Lencastre, sendo que *"O palacio d' Alentem foi principiado pelo mencionado bispo de Pinhel e concluído pelo actual senhor visconde, - tem uma fachada com 32 metros de comprimento, - 20 de fundo e 22 janellas na frente grandes salas, muitos quartos - 30 a 40 quartos sempre feitas para os hospedes, pois é a maior hospedaria d' este concelho e dos circumvisinhos… É brasonado e tem uma linda capella muito antiga."*[500] E era uma *"grande quinta muito mimosa e fértil,"*[501] que tinha uma cerca que rodeava este "*palacio*" com "*Kilometros de circunferência (…).*"[502]

---

490 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 345. Cf. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 101.

491 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 346. Cf. LEAL, Pinho - o. c., p. 62.

492 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 346. Cf. LEAL, Pinho - o. c., p. 62.

493 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 347.

494 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 346. Cf. LEAL, Pinho - o. c., p. 62.

495 - Decreto de 3-9-1874. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 61.

Desenho n.º 5 Desenho de Carolina

Casa D' Alentém - Fachada principal.

José Augusto Vieira, no declinar do século XIX, enobreceu a Casa de Alentém ao classificá-la de "*palacio*"[503] e ao afirmar que é *"absolutamente a primeira casa d' esta freguezia.*"[504]

Em termos arquitectónicos é uma casa com uma planta do tipo quadrangular, com capela no topo direito da fachada Este. O corpo da fachada principal, virado a Oeste, foi verticalmente dividido por pilastras, em três zonas, criando dois panos simétricos que flanqueiam um pano central, o frontispício; neste, uma escadaria de um só lanço conduz a uma portada moldurada, com fecho ao centro, ladeada por duas janelas de peitoril, evidenciando uma sacada com três janelas no andar nobre, por sua vez encimada por um frontão triangular onde estão adossadas as pedras de armas dos "*Pinto, Almeida, Albergaria e Faria.*"[505] A flanquear a escadaria, dez pequenas aberturas molduradas, na horizontal, (cinco no pano direito/ cinco no pano esquerdo), e no rés-do-chão, oito janelas de peitoril molduradas, (quatro no pano esquerdo/quatro no pano direito), ostentando no andar nobre, de ambos os lados do frontíspicio, oito janelas de sacada, (quatro no pano direito/ quatro no pano esquerdo). A fachada Sul foi

também ela dividida verticalmente por uma pilastra, que criou duas zonas e dois panos. No pano da esquerda, no rés-do-chão, exibe uma janela de sacada e quatro janelas de peitoril, sendo que duas delas, as da direita, são gradeadas, e no primeiro andar, mostra uma janela de sacada, e quatro molduradas a ladeá-la. No pano da direita, no rés-do-chão, evidencia duas janelas de peitoril gradeadas enquanto no primeiro andar, outras duas, mas sem grades. Na fachada Norte, no rés-do-chão, uma escadaria de dois lanços opostos, quatro janelas de peitoril molduradas e gradeadas, e uma portada, ao centro; no primeiro andar, uma janela de sacada, ladeada por quatro de peitoril (duas à direita e duas à esquerda).

Na fachada Este, do lado da capela, no rés-do-chão, há sete janelas de peitoril, sendo três delas gradeadas, e à esquerda desta fachada, vislumbra-se uma portada moldurada, ladeada por duas aberturas quadrangulares, molduradas e gradeadas e um grande vitral.

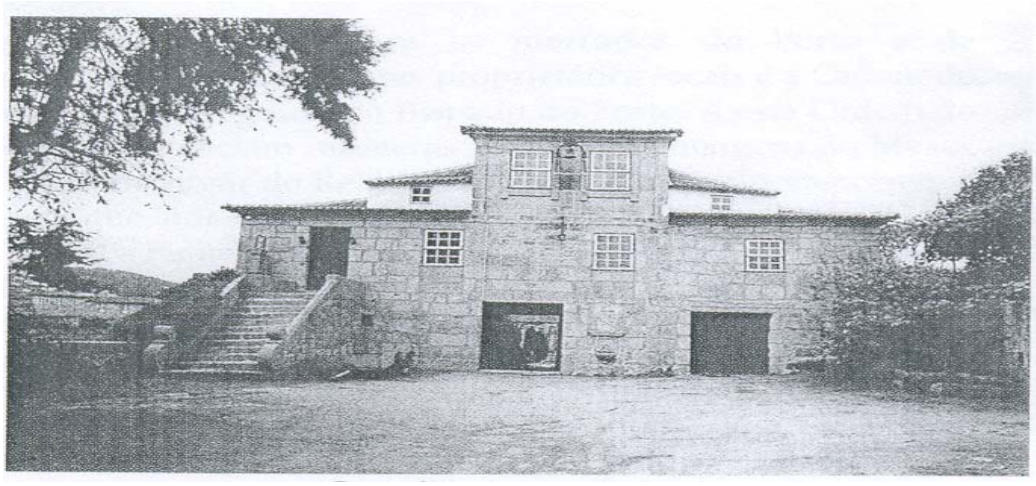
Em 1758 já existia a capela da Casa de Alentém: "*Tem uma capella de invocassam da Senhora do Pillar, pertencente ao Reverendo Doutor Christovam de Almeyda Soares contigua as cazas do sobredito.*"[506] A fachada principal da capela da casa de Alentém, virada a Norte, apresenta um alpendre, adossado à mesma e suportado por duas colunas. A porta é moldurada, e ao centro da empena exibe um óculo moldurado, em forma de losango; a empena é coroada por uma cruz de nascimento de Jesus, e as pilastras são rematadas por pináculos; na fachada Este, uma cruz latina e vazia, encima um painel de azulejos com imagem de Stª Filomena.[507] Uma cruz latina coroa a empena Sul. E a pilastra à direita é sobrelevada por um pináculo e à esquerda por uma pirâmide quadrangular.

Desenho n.º 6 Desenho de Carolina

Casa de Alentém - Capela de Nossa Senhora do Pilar e pormenor do vitral.

## 4. Casas edificadas na área do Rio Mesio.

### 4. 1. Casa de Argonça.



Fotografia n.º 12

Casa de Argonça - Fachada principal, pormenor da escadaria com volutas na parte terminal.

Fonte: *À Descoberta do Vale de Sousa - Rotas do Património Edificado e Cultural…* 2.ª Edição. Paços de Ferreira: Editores Héstia, 2002, p. 88.

Foram proprietários desta casa, António Machado de Meireles Brandão Lobo, em 1797,[508] e D. Teresa Ângela Machado de Sousa Meireles, em 1959,[509]descendentes de Gervásio de Meireles Freire, que a 8 de Maio de 1642, justificou a sua nobreza.[510]

A casa de Argonça conheceu as mais diversas transformações ao longo dosanos, algumas em data bem recente (1990).[511] É uma casa organizada à volta de um pátio interior, com a fachada principal virada a Sul. No rés-do-chão, apresenta uma portada, uma fresta e uma porta de cocheira (no lintel pode ler-se a seguinte data: 1753), que permite a passagem para o pátio interior; entre as duas portas está adossada uma fonte com uma cruz latina, que sobrepuja duas volutas, assentes num prato rectangular, fonte que tem ao centro uma carranca por onde saía a água para uma taça. A escadaria, à esquerda, lançada na perpendicular contra a fachada, de um só lanço e com patim, ostenta volutas na parte terminal, e é um acrescento de 1990.[512]

---

496 - Decreto de 20-3-1890. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 61.

497 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 61.

498 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 346.

O primeiro andar é rasgado por três janelas de peitoril e uma portada, formando ao centro um torreão com duas janelas de peitoril, molduradas. A ladear o torreão podemos ver duas pequenas mansardas, com duas janelas de empena. Numa edícula, que sobrepuja uma coluna, originária da quinta de Vila Tinta, no concelho de Paços de Ferreira, datada de 1775, acha-se uma pequena imagem de Santa Teresa, adossada à fachada do primeiro piso, do lado esquerdo.

O rés-do-chão da fachada Oeste, ostenta duas frestas gradeadas, e no primeiro andar, existem cinco janelas de peitoril, simétricas entre si e obedecendo ao mesmo ritmo, tendo no topo esquerdo, o campanário do antigo oratório. A fachada Norte, no interior do pátio fechado, exibe três janelas de peitoril; já na fachada Este vêem-se duas portas e, entre elas, acham-se três janelas de peitoril gradeadas.

---

499 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364. Cf. LEAL, Pinho - o. c. , p. 1285; Presidentes *da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 62; NÓBREGA, Artur Vaz-Osório - o. c., p. 118.

500 - LEAL, Pinho - o. c. , p. 1285. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 62; NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 118; VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364; *Palácios e Solares Portuguezes*, Porto: Livaria Lello Editores, [s/d], p. 41.

501 - LEAL, Pinho - o. c., p. 1285.

502 - LEAL, Pinho - o. c., p. 1285. Cf. vol. II, p. 11 - 12.

503 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364. Cf. vol. II, p. 11- 12.

504 - VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 364.

505 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 118. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 61; VIEIRA, José Vieira - o. c., p. 364; CORREIA, J. - o. c., p. 3;

506 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico.* 1758, vol. 2, fl. 401.

507 - "*Além da egreja parochial e da capella da casa de Alentem há na freguezia a ermida de Santa Philomena, mandada construir há poucos anos pelo actual visconde, no monte do Penedo da Saudade, um dos sítios mais pitorescos da freguezia.*" VIEIRA, José Augusto - o. c., p. 367.

508 - A. C. A. - *Documento* - 1797, fl. 5v.

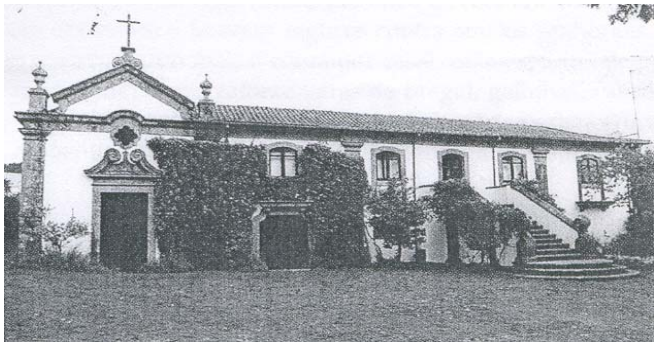
509 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da- o. c., p. 241.

510 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 241.

511 - Segundo os proprietários da Casa de Argonça.

512 - A escadaria escondeu parte de uma fresta. As volutas são um acrescento e vieram da Quinta de Vila Tinta, do concelho de Paços de Ferreira; e a obra foi executada em 1990, segundo Vítor Manuel Saldanha Lobo, proprietário da Casa de Argonça.

4. 2. Casa de Real.



Fotogrrafia n.º 13
Casa de Real - Fachada Principal
Fonte: *À Descoberta do Vale de Sousa - Rotas do Património Edificado e Cultural…* 2ª Edição. Paços de Ferreira: Editores Héstia, 2002, p. 10.

Foi seu proprietário, José Freire Vieira Teixeira de Queirós, que nasceu em 1762 e nela faleceu em 1829 - Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Capitão-mor de Leça do Balio e Donatário de S. Miguel de Cacerilhe, concelho de Celorico de Basto, e de Santiago de Rande;[513] sucedeu-lhe João Pinto de Almeida Soares Faria, que faleceu em 1879 e foi Fidalgo da Casa Real.[514] E à casa de Real pertenceu D. Frei Manuel da Cruz, Bispo de Mariana (Brasil), que nasceu na casa do Carvalhal e foi baptizado em 1690, nesta freguesia, Bacharel pela Universidade de Coimbra, Dom Abade do Colégio do Espírito Santo de Coimbra (1732), Definidor e Mestre do Mosteiro de Alcobaça (1738), Bispo do Maranhão, no mesmo ano, e primeiro Bispo de Mariana por Decreto de 25-4-1745;[515] a ele se ficando a dever (em 1758) a reconstrução da Casa de Real, datando dessa época a capela e a estrutura do edifício que ainda hoje existe.[516]

---

513 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 31. Cf. A.D.P., *Secção Notarial*, Po-2, 1ª Série, Livro n.º 116, 1814, fl. 82; DINIZ, M. Vieira - A Casa De Real. **Jornal de Lousada**. (24 de Abril), p. 1.

514 - DINIZ, M. Vieira - A Casa De Real. **Jornal de Lousada**. (24 de Abril de 1948), p. 1.

515 - DINIZ, M. Vieira - A Casa De Real. **Jornal de Lousada**. (24 de Abril de 1948), p. 1.

516 - Procurámos este documento nos Arquivos Distritais do Porto e de Braga e não o encontrámos, por isso recorremos ao artigo do Jornal de Lousada como a melhor fonte para este trabalho. Ver transcrição do documento na página seguinte.

Em 1758, José Freire da Costa, abade de Vilarinho, fez, seguindo as instruções de seu tio, o bispo de Mariana, um contrato de obra com os mestres Galegos pedreiros, Pedro Gomes e Manuel Solha:" (…) *Dizem-nos Pedro Gomes e Manuel Solha, mestres pedreiros naturais do reino da Galiza que nós estamos contratados com José Freire da Costa, abade de Vilarinho, de lhe fazer uma capela e casa na forma dos apontamentos e risco, tudo bem feito e seguro na forma da ley e nos obrigamos toda a pedra que for necessária para a obra tanto de escoadria como de alvenaria; a pedra de escoadria hade ser colouada no monte de S. João* (…) *e elle Reverendo Abbade nos dara a pedra das do Carvalhal e mais o sobrado melhor da caza e escadas do portal fronho e mais a pedra da caza de Lagoeiros* (…) *eu Reverendo Abbade me obrigo a dar-lhes o caldo feito de manhã e à noite e cozer-lhe o pão dando os mestres o gram."*[517]

Esta casa viveu, por esta altura o seu período áureo, tendo o ouro do Brasil contribuído para o seu esplendor e fortuna. O custo total das obras ascendeu aos 868$300 réis.[518]

Tipologicamente é uma casa quadrangular com capela adossada no topo esquerdo da fachada Oeste, com pátio interior.

A fachada principal foi dividida por pilastras, em três zonas, criando dois panos simétricos que flanqueiam um pano central onde foi adossada uma escadaria perpendicular à fachada, de um só lanço, com patim, e volutas na parte terminal, sendo que os primeiros degraus são semicirculares. No rés-do-chão do pano central, a ladear a escadaria, ostenta duas aberturas gradeadas, e no andar nobre, ao centro, uma portada com lintel curvilíneo ladeada por duas janelas de sacada, todas molduradas a sobrepujar cachorrada.

No pano do lado direito, apresenta uma janela de sacada com lintel curvilíneo, e no pano do lado esquerdo, no rés-do-chão, evidencia uma portada moldurada com um lintel; no primeiro andar repete o ritmo com uma janela de sacada com lintel curvilíneo. A fachada Norte tem uma janela de peitoril gradeada. No rés-do-chão da fachada Este cinco portadas e no primeiro andar, uma janela de peitoril moldurada e do lado direito uma abertura gradeada.

---

517 - DINIZ, M. Vieira - A Casa De Real. **Jornal de Lousada**. (24 de Abril de 1948), p. 1; Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 31.

518 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 31.

A fachada Sul foi dividida, verticalmente, por uma pilastra que criou duas zonas e dois panos simétricos. Apresenta no rés-do-chão, seis janelas de peitoril molduradas e gradeadas (três/três, pano direito/pano esquerdo), num ritmo certo, e no segundo andar, seis janelas de sacada com lintel curvilíneo que sobrepujam cachorrada (três/três, pano direito/pano esquerdo).

A capela está adossada ao topo esquerdo da fachada principal, virada a Oeste, tendo como invocação Nossa Senhora das Mercês apresenta; ao centro da fachada um portal arquitravado com cornija e painel superior, e frontão interrompido por volutas. A sobrepujar o portal há um óculo polifólio, moldurado e gradeado. O frontão é triangular, interrompido na base, pelo óculo; uma cruz embolada, cuja base toma forma de volutas sobreleva o frontão. Enquanto que a fachada Norte apresenta uma janela rectangular moldurada e gradeada, na fachada Este nota-se a falta da haste horizontal da cruz, (só tem a haste vertical e a base); tudo o resto está partido. As pilastras são encimadas por urnas fechadas.

4. 3. Casa do Ribeiro.

Fotografia n.º 14
Casa do Ribeiro - Alameda, portão e pormenor da fachada principal.

Em 1828, Firmino de Sousa Meneses Coelho Ribeiro, era senhor desta casa e Alferes de Milícia do Regimento de Aguiar de Sousa,[519] em 1831, nasceu Caledónio de Sousa Coelho, que lhe vai suceder, bacharel que foi pela Faculdade de Direito de Coimbra, Visconde de Sousela, Chefe do Partido Progressista, deste concelho, e poeta, vindo a falecer a 28 de Março de 1915.[520]

Em termos arquitectónicos é uma casa quadrangular com capela adossada à fachada Sul e torre. O seu corpo principal foi dividido, verticalmente, por pilastras, criando três zonas e dois panos simétricos, que flanqueiam um pano central; no rés-do-chão deparamos com duas portas molduradas e duas janelas de peitoril, à direita e à esquerda da escadaria, sendo esta de dois lanços opostos, e os seus primeiros degraus semicirculares; exibe uma porta de cocheira, com arco abatido, tendo de ambos os lados dois óculos moldurados. No primeiro andar, encontramos duas janelas molduradas de peitoril e quatro de sacada, e o portal é arquitravado com cornija e fecho ao centro. Há um ritmo singular, nesta fachada: duas janelas de sacada, uma janela de peitoril, /a portada principal/, uma janela de peitoril, duas janelas de sacada.

O andar nobre, um torreão, é equilibrado e destaca-se pela janela de sacada moldurada, de lintel curvilíneo com fecho e pelas duas janelas de peitoril molduradas, que o flanqueiam.

Na continuidade da fachada principal, surge a torre, que apresenta no rés-do-chão uma janela de peitoril moldurada; à direita três portas e à esquerda apenas uma. No primeiro andar, uma janela de peitoril moldurada, e à direita, cinco janelas de peitoril igualmente molduradas.

O rés-do-chão da fachada Este, junto à Torre, patenteia duas aberturas molduradas e gradeadas, e no primeiro andar uma janela de peitoril também moldurada. O segundo andar exibe uma pequena janela.

Na fachada norte, no rés-do-chão, à esquerda da torre, há duas janelas de peitoril, molduradas, tendo à direita da torre, quatro aberturas, molduradas e gradeadas, e uma portada com arquitrave, cornija e painel superior. No primeiro andar, evidencia oito janelas, e no segundo andar, vêem-se quatro janelas, todas de peitoril e molduradas. Na fachada Oeste, interior (do terreiro,) junto à capela, uma porta moldurada e uma fonte com a seguinte inscrição: 1899, V. S. (Visconde de Sousela) e o símbolo da coroa real.

A fachada principal da capela é rasgada por um portal moldurado de lintel curvilíneo e fecho ao centro, com uma janelão que o coroa, e um frontão triangular rematado por uma cruz do tipo flor de lis, com pedestal moldurado e revestido por duas volutas. As pilastras são encimadas por duas figuras de convite que sobrepujam acrotérios, enquanto o campanário tem a forma de um arco de volta perfeita com frontão curvo e uma pinha a sobrepujá-lo. Na fachada Norte, de realçar as volutas na cornija e os pináculos em agulha que coroam as pilastras. Na fachada Oeste, uma pequena janela moldurada, e uma cruz oitavada que sobrepuja o frontão

Fotografia n.º 15

Casa do Ribeiro - Escadaria de lanços opostos, com porta de cocheira de arco abatido e ladeada por aparelho (silharia) reticulado, sendo o resto da escadaria Isodumum.

Fotografia nº 16

Casa de Lamas - Paranhos (Porto).

Com uma tipologia idêntica, no que diz respeito à escadaria, encontrámos no Porto um exemplo a reter: ambas as escadarias apresentam lanços opostos e arcos abatidos, apesar de só a escadaria da casa do Ribeiro ser gradeada. Em relação à escadaria da casa de Lamas e do Ribeiro, o paralelismo é muito forte, havendo uma única divergência na forma construtiva destas duas escadarias: uma é revestida a azulejos e a outra é revestida com pedras de fiadas regulares e iguais entre si (Isodomum). A portada e o janelão da capela da casa de Lamas têm a mesma forma construtiva que os da capela da casa do Ribeiro.

4. 4. Casa do Valteiro.

Torquato Coelho de Magalhães,[521] e o Doutor Porfírio Coelho da Fonseca Magalhães[522] foram senhores desta casa e presidentes da Câmara Municipal de Lousada; o primeiro em 1828 e o segundo nos anos de 1910 e 1911. E aqui viveu também a poetisa Florbela Espanca.[523]

Arquitectonicamente é uma casa com planta do tipo T com capela integrada na fachada Norte e torre a meio da fachada Sul. O seu corpo principal foi dividido, verticalmente, por pilastras, criando três zonas e dois panos simétricos que flanqueiam um pano central. No rés-do-chão do pano central uma escadaria de dois lanços opostos convergentes é ladeada por três aberturas molduradas. No andar nobre, ao centro, um portal arquitravado com cornija, com fecho, também ao centro, flanqueado por quatro janelas molduradas de peitoril. Duas de cada lado. No pano à esquerda, no rés-do-chão, uma porta de cocheira, com fecho ao centro, e no andar nobre, uma janela de peitoril moldurada, com fecho, coroada por um frontão triangular. A pilastra é rematada por urna fechada. De referir que o corpo da esquerda, é simetricamente igual

Fotografia n.º 17

Casa do Valteiro - Fachada principal - Pormenor da escadaria de lados opostos convergentes e capela com cruz trifólia e uma base ornada com duas volutas.

ao da direita, mas com um pormenor, a porta do corpo da esquerda, tem uma maior dimensão e, obviamente, não apresenta nenhuma cruz a coroar o frontão. O pano da direita, é rasgado por uma portada com fecho, encimada por uma janela de peitoril, moldurada, e tem um frontão triangular coroado por uma cruz trifólia. E a sobrepujar a pilastra, uma urna fechada. A Oeste mostra uma janela moldurada e gradeada.

A fachada Este, ostenta no rés-do-chão, cinco portadas e no primeiro e segundo andares, exibe catorze janelas de peitoril - sete no pano direito e sete no pano esquerdo. No primeiro andar, no extremo esquerdo da fachada, vê-se uma pequena janela fixa.

Na fachada Sul há uma torre com quatro gárgulas e no rés-do-chão existe uma escadaria de um só lanço, duas janelas, uma de peitoril, outra fixa e uma portada. O primeiro andar patenteia uma pequena varanda e uma janela de peitoril.

Na fachada Oeste, no rés-do-chão, vislumbram-se duas portadas e sete janelas de peitoril, três no rés-do-chão e quatro no primeiro andar.

---

521- ADP., *Secção Notarial*, Po-4, 2ª Série, Livro n.º 24, 1828, fl. 16.

522 - *Lousada, Colectânea de Autores Locais*, p. 13. Cf. *À Descoberta de Lousada*, p. 19.

523 - *À Descoberta de Lousada*, p. 19.

4. 5. Casa de Rio Moinhos.

Fotografia n.º 18
Casa de Rio Moinhos - Pormenor da capela que forma um ângulo recto com o topo esquerdo da fachada Oeste.

Domingos de Meireles Freire, nasceu cerca de 1595, foi proprietário da Quinta de Rio de Moinhos, onde faleceu a 20/05/1675, Capitão de Ordenanças do Concelho de Aguiar de Sousa; seu filho, Domingos de Meireles Freire, nascido a 07/06/1664, herdou, aos 11 anos, a Casa de Rio Moinhos e o cargo de Capitão de Ordenanças; seguiu-se-lhe José Telles de Meneses e Melo, que nasceu a 19/04/1710 nesta casa, e foi bacharel pela Universidade de Coimbra, Juiz de Fora de Penamacor, Conservador da Universidade de Coimbra, Desembargador do Porto, e proprietário desta e das casas de Ribas, da Granja, de Real, de Rio Falcão e da Costa. Luís Vaz Guedes Pinto Bacelar Pereira de Morais Pimentel Telles de Meneses e Melo, nascido igualmente nesta casa, a 08/11/1837 e falecido a 02/05/1895, foi o segundo Visconde de Vila Garcia e representante de Visconde de Montalegre, Moço Fidalgo com exercício no Paço, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, e Administrador do concelho de Felgueiras; tendo sido proprietário desta casa, foi-o também de Vila Garcia e do Seixo.[524]

Em termos tipológicos, é uma casa em U com capela, que forma um ângulo recto, no topo esquerdo da fachada Oeste. A fachada principal, virada a Oeste, foi dividida em três corpos, por pilastras, e o corpo principal, apresenta uma certa axialidade com a escadaria perpendicular lançada contra a fachada, de um só lanço e patim; ostenta, ao centro, um portal arquitravado com lintel de ligeiro ressalto e curvilíneo, sobrepujado por um ornato em forma de rosa, e cornija de ressalto

encimada por um florão ornado em forma de concha. É flanqueado por duas janelas de peitoril de lintel, com cornija de ressalto, coroadas por ornato em forma de rosa. No segundo andar, do torreão, flanqueada por duas janelas de peitoril com lintel curvilíneo, ao centro, a pedra de armas dos " *Pinto, Guedes, Morais, Bacelar.*"[525] Na mansarda, vêem-se quatro janelas de peitoril molduradas. O corpo da direita, no rés-do-chão, evidencia uma portada e uma janela de peitoril gradeada, e no primeiro andar, deparamos com duas janelas com lintel curvilíneo e gradeadas; no corpo da esquerda, no rés-do-chão, descobrimos duas portadas, e uma janela de peitoril gradeada, e no primeiro andar, três janelas de peitoril com lintel curvilíneo, gradeadas, todas molduradas.

A fachada Norte, da casa, virada para o largo terreiro quadrangular, patenteia três janelas de peitoril, duas portadas, três aberturas, duas escadarias de um só lanço, tendo uma parte inacabada, com duas janelas, todas molduradas, e um portal com cornija. E na fachada Sul, no rés-do-chão, estão rasgadas três janelas e duas portadas, com lintel curvilíneo e, no primeiro andar, cinco janelas com lintel curvilíneo, todas molduradas.

Na fachada Este, no rés-do-chão, existe uma janela de peitoril, seis aberturas e duas portadas, sendo uma moldurada. No primeiro andar, acham-se cinco janelas de sacada molduradas, que sobrepujam cachorrada e duas janelas, numa só sacada

A fachada principal, da capela[526] de Nossa Senhora da Vida, apresenta-se dividida em três corpos por pilastras, e o corpo central é rasgado por um portal arquitravado com lintel curvilíneo, com fecho, ao centro, com cornija de ressalto, encimado por uma janela de peitoril de lintel curvilíneo, interrompido por um relógio, com cornija de ressalto.

O corpo da esquerda, é em tudo semelhante ao da direita, com uma abertura moldurada, rectangular e curvilínea, e no andar superior uma janela de peitoril moldurada com painel e cornija de pequeno ressalto. As pilastras são encimadas por urnas fechadas. Remata o corpo central um campanário com dois arcos de volta perfeita. A fachada Norte, tem duas janelas molduradas com lintel curvilíneo e uma portada que rasga o pano da parede, enquanto a fachada Oeste exibe uma janela moldurada.

---

524 - NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 201.

4. 6. Casa do Cam.

Fotografia n.º 19

Casa do Cam - Fachada Principal. Pormenor da capela deNossa Senhora do Bom Sucesso.

Foram proprietários desta casa, Maurício Pinto Nogueira e António Nunes Ferreira. O primeiro mandou edificar a capela em 1749[527] e o segundo era Capitão de Ordenanças do Concelho de Aguiar de Sousa, em 1807.[528]

---

525 - Foi mandada esculpir e colocar na frontaria desta casa por Manuel Pinto Vaz Guedes Bacelar Sarmento Pereira de Morais Pimentel, 4º Visconde de Montalegre. NÓBREGA, Artur Vaz - Osório - o. c., p. 199.

526 - "*Auto de medysam e apegasam, fixa na herdade das ribeyrynhas sita na freguesia de Santiago de figueiro Honra de Sobroza Conselho de Aguiar de Sousa que o pesuia Domingos Ribeyro e sua molher Maria Antónia moradores na dita herdade das ribeyrinhas. A cool herdade he foreira a capella de nosa senhora da vida que esta sita no lugar de Rio de moinhos da freguesya de som joão de Covas de quem he fabriquero Manoel Teles Meneses e sua molher D. Josefa de Meyrelles e Bernardes moradores na sua quinta de Rio de moinhos.*" A. C. R. M - *Documento - Auto de medysam e apegasam* … [s/d.]. Ver vol. III, p. 168-170.

527 - A.H.P.E.P. - *Dotes de Capelas*, Capela do Cam, 1750, fl 1,2. Cf. I. A. N. / T. T.- *Dicionário* Geográfico, 1758, vol. 11, fl. 117.

528 - A.D.P., *Secção Notarial*, Po-1, 1ª Série, 1749, fl. 19.

Em termos arquitectónicos é uma casa de pátio interior com capela destacada, do lado direito da fachada Este. Na fachada principal, no rés-do-chão, ao centro, uma escadaria e uma portada. No primeiro andar, exibe duas portadas e quatro janelas de peitoril, gradeadas; do lado direito, uma porção do pano é coberta a lousa, a restante é rusticada. A fachada Oeste é rusticada, e uma chaminé sobrepuja a cornija. A fachada Norte, foi dividida verticalmente por uma pilastra, em duas zonas, que criaram dois panos, e apresenta quatro janelas de peitoril, molduradas, sendo três delas gradeadas. Na fachada Este, uma pilastra dividiu-a verticalmente em duas zonas criando dois panos desiguais. No rés-do-chão, há três aberturas molduradas - uma abertura no pano esquerdo e duas aberturas no pano direito. No primeiro andar, em cada pano da parede, uma janela de peitoril moldurada.

A Capela da Casa do Cam, cuja invocação é Nossa Senhora do Bom Sucesso, foi mandada edificar em 1749 pelo brasileiro, Maurício Pinto Nogueira e sua mulher Maria Nunes Morais.[529] Foi dotada de "*senco medidas de pam.*"[530] Em 1758 ostentava um altar e a imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso.[531]

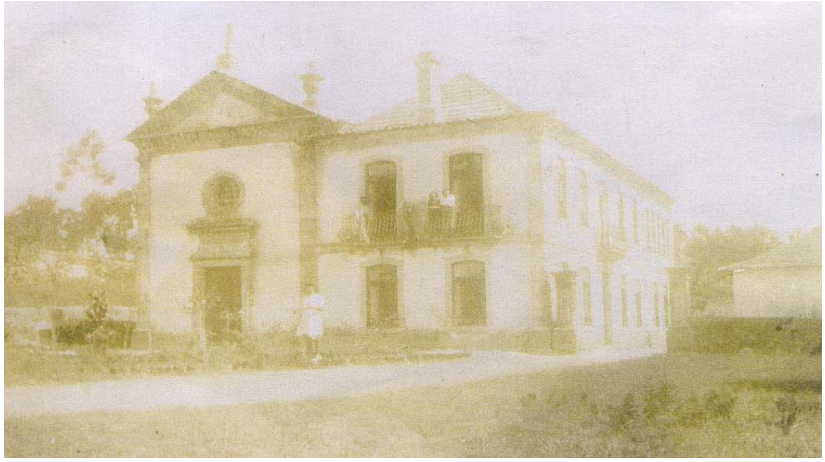
A fachada principal foi rasgada por um portal moldurado, no tímpano exibe um óculo também ele moldurado e uma cruz latina coroa o frontão, com pináculos a sobrepujarem as pilastras. Na fachada Sul ostenta um portal e uma janela, ambos molduradas, e na fachada Oeste, o frontão é sobrelevado por uma cruz latina, sendo as pilastras rematadas por pináculos piramidais.

Fotografia n.º 20
Casa do Cam - Capela
de Nossa Senhora do Bom
Sucesso.

529 - A.H.P.E.P. - *Dotes de Capelas*, Capela do Cam, 1750, fl 1,2. Cf. I. A. N. / T. T.- *Dicionário* Geográfico, 1758, vol. 11, fl. 117; A.D.P., *Secção Notarial*, Po-1, 1ª Série, 1749, fl. 19.

530 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 11, fl. 117. Cf. A.H.P.E.P. - *Dotes de Capelas*, Capela do Cam, 1750, fl 1,2.

4. 7. Casa de Valmesio



Fotografia n.º 21

Casa de Valmesio - Fachada Principal.

Fonte: A. C. V. - 1970.

O padre Manuel Ribeiro da Silva, em 1752,[532] e Sebastião Maria Pinto Garcês, em 1918, Contra - Almirante e Ajudante de Campo do Rei D. Carlos,[533] foram senhores desta casa.

Em meados do séc. XIX, foi reconstruída a casa e a capela foi-lhe adossada, tendo a traça original sofrido, por isso algumas alterações.[534]

Tipologicamente é uma casa com planta do tipo quadrangular e capela integrada no extremo esquerdo da fachada Oeste. Uma barra de granito, colocada na horizontal, divide o rés-do-chão do andar nobre, exibindo o conjunto quatro janelas de sacada com lintel curvilíneo, molduradas - duas no rés-do-chão e duas no andar nobre.

Na fachada Norte, da casa, no rés-do-chão, uma portada com lintel curvilíneo, e no andar nobre, uma janela de sacada de lintel curvilíneo e gradeada, e a ladeá-la duas janelas de peitoril, de lintel curvilíneo; todas as janelas são molduradas. A fachada Sul foi dividida verticalmente por uma pilastra em duas zonas, que criaram dois panos; o pano da direita, no rés-do-chão, exibe uma portada, flanqueada por quatro janelas - duas à direita e duas à esquerda-de peitoril, molduradas, todas com lintel curvilíneo. No andar nobre, vê-se uma janela de sacada, com lintel curvilíneo, moldurada, que sobrepuja cachorrada, ladeada por quatro janelas de peitoril - duas de cada lado. No segundo pano, à direita, no rés-do-chão, existem duas janelas de peitoril com lintel curvilíneo, molduradas; no andar nobre, vêem-se quatro janelas de peitoril,

molduradas, e com uma particularidade: trata-se de um conjunto intercalado - uma janela de peitoril moldurada fixa, geminada com outra, maior em tamanho e largura, com as mesmas características, mas que não é fixa. A fachada Este,[535] no rés-do-chão, ostenta um portal moldurado com lintel curvilíneo e a ladeá-lo dois azulejos.[536] À direita, uma janela de peitoril gradeada, e no primeiro andar, uma janela de sacada com lintel curvilíneo, e uma outra de peitoril, também ela de lintel curvilíneo; e do lado esquerdo, uma janela de peitoril, geminada; todas as janelas são molduradas.

A capela apresenta na fachada principal, ao centro, um portal arquitravado com cornija e painel superior, e a coroá-lo um óculo moldurado, frontão triangular encimado por uma cruz trilobada, sendo as pilastras sobrelevadas por urnas fechadas. Na fachada Norte, vêem-se duas aberturas molduradas e uma janela de peitoril, também moldurada.

4. 8. Casa da Tapada.

António Pinto de Sousa Freire, que nasceu em 1795, foi senhor desta casa; formado em Estudos Latinos, presidiu à câmara de Lousada, entre 1843 e 1845.[537] Sucedeu-lhe seu filho, Manuel Peixoto de Sousa Freire, que foi administrador interino deste concelho, em 1846, e em 1852 Procurador dos concelhos de Lousada e de Barrosas à Junta Geral do Distrito do Porto, tendo contribuído para que se edificasse a capela do Senhor dos Aflitos e o primeiro Hospital de Lousada, para o qual legou quarenta contos, no princípio do séc. XX; foi ainda o primeiro Provedor da Santa Casa da Misericórdia deste concelho, entre 1897 e 1902.[538] Henrique de Castro Neves Pereira Leite, que em 1959 foi presidente da Câmara de Lousada, foi outro senhor desta casa.[539]

---

531 - I. A. N. /T. T. - *Diccionario Geográfico*. 1758, vol.42, fl.112. Cf. A.H.P.E.P. - *Dotes de Capelas*, Capela do Cam, 1750, fl 1,2.

532 - A. H. E. P. - *Dotes de Capelas do Concelho de Lousada*. Capela de Valmesio, 1752, fl. 1. Cf. I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 42, fl. 117. Cf. vol. III, p. 146 - 148.

533 - SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e; DAMIÃO, Vellozo Ferreira. - o. c., p. 144.

534 - BRANDÃO, D. Domingos De Pinho - *Carta* - A. C. V., 1975, p. 1. Ver vol. III, p. 195.

535 - Segundo D. Cecília Soares de Moura, até meados do séc. XIX, 1853, a fachada Este, era a principal desta casa. Aliás existia um cruzeiro, que foi derrubado, logo à esquerda do portão, da parte de dentro, no início da alameda que nos conduz a esta antiga fachada principal.

Manuel de Sousa Freire, nascido em 1760[540] na casa do Carregal, tendo feito fortuna em Lisboa, incumbiu seu sobrinho, António Pinto de Sousa Freire, de edificar a Casa da Tapada, legando-lhe, para o efeito, toda a sua fortuna. Este sonho ficaria concretizado em meados do séc. XIX.[541]

Fotografia n.º 22
Casa da Tapada - Fachada Principal -Pormenor do torreão e respectiva balaustrada.

---

536 - O azulejo alusivo ao rio Mesio é de Cecília Soares de Moura (proprietária que foi desta casa), sendo o outro de António Oliveira. Ambos datados - de 1960. Segundo informações da actual proprietária da Casa de Valmesio.

537 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 18.

538 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900,* p. 19 - 21. Cf. *Colectânea de Autores Locais*, p. 9.

539 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900,* p. 19 - 21. Cf. *Colectânea de Autores Locais*, p. 9; MARTINS, José Carlos - o. c., p. 1.

540 - *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900,* p. 19 - 21. Cf. *Colectânea de Autores Locais*, p. 9. Cf. MARTINS, José Carlos - *Quinta da Tapada, Casa do Carregal.* (Policopiado), [s/l]: [s/e], [s/d.], p.1.

541 - MARTINS, José Carlos - o. c., p. 1. Não encontrámos qualquer documento em nenhum arquivo que confirmasse tal asserção, apesar da leitura formal das fachadas desta casa apontar para meados do séc. XIX, provável data da sua edificação.

Arquitectonicamente é uma casa de planta em T, com pátio interior e capela destacada, à direita. Na fachada principal, virada a Oeste, o rés-do-chão, patenteia duas entradas, um portal moldurado, ladeado por quatro óculos também moldurados, dois de cada lado, e a sobrepujar a portada uma balaustrada. A entrada principal, que dá para o pátio interior, faz-se através de um portal moldurado com chave ao centro, ladeado por seis aberturas rectangulares, molduradas e gradeadas, todas com segmentos côncavos. No andar nobre, acham-se sete janelas de sacada, molduradas, enquanto o torreão apresenta três janelas de sacada e balaustrada, e as pilastras são rematadas por urnas fechadas.

A fachada Oeste, no rés-do-chão, abrindo para o jardim, apresenta uma escadaria de dois lanços, sendo os primeiros degraus semicirculares, e uma portada com um arco de volta perfeita, com chave ao centro; e no primeiro andar, exibe duas janelas de sacada e seis janelas de peitoril, molduradas. Na fachada Sul, no primeiro andar, mostra três janelas de peitoril, e no segundo andar, vêem-se cinco janelas de peitoril, todas molduradas. Na fachada Norte, há uma janela de peitoril gradeada, duas portadas e duas janelas molduradas e gradeadas. No torreão, na fachada Sul, existe uma janela de peitoril. Na fachada Este, no rés-do-chão, encontramos seis janelas gradeadas e molduradas, excepto uma que não é gradeada, seis portadas molduradas, e um portal arquitravado, moldurado, com lintel curvilíneo; ao centro, duas folhas de acanto entrelaçam-se e estendem-se para cima, formando um ramo florido com um cordão e borlas, que passa por duas argolas incrustadas na parte superior do portal e que perfura as folhas de acanto na parte superior. A rematar o ramalhete, composto pelas duas folhas de acanto, um pingente divide a parte superior das mesmas, podendo ver-se dois ornatos de flores. A parte superior das folhas de acanto está adossada à chave superior do portal e da cornija.

Na fachada Norte do pátio interior, à esquerda, exibem-se duas janelas gradeadas e quatro de peitoril, molduradas; no primeiro andar, na fachada Sul, acham-se quatro janelas de peitoril, e são todas molduradas. O andar nobre, ostenta quatro janelas de peitoril molduradas. A fachada Oeste, apresenta uma janela de sacada moldurada, enquanto na fachada Este, no rés-do-chão, há um portal moldurado com duas janelas molduradas e gradeadas e três janelas de peitoril molduradas.

A capela de Nossa Senhora da Piedade, que fica à direita da fachada principal desta casa, e destacada da mesma, foi fundada no ano de 1670 por devotos de Nossa Senhora e reedificada, por outro devoto no ano de 1798.[542] Em 1758 tinha a "*immagem*

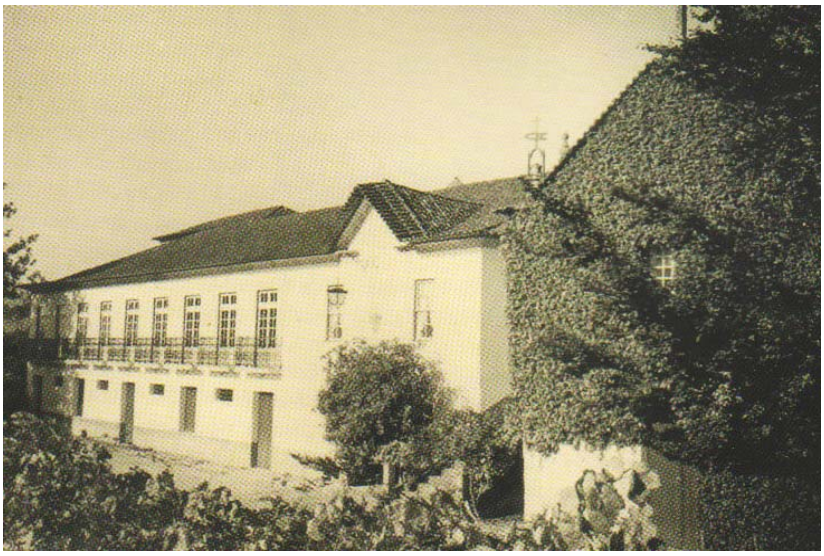
*da Senhora*"[543] e estava "*cituada na aldeya de Sarradello.*"[544] A fachada principal, virada a Oeste, patenteia um portal arquitravado com cornija e painel superior, e a sobrelevá-lo um óculo moldurado. O frontão é triangular, encimado por uma cruz trilobada, e a sobrepujar as pilastras rematadas por fogaréus, dois campanários com arcos de volta perfeita e lintel curvilíneo. No pano à direita do portal de entrada, descortina-se uma portada e uma janela moldurada e gradeada; as escadas são de um só lanço.

Fotografia n.º 23
Biblioteca Municipal de Penafiel.
Fonte: SOEIRO, Teresa - o. c., p. 99.

Fotografia n.º 24
Casa da Tapada

Parece-nos de realçar a enorme semelhança em termos construtivos e formais, entre os torreões da Casa da Tapada e da actual Biblioteca de Penafiel.

4. 9. Casa do Cáscere.



Fotografia n.º 25
Casa do Cáscere - Fachada Principal.- Casa e Capela.
Fonte: A. C. C.-1953

Recordemos alguns dos proprietários desta residência, no final do séc. XVII e durante o séc. XVIII: Pêro Gaspar de Cáscere, Capitão-mor do concelho de Lousada, falecido em 1651; António Pinto Ribeiro, que nasceu em 1637 e foi sargento-mor deste concelho; e António Pinto de Sousa, que morreu em Maio de 1760, sargento e capitão-mor de Lousada.[545] José Maria Coelho Soares de Moura, nascido a 25 de Abril de 1807, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra,[546] Luís Pinto Coelho Soares de Moura, que faleceu em 1915, primeiro Visconde de Lousada,[547] e Afonso Soares Quintela, licenciado em direito pela Universidade de Coimbra, presidente da Câmara deste concelho de 1927 a 1931 e de 1935 a 1939, e responsável pela chegada da electricidade, do telefone e da concepção do Brasão e Armas do Concelho,[548] foram os principais senhores da casa do Cáscere durante toda a centúria de novecentos e as primeiras décadas do século vinte.

Num prazo de 1656, faz-se alusão àquilo a que pode ter sido a primitiva casa do Cáscere: -"(…) *item. casa da cozinha e cortes e casa da eira tudo junto que sam de cumprido des e de largo oito braças com suas anteportas. A casa da torre digo a casa torre tem de comprido sinco e de largura duas braças. A cosinha terreira que esta pegada a torre para a banda do Norte tem de comprido tres e de largo huma braça e meya.* (…)."[549]

A fachada principal, virada a Oeste, foi construída no século XVIII, e em 1881 foi de novo ampliada, tendo sido construída uma nova capela, passando a antiga a funcionar como garagem e arrecadação.[550]

Tipologicamente é uma casa de planta em L, com capela adossada ao topo direito da fachada principal. Apresenta, no rés-do-chão, quatro portadas, sendo uma delas de cocheira, com acesso à garagem. Ostenta quatro janelas, sendo duas de peitoril, e quatro aberturas horizontais e gradeadas. No andar nobre, mostra nove janelas de sacada e duas de peitoril; a empena da primitiva capela, quebra a monotonia da fachada; a escadaria é de um só lanço, com gradeamento em ferro forjado, e a seguinte inscrição: 1881.[551] Na fachada Norte, encontram-se três portadas, duas janelas de peitoril e uma janela gradeada.

A fachada Oeste, do pátio interior, no rés-do-chão, exibe duas portadas, um arco de volta perfeita, duas aberturas molduradas e gradeadas, e uma janela de peitoril. No primeiro andar, vêem-se oito janelas, sendo sete de peitoril e uma pivotante, e na fachada Norte, no rés-do-chão, acham-se duas portadas, uma janela gradeada, e uma escadaria de um só lanço, que permite o acesso à varanda. No primeiro andar,

vislumbram-se duas janelas de peitoril gradeadas, à espanhola, e uma portada, enquanto no segundo andar, descobrem-se cinco janelas de peitoril e uma abertura, todas molduradas. Na fachada Este, vê-se uma janela de peitoril e uma portada.

A fachada Sul, no rés-do-chão, apresenta duas janelas, duas aberturas, uma janela fixa -todas gradeadas - e uma portada; no primeiro andar, exibem-se dez janelas de peitoril e uma de sacada. A mansarda, ao centro, tem uma janela de peitoril. A segunda mansarda apresenta uma sacada com duas janelas, e o pano lateral direito, evidencia uma janela de peitoril e uma chaminé[552] no topo esquerdo da fachada.

A fachada principal da capela de Nossa Senhora do Amparo, é rasgada por um portal moldurado, encimado por uma janela igualmente moldurada; uma cruz latina coroa o frontão triangular. As pilastras são sobrepujadas por urnas fechadas, e o campanário sobreleva a cornija do lado direito, enquanto na fachada Sul, há duas portadas e uma janela de peitoril, e no topo da escadaria, na fachada Oeste, vê-se uma janela gradeada.

---

542 - MARTINS, José Carlos - o. c., p.1.

543 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 10, fl. 30.

544 - I. A. N. / T. T. - *Dicionário Geográfico*, 1758, vol. 10, fl. 30.

545 - MAGALHÃES, Pedro Joaquim da Cunha - o. c., p. 18 - 27

546 - MAGALHÃES, Pedro Joaquim da Cunha - o. c., p. 27. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 279; A. H. M. L. - *Livro de Registos de Testamentos*, Livro n.º 363, nº 41, 1911, fl. 20; *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 69; *À Descoberta de Lousada*, p. 13.

547 - MAGALHÃES, Pedro Joaquim da Cunha - o. c., p. 27. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 279; A. H. M. L. - *Livro de Registos de Testamentos*, Livro n.º 363, nº 41, 1911, fl. 20; *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 69; *À Descoberta de Lousada*, p. 13.

548 - MAGALHÃES, Pedro Joaquim da - o. c., p. 27. Cf. FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 279; A. H. M. L.- *Livro de Registos de Testamentos*, Livro nº 41, 1911, fl. 20. Cf. *Presidentes da Câmara Municipal de Lousada Desde 1838 até 1900*, p. 69; *À Descoberta de Lousada*, p. 13.

549 - No séc. XVII, o corpo Norte desta residência era uma casa-torre. A. C. C.- *Prazo do Casal do Cáscere*, 1656, fl. 5v. Uma braça = 2,2 m. A casa do Cáscere tinha de área: 31,9 $m^2$ e a casa da cozinha, cortes, e a casa da eira tinham, por sua vez, de área: 176 $m^2$.

550 - Informação do proprietário da Casa do Cáscere. Cf. *À Descoberta de Lousada*, p. 13. Presume-se que seja do último aumento da casa e da construção da capela.

4. 10. Casa da Lama.

Fotografia n.º 26
Casa da Lama - Fachada Principal.
Fonte: A. C. L. - 1883.

Teodoro Pinto Coelho de Moura - nascido nesta casa, formado em Direito Canónico, Abade Reservatário de S. Nicolau do Porto, onde foi desembargador, e ministro da Câmara Eclesiástica, nomeado em 23 de Setembro de 1797, e promovido a Provisor do Bispado do Porto, tendo governado o mesmo como Vigário Capitular por morte do Bispo D. António de S. José e Castro, alcançando o cargo de Vigário Geral da Comarca Eclesiástica de Penafiel em 1779[553] - Manuel Joaquim Pinto Coelho de Moura, nascido em 1749, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, Sargento-mor e depois Capitão-mor deste concelho,[554] foram senhores desta casa.

António Manuel Pinto Coelho Soares de Moura, nascido em 1784, na casa da Lama, falecido em 1846, bacharel pela Universidade de Coimbra,[555] foi juiz do crime em Lisboa, no Bairro do Mocambo, juiz de fora em Tondela, deputado às Cortes em 1823 e Cavaleiro da Ordem de Cristo.[556] Bernardino Coelho Soares de Moura, seu irmão, nasceu em 1787 e faleceu em 1865 na casa de Santa Isabel. Brigadeiro dos Reais Exércitos, Governador da Praça de Lisboa e Barão de Freamunde, Cavaleiro da Ordem de Cristo distinguiu-se durante as Invasões Francesas e Guerra Peninsular. Recebeu a cruz de ouro desta guerra, entre outras distinções.[557] Eram netos de Manuel Joaquim Pinto Coelho de Moura. Sucedeu a António Manuel Pinto Coelho Soares de Moura, seu filho, com o mesmo nome, nascido a 28/12/1817, bacharel em Direito pela

Universidade de Coimbra em 1842 e senhor da casa da Lama.[558] Foi progenitor de Francisco Pinto Coelho de Moura, falecido aos 31 anos de idade, que no ano de 1887 foi nomeado para presidir à Câmara de Penafiel, tendo sido eleito deputado às Cortes pelo círculo de Penafiel e Felgueiras em 1888.[559]

Augusto Pinto Coelho Soares de Moura, nasceu a 25/4/1889, nesta casa e foi seu proprietário, bacharel em direito pela Universidade de Direito de Coimbra[560] e pai de Augusto Cândido Pinto Coelho Soares de Moura, nascido a 28/9/1923, na casa de Valmezio, seu actual senhor, coronel aviador, condecorado com as medalhas da Cruz de Guerra (1ª classe); de prata de Serviços Distintos, com palma (duas); de Mérito Militar (3ª classe); comemorativa das Forças Armadas, em Angola; e comemorativa das Expedições das Forças Armadas de Moçambique.[561]

---

551 - *À Descoberta de Lousada*, p. 12. Cf. http://www. sapo.pt - Apesar de haver, aqui, uma datação, uma cronologia desta casa, volto a afirmar, não termos encontrado nenhum documento que nos permitisse fazê-lo com clareza e exactidão. O único contrato de obra, refere-se à Casa de Real e só o encontrámos no Jornal de Lousada.

552 - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, o. c., p. 123

553 - D' ALMEIDA, Antonio - o. c., p. 106; Cf. ROCHA, A. Moreira da-*PENAFIEL-Boletim de Cultura*, nº 2, 1981, p. 2; FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 253.

554 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 253; Cf. MOURA, Augusto Soares de - *Biografia de Bernardino Coelho Soares de Moura da Casa da Lama*, p. 38.

555- *Presidentes da Câmara desde 1838 até 1900*, p. 29 - 31. Cf. Moura, Augusto Soares de -o. c., p. 38;FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 254.

556 - *Presidentes da Câmara desde 1838 até 1900*, p. 29 - 31. Cf. Moura, Augusto Soares de - o. c., p. 38;FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 254.

557 - *Presidentes da Câmara desde 1838 até 1900*, p. 29 - 31. Cf. Moura, Augusto Soares de - o. c., p. 38;FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 255.

558 - *Presidentes da Câmara desde 1838 até 1900*, p. 29 - 31. Cf. Moura, Augusto Soares de - o. c., p. 38;FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 255.

559 - *Presidentes da Câmara desde 1838 até 1900*, p. 29 - 31. Cf. Moura, Augusto Soares de - *o. c.*, p. 38; FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 255.

560 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c., p. 258.

561 - FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - o. c.,p. 259. Cf. *Lousada. Colectânea de Autores Locais*, p. 57; NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 163. Alguma da sua biblografia: "*A Liga dos Combatentes de Penafi*el" (opúsculo), 1990, "*O Barão de Freamunde*", 1995, "*O Segundo Aviso*" (romance), 1994, "*Biografia de Bernardino Coelho Soares de Moura, Barão de Freamunde*", 1998, "*As pontas da História*", 1999 e "*Adão e Eva*", 2001.

A primitiva Casa da Lama teria sido arquitectada na Lama Velha, um lameiro que fica a uns quinhentos metros da actual residência.[562] É um dos solares mais imponentes do Vale do Sousa. Foi edificado no séc. XVIII, e restaurado no século seguinte, altura em que ganhou as feições actuais, tendo sido reconstruído no final da década de setenta, do século vinte.[563] No primeiro andar, num dos compartimentos, no lintel de uma janela de um dos quartos, pode ver-se uma inscrição com a seguinte data: 1717.[564] Patenteia também uma característica fora do comum, mas que atesta a sua vetustez: os degraus da escada interior, que dão acesso ao primeiro andar, são em granito e levam-nos, além de outros compartimentos, a uma exígua cela,[565] toda ela também em granito - chão, paredes laterais e tecto, tudo está edificado em robustos blocos graníticos, com uma única porta de 20 cm de espessura, toda chapeada e uma chave com um quilograma de peso e 30 cm de comprimento; apenas dois orifícios, que dão passagem para os canos de espingarda (um direccionado para as escadas e outro para uma porta principal, que já não existe, fruto das alterações que foram executadas na casa).[566]

Em termos arquitectónicos é uma casa quadrangular com capela integrada no topo esquerdo da fachada, ostentando no corpo primacial, virado a Este, no rés-do-chão, quatro frestas molduradas e uma escadaria de um só lanço, com patim.

No andar nobre, ao centro, exibe uma portada tripla moldurada, flanqueada por quatro janelas de sacada,[567] molduradas (duas à esquerda/duas à direita). O corpo à direita, o torreão, no rés-do-chão, expõe uma janela de sacada, (sobrepujando cachorrada), [568] ladeada por duas janelas de peitoril, todas molduradas. O mesmo ritmo acontece no primeiro andar.

A capela da Lama foi edificada em 1777 e dotada com o Lameiro de Sá, da Quinta de Eiras, freguesia de S. Vicente de Boim, para seu património, sua sustentação e reparação.[569] A fachada principal é rasgada por um portal arquitravado, com cornija e painel superior, encimado pela pedra de armas dos "*Matos e Mouras,*"[570] e no tímpano ostenta um óculo em forma de quadrifólio moldurado. O frontão é formado por duas volutas, interrompido por pedestal quadrangular e rematado por uma cruz octogonal. Na fachada Norte, avistam-se uma abertura, uma portada, e um azulejo, com a seguinte inscrição: MDCCCXXXI.[571] As pilastras são sobrelevadas por pináculos, e a empena da fachada Oeste é coroada por uma cruz de trevo.

---

562 - Segundo o Coronel Augusto Cândido Soares de Moura, proprietário que é da Casa da Lama.

No primeiro andar, da casa, na fachada Sul, acham-se duas janelas de peitoril molduradas,[572] e no rés-do-chão, da fachada Oeste, encontram-se duas portadas, enquanto no primeiro andar, se exibem duas janelas de peitoril e uma janela de luzerna gradeada; todas molduradas. Na mansarda, duas pequenas janelas de luzerna gradeadas; no alpendre,[573] vislumbramos doze colunas em granito - seis no rés-do-chão e seis no primeiro andar; um lambril de azulejos cobre a parede da fachada. À esquerda, no rés-do-chão, há uma janela de peitoril, gradeada.

O alpendre,[574] adossado à fachada Norte, é constituído por duas colunas, e a escadaria é de um só lanço; no rés-do-chão, existe uma portada e três janelas de peitoril, molduradas, enquanto que no primeiro andar, vislumbramos quatro janelas de peitoril, todas molduradas.

---

563 - *Lousada (Subsídios Para a Sua Monografia)*, p.11. Cf. *Jornadas Europeias de Património*, p. 11. O Coronel Soares de Moura é de opinião que a Casa da Lama terá sido edificada no século XVII, porque as paredes desta casa, à boa maneira antiga, são quase todas de uma espessura fora do normal, muito largas. In A. C. L - MOURA, Augusto Soares de - *Documento* (Policopiado), [s/d], p.1. 569 - Informação do Coronel Augusto Cândido Soares de Moura. Cf. *À Descoberta de Lousada*, p. 11.

564 - A. C. L - MOURA, Augusto Soares de - *Documento* (Policopiado), [s/d], p.1.

565 - Segundo o Coronel Soares de Moura. Cf. In A. C. L - MOURA, Augusto Soares de - *Documento* (Policopiado), [s/d], p.1.

566 - Para o Coronel Soares de Moura, é natural que existam vários; a casa do Cáscere também o tem. Espécie de fortim, último reduto em caso de ataque que tivesse conseguido penetrar no interior da Casa. In A. C. L - MOURA, Augusto Soares de - *Documento* (Policopiado), [s/d], p.1.

567 - A casa da Lama exibe sacadas gradeadas com ferros forjados, fitomórficos, que aparecem nas sacadas das Casas de Penafiel e do Porto da mesma época.

568 – "*Do tipo largo e baixo, terminando em espiral virada para baixo e voltada para fora.*" GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de Oliveira - *Casas do Porto*. - o. c., 45.

569 - Pelos "*Dr. Manuel Joaquim Pinto Coelho e sua mulher Donna Joanna Luisa de S. Joze Soares Moreira foi dito sam senhores e pessuidores do seu lameiro chamado de Sá cito digo o seu lameiro de fora cito no lugar de Sá da freguezia de S. Vicente de Boim deste concelho de Louzada Bispado de Penafiel que o cederaõ por doaçaõ que lhes fez Inacio Joze Camelo de Becza morador que foi no lugar das Eyras da dyta freguezia e concelho. E porcoanto tem sua cappella feita e prepparada no lugar e quinta da Lama da freguezia de Santa Marinha com licença do sinhor Dr. Provizor da cidade de Penafiel e lhe he percizo fazer patrimonio a mesma cappella para sua sustentaçaõ e reparo.*" A.D. P., *Secção Notarial*, Po-1, Livro n.º 43, 1ª Série, 1777, fl. 120 a 121v.

570 - NÓBREGA - Artur Vaz-Osório da - o. c., p. 160. Foi mandada colocar pelo senhor da Casa da Lama, e foi esculpida em 1980, pelo Mestre Pedreiro João Silva, natural do lugar de Roupar, freguesia de Lodares, concelho de Lousada. E o custo da obra ascendeu a cem mil escudos.

Fotografia n.º 27

Casa de Rosende.

Fonte: Munícipio de Paços de Ferreira [s/d], p.13.

Fotografia n.º 28

Casa da Lama

A casa da Lama e a casa de Rosende apresentam um forte paralelismo na sua forma. Ambas são casas de plantas quadrangulares, com capela integrada no topo da fachada esquerda e no corpo central têm o mesmo tipo de aberturas, de janelas de sacada e de peitoril, assim como no corpo da direita. Divergem no tipo de escadaria, no arco do portal, no frontão e na ausência do óculo moldurado e da pedra de armas na capela da casa de Rosende.[575]

---

571 - A. H. M. L. - *Legado Pio da Capela da Casa da Lama, de 14 de Julho de 1831*.

572 - O local onde era a antiga porta principal de entrada da casa da Lama, segundo o Coronel Soares de Moura, actual proprietário da Casa. Em 1800, a entrada principal passou a ser a Este, e ainda aí se mantém.

573 - Para o Coronel Soares de Moura, a porta que se encontra neste alpendre, em madeira, toda chapeada, é a mesma que estava na primitiva entrada principal da fachada Sul.

574 - Foi o actual proprietário da Casa da Lama, que em 1975, o edificou. E de um muro da quinta, que se vê à face da estrada, saíram vários elementos arquitectónicos que faziam parte da primitiva Casa da Lama e que dela foram retirados em 1800, altura em que foi alvo de um profundo restauro. O Coronel Soares de Moura tem-se aproveitado dos mesmos para algumas obras de restauro que executou nesta casa, mormente neste alpendre.

575 - Segundo os proprietários desta casa, em 1936, tinha pedra de armas.

# Capítulo III

## Estudo das Tipologias da Casa Nobre do Concelho de Lousada.

# 1. Tipologias[576]

## 1. 1. Enquadramento

Para o estudo tipológico das casas nobres lousadenses, ponderámos a "*análise, descrição e classificação*"[577] das fachadas na sua perspectiva de composição arquitectónica.

A definição das tipologias foi estruturada a partir do estudo objectivo dos conjuntos edificados (acarretando diversos reconhecimentos ao local onde estão levantadas).

Em primeiro lugar considerámos os elementos estruturais, aqueles que estruturam a fachada, permitindo-lhe a dimensão real: vãos de portas, janelas, postigos, frestas, óculos, e respectivos emolduramentos, etc. Foram também considerados os elementos identificativos e decorativos, [estes são elementares], que por si só permitem mais do que uma tipologia. Cada um destes elementos pode ser concomitantemente estrutural, decorativo e identificativo. Estrutural, dado que faz parte integrante da densidade edificante da casa; decorativo, porque concorre para o embricamento do conjunto; e identificativo, já que permite identificar um determinado estatuto social e cultural, irradiam formas de pensar e de ser. Como recorda Natália Fauvrelle: "*Os elementos que decoram os edifícios de uma quinta, além do seu conteúdo estético, reflectem de forma inequívoca um gosto pessoal e os valores culturais, espirituais e psicológicos da sociedade em que se inserem.*"[578]

Um elemento ainda pode ser, conjuntamente, identificativo e decorativo. Daí que esta arrumação é simplesmente funcional; analisa os elementos constituintes das fachadas de maneira objectiva procurando sistematizar as virtualidades de cada um deles, e presta-se particularmente para chamar a atenção do facto de "*nenhuma abordagem do objecto plástico poder ser feita (desde que se procure ultrapassar a simples identificação estilística e integração serial), se não houver a preocupação de compreender «por dentro» e de forma tão radical quanto possível.*"[579]

As casas nobres setecentistas do concelho de Lousada, exibem duas tendências distintas: umas mais simples, seguem um padrão " *maneirista,*"[580] como acontece com as Casas de Argonça e do Cam; e outras, de desenho mais elaborado, mostram maior diversidade, empenhando-se particularmente na profusão decorativa. Disto sendo

exemplo as Casas da Bouça, Porto, Rio de Moinhos e Ronfe, Tapada e Vila Verde. Para Nelson Correia Borges os aspectos ornamentais sobrepõem-se à originalidade das plantas: "*o aspecto de maior interesse reside sempre na decoração,*"[581] Mas tal profusão não é consequência apenas da acumulação de ornatos, mas nomeadamente de um certo número de factores: os elementos edificantes tornaram-se mais dinâmicos (as pilastras separam os panos das fachadas em várias secções, assinalando ritmos, as cornijas ondulam-se, evidencia-se o movimento ascensional dos frontões; e as silharias cinzeladas e as almofadas dos vãos e dos cunhais enobrecem o conjunto), assim como a plasticidade dos ornatos da pedra de armas. Tudo isto confere à fachada uma identidade muio própria. Consequentemente, as fachadas são não raras vezes o que de mais admirável apresentam, concentrando-se aí todo o esforço arquitectónico e decorativo do conjunto edificado.

### 1.2. Planta

Desconhece-se se a casa nobre obedeceu a um plano previamente definido, tendo-se adaptado a cada momento da vida dos seus proprietários. Não há um padrão comum entre as diferentes casas que estudámos. Todas têm os espaços agregados ao seu funcionamento básico ou à relevância da sua imagem.

---

576 - "*Designação usada em arquitectura que relaciona a forma do edifício com a sua função.*" SILVA, Jorge Henrique Pais; CALADO, Margarida - *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005, p. 137. Cf. TEIXEIRA, Luís Manuel – o. c. p. 217; *Dicionário Enciclopédico Koogan* - o. c., p. 861; "*Es un fundamento epistemológico que parte de la consuderació de la arquitectura como ciência, basándose em soluciones preexistentes, codificadas que, supuestamente, se aplicarian mecânica y directamente para solucionar problemas funcionales.*" http://www.todoarquitectura.com

577 - RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; Horácio Manuel Pereira - *Vocabulário Técnico e Critico de Arquitectura*. 3ª Edição. Lisboa: Quimera Editores, 2002, p. 259.

578 - FRAUVELLE, Natália - o. c., p. 59.

579 - ALCOFORADO, Diogo - A Igreja dos Terceiros do Carmo: Contribuição para uma leitura da sua fachada. Separata da *Revista de História*. Porto: Edição do Centro de História da Universidade do Porto. vol. III. 1979, p. 5.

580 - AZEVEDO, Carlos - o. c., p. 82.

581- BORGES, Nelson Correia - *Do Rococó ao Barroco*. História da Arte em Portugal. 2ª ed. Lisboa: Publicações Alfa. vol. 9,1993, p. 39.

Há pois, uma ausência de modelo, sendo todo o conjunto edificado sujeito às necessidades do proprietário.

As plantas a que tivemos acesso foram as das casas da Lama e Tapada. Datam ambas dos anos setenta do século vinte. Não encontrámos documentos desta natureza, nem de épocas mais recuadas, muito menos do séc. XVIII.

Ao longo de toda a investigação contactámos com os proprietários das casas, concluindo que estas foram sofrendo sucessivos acrescentos, por imperativos vários: ora pelo crescimento da família ora por mera afirmação e ostentação social.

Ao nível da planta, a casa nobre lousadense foi evoluindo conforme o momento, as necessidades e as disponibilidades financeiras. Acontece, por vezes, que ao corpo do primeiro edíficio foi acrescentado outro, formando um L: assim a casa do Outeiro, do Cáscere e do Porto, mantendo-se, no entanto, o pátio por onde passava toda a vida da quinta e da casa. A configuração da planta topográfica da casa do Outeiro é muito curiosa: a edificação - do pátio interior - assemela-se a um trapézio, enquanto a parte restante tem a forma de um L. A fachada Sul da casa, do lado terreiro, foi levantada em pleno século XIX e no alvorecer do século XX, o pai do actual proprietário manda construir a fachada Este, adossando-a à capela. Daí ter surgido uma casa com planta em L e capela adossada ao topo esquerdo da fachada Este, com pátio interior na fachada Norte.

Ao corpo principal da casa do Cáscere foi-lhe acrescentado um outro corpo, à esquerda, e adossado à capela. Mais tarde, esta viria a perder as funções de culto, tendo outra capela sido construída no prolongamento da fachada principal. Irrompe uma casa com planta do tipo L e capela no topo direito da fachada principal.

Ao primitivo corpo da casa do Porto foi-lhe acrescentado um outro, para o lado da capela. Resultou uma casa com planta em L e capela integrada à fachada principal, no topo esquerdo.

A planta em U visa a teatralização da fachada, procurando conseguir um enorme efeito cenográfico, com a criação de uma sequência espacial entre o interior e o exterior. Para Carlos de Azevedo *"É sobretudo nas casas de planta em U que vamos encontrar uma concepção ordenada e lógica e um rigor até então desconhecidos."*[582]

---

582 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 81.

Este tipo de planta não é muito frequente no concelho de Lousada. Podemos observá-la apenas nas casas de Rio de Moinhos e de Vilela (Casa Grande). A primeira tem um amplo terreiro, fronteiro à fachada principal, fechado por portões. Ao corpo primitivo, foi adicionado, em data e época incertas, outro corpo que se adossou à capela. Evidencia-se, pois, uma casa com planta em U e capela, formando um ângulo recto no topo da fachada Oeste.

A casa Grande de Vilela apresenta um tipo de planta em U, como foi documentado. Apesar de todas as alterações introduzidas, mantém o mesmo tipo de planta e a mesma relação com a capela: destacada.

A planta do tipo quadrangular é muito frequente no concelho de Lousada. Doze são as casas que a exibem: Alentém, Bouça, Juste, Lama, Real, Ribeiro, Ronfe, Renda, Quintã, Seara, Valmesio, Vila Verde. De referir que é a casa quadrangular com capela adossada/integrada ao topo da fachada direita ou esquerda o tipo de casa nobre mais frequente no concelho de Lousada que "*se desenvolve durante o século de Setecentos*"[583] e na qual se coloca um cuidado particular na "*organização das fachadas, que se desenvolvem num plano único e horizontalmente.*"[584]

A primeira casa foi objecto de um programa de restauro no final do século XIX, como já foi mencionado e que lhe deu, provavelmente a actual configuração. A fachada Este foi adossada à capela. Redundou numa planta do tipo quadrangular, com capela no topo direito da fachada Este.

Na primitiva edificação, da Bouça, foram feitas sucessivas adições, em épocas diferentes. Em meados do mesmo século XIX a fachada Oeste é edificada e adossada à capela, sendo a torre erigida no século XX. É uma casa quadrangular com capela adossada/integrada no extremo Oeste e torre a Norte.

A terceira casa exibe um pátio exterior. A fachada Norte, no topo esquerdo, foi adossada à capela, originando um ângulo de noventa graus. É considerada, por Carlos Azevedo, uma casa de "*planta muito simples, quadrangular,*"[585] com capela adossada à fachada Norte, formando um ângulo de noventa graus.

---

583 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 81.

584 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 81.

585 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 81.

Com capela adossada ao topo esquerdo da fachada principal, a casa da Lama exibe uma planta do tipo quadrangular.

Na casa da Quintã, a fachada principal foi adossada à capela. Ostenta a configuração de casa com planta do tipo quadrangular, com capela adossada no topo direito da fachada Este.

Em 1758 a casa de Real é "*construída.*"A capela aparece integrada na fachada principal, no topo esquerdo, e apresenta pátio interior. Desta forma, é uma casa quadrangular com capela integrada no topo esquerdo da fachada Oeste, e pátio interior.

A casa do Ribeiro, tal como as casas da Lama e de Real, apresenta a capela no topo esquerdo da fachada principal. A torre aparece, à direita do torreão, na continuidade da fachada Sul. É uma casa quadrangular com capela adossada à fachada Sul e torre.

Apesar de terem existido obras de restauro, estas não retiraram a configuração tipológica que a casa da Renda apresenta. Portanto, é uma casa com planta do tipo quadrangular.

A casa de Ronfe apresenta um pátio interior, e em data indefinida a fachada Oeste foi adossada à torre. Por isso, é uma casa com planta do tipo quadrangular, com torre adossada no topo esquerdo da fachada Oeste e pátio interior.

Em ruínas, e com a capela destacada e alinhada com a fachada principal, à esquerda, surge de seguida a casa da Seara. Trata-se de um bloco monolítico com uma planta do tipo quadrangular.

Em meados da centúria de oitocentos, a capela de Santa Ana foi integrada na casa de Valmesio. Apresenta uma planta do tipo quadrangular e capela integrada no extremo esquerdo da fachada Oeste.

A casa de Vila Verde, tal como todas as outras casas nobres lousadenses, foi objecto de acrescentos, ao longo dos tempos. O corpo central é quadrangular e a capela encontra-se destacada do conjunto edificado. Configura-se, assim, uma casa com planta do tipo quadrangular e capela destacada.

A planta de pátio interior é uma tipologia que aparece nas casas de Argonça, Pereiró e Cam. Francis D. K. Ching, na sua obra: "*Dicionário Visual de Arquitectura*" define pátio interior como sendo "*área ou espaço de uma casa delimitada por construções baixas, arcadas ou paredes.*"[586] Assim, este tipo de planta mostra, um pátio interior, ao redor do qual se distribuem os diferentes elementos.

Através de duas plantas topográficas, uma de 1948 e outra de 2005, foi possível inferir a evolução da planta da casa de Argonça. Esta tinha um pátio interior, mas aberto a Este, como o confirma a planta topográfica de 1948. Em 2005 aparece transformado numa tipologia com contornos bem estruturados: casa de pátio interior fechado, na totalidade.

A casa de Pereiró também foi objecto de vários acrescentos ao longo dos anos, mas estes não lhe alteraram a sua tipologia. A capela de S. José foi edificada no local em que existia uma tulha, em 2002, adquirindo a fachada Este outra dignidade e importância. A vida desta casa é organizada à volta de um pátio interior, resultando daí uma planta de pátio interior, com capela integrada no topo direito da fachada Este.

A última casa, a do Cam, apresenta um pátio interior, sendo este isolado por portões a Sul, Este e Oeste. À direita da fachada Este, a capela, destacada. Temos, pois, uma casa de pátio interior com capela destacada à direita da fachada Este.

Não é muito habitual, na casa nobre lousadense, a planta em forma de T. Contudo, duas delas apresentam-na: Valteiro e Tapada, esta última com pátio interior. A casa do Valteiro apresenta capela no topo direito da fachada principal e torre na fachada Sul. É uma casa com planta do tipo T com capela adossada ao topo direito da fachada, e torre a Sul.

Pela análise da planta topográfica verificámos que a casa da Tapada apresenta uma planta em T, e mesmo tendo em conta os acréscimos realizados, esta tipologia mantem-se inalterada. Tem um pátio interior e uma capela. Por isso é uma casa com planta do tipo T com pátio interior e capela destacada à direita da fachada Oeste.

**Quadro N.º 21 - Tipologia da planta da casa nobre do concelho de Lousada**

| Casa | Planta |
|---|---|
| Vilela, e Rio de Moinhos | U |
| Outeiro, Cáscere e Porto | L |
| Tapada e Valteiro | T |
| Juste, Ronfe, Alentém, Quintã, Renda, Seara, Valmesio, Vila Verde, Bouça, Lama, Real e Ribeiro | Quadrangular |
| Argonça, Cam e Pereiró | Pátio Interior |

586 - CHING, Francis D. K. - o. c., p. 85.

## 1. 3. Fachada

O espaço patenteado elege uma área única para a capacidade arquitectónica, onde se revelam diversos jogos de composição entre os elementos estruturais e decorativos.

Fachada, é a "*face do edifício, constituindo o elemento mais mediático de toda a construção.*"[587] Ela é, numa análise redutora, o resultado final correspondente a esse acto criativo, onde o criador se exibe, dado que será a única referência visual, enquadrada na paisagem do dia-a-dia das pessoas que a contactam.

Observar uma fachada e procurar compreendê-la, da mesma forma que ler um poema e ficar a conhecer a sua mensagem, não é tarefa fácil. Por isso, tal como um poema nos dá prazer, a contemplação de uma fachada "*pode deliciar quem seja sensível à arte da Arquitectura e consiga ultrapassar a mera constatação de um mero número de x pilastras, um número y de portas e janelas e um número z de volutas e cornijas.*"[588] Ela é, entre todas as partes da concepção dos elementos constitutivos do uno a edificar, uma das mais difíceis de concretizar. A operação de a delinear foi, é e será sempre uma das ocasiões mais inabalavelmente rigorosas do acto de construir, sem esquecer a mais valia dos outros componentes.

A casa nobre lousadense do século XVIII insere-se nas características que Carlos de Azevedo refere para a casa nobre portuguesa em geral e que Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves adoptou. As características que a particularizam resumem-se: "*no esforço arquitectónico e decorativo concentrado na fachada; no desenvolvimento horizontal, criando longas fachadas, articuladas com pilastras lisas pouco salientes, e acentuadas, sobre os telhados, por ornatos (urnas, fogaréus, e pináculos); na existência de um piso dominante; o andar nobre, com janelas «quase sempre mais ricas do que no andar térreo»; na acentuação da linha superior do edifício (emprego de frontões); na importância da entrada nobre, «enriquecida com colunas e pilastras», sustentando «balcão com parapeito ou simples grade, continuada por uma janela central de tipo mais rico e rematada pelo brasão de armas da família», criando-se assim um eixo vertical que divide a fachada em duas zonas iguais.*"[589] De que são exemplo as casas da Bouça, Ronfe e Porto. E ainda há fachadas rasgadas por "*janelas de sacada e janelas de peitoril, com ombreiras, peitoris e lintéis lisos. As*

*portadas são também simples*”[590] - que podemos encontrar nas casas de Argonça, Cam e Cáscere.

As casas de Alentém, Bouça, Porto e Ronfe exibem fachadas muito semelhantes, apresentando frontão triangular e exibindo no tímpano a pedra de armas.

Na casa do Valteiro é visível uma fachada equilibrada e simétrica, com a entrada principal a servir de eixo de composição. Nas duas primeiras casas, as capelas não perturbam a composição, sujeitando-se tanto quanto possível “ *às linhas da fachada e repetindo elementos desta - portas e janelas.”* [591] Na casa do Valteiro esta asserção é uma evidência: do lado direito a capela e do esquerdo o terceiro corpo é rematado por um frontão.

**Quadro N.º 22 - Tipologias das fachadas da casa nobre do concelho de Lousada**

| Fachada | Casa |
|---|---|
| Dividida, verticalmente, por duas pilastras, em três zonas que criaram dois panos simétricos.<br>Com frontispício. | Alentém, Bouça, Porto e Ronfe |
| Dividida, verticalmente, por duas pilastras, em três zonas, que criaram dois panos simétricos que flanqueiam um pano central.<br>Sem frontíspicio. | Real, Ribeiro e Valteiro |
| Dividida, verticalmente, por duas pilastras, em três corpos. | Rio de Moinhos |
| Dividida em três corpos. | Lama, Pereiró e Vila Verde |
| Dividida, verticalmente, por pilastras, que criaram duas zonas e três panos, desiguais. | Vilela |
| Com capela integrada no topo esquerdo, e janelas de sacada de lintel curvilíneo, molduradas - no rés-do-chão e andar nobre. | Valmesio |
| Com portal moldurado e torreão na parte central | Tapada |
| De um só pano. | Argonça, Cáscere, Juste, Quintã e Renda |
| Com escadaria de quatro lanços e dois braços e capela adossada. | Outeiro |
| Dividida, verticalmente, por uma pilastra, criando dois panos, assimétricos. | Cam |

1. 4. Vãos

Para Ernest Burden, vão é o "*compartimento ou divisão principal da organização arquitectónica de uma edificação, marcada por contrafortes ou pilastras nas paredes, pela repetição de qualquer unidade espacial que divida a edificação em porções correspondentes.*"[592] Os vãos concentram o maior esforço decorativo, em especial os da porta. Portanto, de acordo com o grau de ostentação que se pretende imprimir à fachada, e à presença de elementos como a varanda alpendrada, pedra de armas, torre, escadaria e capela, acontece um tratamento mais cuidado dos vãos e das suas molduras. Estas podem tomar formas mais complexas: as ombreiras prolongam-se no remate inferior e o perfil da verga estende-se sobre as ombreiras, como as da casa de Vila Verde, Tapada e Real sendo até algumas enriquecidas com motivos esculpidos, como acontece na casa de Juste. Neste contexto, Natália Fauvrelle sustenta que os elementos e as formas que "*ornamentam os edifícios de uma quinta, além do seu conteúdo estético, reflectem de forma inequívoca um gosto pessoal e os valores culturais, espirituais e psicológicos de quem os mandou construir ou de quem lá viveu.*"[593]

No jogo compositivo da fachada, a casa de Alentém ostenta o maior número de janelas de sacada e de peitoril e aberturas rectangulares, que se apresentam na horizontal. Contudo, é na casa de Ronfe, com menos número de vãos, mas a mais cenográfica de todas, que deixamos perder o olhar, tal como na de Vila Verde com janelas e portas em número muito aproximado à anterior. Também podemos percorrer o olhar por outras: Bouça, Porto, Outeiro, Lama, Rio de Moinhos e Real. No andar térreo, as janelas podem ser de peitoril, molduradas e gradeadas; enquanto no andar nobre podem ser de sacada, de lintel curvílineo com chave ao centro, e molduradas. Contudo, encontrámos também janelas de sacada e janelas de peitoril, com ombreiras, peitoris e lintéis lisos, de que são exemplares as casas de Argonça e do Cáscere. Esta última residência exibe as janelas do rés-do-chão gradeadas.

A casa de Rio de Moinhos mostra janelas com cornija de ressalto molduradas, no primeiro andar, enquanto a casa da Tapada exibe no rés-do-chão janelas rectangulares, molduradas e gradeadas com segmentos côncavos e no andar nobre, janelas de sacada, molduradas, enquanto o torreão ostenta janelas de sacada e balaustrada. Configuração diferente, e única ostenta a casa de Ronfe: no rés-do-chão, a ladear o portal arquitravado, janelas de peitoril molduradas com lintel curvilíneo e

painel, no primeiro andar, um janelão de sacada e lintel curvilíneo, com colunas embebidas e fecho, flanqueado por janelas de sacada molduradas e lintel curvilíneo. A ladear o pano central vêem-se quatro janelas de sacada de lintel curvilíneo e painel, molduradas.

Tropeçamos com outro caso singular, na casa de Vila Verde: uma janela de peitoril em forma de trifólio. As restantes residências ostentam o tipo de janela de: peitoril/sacada de lintel curvilíneo, moldurada.

De todas, é a casa de Alentém que exibe maior número de janelas na fachada - dez no rés-do-chão e onze no primeiro andar, enquanto Ronfe e Porto contam apenas sete e Bouça nove. Este número elevado e pouco usual de vãos na fachada vai permitir que as sequências rítmicas das janelas imprimam movimento em direcção ao centro da fachada, como se pode ver na casa de Ronfe, Alentém, Vila Verde, Porto e Bouça.

As janelas do rés-do-chão, geralmente são gradeadas, com grade simples, à espanhola ou tipo papo de rola.

As portadas são todas molduradas, algumas com lintéis curvilíneos, outras com cornijas de ressalto, e para completar o jogo decorativo das fachadas, podem ser rasgados óculos, frestas… Há óculos e frestas que apresentam formas mais elaboradas de perfis trabalhados, e algumas destas aberturas são de inspiração erudita, como é o caso das casas da Renda e de Ronfe.

Três casas ostentam portadas simples: Argonça, Cam e Cáscere. A portada da primeira é de cocheira. As casas de Alentém, Porto, Quinta, Renda, Seara, Valteiro e Vilela têm portadas molduradas com fecho ao centro. Com a configuração de portada com lintel curvilíneo e fecho ao centro, aparece a casa de Bouça, Pereiró, Tapada, Real e Vila Verde. Com diferentes gradações, mas enquadrado na mesma tipologia - portal arquitravado (com lintel curvilineo, com cornija e com coluna embebida), há três situações a reter: casa de Ronfe, Ribeiro e Valmesio. A primeira tem na fachada um portal arquitravado com lintel curvilíneo, chave ao centro e coluna embebida, enquanto a casa do Ribeiro apresenta portal arquitravado com cornija e fecho ao centro, e o último exibe, na capela, um portal arquitravado, também com cornija e painel superior.

---

587 - QUINTÃO, José César Vasconcelos - *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico*. Porto: Edição da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2005, p. 34.

588 - QUINTÃO, José César Vasconcelos - o. c., p. 34.

Juste, Lama e Rio de Moinhos, exibem tipos de portais diferentes entre si. Na casa de Juste pode ver-se um portal com lintel bilobado de arcos crescentes, enquanto na segunda casa se aprecia uma portada tripla moldurada. O último portal é arquitravado com lintel de ressalto.

Normalmente, os óculos têm a forma redonda, enquanto as frestas e as aberturas podem ser quadrangulares, rectangulares ou tomarem a forma de losangos, sendo moldurados, gradeados e envidraçados.

Há óculos e frestas que apresentam formas mais elaboradas de perfis trabalhados, e algumas destas aberturas são de inspiração erudita, como é o caso das casas da Renda e de Ronfe.

### 1. 5. Escadaria

Na casa nobre lousadense há escadarias que revelam uma certa inquietude e infundem uma marcada ideia de movimento, outras "*ostentam linhas severas, e outras revelam claramente a extravagância, a exuberância, a inquietação,* (…)."[594] No exterior, a escadaria adquire um maior desenvolvimento, chegando mesmo a ter "*um papel primacial,*"[595] como sucede nas casas de Vila Verde, Renda, Juste, Argonça. Sobre a escadaria da casa de Juste, Carlos de Azevedo referiu: " *Revela inquietação e imprime uma acentuada noção de movimento. É curioso ver o choque da escadaria com a casa-esta definida pelo plano da fachada, estática e fixa à terra, aquela desenvolvendo-se em profundidade e caracterizada pela impressão de movimento."*[596]

O acesso ao andar superior, faz-se normalmente, por uma escadaria exterior, em pedra. Persistem múltiplas combinações para assegurar o papel característico das escadarias como meio imprescindível entre dois ou mais andares. Também podem ter "*funções simbólicas e processionais para assimilar a importância do movimento ascensional, e este efeito depende da largura, da inclinação e da altura.*"[597] É, pois, importante reflectir sobre a relação dinâmica da escadaria com o edifício e da inquietação que desperta.

O patamar é por vezes alpendrado, como sucede nas casas da Bouça (Fachada Este), Cáscere (pátio interior), Juste (Fachada Sul), Lama (Fachada Norte e Oeste), Ronfe (Fachada Norte).

| Quadro N.º 23 - Tipologias da escadaria da casa nobre do concelho de Lousada | |
|---|---|
| Casa | Escadaria |
| Argonça, Juste, Renda, Rio Moinhos e Real | Perpendicular à fachada, com patim |
| Alentém, Lama e Quintã | De um lanço e com patim |
| Bouça, Tapada | De dois lanços |
| Ribeiro, Ronfe, Seara, Valteiro, Seara | De dois lanços opostos |
| Porto | De três lanços e dois braços |
| Outeiro | De quatro lanços e dois braços |
| Vilela | De dois sentidos |
| Pereiró | Em caracol |

## 1. 6. Varanda Alpendrada

Outro elemento arquitectónico que igualmente se destaca na fachada da casa nobre, nobilitando-a, é a varanda alpendrada.[598] Plataforma avultando da fachada ao nível dos andares, unida à parede da casa, situa-se, preferencialmente no primeiro andar, embora também possa surgir no rés-do-chão. Estes lugares de abrigo franqueiam a constante relação entre o exterior e o interior que o clima permite. Por outro lado, respondem às exigências do campo: abrigar-se, secar, fiar, …. Passando a casa a estar mais aberta para o exterior, permitindo assim *"a contemplação da natureza."* [599]

---

589 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c.,p. 16.

590 - FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - o. c.,p. 16.

591 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 83.

592 - BURDEN, Ernest - *Dicionário Ilustrado de Arquitectura*. São Paulo: Bookman, 2002, p. 335.

593 - FAUVRELLE, Natália - *Quintas do Douro. As Arquitecturas do Vinho do Porto. Cadernos da Revista Douro - Estudos Monográficos.* Porto: GHEVID, 2001. p. 59. "*Na arquitectura doméstica, porém, a decoração mostra-se sempre muito sóbria, e a casa nobre só muito mais tarde, na época barroca - isto é, em pleno século XVIII - vai empregar fachadas com decoração exuberante e nas quais voltaremos a ver motivos clássicos sujeitos a nova interpretação.*" Cf. AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 70.

594 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 53. CF. OLIVEIRA, Rosa Maria - o. c., p. 59.

595 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 72.

Na casa nobre Lousadense a varanda alpendrada ou abre para um "*pátio de entrada já no interior do edifício ou, se desenvolve para o exterior, adoptando proporções cenográficas,*"[599] tal como acontece com as varandas das casas da Bouça, Vila Verde e de Juste. Ela é, pois, uma espécie de sala de visitas, sobressaindo em alguns casos, como já referimos, em relação ao resto do edifício, e é um elemento primordial, uma marca de singularidade, exibindo uma expressão acolhedora e proporções harmoniosas. Constitui a verdadeira entrada da casa. O seu pavimento é normalmente ladrilhado com tijoleira ou lajeado com granito. Do alpendre entra-se directamente para a sala ou salas.[600]

Como elemento portador de decoração, a varanda alpendrada "*assume um papel simbólico e funcional.*" [601] O efeito ornamental é obtido através da colocação de uma voluta no remate da guarda lateral (como ocorre nas casas da Lama, Ronfe, Vila Verde, e Bouça), e das colunas de granito, normalmente lisas. A varanda é assim, um elemento que sobressai do restante conjunto edificado.

Existem casas que devem a este simples elemento de circulação o factor inevitável da sua importância. Este espaço de ligação entre o interior e o exterior conferiu-lhe um prestígio acrescido. Assim acontece nas casas da Bouça, Juste, Lama, Real, Renda, Ribeiro, Ronfe, Valteiro, Vila Verde.

### 1. 7. Torre

Não há, no concelho de Lousada, casas-torre. As torres foram levantadas, em época recente, pelos antepassados dos actuais proprietários.[602] Não existe, contudo, documento algum que relate tais actos construtivos. A torre era um elemento marcante. Primeiro por assumir uma configuração de "*casa fortificada*"[603] para numa fase posterior aparecer como simples torre senhorial - mesmo que de princípio tenha tido utilidade militar nas campanhas da reconquista, logo foi fruída pela nobreza para alimentar rivalidades. Muitas foram edificadas de uma forma abusiva, tendo sido derrubadas por ordem do rei. As primeiras tinham dupla função: de habitação e defesa. Mesmo após o fim da reconquista continuaram a construir-se torres. Daí que muito rapidamente a torre se "*converteu em mero símbolo senhorial, levantada com autorização do rei, no momento em que o suserano instituía privilégios da aristocracia às torres de certo fidalgo.*"[604]

A torre[605] torna-se num elemento de afirmação senhorial, conferindo prestígio a quem a detém.

As torres do concelho de Lousada são compostas por grossos muros e apresentam escadarias adossadas, ainda que de altura relativamente modesta. São quadrangulares e possuem aberturas: frestas e janelas gradeadas, coroadas por ameias.

| **Quadro N.º 24 - Tipologias da torre da casa nobre do concelho de Lousada** | |
|---|---|
| Casa | Torre |
| Casa do Outeiro[606] | Torre na fachada principal, à esquerda da escadaria |
| Casa do Ribeiro | Torre na fachada Sul, à direita do torreão, incorporada num outro corpo do edifício mais recuado |
| Valteiro | Torre na fachada Sul |
| Casa de Ronfe[607] | Torre alinhada com a fachada Oeste |
| Bouça | Torre na fachada Norte da casa primitiva |

Em quatro destas torres funciona a cozinha, excepto na de Ronfe, na qual está a capela de St.º André, enquanto a do Outeiro mostra as armas de S. Francisco na face da fachada; e a do Ribeiro tem apenas funções decorativas.

---

596 - AZEVEDO, Carlos de, - o. c., p. 72. Cf. COLE, Emily (Editor Geral) - *A Gramática da Arquitectura*. Lisboa: Centralivros, 2003. p. 330.

597 - "*Similar a uma sacada, mas localizada ao nível do solo. Pode estender-se por um ou todos os lados da edificação.*" BURDEN, Ernest - o. c., p. 337. Cf. "*À saída da cozinha podemos encontrar também um pátio* (…) *ou um alpendre de pequenas dimensões.*" FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 60.

598 - Esta " (…) *nova solução arquitectónica, está directamente ligada ao esforço para abrir a casa para o exterior e para permitir a contemplação da natureza.*"AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 72. Cf. COLE, Emily (Editor Geral) - o. c., p. 330.

599 - FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 60.

1. 8. Pátio

O pátio é um elemento de extrema importância na história da arquitectura da casa nobre lousadense. Daí definir-se pátio como um "*arquetipo sistemático y versátil, capaz de cobijar una grande cantidad de usos, formas, tamãnos, estilos y características diferentes.*"[608]

Encontrámos dois tipos de pátio que se enquadram nas características da casa nobre lousadense: interno ou interior e terreiro ou pátio exterior (de honra). [609] O pátio interno ou interior apresenta marcas distintas: Argonça, Cam, Bouça, Cáscere, Juste, Pereiró, Porto; enquanto Outeiro, Tapada, Real e Ronfe seguem o tipo definido por Jorge Henrique Pais da Silva e Margarida Calado, pátio é um "*espaço aberto frente a um edifício,*"[610] também se podendo encontrar "*no seu interior,*"[611] sendo este lajeado, ladrilhado, cimentado ou ainda em terra batida.

O acesso ao pátio interior faz-se por um portal, como acontece nas casas de Pereiró e do Cam ou por uma porta de cocheira, como ocorre na casa de Argonça. A casa de habitação fica ao fundo, e tem sempre rés-do-chão e andar nobre. A fachada principal, está voltada para o exterior do pátio interior, sendo que o andar nobre, onde o proprietário reside, sobrepõe-se às dependências de serviço. Apresenta também um "*aspecto de cidadela fechada, vedada a estranhos que ele aqu, toma, parece poder explicar-se fundamentalmente por razões histórico-culturais, como sobrevivência de uma remota forma que tinha em vista a defesa contra assaltos ou depredações.*" [612] Há, desta forma, um evidente desejo de recolhimento e de protecção. A casa, na verdade, na globalidade do seu conjunto edificado, configura um todo murado à entrada e até ao olhar de estranhos. O pátio interior é, assim, o ponto fulcral, o local vital, para onde converge a existência de toda a casa. Três são as casas que mais evidenciam este tipo de características: Argonça, Cam, Pereiró, que têm o pátio interior limitado pelo conjunto edificado apenas por um ou dois lados, sendo a parte sobrante tapado por um muro baixo.

Na primeira casa, o pátio é delimitado a Este, Oeste e Norte pelas fachadas das fachadas térreas das edificações do caseiro, cortes, etc; e a Sul pela fachada interior da fachada da casa principal.Fecha-o uma porta de cocheira. A segunda mostra um pátio tapado por portões a Este e a Oeste, e a Sul uma porta de cocheira. Enquanto na de Pereiró, vislumbra-se um pátio interior delimitado por fachadas, sendo fechado a Oeste por portão em ferro forjado e a Este por uma porta de cocheira. O pátio da casa de

Cáscere resulta da planta em L. Apresenta-se fechado por muros a Norte e a Oeste, e pelas fachadas a Este e a Sul. A mesma configuração tem o da casa do Porto, pois também resulta de uma planta em L. É limitado pelas fachadas da construção primitiva, excepto a Este, onde o remate com a fachada interior da fachada mais recente, é feita - na zona do tanque - através de muro, de média altura. O pátio é vedado aravés de dois portões em ferro, dando estes seventia para os campos; e através de uma porta de cocheira, esta permite o acesso ao terreiro fronteiro à principal da casa do Porto. Na casa Juste, o pátio surge na rectaguarda da mesma. É fechado pelas fachadas do edifício a Sul e a Este - pelo portão -, e por muros a Norte e Oeste. Por último, a casa da Bouça exibe um pátio interior que permite o acesso à antiga edificação primitiva. É aberto, a Oeste.

No segundo caso, à volta do pátio interno ergue-se uma edificação, dispondo-se ao seu redor, tapando-o na sua totalidade. Como já referimos, é um espaço livre e aparece incorporado no conjunto edificado, sendo a parte murada normalmente, da altura, das fachadas do edifício que o delimita. São exemplos de casas edificadas à volta de um pátio interior: Outeiro, Tapada, Real e Ronfe.

O espaço de terra, plano e amplo, contíguo a uma casa é o terreiro ou o pátio exterior. Também pode ser definido como o "*espaço aberto frente a um edifício (pátio de honra).*"[613] Adoptando este conceito, e excluíndo a casa do Cam, todas as outras ostentam um terreiro ou pátio exterior, fronteiro à fachada principal, ideia que José Custódio da Silva preconiza: "*não haver dúvidas da existência de um pátio frente ao corpo principal,* (…)."[614] Geralmente quadrangulares apresentam-se em terra batida, murados e fechados com portões de ferro forjado, fundido e em chapa, a que acedemos por alamedas ladeadas por frondosas árvores.

---

600 - OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando - o. c., p. 103.

601 - FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 72.

602 - Informação dos proprietários das Casas da Bouça e do Outeiro. Ver pág. 109 e 111.

603 - AZEVEDO, Carlos de, - o. c., p. 51. Cf. Torre: "*Edificio forte fabricado em alguma parte para fe acolherem nelle do inimigo, e de lá o offenderem; hoje as que reftão fervem de prizões, cazas de armas, &c. e as que fe fazem fão para se porem finos junto ás Igrejas; nas Fortalezas, a principal,* ***era a torre de menagem,*** *a qual não entregava fenão a quem tiveffe direito de levantar a menagem da Fortaleza ao Capitão della*." BLUTEAU, Rafael - o. c., p. 469 - 470.

604 - AZEVEDO, Carlos de, - o. c., p. 21.

| Quadro N.º 25 – Tipologias de pátio da casa nobre do concelho de Lousada | |
|---|---|
| Casa | Pátio |
| Argonça, Bouça, Cam, Cáscere, Juste, Pereiró, Porto, Outeiro, Tapada, Real e Ronfe | Pátio interior |
| Alentém, Argonça, Bouça, Cáscere, Juste, Lama, Outeiro, Pereiró, Porto, Quintã, Ribeiro, Rio de Moinhos, Real, Renda, Seara, Tapada, Valmesio, Valteiro, Vila Verde, Vilela | Terreiro, pátio exterior (pátio de honra) |

605 - Torre é um "*corpo de edifício mais alto que largo de planta quadrangular.*" SMITH, Edward Lucie - *Dicionário de Termos de Arte*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p. 340.

606 - Segundo o seu proprietário foi erguida no séc. XIX pelo seu avô.

607 - Nesta torre, segundo os herdeiros desta casa, está a capela.

608 - http://www.ggili.com. Cf. HANEMAN, J. Th - *Elementos de Composicion Arquitectónica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985, p. 40.

609 – "*Espaço de plano efpaçofo.*"BLUTEAU, Rafael - o. c., p. 455. Cf. É o espaço que "*nos palácios e outros edifícios vai desde a entrada principal à escadaria.*" MACHADO, José Pedro - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editores Amigos do Livro, (Coord. José Pedro Machado), 1981, p. 390. No Brasil é a área "*em frente das casas grandes e nobres.*" MACHADO, José Pedro - o. c., p. 390; Burben, Ernest - o. c., p. 256.

610 - SILVA, Jorge Henriques da, CALADO, Margarida - o. c., p. 279. Cf. Em 1789 também assim era considerado: "*Pa' teo é a área murada, e descoberta que eftá á entrada da cafa.*" BLUTEAU, Rafael - o. c. - p. 170; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando - o. c. p. 39 e 103; Burben, Ernest - o. c., p. 256, p. 175.

611 - CHING, Francis D. K. - o. c., p. 85. Cf. vol. II. p. 82, SILVA, Jorge Henriques da, CALADO, Margarida - o. c., p. 279; Burben, Ernest - o. c., p. 256; TEIXEIRA, Luís Manuel - o. c., p. 175.

612 - Cf. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando - o. c. p. 39 e 103; Burben, Ernest - o. c., p. 256, p. 175.

613 - SILVA, Jorge Henrique Pais; CALADO, Margarida - o. c., p. 278.PEREIRA, José Fernandes - o. c., p. 176

1. 9. Capela

Em termos estruturais a casa nobre é igualmente um espaço de representação, sendo marcada por linguagens intemporais. Passando de geração em geração, a habitação é "*uma marca de estabilidade social, inerente a uma sociedade que diz não à mudança ou a tenta encobrir diariamente com valores tradicionais. Este mesmo valor de perpetuidade, está patente em elementos simbólicos da casa, como a capela e a pedra de armas.*"[615] Daí o enraizamento da casa nobre e o poder que a casa nobre, inserida numa quinta ou não, nos traduz, nos transmite, saírem reforçados pela presença de uma capela que, "*em tempos mais remotos, era um privilégio exclusivamente real, só muito tardiamente alargado às famílias nobres*."[616]

Do século XVI em diante assistimos ao fenómeno da instituição de capelas junto das habitações, o que se explica quer pela religiosidade, pois eram muitas vezes fruto de uma promessa, quer pela importância social/simbólica que transmitiam.

A arte religiosa traz consigo uma "*carga simbólica e metafórica significativa da afirmação de valores de prestígio,*"[617] e a capela é precisamente encarada como um "*símbolo de poder e de prestígio*."[618] Acresce que não estava ao alcance de qualquer um instituir uma capela, pois era necessário ter uma situação financeira invejável para proceder à sua edificação, adquirir mobiliário (retábulo de talha, imaginária e alfaias), e garantir os bens que ficariam vinculados ao sustento da mesma.

A grande maioria das capelas, em estudo, deverá ter sido edificada na primeira metade do século XVIII, com raríssimas excepções; outras foram levantadas na segunda metade, como aconteceu com a capela da Casa da Lama, ou já no século XIX, como ocorreu com a capela da casa do Cáscere.

Todos os pedidos para fundar uma nova capela foram processos unifamiliares que "*pretenderam dotar a sua residência permanente ou sazonal com estruturas que possibilitassem o encontro do agregado com o sagrado, embora, e não em poucos casos, o requerente justificasse a necessidade dessa capela para saldar expressões devocionais próprias, dos seus criados, caseiros e outros serviçais, e até da população que vivia nas imediações da Quinta.*"[619]

---

614 - SILVA, José Custódio Vieira da - o. c., p. 33.

De resto, as Constituições Sinodais do Porto esclareciam que "*as capelas deveriam possuir porta aberta para o espaço público, sempre ficando salvaguardada a fruição da população em geral.*"[620] E as motivações para fundar uma capela resumem-se a " *três linhas de força que os fundadores de capelas particulares jamais esquecem na sua pretensão junto do bispo, podendo as três figurar no mesmo pedido.*"[621]

A primeira, remete para a dignificação, e esta é invocada por já possuírem casa nobre, e quererem dotar o complexo de capela para assim valorizarem a Quinta;[622] a segunda, é "*um acto devocional*";[623] a terceira, de comodidade, ou de procura de melhores condições físicas para que o requerente e a sua família pudessem assistir com mais conforto à missa. A distância da casa que se pretende dotar de capela à igreja, e a deficiente rede de comunicações existente entre ambas toma forma de apelo, que se repete amiudadamente nos processos. Muitas vezes "*alude-se aos problemas inerentes ao mau tempo - chuva, calor e inundações - que impedem a deslocação para assistir às celebrações eucarísticas.*"[624] .

A capela podia ser levantada por forma a dar seguimento à fachada da casa, comunicando com o seu interior através da tribuna, da qual os senhores da residência assistiam às cerimónias religiosas, ficando o corpo da capela para os serviçais, criados e povo. São deste modelo exemplos as casas de Rio de Moinhos, Porto, Juste, Valteiro, Ribeiro, Real, Alentém, Valmesio, Outeiro, Bouça, Lama e Cáscere. Esta tribuna encontra-se vulgarmente por cima da entrada. A existência deste elemento tem a ver com o tamanho das capelas, na sua maioria de pequena a média dimensão; quando a capela é destacada da casa, não é construída a tribuna.[625]

É na centúria de setecentos que surge o tipo de casa que integra a capela na fachada e que a questão da casa e capela se resolve, desta vez estabelecendo um padrão de casa tipicamente português, quando a fachada apresenta "*maior simetria,*"[626] oportunidade para integrar a capela num dos extremos.

Na análise da relação entre ambas as construções, só duas casas estão isentas de capela: Argonça e Renda; cinco capelas estão destacadas: a de Vilela, paralela e no início da fachada Este; a da Seara, alinhada com a fachada principal, a Sul; a de Vila Verde, defronte para a fachada principal, virada a Oeste; a do Cam, à direita da fachada Este; e a da Tapada, à direita da fachada Sul. Mas temos também capelas integradas nas fachadas, como as de Juste e de Rio de Moinhos, que formam um ângulo recto, estando as duas situadas a Norte; as capelas da casa do Cáscere, do

Valteiro, Pereiró e Outeiro rompem a cornija do lado direito da fachada; do lado esquerdo, ficam as do Ribeiro, da Lama, de Real, de Valmesio e do Porto - finalmente as capelas das casas da Bouça e de Alentém, situam-se a Oeste da fachada principal. Feita esta leitura, impõe-se uma outra: a das fachadas. Só cinco das capelas estão integradas na fachada: Cáscere, Cam, Pereiró, Porto e Valteiro, acompanhando a composição da casa e repetindo os seus elementos - portas e janelas.

| **Quadro N.º 26 - Relação entre ambas as construções no concelho de Lousada** | | |
|---|---|---|
| Isenta de capela | Com capela integrada | Com capela destacada |
| Argonça e Renda | Juste e Rio de Moinhos | Vilela, Seara, Vila Verde, Tapada, Cáscere, Valteiro, Lama, Real, Valmesio, Porto, Pereiró, Outeiro, Bouça e Alentém |

Classificamos as portadas das capelas em oito tipologias: três capelas exibem portadas molduradas, como é o caso de Alentém, Vilela e Juste, enquanto nas da Bouça e Ribeiro se acrescentou à moldura o lintel curvilíneo; e na do Outeiro adiu-se, a tudo isto, o frontão interrompido. As portadas das capelas da Quintã e da Seara são dissemelhantes num só pormenor: na primeira a portada é arquitravada e coroada com frontão interrompido por flor-de-lis, enquanto na segunda, moldurada com frontão interrompido por flor-de-lis. A diferença reside no moldurado ou no arquitravado. As sobrantes: Real e Rio Moinhos, mostram tipologias distintas, expondo a primeira portada com cornija, painel superior coroado por frontão interrompido. E a segunda portada arquitravada com lintel curvilíneo, com fecho ao centro e cornija de pequeno ressalto.

---

615 - FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 76.

616 - Foram os reis suevos que as introduziram, segundo o P.e João Baptista de Castro, o. c., p.164. Cit. por FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 78.

617 - ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - o. c., p. 57.

618 - ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - o. c., p. 57.

619 - ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - o. c., p. 57.

A capela de Rio Moinhos apresenta dois tipos de janelas: uma moldurada de peitoril e lintel curvilíneo e outra de peitoril moldurada com painel e cornija de pequeno ressalto.

Quatro capelas exibem janelas de peitoril, na fachada principal. São elas: Cáscere, Pereiró, Valteiro e Porto; e na fachada da sacristia: Tapada e Outeiro. Nas restantes não há janelas. Estas, normalmente, apresentam moldura e grade.

| **Quadro N.º 27 - Portadas das capelas da casa nobre do concelho de Lousada** | |
|---|---|
| Capela | Portada |
| Alentém, Vilela e Juste | Moldurado |
| Lama, Valmesio e Valteiro | Arquitravado, com cornija e painel superior |
| Bouça e Ribeiro | Portal moldurado com lintel curvilíneo |
| Real | Portal com cornija, painel superior coroado por frontão interrompido |
| Quintã | Portal arquitravado com frontão interrompido por flor-de-lis |
| Rio de Moinhos | Portal arquitravado com lintel curvilíneo, com fecho ao centro e cornija de pequeno ressalto |
| Outeiro | Portal moldurado com lintel e frontão interrompido |
| Seara | Portal moldurado coroado com frontão interrompido por flor-de-lis |

620 - ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - o. c. , p. 57.

621 - ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - o. c. , p. 57.

622 - Esta importância foi enfatizada por todos, mas principalmente, por aqueles que ficaram conhecidos como “os brasileiros”, e para quem a presença da capela é tão valorativa que os melhores materiais são empregues neste edifício. FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 78.

623- ROCHA - Manuel Joaquim Moreira da - o. c., p. 60

624 - ROCHA - Manuel Joaquim Moreira da - o. c., p. 60.

625 - STOOP, Anne - o. c., p. 11.

626 - AZEVEDO, Carlos de - o. c., p. 81.

Também na frontaria das capelas aparecem aberturas mais pequenas, com diferentes contornos: óculos em forma de polifólio, hexafólio, quadrifólio, círculo, losango, como se encontram nas casas de Real, Bouça e Lama, Juste, Valmesio, Vila Verde e Alentém, respectivamente.

| **Quadro N.º 28 - Janelas das capelas da casa nobre do concelho de Lousada** | |
|---|---|
| Capela | Janela |
| Cáscere, Pereiró, Valteiro e Porto | Peitoril |
| Rio Moinhos | Janela moldurada de peitoril de lintel curvilíneo<br>Janela de peitoril moldurada com painel e cornija de pequeno ressalto |

Os óculos são todos moldurados, gradeados e envidraçados, exceptuando os da capela da casa da Tapada, que evidencia um óculo com a forma de vitral. Já as aberturas são, normalmente, rectangulares, rasgadas vertical ou horizontalmente, assim como gradeadas e envidraçadas, de que são exemplo as casas de Pereiró e Rio de Moinhos. Esta última apresenta um tipo de abertura distinto: rectangular com lintel curvilíneo, moldurada e gradeada.

| **Quadro N.º 29 - Óculos das capelas da casa nobre do concelho de Lousada** | |
|---|---|
| Capela | Óculos |
| Real | Polifólio |
| Bouça | Hexafólio |
| Bouça e Lama | Quadrifólio |
| Juste, Valmesio e Vila Verde | Círculo |
| Alentém e Vila Verde | Losango |

Os frontões e as empenas das capelas têm uma configuração triangular, excepção para o frontão da Lama que é constituído por duas volutas; e normalmente são coroados por cruzes.

As cruzes podem ser latinas, como as das capelas das casas do Cam, Cáscere, Juste, Pereiró, Seara e Quintã; trilobadas, assim as podemos ver em Valmesio e Vila

Verde; e octogonais, nas da Bouça, Lama e Outeiro. A capela do Valteiro exibe uma cruz trifólia; a do Porto é granada; e embolada é a de Real. De Cristo e Nascimento de Jesus, aparecem nas de Rio de Moinhos e Alentém, respectivamente; por último, a do Ribeiro é do tipo flor-de-lis.

| **Quadro N.º 30 - Cruzes das capelas da casa nobre do concelho de Lousada** | |
|---|---|
| Capela | Cruz |
| Alentém | Cruz Raiada |
| Cam, Cáscere, Juste, Pereiró, Seara e Quintã | Latina |
| Valmesio e Vila Verde | Trilobada |
| Bouça, Lama e Outeiro | Octogonal |
| Porto | Granada |
| Rio de Moinhos | De Cristo |
| Real | Embolada |
| Ribeiro | Flor-de-Lis |
| Valteiro | Trifólia |

As pilastras são imprescindíveis, na casa ou capela, pois consolidam os cunhais, dividem os panos em secções, criando efeitos decorativos, e constantemente ajudam a definir os vãos de porta, sendo nestes casos ressaltados.

Pináculos, pirâmides, fogaréus e urnas fechadas são os elementos arquitectónicos que rematam as pilastras das capelas das casas nobres lousadenses. Três são as capelas que apresentam pináculos: Alentém, Cáscere e Quintã; enquanto urnas fechadas coroam as da Bouça, Juste, Rio de Moinhos, Real, Valmesio, Valteiro e Vila Verde; nas capelas do Outeiro e da Seara aparecem pirâmides triangulares. Na do Porto e Tapada, surgem fogaréus estriados e urnas de fogaréus, respectivamente; e na do Ribeiro, figuras de convite.

### 1. 10. Pedra de Armas

A pedra de armas, nem sempre presente, na fachada da casa, capela e torre, "*personifica não só um estatuto social como privilégios concedidos directamente pela realeza.*"[627] E tem um carácter eterno até pela escolha do próprio material, o granito, testemunho "*quase perpétuo da linhagem dos seus proprietários que deixam na rocha a genealogia da família e as respectivas alianças.*"[628] A esta pedra é associada a

própria casa que, não raro, fica também conhecida pelo nome da família que a habita há várias gerações: "*Exibição de posição e poder, o escudo assume agora um valor de memória de uma sociedade e uma forma de viver que se extinguiu.*"[629]

Com o séc. XVIII assistimos ao aparecimento de frontões nas fachadas para exibir a pedra de armas, geralmente ricos de decoração no paquife e com escudo de forma abaulada.

As casas de Vila Verde, da Quintã e da Lama exibem a respectiva pedra de armas na fachada principal da capela. No frontão que coroa a fachada principal, aparecem cravadas as pedras de armas nas residências de Alentém, Ronfe, Bouça e Porto. Enquanto a pedra de armas da casa de Juste encima a cornija da fachada Oeste e em Rio de Moinhos está colocada no segundo andar do torreão da fachada principal. As armas de S. Francisco, na casa do Outeiro, vislumbram-se na face da torre, na fachada Sul.

A pedra de armas da capela da casa da Lama encima o portal, enquanto o da Quintã está colocado no centro da empena; e o de Vila Verde aparece adossado ao painel, entre dois óculos. Todos estão colocados no centro do frontão, com a particularidade de Juste apresentar duas pedras sobrepostas; e de em Rio de Moinhos estar colocado entre duas janelas de lintel curvilíneo, molduradas. As armas que se acham na torre da casa do Outeiro são de S. Francisco.

**Quadro N.º 31 - Tipologias da pedra de armas da casa nobre do concelho de Lousada**

| Casa | Tipologia |
|---|---|
| Lama, Quintã e Vila Verde | Na frontaria da capela |
| Alentém, Ronfe, Bouça e Porto | No tímpano do frontão |
| Juste | Coroa a cornija da fachada principal |
| Rio Moinhos | Na frontaria da casa |
| Outeiro | Na face da torre |

627 - Eram nobilitados facilmente os senhores de casas nobres e com vastas terras, com grandes quintas, em Portugal, tal como no Brasil, os senhores de engenho, já que deles " *só se fala com consideração.*" PIRES, Fernando Tasso Frogosso - *Fazendas: as grandes casas rurais do Brasil.* Nova Iorque [etc]: Abbeville Press Publishers, 1995, p. 11. Cit. por FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 78.

## 1. 11. Elementos Decorativos

Os elementos decorativos, concebidos quase sempre em granito, são primaciais para o jogo da composição das fachadas e são indicadores exteriores de equilíbrio, de ordem e de dignidade, dado que "*estes elementos ornamentais têm, vezes sem conta, na determinação compositiva das fachadas, onde podem tornar-se tão importantes ou mais importantes do que os componentes estruturados.*"[630] Aparecem colocados em pontos-chave da fachada da casa: frontão, capela e escadaria; e também surgem espalhados pela fachada e torre.

Da análise das casas nobres verificou-se o uso frequente de ornatos: acrotérios/cordas/bolas/conchas/pingentes/pinhas/cruzes/flores/florão/frisos em losamgos, quadrifólio, hexafólio, polifólio, carranca/urnas/fechadas/abertas/figuras de convite/ volutas/esfera armilar/merlão/folhas de acanto.

Há elementos que se encontram no coroamento das pilastras, engrandecem o conjunto edificado e auxiliam a delinear linhas de força "*acentuando ritmos e direcções significativas:*"[631] pináculos, pirâmides, urnas fechadas ou abertas e figuras de convite. As formas sinuosas, onduladas, e dilatadas das bolas, dos fogaréus e das pinhas contrastam com as formas geométicas das pirâmides. Assim, enquanto uns elementos destacam as formas naturalistas, outros tentam imprimir relevo às linhas verticais, conferindo imponência à casa.Também na base das pilastras aparecem volutas a decorá-las, de que é exemplo a Casa da Bouça. As volutas podem ainda ornar os pedestais das cruzes, como é visível na capela da casa do Ribeiro.

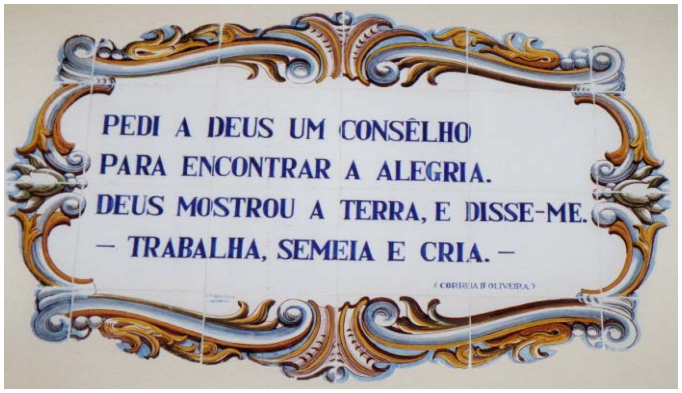
Os vãos apresentam, normalmente, moldura com lintel curvilíneo, excepção para a casa de Juste, com portada de lintel bilobado de arco crescente, na fachada Oeste e janela a Norte de lintel também bilobado. Ainda nesta casa, duas portas mostram incisões geométricas no lintel, tal como as colunas do alpendre exibem incisões medievais. Na parte terminal das escadarias surgem, por vezes, volutas, pináculos, fogaréus ou vasos, como podemos encontrar nas casas da Argonça, Renda, Bouça, Outeiro e Valteiro. Na face deste elemento arquitectónico também é usual aparecer expressão ornamental, como se nos depara em Valteiro.

Existem também exemplos de esculturas nas casas, como em Argonça - quatro esculturas de granito, de vulto redondo, representando as estações do ano; no muro do portal que antecede o do terreiro, em Pereiró e Outeiro, integradas em edículas,

estando a segunda enquadrada por uma concha. Na casa da Bouça encontram-se estatuetas no jardim.

Da mesma forma, deparámos com painéis de azulejos. Mesmo que estes sejam persistentemente identificativos, casos há em que igualmente cumprem funções decorativas. Por exemplo, na casa de Valmesio, na freguesia de Nevogilde, vêem-se três painéis de azulejos que granjeiam interesse e despertam curiosidade, da autoria da de dois anteriores proprietários. Estão emoldurados por cercaduras policromas. Além da sua importância decorativa, estes painéis exprimem o amor ao rio que deu o nome ao Vale e à casa onde residiam. A fachada Sul da casa Lama mostra um azulejo representando St.ª Ana com o Menino e Nossa Senhora, ao colo, encontrando-se datado: MDCCCLXXXI; e no alpendre, situado a Oeste, vê-se um painel de azulejos, retratando o edifício. No alpendre da casa da Bouça, observa-se um lambril de azulejos monocromáticos, em azul-cobalto e representação figurativa, executados em painéis de grandes dimensões, em tons azuis e brancos. E a casa do Valteiro exibe na coluna direita do portal, um azulejo azul e branco, e no alpendre, da fachada Este, há ainda um grande painel de azulejo, de tons azuis e brancos, retratando uma cena de caça. Por último, na casa da Tapada pode apreciar-se um painel de azulejo, da autoria do poeta A. Correia de Oliveira que exorta à faina no campo, sendo que a capela apresenta um vitral de contorno mais cuidado.

Achamos por bem incluir ainda como elemento decorativo o trabalho que se vê nos portões das casas nobres, por exemplo, os enrolamentos da sobreporta, com que tropeçamos nas casas de Porto, Ronfe e Vila Verde.




Fotografia n.º 29.
Casa da Tapada - Painel decorativo colocado no corredor do primeiro andar. Poesia de António Correia de Oliveira.

## 1. 12. Elementos Identificativos

As pedras de armas e os painéis de azulejos identificadores, foram os elementos tidos em consideração, dado que enriquecem decorativamente a casa, facultando-nos a apreensão do valor simbólico e artístico que lhes é atribuído.

As primeiras têm grande valor cultural e histórico, pois falam-nos da História de uma família, de uma classe e do País. Do ponto de vista decorativo são muitas vezes a parte mais exuberante da casa, a marca que dá dignidade e fidalguia ao conjunto. De certa forma, o seu estudo, ajudou-nos a conhecer as famílias preponderantes do concelho, as ligações existentes entre elas e os fortes laços que as unem, e acima de tudo a importância simbólica que ainda têm na actualidade, sendo-lhe a mesma reconhecida pelo peso histórico que representam. Também nos permitiu compreender as escalas decorativas.

Aparecem ainda painéis de azulejos que identificam as casas. São de uma grande simplicidade, com o nome da casa, numa moldura decorativa. As tonalidades utilizadas para o fundo são usualmemente branco e azul para o nome da casa; e o amarelo para moldura, a existir. Saber a proveniência e a época destes painéis de azulejos é que não foi exequível. Encontram-se painéis deste tipo nas casas de Argonça, Bouça, Cáscere, Lama, Tapada e Valteiro.

Fotografia n.º 30.

Casa do Valteiro. - Painel identificativo.

# Conclusão

Num primeiro momento, constatámos que o concelho de Lousada durante o século XVIII e XIX oscilou quanto ao número de freguesias, e que os corografistas, monografistas e os próprios abades que responderam aos Inquéritos das Memórias Paroquiais de 1758, nunca se entenderam ou foram unânimes quanto às freguesias Sede do Concelho. E através das Memórias Paroquiais, e de outros documentos, foi possível reconstituir, na medida do possível, as paisagens física e edificada do concelho de Lousada no século XVIII.

Ficámos a saber que Lousada se fez pela política e pela política se desenvolveu, tendo figuras como o Conde de Alentém, o Visconde de Lousada, de Sousela ou Manuel de Souza Freire, determinantes para tal desígnio. Mas também era uma terra que se deleitava em folguedos, de que eram expoente máximo os bailes da Assembleia Lousadense. Local de encontro da elite de então, dos políticos, enfim das encruzilhadas deste concelho a nível social, económico e político.

Num segundo momento, verificámos que as casas edificadas na área do rio Sousa são semelhantes àquelas que foram construídas na área do Rio Mesio. Os rios Sousa e Mesio e seus vales férteis ditaram a fixação e, mais ainda, a durabilidade do espaço, da vivência destas casas. De grandes casas agrícolas transformaram-se em casas nobres, com capela adossada/integrada, ou destacada, à esquerda ou à direita, escadaria monumental com amplo terreiro e pedra de armas, ora no frontão, ora no torreão, e com portões adossados a colunas de cantaria e muros de silharia, que permitem o acesso a alamedas em terra batida ou não, alamedas que nos levam às suas fachadas principais.

Os modelos construtivos foram, porventura, muitas vezes, regionais, como são, por exemplo, os da casa da Lama e da casa de Rosende (Paços de Ferreira), da casa da Tapada e do antigo palacete do Calvário (Penafiel), hoje biblioteca municipal.

E ao pai sucedia o filho mais velho na administração da casa e até na herança de outros cargos públicos, como sargento ou capitão-mor e capitão de ordenanças.[632]

Num terceiro, e último momento, confirmámos que também naquelas paragens, a pedra de armas e a capela eram elementos que perpetuavam e conferiam prestígio aos seus proprietários; tal como a torre - elemento que, aliás, sublinha a representação

do proprietário da casa, elevando-o, por inerência, em capital simbólico, mais que não fosse, na área do perímetro concelhio e limítrofes.

---

628 - MARTINEZ - BARRETO, Carlos - *Torre, pazos y linajes de la província de la Coruña*. Leon: Editorial Everest [1986], p.10, Cit. por FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 77.

629 - MARTINEZ - BARRETO, Carlos - o. c., p. 11. Cit. por FAUVRELLE, Natália - o. c., p. 77.

630 - QUINTÃO, José César Vasconcelos - o. c., p. 57.

631 - ALCOFORADO, Diogo - o. c., p. 8.

632 - MAGALHÃES, Joaquim da Cunha - o. c., p.18. Cf. "*Os cargos que ocupam na estrutura social fazem deles os principais baluartes da sociedade, ou pela craveira intelectual ou pela económica, ora pela titularidade nobre, militar ou religiosa.*" ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - *Espaços de culto público e privado nas margens do Douro*. "Poligrafia". Nº 5 (1996), p. 57.

# Glossário

**Acanto** - Planta herbácea comum no Mediterrâneo, cujas folhas estilizadas formam o ornamento característico dos capitéis nas ordens coríntia e composta.

**Acrotério** - Pedestal para estátuas e outros ornamentos localizados no vértice ou nas extremidades do frontão de um edifício clássico. Termo também usado para referir-se ao próprio ornamento.

**Adossado** - Construção encostada a outra mais alta que lhe serve de apoio.

**Agulha** - Pirâmide estreita e aguda.

**Almofadada** - Superfície acabada composta de múltiplos painéis de madeira sustentados por trilhos, montantes ou molduras.

**Alpendre** - Construção à frente de uma fachada ou porta, pouco profunda e normalmente sustentada por colunas, pilares ou muros laterais.

**Alinhamento** - Colocação de elementos arquitectónicos segundo determinado eixo ou linha.

**Altar** - Construção em forma de mesa sobre a qual se celebra a missa, no culto católico.

**Alto-Relevo** - Relevo esculpido no qual os pontos mais altos das formas moldadas se projectam a partir do fundo por, no mínimo, metade da profundidade.

**Ameada** - Parapeito com alternância regular entre partes sólidas (merlões) e aberturas (ameias), usado para defesa em fortificações. .

**Ameia** - Espaço aberto entre os elementos sólidos de um ameado, resultando num padrão denteado uniforme.

**Andar** - Espaço compreendido entre dois pisos de um edifício.

**Andar Nobre** - Piso mais importante do edifício.

**Aparelho** - Forma de distribuição dos tijolos ou pedras de uma parede.

**Aparelho de Fiada Regular** - Muro no qual as pedras quadradas de vários tamanhos são assentadas num padrão que cria uma fiada em cada três ou quatro pedras.

**Arcada** - Uma ou duas linhas de arcos sustentados por pilares ou colunas, de forma independente ou como parte de uma edificação.

**Arcada em Ogiva** - Arcada formada por dois arcos que se cortam na parte superior, fazendo um ângulo agudo.

**Arcada Tripla** - Conjunto de três arcos e seus pés direitos.

**Arco Abatido** - Arco cuja altura é inferior a metade da largura.

**Arco Crescente** - Um tipo de arco em ferradura.

**Arco de Volta Perfeita** - Arco que consta de um semicírculo perfeito.

**Armoriado** - Que tem armas ou brasões desenhados ou esculpidos.

**Arquitravado** - Construção que usa vigas ou lintéis, seguindo o princípio das construções com postes e lintéis, em contraste com as edificações que usam arcos e abóbadas.

**Arquitrave** - Parte inferior do entablamento entre o friso e o capitel de uma coluna.

**Avental** - Peça de pedra, de composição variável, consoante as épocas, que serve de ornato sob o vão da janela.

**Base** - Corpo sobre o qual se coloca a coluna ou a estátua.

**Batente** - Elemento que remata uma moldura ou chanfro.

**Besante** - Peça heráldica diminuta, semelhante à arruela, mas metálica, no escudo de armas.

**Bilobado** - Dividido em dois lobos ou segmentos de círculos.

**Baixo-Relevo** - Relevo esculpido que se projecta muito discretamente em relação ao fundo.

**Balaustrada** - Parapeito corrido sustentado por uma fila de balaústres dispostos a espaços regulares, servindo de remate a um edifício, de anteparo a vãos (janelas, escadas, etc.).

**Balaústre** - Colunelo baixo ou pequeno pilar, geralmente mais grosso a meio do fuste, com molduras, usado em parapeitos de balcões, corrimãos de escadas, peitoris de janelas, etc..

**Balcão** - Sacada geralmente com balaústres, em janelas de pisos superiores das construções, à qual se tem acesso por uma janela rasgada por inteiro.

**Bandeira** - Envidraçado alto, ornamentado ou liso, colocado por cima de uma porta ou janela, utilizado particularmente para iluminar corredores interiores.

**Barrote** - Viga ou trave de madeira grossa para sustentar soalho, ripado ou tecto.

**Brasão** - Insígnia em forma de escudo medieval, em geral complementado por um elmo.

**Beiral** - Parte saliente de um telhado, para além do plano da parede.

**Bica** - Cano ou meia-cana por onde sai água.

**Bola** - Ornato em granito, que normalmente surge com a designação de esfera.

**Borla** - Ornato em granito.

**Cachorrada** - Conjunto de cachorros que sustenta uma cornija, uma beirada, uma sacada, etc..

**Cachorro** - Peça de granito encravada na parede e saliente em relação ao seu paramento, e que sustenta uma cornija, uma cimalha.

**Chave** - Aduela central que firma e equilibra um arco, servindo-lhe de remate.

**Chanfrado** - Recortado em forma de meia-lua.

**Caixilho** - Armação de uma janela que segura o vidro. Poderá ser deslizante, fixo, com dobradiças ou pivotante.

**Caixotões** - Painéis de madeira, pedra, bronze ou estuque, formados em tectos planos, abóbadas ou cúpulas.

**Campanário** - Torre ou muro vazado de arcadas que serve para suspender os sinos.

**Cantaria** - Blocos de pedra aparelhados, com fino acabamento, usados para decorar e reforçar partes de um edifício como cantos, esquinas, janelas e portas.

**Capela** - Pequeno templo, em geral de um só altar, isolado ou adossado a outras construções.

**Capela Destacada** - Capela separada do edifício principal.

**Capitel** - Parte superior, geralmente decorada, de uma coluna, pilar, pilastra ou pilarete que coroa o fuste. Pode sustentar uma arquitrave, uma arcada ou um bloco de uma imposta. Cada uma das ordens clássicas tem os seus distintos capitéis representativos.

**Carranca** - Ornato esculpido com a forma de rosto disforme ou grotesco.

**Cartela** - Cornija decorativa usada em geral em volta de emblemas. Um dos elementos característicos do Barroco e do Rococó.

**Cimalha** - Elemento construtivo que remata superiormente a fachada e os muros de um edifício, ocultando o telhado e impedindo o escorrimento de águas ao longo da parede.

**Coluna** - Corpo vertical de secção circular ou poligonal, composto em regra por base, fuste e capitel.

**Coluna Embebida** - Coluna embebida num muro ou pilar, numa secção menor que o seu diâmetro.

**Coluna Fasciculada** - Grupo de colunas reunidas em função do perfil circular. Ordem de colunas: dórica, jónica e coríntia.

**Compartimento** - Cada uma das divisões da casa.

**Concha** - Motivo ornamental em arquitectura, usado em Portugal desde o Românico ao Rococó, com diversas formas.

**Conversadeiras** - Bancos de pedra colocados em cada vão das janelas.

**Corda** - Moldura arquitectónica de secção circular ornada com estrias.

**Cordão** - Moldura cilíndrica, lisa ou acanelada, semelhante a um c. que orna as arestas das cornijas, bandas, arquivoltas, parapeitos de muralhas. A sua função é meramente decorativa.

**Cornija** - Parte superior saliente do entablamento na arquitectura clássica e renascentista.

**Corpo** - Massa de uma edificação.

**Corrimão** - Peça de apoio, ao lado de uma escada e paralela à sua inclinação, em madeira, pedra ou metal.

**Cunha** - Peça prismática que serve para preencher um espaço vazio entre duas partes duma construção, apertando-as.

**Cunhal** - Ângulo saliente no encontro de duas paredes, geralmente definido por pilastras, colunas embebidas ou aparelho bem travado, que reforça este ponto frágil da edificação.

**Cruz** - Figura constituída por dois braços cruzados e que na iconografia cristã representa o instrumento em que Jesus Cristo foi supliciado.

**Degrau** - Elemento de uma escada composto de três partes: cobertor, espelho e focinho.

**Dintel**-Verga superior da porta ou da janela, que assenta sobre as ombreiras.

**Edícula** - Nicho vazado numa parede, simples ou com decoração arquitectónica, para conter uma imagem.

**Edifício** - Construção erigida com certa imponência e que apresenta carácter artístico.

**Eira** - Terreno lajeado onde se desgranam e secam os cereais.

**Elmo -** Capacete que cobre a cabeça provido à frente de uma viseira que se podia levantar sobre a fronte.

**Empena** - Parte superior de uma parede, de formato triangular, junto da cobertura.

**Entablamento** - Conjunto de elementos horizontais assentes em colunas ou pilares.

**Ermida** - Capela ou igreja pequena situada em lugar afastado e despovoado.

**Escada** - Elemento arquitectónico que estabelece a ligação entre dois pisos, constituído por um ou vários lanços de degraus.

**Escada de Dois Lanços** - Escada com dois grupos de degraus ligados por um patim.

**Escada em Caracol** - Escada helicoidal sem patim.

**Escadaria** - Escada descoberta anteposta à fachada dos edifícios. No Renascimento e no Barroco, modelada de forma representativa. Com frequência realça a simetria de uma construção.

**Escadaria de dois Sentidos com Patamar** - Escada em meia-volta composta por dois lanços rectos contíguos, ligados por um patamar intermediário.

**Escadaria de Lanços Opostos** - Escada com patamar ao centro e dois lanços opostos.

**Escadaria em Meia Volta** - Escada que descreve uma volta de 180º ou é composta por dois lanços perpendiculares a um patamar intermediário.

**Escala** - Relação de dimensões entre o desenho e o objecto representado.

**Escudete** - Chapa que possui o orifício por onde entra a chave da fechadura.

**Escudo** - Motivo ornamental com forma de escudo.

**Esculpido** - Designação do objecto ou relevo obtido por talhe de um material mais ou menos duro (bloco de madeira, marfim, pedra, etc.).

**Esfera** - Ornato em forma de esfera.

**Esmalte -** Conjunto dos metais, cores e forros de um escudo.

**Espiral** - Ornato enrolado em e.

**Esquartelado** - Escudo dividido em quartéis.

**Estatueta** - Pequena escultura de vulto, de carácter decorativo.

**Fachada** - Face exterior de um edifício, em geral a da frente.

**Fachada Principal** - Aquela onde está a entrada e a que tem a decoração mais cuidada.

**Faixa** - Elemento horizontal ou vertical, plano e decorativo, parte contínua ou uma série de molduras que se projectam levemente do plano de uma parede, contornando uma edificação ou estando ao longo de uma parede, dividindo-a.

**Ferro Forjado -** Ferro trabalhado a quente, a martelo e/ou malho ou por compressão, na prensa.

**Ferro Fundido -** Ferro obtido por fusão de minérios de ferro e/ou sucatas e vazado em moldes.

**Fiada** - Camada de unidades de alvenaria que correm horizontalmente numa parede ou sobre um arco, assentadas com argamassas. As juntas horizontais estendem-se por todo o comprimento e as juntas verticais são deslocadas, para que não formem uma linha contínua.

**Filete -** Pequena moldura saliente rectangular (de secção quadrada) que serve para acentuar fortes molduras de contornos convexos ou côncavos.

**Fita -** Ornato em forma de fita.

**Fitomórfico -** Designação aplicada ao ornato com forma vegetal.

**Flor-de-lis -** Adorno em forma de flor de lírio, estilizada, que constitui um símbolo da antiga realeza francesa.

**Florão** - Pequeno ornamento, às vezes em forma de folha, no alto de um pináculo que serve de coroamento.

**Fogaréu -** Ornato de remate em forma de urna com pedestal, de onde saem linhas onduladas que simulam fogo ou chamas.

**Folha -** Ornato em forma de folha.

**Fonte** - Edícula adossada ou isolada donde a água escorre.

**Fortim** - Forte de pequenas dimensões.

**Franja** - Prega, ondulação ou fímbria.

**Fresta** - Vão de janela de abertura muito pequena servindo normalmente para ventilação.

**Friso** - Parte do entablamento que separa a cornija da arquitrave.

**Friso de Cornija** - Barra horizontal, em granito, que faz a separação entre os andares das edificações.

**Frontal -** Painel que recobre o altar.

**Frontão** - Coroamento da fachada principal de um edifício, também utilizado como remate de portas, janelas, nichos, etc.

**Frontão Curvo** - Frontão cujos lados são substituídos por um arco de círculo.

**Frontão Interrompido** - Frontão triangular em que os lados não se unem no vértice.

**Frontão Triangular** - Em forma de triângulo, é o mais vulgar, acompanhando a inclinação das águas do telhado e podendo ser mais ou menos agudo.

**Frontaria** - Fachada principal de um edifício.

**Gárgula** - Goteira com a forma de figura grotesca, que se destaca de um telhado ou de uma parede.

**Geminado** - Designação aplicada a vários elementos arquitectónicos (casas, colunas, janelas, etc.) ou escultóricos, agrupados em par e com um elemento de união comum.

**Grade** - Conjunto de barras de ferro colocadas nas janelas e noutras aberturas das paredes para efeitos de segurança ou adorno.

**Grade à Espanhola** - Grade de ferro artisticamente trabalhado, em forma de cesto.

**Gradeada** - Que tem grade.

**Grifo** - Animal quimérico usado na escultura decorativa.

**Inscrição** - Conjunto de caracteres gravados ou pintados num monumento.

**Isodomum** - Aparelho em que todas as pedras foram cortadas em esquadria e com a mesma altura, formando fiadas regulares e iguais entre si.

**Janela** - Abertura com peitoril vazada numa parede de edifício, para iluminação e ventilação.

**Janela aos Quadradinhos** - O mesmo que janelas de peitoril.

**Janelão** - Janela de grandes dimensões.

**Janela de Batentes** - É uma janela com dobradiças laterais que se abre para dentro ou para fora.

**Janela de Correr** - Aquela em que os caixilhos, em vez de girarem em torno de gonzos, correm horizontalmente ao longo de trilhos.

**Janela Dupla e Fixa** - Janela que apresenta dois batentes de cada lado e cujas folhas não se abrem.

**Janela de Empena** - Janela situada abaixo de uma empena.

**Janela Geminada** - A que é dividida em duas partes por uma coluna (bífore), ou em três partes por duas pequenas colunas (trífore). Reunidas em geral sob dois arcos cegos.

**Janela de Peitoril** - É uma janela envidraçada, com caixilhos de madeira que deslizam na vertical nas ranhuras do arco.

**Janela Pivotante -** Janela com um caixilho que gira 90º ou 180º em torno de um eixo vertical ou horizontal no seu centro, ou próximo deste.

**Janela de Sacada** - Janela de duas folhas, até ao nível do chão, de modo a abrirem como um par de portas e provida de uma varanda exterior.

**Janelo** - Pequena janela ou postigo.

**Junta** - Espaço entre pedras ou tijolos contíguos na mesma fila e que será preenchida com uma argamassa de cal e/ou cimento.

**Lambril** - Revestimento de madeira ou azulejo aplicado à parte inferior de uma parede.

**Lintel -** Viga horizontal que forma o elemento estrutural superior de uma abertura para porta ou janela e que sustenta a parte da estrutura sobre ela.

**Lis** - Ornato composto na base de uma flor de lírio com três folhas: a do meio levantado e as laterais vistas de perfil e caídas para fora.

**Lucarna** - Abertura num tecto para iluminação do sótão.

**Luzerna** - O mesmo que lucarna.

**Meia-Coluna -** Coluna que sobressai de um elemento portante ( pilar ou muro) por um quarto, pela metade, por três quartos e termina nas nervuras da abóbada, deixando cair aí o seu peso.

**Merlão** - Parte saliente do parapeito entre duas seteiras de fortalezas ou casas fortificadas.

**Mirante** - Pequena construção sobre um edifício para fruição de vistas.

**Mísula** - Peça saliente, em geral de pedra ou de tijolo, que suporta uma trave e muitas vezes é ornamentada.

**Moldura** - Parte saliente feita para ornamentação das obras de arquitectura.

**Monograma** - Emblema ou sigla, constituída por letras entrelaçadas.

**Mosqueta** - Ornato em forma de rosácea.

**Motivo** - Ornamento distinto ou repetido de uma pintura, escultura ou azulejo, que serve de elemento decorativo.

**Obelisco** - Pilar alto, monolítico, em forma de paralelepípedo, estreitando-se no alto e terminando em pirâmide.

**Óculo** - Abertura circular, oval ou moldurada, aberta numa parede de um edifício para iluminação do interior.

**Ogiva** - Arco que tem esta figura.

**Ombreira** - Elemento lateral que sustenta a verga de uma porta ou janela.

**Oratório** - Compartimento destinado à oração em casa particular.

**Ornato** - Elemento decorativo usado para valorizar esteticamente uma obra de arquitectura.

**Oval** - Abertura ou ornato com o feitio de ovo.

**Padieira** - O mesmo que lintel.

**Painel** - Superfície plana rebaixada ou alteada em relação à área envolvente. Pode ser delimitada por uma moldura.

**Pano** - Superfície de uma parede ou de um muro entre duas arestas.

**Parapeito** - Parte reentrante da parede numa janela.

**Pátio** - Espaço aberto frente a um edifício (pátio de honra) ou no interior do edifício. Este é lajeado, geralmente rodeado de arcadas, servindo de passeio.

**Pátio Interno** - Área ao ar livre limitada por edificações.

**Patim** - Pequeno patamar.

**Pedestal** - Suporte por baixo de uma coluna, de uma estátua, de uma urna ou de outro elemento decorativo.

**Pedra de Armas** - O mesmo que brasão de armas.

**Pia Baptismal** - Recipiente em pedra, apoiado numa coluna ou pilar, decorado ou não.

**Pilar** - Suporte vertical de secção poligonal ou quadrangular. Pode estruturar-se como uma coluna com base, fuste, capitel e/ou imposta. Além disso, pode estar isolado ou sobressair da parede.

**Pilastra** - Coluna rectangular que sobressai ligeiramente de uma parede e que nas ordens clássicas segue as proporções e linhas correspondentes.

**Pináculo** - Coroamento piramidal ou cónico de um contraforte, arcobotante ou muro.

**Pinázio** - Peça de madeira, pedra ou ferro, disposta em cruz, que divide o vão da janela em quatro lumes.

**Pinha** - Ornato arquitectónico que imita o fruto do pinheiro.

**Pirâmide** - Qualquer estrutura com uma base quadrada e cujas faces se inclinam, regularmente, encontrando-se num ápice.

**Planta** - Desenho arquitectónico que representa um edifício, ou parte dele, em secção horizontal.

**Plinto** - Bloco, geralmente quadrado, que corresponde ao extremo inferior da base de uma coluna.

**Porta** - Vão de forma rectangular destinado a passagem.

**Porta de Cocheira** - Portão mais largo de uma edificação, para dar passagem a carros.

**Portada** - Grande porta geralmente decorada.

**Portal** - Entrada, portão ou porta imponente, geralmente ornamentada.

**Portão** - Porta simples, mas de grandes dimensões.

**Postigo** - Pequena porta ou janela aberta noutra de maiores dimensões. Fresta.

**Quaderna** - Ornato em forma de dado em que a face exibe quatro pintas.

**Quadrifólio** - Vão formado por quatro lóbulos, geralmente inscritos numa moldura circular.

**Rebocado** - Camada de argamassa de que está revestido um muro ou parede.

**Relevo** - Saliência real ou aparente de uma figura ou ornamento sobre um fundo plano.

**Remate** - Ornamento que coroa uma construção arquitectónica.

**Rés-do-Chão** - Piso de um edifício que se encontra ao nível do solo ou mais próximo deste.

**Restauro** - Conjunto de trabalhos que se realizam num edifício destruído ou em ruínas.

**Retábulo** - Construção de pedra ou madeira, com lavores, na parte posterior do altar, que contém um quadro ou outra reprodução de tema religioso.

**Ritmo** - Qualquer tipo de movimento caracterizado pela aparição regular de elementos, linhas e formas.

**Rodapé** - Friso, faixa ou moldura saliente, na parte inferior das paredes de uma habitação.

**Roquete** - Triângulo do escudo.

**Sacada** - Registo superior projectado do edifício, suportado por cachorros ou por traves.

**Silharia** - Construção com silhares.

**Simetria** - Harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares.

**Sineta** - Sino pequeno.

**Sobreporta** - Espaço sobre a verga de uma porta nas salas de pé-direito. Nas construções barrocas, rococós e neoclássicas é muitas vezes decorada com pinturas.

**Sobrepuja** - Excede em altura**.**

**Soco** - Parte inferior de uma parede.

**Solar** - Grande casa nobre.

**Taça** - Bacia de fonte em forma de largo recipiente circular pouco profundo, geralmente pousada sobre uma peanha.

**Telhado** - Parte superior e exterior do edifício coberta de telhas.

**Terraço** - Pavimento descoberto sobre um edifício ou ao nível de um andar.

**Terreiro** - Espaço de terra, plano e largo.

**Timbre** - Insígnia apensa a um escudo de armas, grau de nobreza ou dignidade do seu proprietário.

**Tímpano** - Espaço triangular que fica entre as duas cornijas inclinadas de um frontão e a horizontal da sua base.

**Tipologia** - Estudo dos objectos materiais segundo a sua forma.

**Torça** - Parte superior do lancil correspondente ao lintel.

**Torre** - Construção alta, muito mais elevada que larga, de base circular, poligonal ou quadrada, que originalmente servia de defesa.

**Torreão** - Corpo de edifício mais alto que largo, levantado no ângulo de um edifício.

**Trifólio** - Ornato com a forma ou contorno da folha de trevo.

**Tronco** - Fuste ou fragmento do fuste de uma coluna.

**Tulha** - Edifício onde são armazenados os cereais.

**Umbral** - Parte inferior da porta.

**Urna -** Vaso colocado em remates de balaustradas e coroamentos de monumentos funerários, etc.

**Varanda -** Pavimento ressaltante do corpo do edifício, sustentado por coluna, mísulas, padieira de uma porta de ressalto, etc., resguardado por grades ou balaustrada e com serventia pelo interior do edifício.

**Vaso -** Peça decorativa em forma de vaso ou urna que pode aparecer no coroamento dos edifícios.

**Verga** - Parte superior de um vão de janela ou porta.

**Virol** - Signo exterior do escudo de armas, representando o rolete de couro no alto do capacete, pelo cavaleiro.

**Viseira** - Parte da armadura que cobria a cara.

**Vitral -** Vidraça de cores ou com pinturas sobre vidro.

**Voluta -** Ornato ou moldura em forma de rolo de papel.

**Bibliografia consultada:**


- *A Gramática da Arquitectura.* (Emily Cole, Editor Geral). Lisboa: Editora Centralivros, 2003.

- BURDEN, Ernest - *Dicionário Ilustrado de Arquitectura*. São Paulo: Aritmed Editora, 2002.

- CHING, Francis D. K. - *Dicionário Visual de Arquitectura.* 1ª edição, São Paulo: Livraria Martins Santos, 2003.

- KINDERSLEY, Dorling - *Dicionário Visual da Arquitectura.* 2ª Edição. Lisboa: Editorial Verbo, 1993.

- KOCH, Wilfried - *Dicionário dos Estilos Arquitectónicos*, São Paulo: Edição Martins Fontes, vol.1-3, 2001.

- TEIXEIRA, Luís Manuel - *Dicionário Ilustrado de Belas*-Artes, Lisboa: Editorial Presença, 1985.

- SMITH-LUCIE, Eduard - *Dicionário de Termos de Arte*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995.

- SILVA, Jorge Henrique Pais, CALADO, Margarida - *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

# Índice

# Sumário

Agradecimentos 4

Apresentação 8

Abreviaturas, Siglas e Sinais 10

Introdução 13

## Capítulo I

## Lousada no Século XVIII.

1- Lousada nas corografias e nos dicionários geográficos. 17

1. 1. Lousada pitoresca, política e social. 20

1. 2. Enquadramento e contextualização histórica do concelho de Lousada no século XVIII. 26

1. 2. 1. Um território em constante mutação. 26

2 - O Concelho de Lousada na segunda metade do século XVIII. 35

2. 1. Caracterização geral do concelho. 35

2. 2. Freguesia de Santa Maria de Alvarenga. 39

2.3. Freguesia de S. Salvador de Aveleda. 40

2. 4. Freguesia de S. Vicente de Boim. 43

2. 5. Freguesia de S. Tiago de Cernadelo. 45

2. 6. Freguesia de Santo André de Cristelos. 46

2. 7. Freguesia de Santa Marinha. 47

2. 8. Freguesia de S. Miguel de Lousada. 48

2. 9. Freguesia de Santa Margarida. 49

2. 10. Freguesia de S. João Evangelista. 50

2. 11. Freguesia de S. Salvador de Novelas. 52

2. 12. Freguesia de S. Lourenço de Pias. 53

2. 13. Freguesia de S. Miguel de Silvares. 54

3 - A Estrutura Arquitectónica de Lousada, segundo as Memórias Paroquiais de 1758. 58

3.1. Os efeitos do terramoto de 1775 em Lousada. 58

3. 2. Freguesia de Santa Maria de Alvarenga. 60

3. 3. Freguesia de S. Salvador de Aveleda. 61

3.4. Freguesia de S. Vicente de Boim. 64

3. 5. Freguesia de S. Tiago de Cernadelo. 65

3. 6. Freguesia de Santo André de Cristelos. 66

3. 7. Freguesia de Santa Marinha. 68
3. 8. Freguesia de S. Miguel de Lousada. 69
3. 9. Freguesia de Santa Margarida. 71
3. 10. Freguesia de S. João Evangelista de Nespereira. 73
3. 11. Freguesia de S. Salvador de Novelas. 74
3. 12. Freguesia de S. Lourenço de Pias. 75
3. 13. Freguesia de S. Miguel de Silvares. 76

# Capítulo II

## A Casa Nobre no Concelho de Lousada.

1. Situação e definição. 80
1. 1. Situação. 80
1. 2. Definição. 87

2. A Casa nobre no espaço rural. 90

3. Casas construídas na área do Rio Sousa. 91

3. 1. Casa Grande de Vilela. 91
3. 2. Casa da Seara. 94
3. 3. Casa de Vila Verde. 96
3. 4. Casa da Quintã. 99
3. 5. Casa de Ronfe. 102
3. 6. Casa da Renda. 105

3. 7. Casa de Pereiró. 108
3. 8. Casa do Outeiro. 110
3. 9. Casa da Bouça. 113
3. 10. Casa do Porto. 116
3. 11. Casa de Juste. 118
3. 12. Casa de Alentém. 121

4. Casas Edificadas na Área do Rio Mesio. 124

4. 1. Casa de Argonça. 124
4. 2. Casa de Real. 126
4. 3. Casa do Ribeiro. 128
4. 4. Casa do Valteiro. 130
4. 5. Casa de Rio Moinhos. 132
4. 6. Casa do Cam. 134
4. 7. Casa de Valmesio. 136
4. 8. Casa da Tapada. 137
4. 9. Casa do Cáscere. 140
4. 10. Casa da Lama. 143

# Capítulo III

## Estudo das tipologias da Casa Nobre do Concelho de Lousada.

1. Tipologias. 149

1.1. Enquadramento. 149

1.2. Planta. 150

1.3. Fachada. 155

1.4. Vãos. 157

1.5. Esacaria. 159

1.6. Varanda alpendrada. 160

1.7. Torre. 161

1.8. Pátio. 163

1.9. Capela. 166

1.10. Pedra de armas. 171

1.11. Elememtos decorativos. 173

1.12. Elementos identificativos. 175

Conclusão 176

Glossário 178

Bibliografia

Fontes Primárias

Documentos Electrónicos

# I-Bibliografia

*À Descoberta de Lousada.* - Lousada: Edição do Agrupamento de Escolas. Lousada - Norte - Nónio Séc. XXI, 2001.

*À Descoberta do Vale de Sousa - Rotas do Património Edificado e Cultural…* 2ª Edição. Paços de Ferreira: Editores Héstia, 2002.

*Agenda do Professor* - Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2002.

*A Gramática da Arquitectura.* (Emily Cole, Editor Geral). Lisboa: Editora Centralivros, 2003.

ALCOFORADO, Diogo - *A Igreja dos Terceiros do Carmo: Contribuição para uma leitura da sua fachada.* Separata da *Revista de História*. Porto: Edição do Centro de História da Universidade do Porto. vol. III, 1979.

ARES, Antonio Benito Yebra de - *Pazos y Señoríos de la Província de Lugo.* Lugo: Servicio de Publicacciones Diputación Provicincial Sam Marcos, Tomo I, 1997.

AVELINO, José Almeida - *Diccionario Abreviado de Chorografia, Topografia, e Archeologia das Cidades Villas e Aldêas de Portugal.* Valença: Typographia de V. de Moraes, vol. II, 1886.

AZEREDO, Francisco de - *Casas Senhoriais Portuguesas. Viagens de Estudo Do IBI*. Braga: Oficinas Gráficas da Livraria Cruz, vol. I, 1978.

AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses*. Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre. 2ª Edição, [s/l]: Livros Horizonte, 1988.

AZEVEDO, José Correia de - *Portugal Monumental-Inventário Ilustrado*. Lisboa: Edições Nova Gesta, vol. III, 1992.

BATISTA, João Maria - *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, vol. II, 1875.

BARREIROS, G. Bonfim - *Janelas Portuguesas.* Porto: Livraria Galaica, Depositaria, [s/d].

BETTENCOURT, E. A - *Diccionario Chorographico de Portugal e Ilhas Ajacentes contendo as Divisões Admnistrativa, Judicial, Ecclesiástica e Militar Ultimamente Decretadas e indicando todas as cidades, villas, freguezias …..*, 3ª edição Lisboa: Edição da Typographia Universal, 1885.

BLUTEAU, Rafael - *Vocabulario Portuguez & Latino*. Lisboa: Officina de Pascoal da Silva, tomo 5, 1716.

BOAVENTURA, São - *Saudades! Saudades! Lousada e os seus homens de há 40 anos. 1899-1939*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1930.

BORGES, Nelson Correia - *Do Rococó ao Barroco*. História da Arte em Portugal. 2ª ed. Lisboa: Publicações Alfa. vol. 9, 1993, p. 39.

BURDEN, Ernest - *Dicionário Ilustrado de Arquitectura*. São Paulo: Aritmed Editora, 2002.

COSTA, Américo - *Diccionario Chorografico de Portugal Continental e Insular, Hydrographico, Historico, Orográfico, Archeologico, Biographico, Heráldico e Etymologico.* Villa do Conde: Typographia Privativa do Diccionario Chorographico, vol. VII, 1940.

CARDOSO, P. Luís - *Dicionário Geográfico, ou Noticia Histórica de Todas as Cidades, Vilas, Lugares, e Aldeias, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reinos de Portugal, e Algarve, com todas as Coisas raras, que neles se encontram assim antigas, como modernas.*Lisboa: Regia Oficina Sylviana, da Academia Real, Tomo II, MDCCLI.

*Carta Militar de Portugal* - Lisboa: Edição do Instituto Geográfico Do Exército. Escala 1: 25 000, Série M888, Penafiel, Folha 112, N.º 4, 1998.

*Casas do Porto (Século XIV ao XIX). Documentos e Memórias para a História do Porto-XXI*. Porto: Edições Marãnus, [s/d].

*Casas de Sousa Associação de Turismo Rural do Vale de Sousa*. [s/l]: [s/e], [s/d].

CASTRO, João Baptista de - *Mapa de Portugal Antigo, e Moderno.* Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, Tomo Primeiro, M. D.C.C. L.X.II.

CIMA, Everest - *Dicionário Español-Português e Português-Espanhol*. Barcelona: Everest Editora, 2002.

CHING, Francis D. K. - *Dicionário Visual de Arquitectura.* 1ª edição, São Paulo: Livraria Martins Santos, 2003.

CORREIA, J. - *Cidades e Vilas de Portugal.* Ponte de Lima: Edição de Carvlhos de Bastos, 1956.

COSTA, Agostinho Rebelo da - *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*. Porto: Editorial Frenesi, 2001.

COSTA, António Carvalho da - *Corografia Portugueza e Descripçam Topográfica do famoso Reyno de Portugal Com as Noticias das Fundações das*

*cidades, Villas, e Lugares, que contem, Varões ilustres, Genealogias das Famílias nobres, fundações de Conventos, Catálogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edifícios, & outras curiosas observaçoens.* Segunda Edição. Braga: Typographia Domingos Gonçalves Gouveia, 1868.

COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio - *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5ª edição, Porto: Porto Editora, [s/d].

CRAESBEECK, Francisco Xavier Da Serra - *Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho. No Ano de 1726.* Ponte De Lima: Edições Carvalhos De Basto, vol. II, 1992.

*Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa* - Porto: Porto Editora, [s/d].

*Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções*. Lisboa - Rio de Janeiro-Nova Iorque: Selecções do Reader's Digest, vol. I, 1992.

D' ALMEIDA, António - *Descripção Histórica e Topografica da Cidade de Penafiel.* (Edição fac-similada da separata publicada nas Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa, tomo X, 2ª parte, 1830). Penafiel: Edição da Biblioteca Municipal de Penafiel, 2006.

D' AURORA, Conde - *Antologia da Terra Portuguesa.* (Direcção Literária de Luís Forjaz Trigueiros e Prefácio do Conde D' Aurora). Lisboa: Livraria Bertrand, [s/d].

*Descobrir Lousada. Passeios Históricos (Barroco).* Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2005.

*Dicionário Enciclopédico Das Freguesias* - Lisboa: Edição da ANAFRE, 1996.

*Dicionário Enciclopédico da História de Portugal*. (Coord.) José Costa Pereira. [s/l]: Publicações Alfa, Lda, 1990.

*Dicionário de História de Portugal*. (Dir.) Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas, [s/d].

DINIZ, M. Vieira. - "A Casa De Real", ***Jornal de Lousada***, (24 de Abril de 1948).

ECO, Umberto - *Como Se Faz Uma Tese Em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

*Ecos* - Porto: Edição da Direcção Geral de Apoio e Extensão Educativa - Coordenação Distrital do Porto, N.º 17, [s/d].

FARIA, Severim de Faria - Notícias de Portugal. Lisboa: Edições Colibri/Escola Secundária Severim de Faria, 2003.

FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. - *A Casa Nobre No Porto Na Época Moderna*. Lisboa: Edições Inapa, 2001.

FREITAS, Eugéneo de Andrea da Cunha e - *A descendência de Martim Pires Carvalho, Cavaleiro de Basto*. Porto: *Carvalhos De Basto*, vol. I-IV, 1982.

FLORIDO-TRUJILLO, Gema - *Habitat Rural y Gran Explotación en la Depresión del Guadalquivir.* Sevilha: Consejeria de Obras Públicas y Transportes, 1996.

FORSSMAN, Erik - *Dórico, Jónico, e Coríntico na Arquitectura dos Séculos XVI-XVIII.* 1ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 1990.

GALHANO, Fernando - *Casas de Pátio Fechado do Concelho de Paredes*. In *Separata do Tomo VIII das Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol*. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências: Coimbra, 1957.

*Guia de Portugal. Entre Douro e Minho - Douro Litoral IV*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

GORGEL, António Castro - *Lousada Na Ribalta*. Lousada: Tipografia "Heraldo", 1948.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira - Lisboa*: Editorial Enciclopédia, vol. VIII e XV, [s/d].

GRANT, Neil - *Atlas do Renascimento na Europa (séculos XV-XVI)*. Lisboa: Edição do Círculo de Leitores, 2002.

HALLAM, Elizabeth - *Os Santos*. 1ª Edição. Lisboa: Centralivros, 1998.

HANEMAN, J. TH. - *Elementos de Composicion Arquitectonica. Fachadas, Cubiertas, Escalieras, Jardines; Plazas, Columnas, Arcos, Cúpulas, Portadas, Fuentes, Etc.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985.

*História das Freguesias e Concelhos de Portugal*. Matosinhos: Quidnovi, 2004.

*Lousada Terra Prendada*, Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1996.

KINDERSLEY, Dorling - *Dicionário Visual da Arquitectura.* 2ª Edição. Lisboa: Editorial Verbo, 1993.

*Jornadas Europeias de Património*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2003.

KOCH, Wilfried - *Dicionário dos Estilos Arquitectónicos*, São Paulo: Edição Martins Fontes, vol.1-3, 2001.

LEAL, Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno-Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias.* Lisboa*:* Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, volume II - X II, 1874.

LOPES, Eduardo Teixeira - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2004.

*Lousada. Colectânea de Autores Locais*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, vol. I, 2002.

*Lousada - A Vila e o Concelho*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1993.

*Lousada (Subsídios para a sua Monografia)* - Lousada: Coordenação Concelhia de Lousada. Direcção Geral Da Extensão Educativa, 1989.

*Lousada-Terra Prendada* - Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1996

MAGALHÃES, Pedro Joaquim da Cunha - *A Casa do Cáscere 1479-1859*. (Policopiada). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2002.

MACHADO, José Pedro - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editores Amigos do Livro, (Coord. José Pedro Machado), 1981, p. 390.

*Mapa Turístico de Lousada* - 2002. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2000.

MARTINS, José Carlos - *Quinta da Tapada, Casa do Carregal.* (Policopiado) [s/l.]: [s/e], [s/d].

MARTINEZ-BARRETO, Carlos - *Torre, pazos y linajes de la província de la Coruña*. Leon: Editorial Everest, 1986.

*Memórias de Lousada (Colecção de Postais Antigos)* - Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1995.

*Memórias de Lousada (Colecção de Postais Antigos-Senhora Aparecida)* - Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1995.

MIRANDA, Abílio - *Vária.* In "*Inventário da Heráldica do Concelho de Lousada*", Penafiel. Tipografia do "Jornal de Lousada", 1994.

MOURA, Augusto Soares de - *Biografia de Bernardino Coelho Soares de Moura da Casa da Lama*, Lousada: Edição de Autor, 1998.

MOURA, Augusto Soares - *Lousada Antiga*, Lousada: Edição de Autor, vol. I, [s/d].

NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - *A Heráldica De Família No Concelho De Lousada. Aditamento a "Pedras de Armas do Concelho de Lousada"* (1959). Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1999.

NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - *Pedras De Armas Do Concelho De Lousada (Heráldica De Família).* Porto: Edição da Junta De Província Do Douro Litoral, 1959.

NUNES, José - *Casa do Cáscere*. In *O Rancho Folclórico Flor da Primavera* - [s/l]: [s/e], 1993.

*O Nosso Concelho-Lousada* - Lousada: Edição da Empresa Editora, 1998.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa.* 5ª Edição, Lisboa: Publicações S. Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Rosa Maria - *Portões e Fontes do Concelho de Lousada*. Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 2003.

*O Século XX em Lousada 100 Factos & Personalidades.* Lousada: Edição da Câmara Municipal de Lousada, 1999.

Palácios e Solares Portuguezes. Encyclopedia Pela Imagem. Porto: Livraria Lello, Limitada - editores, [s/d].

*Património Classificado e Arquitectónico.* Lisboa: Edição da Secretaria de Estado da Cultura, 1991.

PEREIRA, Camacho - In Prefácio. *Lousada N.º 177 - Indicações Gerais Sobre o Concelho*. Cruz Quebrada: Edição ROTEP, 1954.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme - *Portugal, Diccionario Histórico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heráldico, Numismático e Artístico.* Lisboa: João Romano Torres & C.$^{A}$ Editores, vol. IV, 1909.

PIRES, Fernando Tasso Frogosso - *Fazendas: as grandes casas rurais do Brasil.* Nova Iorque [etc]: Abbeville Press Publishers, 1995.

*Planta topográfica. Escala: 1/2000* Câmara Municipal de Lousada, 2005.

*PORTO - Do nome de Portugal*. Porto: Edição do Governo Civil do Porto, 1992

*Presidentes da Câmara Municipal Desde 1838 até 1900.* Lousada: Edição do Arquivo Municipal da Câmara de Lousada, 2003.

QUINTÃO, José César Vasconcelos - *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico.* Porto: Edição da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2005.

Revista de Lousada 1 - In *Suplemento Ao Jornal Nº 321 TVS-TERRAS DO VALE DO SOUSA* -5 de Março de 1991.

Revista Portugal Local - *Lousada Terra Singela Como A Flor do Linho*. N.º 5, [s/l]: [s/d], 1996.

RIBEIRO, Abel - Casa da Quintã. **Gazeta de Caíde**, (30 de Junho de 2003).

ROCHA, A. Moreira da - *PENAFIEL - Boletim de Cultura*, nº 2, 1981.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da; LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha- *Memórias Paroquiais de Castelo de Paiva e outros documentos.* Castelo de Paiva: Edição da Câmara de Castelo de Paiva, 1988, p. 27.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - *Espaços de culto público e privado nas margens do Douro*. "Poligrafia", N.º 5, (1996).

RUIZ, José Zurita - *Dicionário Básico da Construção, monografias sobre construção e arquitectura.* Plátamo Editores: Lisboa, 1999.

SILVA, António Lambert Pereira da - *Nobres Casas de Portuga*l. Porto: Livraria Tavares Martins, [s/d], vol. II, 1986.

SILVA, Augusto Ribeiro da - *Villa de Louzada*. **Jornal de Louzada**. Lousada (22 de Setembro de 1907).

SILVA, Jorge Henrique Pais, CALADO, Margarida - *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

SILVA, José Carlos Ribeiro da - *As Capelas Públicas de Lousada*. Seminário de Licenciatura em Património Artístico. Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Policopiada), 1997.

SILVA, José Custódio Vieira da - *Paços Medievais Portugueses.* Lisboa: Edição do IPPAR, 2000.

SMITH-LUCIE, Eduard - *Dicionário de Termos de Arte*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995.

SOEIRO, Teresa - *História Local. Cadernos do Museu.* Penafiel: Edição da Câmara Municipal de Penafiel, 2005.

SOUSA, Elísio Meireles Ferrreira de; FERNANDES, Maurício Antonino - Fonsecas Coutinhos de Fonte Arcada. Braga: [s/ed.]. 1983, p. 133.

SOUSA, D. Gonçalo de Vasconelos e; ERREIRA, Damião Vellozo - *Os Fundadores do Club Portuense e a sua Descendência*. Porto: Lello & Irmãos-Artes Gráficas, vol. II, 1995.

STEVENSON, Neil - *Comentar a Arquitectura*. Lisboa: Edição do Círculo de Leitores, 1997.

STOOP, Anne - *Palácios e Casas Senhoriais do Minho.* 2ª Edição, Porto: Editorial Civilização, 2000.

TAVARES, Jorge Campos - *Dicionário de Santos: hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores de música religiosa.* 3ª Edição (revista), Porto: Lello & Irmãos-Editores, 2001.

TEIXEIRA, Luís Manuel - *Dicionário Ilustrado de Belas*-Artes, Lisboa: Editorial Presença, 1985.

*Terras Verdes* - Lousada: Edição da Associação de Municípios do Vale de Sousa, [s/d].

QUINTÃO, José César Vasconcelos - *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico.* Porto: Edição da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2005, p. 34.

VIEIRA, José Augusto - *O Minho Pitoresco.* 2ª Edição. Valença: Edição Rotary de Valença, Tomo II, 1987.

VIEIRA, Leonel - *Os Cruzeiros de Lousada*. Seminário de Licenciatura. Universidade Portucalense. (Policopiado). Porto, 2004.

X - Um *Baile Em Louzada.* ***Gazeta de Penafiel.*** *Penafiel*. (2 de Fevereiro de 1870).

WEISGEREIBER, Jen - *Qu' est-ce que le Rococo? Essai de definition Comparative.* In *Estudos da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. 1989, p. 390.

ZEVI, Bruno - *Saber a Arquitectura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2002.

# II- Fontes Primárias

## ARQUIVO DA CASA DE VALMESIO

1- *Carta* - 27 de Maio de 1975.

## ARQUIVO DA CASA DE RIO DE MOINHOS

1 - Documento - *Auto de medysam e apegasam* … [s/d.].

## ARQUIVO HISTÓRICO DO PAÇO EPISCOPAL DO PORTO

1- Dotes de Capela do Concelho de Lousada

- Casa de Cam (1750).

- Casa de Ronfe (1685).

- Casa de Valmesio (1752).

## ARQUIVO HISTÓRICO E MUNICIPAL DE LOUSADA

1-Legados Pios

- Capela da Casa da Lama, de 14 de Julho de 1831.

2-Registos de Testamentos

-Testamento Casa do Cáscere, Livro n.º 41.

## ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

1- *Diccionario Geográfico*: vol.os n.os 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 20, 21, 23, 25, 29, 30, 35, 36, 41, 42.

## ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA

1-Dotes de Capela do Concelho de Lousada

- Livro n.º 188, *Registo Geral* (1768)

## ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO

1 - *Secção Notarial*

- Livros anteriores a 1706

-Po-1, 1ª Série, Livro nº 1706

- Livros a partir de 1706

- Po-1, 1ª Série, Livros n.os 7, 32, 43, 49, 141

-Po-4, 4ª Série, n.os 24, 120, 172, 151,

## BIBLIOTECA MUNICIPAL DE FELGUEIRAS

-*Livro de actas, acórdãos e vereações do concelho de Lousada*, 1828 a1836

-*Livro de registo dos actos da correição da câmara do concelho de Unhão*, 1779

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

- *Censual do Cabido do Porto.* [s/l: [s/e], 1924.

# III-Documentos Electrónicos

-http://www. casadejustesapo.pt

-http://www. sapo.pt

- http: //www.ggili.com.

- http://www. parlamento. pt

- http://www. sitographics.com

- http://www.todoarquitectura.com

- http://www. valsousa. pt